



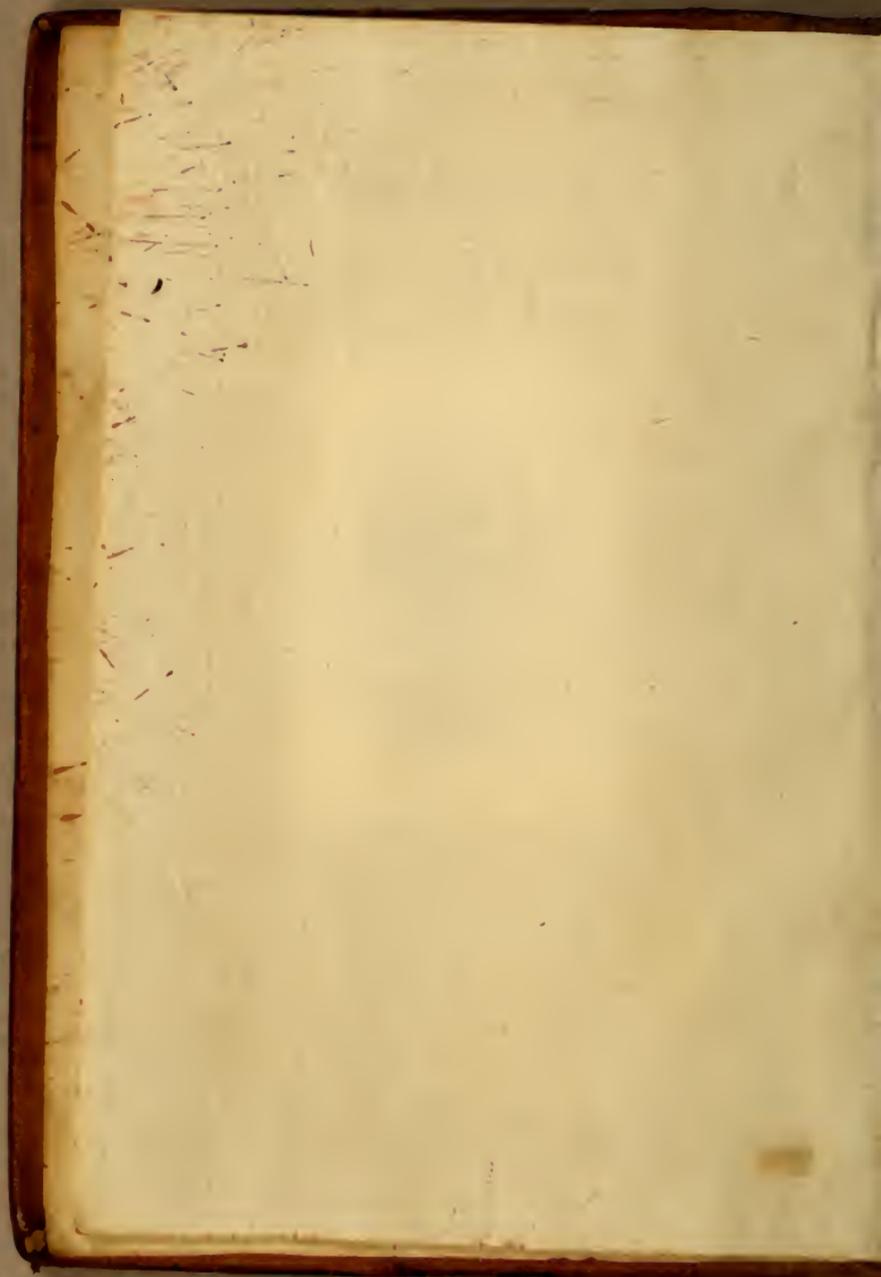


John Carter Brown  
Library  
Brown University

Ed. 1751 c.c.

Manuel dos Santos Borla de Mendonça

391 fls.



THEATRO COMICO  
PORTUGUEZ,  
O U  
COLLECCÃO  
DAS OPERAS  
PORTUGUEZAS,

Que se representaraõ nas Casas dos Theatros  
publicos do Bairro Alto, e Mouraria.

*Offerecidas*

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por \*\*\*

TOMO QUARTO.

Contém { Filinto:  
Encantos de Circe,  
Semiramis.  
Encantos de Merlim.

De Pedro  Borges Pacheco.

LISBOA,

Na Officina Patr. de Franc. Luiz Ameno.

---

---

M. DCC. LXI.

*Com as licenças necessarias.*

THE GREAT COMIC  
POLITICIAN  
CONTRACTS  
DAYS OF PERAS  
OF THE PERAS

OF THE PERAS  
OF THE PERAS  
OF THE PERAS

OF THE PERAS  
OF THE PERAS  
OF THE PERAS



OF THE PERAS  
OF THE PERAS  
OF THE PERAS

OF THE PERAS  
OF THE PERAS  
OF THE PERAS

# FILINTO

PERSEGUIDO, E EXALTADO;

Opera que se representou na Casa do  
Theatro publico da Mouraria.

---

## ARGUMENTO.

**P**olicrates Rey dos Samios, Pay de Filinto, e Adrasto, por ser mais amante deste, que do outro, o pretendia collocar no Real Throno, não obstante ser filho segundo: o que não levando a bem Filinto, não quiz estar pelo juramento, e por isso julgado por desobediente, era aborrecido do Pay. Elle amava a Irene Princeza da Persia, que no mesmo Palacio assistia em habitos de homem, e com o nome de Carpio, para ter melhor occasião de matar a Policrates, o que sempre Filinto embaraçava, noticiando a El Rey, que guardasse a vida, por haver traidor occulto, e El Rey julgando pela passada desobediencia ser o mesmo filho o traidor, o mandou prender, e ultimamente matar; do que se livrou por conjuração da plebe, que o acclamou Rey dos Samios, Tudo o mais se verá da contextura da mesma Obra.

## SCENAS DO I. ACTO.

- I. *Templo com Ara , e Simulacro do Sol.*
- II. *Camera com hum bofete.*
- III. *Gabinete.*

## SCENAS DO II. ACTO.

- I. *Parque Real.*
- II. *Sala Regia com cadeiras.*

## SCENAS DO III. ACTO.

- I. *Jardim.*
- II. *Carcere.*
- III. *Praça Real com apparatus para a coroa-  
ção.*

A Scena se representa em Seleucia, Pro-  
vincia sujeita ao Imperio da Persia,

## INTERLOCUTORES.

Policrates , *Rey dos Samios, amante de Estella.*

Filinto , *Primogenito de ElRey , amante de Irene.*

Adastro , *Filho segundo de ElRey.*

Alicandro , *General das Armas , e amigo de Filinto.*

Irene , *Princeza da Persia , em habito de homem , com o nome de Carpio.*

Estella , *Irmã de Alicandro , e amante de Filinto.*

Pedreneira , *Criada de Estella.*

Defensado , *Gracioso , Criado de Irene.*

Macaco , *Servandija de Palacio.*

Soldados,

ACTO

1770

1771

1772

1773

1774

1775

1776

1777

1778

1779

1780

1781

1782

1783

1784

1785

1786

1787

1788

1789

1790

1791

1792

1793

1794

1795

1796

1797

1798

1799

1800

# ACTO I.

## SCENA I.

*Perspectiva de Templo consagrado ao Sol com Ara,  
e Simulacro do mesmo, no qual estará El-  
Rey, e Filinto, Adastro, Defensado, e Ma-  
caco.*

### C O R O.

Do throno a eleição  
Examine Febo,  
E as luzes inspire  
Para os acertos.

*Rey.* **F**ilhos, bem sabeis, que deste  
Reino não sou menos Pay do  
que vosso. A vós vos devo o  
affecto, e o Reino hum justto succes-  
sor, que seja digno Athlante desta Mo-  
narquia. Hoje he o destinado termo da  
minha eleição.

*Mac.* Se Vossa Magestade quer fazer elei-  
ção, ahi tem já dous irmãos.

*Des.* E se forem precisos mais para a me-  
sa, aqui estou eu.

*Adast.* Do teu querer, Senhor, só pende a  
minha sorte.

*Mac.* Ora esperem: eu cuidava, que isto  
era por eleição, mas já vejo que he por  
sortes,

*Filint.*

*Filint.* E a qual de nós approva o teu affecto?

*Rey.* Estaõ taõ conformes os vossos meritos , que naõ divisa preferencias o meu exame. Dissimularey o amor de Adastro, *à part.* Mas para que consiga a minha eleiçaõ o effeito , quero , por evitar discordias , que ambos jureis neste dia guardar constante fé , e rendida vassallagem a quem for o feliz objecto dos meus votos. Esta he a Ara , aonde a vossa obediencia seja o desempenho do meu gosto : e este o Numen , que será testemunha dos vossos protestos.

*Des.* Uy senhores , nós somos as testemunhas , e elles saõ os que juraõ ? *Para Mac.*

*Mac.* Sim senhor ; querem que vejamos , para naõ jurarmos falso. *Para Desenf.*

*Filint.* Eu , que do Throno sou primogenito , dar juramento tal naõ consinto. *à p.*

*Adast.* Seja , Senhor , a minha promptidaõ abono da minha obediencia. Sem duvida ao Throno hoje o seu amor me eleva.

*à part.*

*Ajoelha diante da Ara do Sol , e canta o seguinte*

### R E C I T A D O .

Nas tuas aras , sagrado Numen ,  
Protesta Adastro , e jura de consagrar

Ao

*Perseguido, e exaltado.* 9

Ao futuro Monarca rendimento, e fé;  
E quando falte ao que promette,  
Se lhes transformem em opacas trevas  
Os raios, que luminoso gyras.

*Levanta-se.*

*Des.* Arre como jura!

*Rey.* Amado filho, chega aos meus braços: e tu, Filinto, examina na obediencia de teu menor irmão a satisfação cabal do meu detejo. *Abraça a Adastro.*

*Mac.* He muito bom ensino de Pay, ver peccar o filho, e darlhe os amens! Se elle lhe dera a mão para o levantar da culpa, lá tinha desculpa. *à part.*

*Adast.* Duvidoso se calla. *à part.*

*Rey.* Que vacillas? Não cumpres o meu mando? Em que te demoras? *Para Filint.*

*Des.* Antes por elle cumprir com os mandamentos, he que não jura. *à part.*

*Filint.* Senhor.... eu.... não....

*Mac.* Parece que não affina. Este fim, que guarda os preceitos à risca, o primeiro faça o que quizer; mas o segundo não jurará. *à part.*

*Rey.* Promptamente obedece.

*Filint.* Em fim, Senhor, queres que eu jure? E dize-me, com que razão aspira ao Solio Adastro? Ignoras por ventura, que ficão os seus annos inferiores à minha

nha idade? Não sabes os triunfos, que deve a tua Coroa à minha espada? Em que te servio Adastro, para lograr comigo os privilegios da competencia? Lograr os teus agrados, pôde fim fazello mais venturoso, mas não mais benemerito; que as honras do destino não devem tirar a gloria à heroicidade. Pois se nada ignora a tua intelligencia, superfluo imagino o juramento.

*Mac.* Quando elle não tivesse outro jus, bastava-lhe o de *jurejurando, juxta textum in lege* . . . mas não vay a ostentar.

*Rey.* Não ló, ingrato, vive na minha memoria impresso o que me narras, mas ainda na esfêra da lembrança estaõ mais vivos outros cuidados. Lembra-me, que a inimiga Irene amaste: lembraõ-me os suspiros, que exhalaste, quando da minha mão a sua morte viste: e julgo que se ainda hoje vivera, faltaras ao meu decoro, sómente por satisfazer aos teus affectos.

*Des.* Pois que vay? ElRey cuida que minha Ama está morta; que faria, se toubesse que anda em Palacio feita homem?  
à part.

*Mac.* Eu supponho que os dous vem conjurados.  
à part.

*Filint.*

*Perseguido, e exaltado.* II

*Filint.* Apague, Senhor, o teu poder, apague esse amoroso incendio, que te inflama no peito Adastro: sejaõ os teus affectos degrãos por onde suba ao Throno. Mas eu farey que a plebe . . . .

*Rey.* Como, atrevido, tens temeridade para os ameaços?

*Des.* Isto parece-me; que não pára aqui; mas com effeito não quero ver no que topa: vou-me esguçirando a contar à machafemea de minha Ama o que se passa; pois quiz fazerme nesta eleição andador de novas.

*Mac.* Ah Senhor, espere, que poderá servir para testemunha; que isto sempre parará em morte. *Para Desenfado.*

*Adast.* Rey, Pay, e Senhor, suspende as iras: seja de Filinto o Reino, que eu para timbre da minha glória muito configo no favor que logro.

*Rey.* Não: para castigo do seu atrevimento farey que neste dia te veja ati só constituido Monarca do meu Reino, por ver se póde collocallo a plebe à eminencia de que o priva a minha graça. *Vaise.*

*Des.* Eu supponho, que ElRey quer tirar os olhos ao Principe; pois dizerlhe que neste dia o ha de ver só Monarca, he certo que o quer cegar; mas eu vou dizer

zer a minha Ama, que venha evitar esta cegueira. *Vaise.*

*Filint.* Em fim, temerario, podes, sem que te embargue o pejo, ainda ser objecto da minha visita?

*Adast.* Assim fallas, soberbo, com o teu Monarca? Não sabes, que dos meus decretos vive pendente a brevidade da tua morte? Procura pois no silencio os privilegios à tua vida; ou a minha espada.... *Empunha.*

*Mac.* Tenha maõ. Uy Senhor Vossa Alteza mais pequena quer ser Principe, ou Rey de armas?

*Filint.* Que intentas, traidor? Ainda na tua frente não assentou a tyrannia a Coroa. Muito ufano te tem a idéa de huma esperança; mas considera, que na tua escolha ainda ha o prazo de hum dia para o arrependimento.

*Mac.* Sim senhor, elle já está arrependido, fenaõ aqui estou eu por elle, que todos fomos peccadores.

*Sabe Irene em trage de homem com o nome de Carpio, e Desenfado.*

*Des.* Senhor Carpio Irenico, he isto que lhe digo: ElRey está muito affanhado, e quer cegar ao Senhor Filinto; se não se oppoem a esta desgraça, ficará sem a menina dos seus olhos. *Iren.*

*Perseguido, e exaltado.* 13

*Iren.* Calla-te, não manifestes quem sou. *à*  
*Defensado.* Principes, cesse o vosso en-  
fado; que não he justo offusque a Se-  
leucia os jubilos, que hoje goza esse  
apaixonado certamen, que em vós se en-  
cerra.

*Def.* Ahi vay minha Ama apregoar as pa-  
zes. *à part.*

*Adast.* Dissimularey. *à part.* Esse sómente  
he o meu designio; porém não devo à  
fôrte essa ventura.

*Filint.* Que fingida modestia! *à part.*

*Mac.* Não, o Senhor Adastro por ti he  
hum coitadinho: o outro he que he mais  
traquinas.

*Filint.* Que dizes, atrevido?

*Mac.* Digo, que Vossa Alteza he mais re-  
singueiro, e o seu manito he mais me-  
droso.

*Adast.* Calla-te, ou te matarey.

*Mac.* Ainda que me mate, verá se não fal-  
lo.

*Iren.* Patente he à minha experiencia a de-  
corosa humildade de Adastro.

*Filint.* Ay caro amigo, e como ignoras  
que he rebuço da traição aquella caricia!

*Adast.* Ouves aquelles eccos? Pois julga  
pelas chammas que no semblante atea,  
o irado lume que no peito guarda.

*Def.*

*Des.* Ainda não ha de estar escaldado. *à p.*

*Iren.* Basta, Principe: parte deste lugar: não faças; que a impaciencia chegue a romper os decoros à tua soberania.

*Adast.* Satisfaço o teu gosto; mas peço-te, que lhe intimes as veras, com que extremo o adoro: dize-lhe, que nelle reconheço o meu Monarca, e que venturoso lhe obedeco como Soberano. *Vaise.*

*Des.* Ora vá-se andando só falsinha.

*Mac.* Bello era este Adastro para ser mulher; porque tinha o essencial, que he ser mudavel. Quem visse as furias, com que elle estava, havia cuidar; que elle era alguma cousa por esses ares; no cabo he hum pateta. Ora vamos chegando para palacio. Se seraõ já horas? Ah Senhor, isto será já tarde? *Para Desenf.*

*Des.* Não: porque, vossa mercê não vê alli o Sol? *Apontando para o Simulacro.*

*Mac.* Ah sim; já vejo que he tarde.

*Des.* Porque?

*Mac.* Porque aquillo he sol posto.

*Des.* E vossa mercê vê isso?

*Mac.* Sim senhor.

*Des.* Entaõ não ha mais ir à India.

*Mac.* Pois Senhor, regale-se, e adeos.

*Des.* Vossa mercê quer companhia?

*Mac.* Não senhor, porque eu não sou Capitão. *Vaise.*

*Des.*

*Perseguido , e exaltado.* 15

*Des.* Sim: mas alvora como hum Sargento.

*Filint.* Bella, e adorada Irene . . . .

*Iren.* Suspende a voz: calla o meu nome, e chama-me Carpio, que não quero communizar ainda às paredes deste Palacio aquelle arcano, de cuja ignorancia só estaõ livres os nossos peitos.

*Filint.* Ninguem nos ouve, mais que esse Criado, cuja fé serve de deposito a este segredo. Sabes, querida Irene, que intenta meu Pay usurparme o merecido Solio?

*Iren.* Já Desenfado me deu essa noticia. Mas dize-me, que obstaculo intentas à tua tyrannia?

*Des.* Ainda mais? Disse que lhe havia arrancar os olhos fóra, só para que não visse o outro feito Monarca.

*Filint.* E que posso eu fazer?

*Iren.* O que? Quanto aspirar o teu desejo. Ancioso te venera o povo: elle pôde na correccão deste delicto dar satisfacção a duas queixas, à minha vingança, e à tua justiça.

*Filint.* Ay meu bem, e que me pedes!

*Des.* Se ella lhe dá o remedio, pede-lhe a apaga.

*Iren.* Sabes quem sou?

*Filint.*

*Filint.* Venturoso não ignoro, que es a melhor parte da minha alma.

*Des.* Sim; que esta Irene he os seus peccados. *à part.*

*Filint.* Sey que da Persia es a soberana Princeza.

*Iren.* Sabes, que do violento impulso de Policrates foy meu Pay despojo? Sabes que avarento do meu sangue, desprezando os trofeos do meu Reino, quiz fazer alvo das suas tyrannias o meu peito?

*Des.* Eis-alli o que he ter os peitos brancos, que logo todos querem atirar ao alvo. *à part.*

*Iren.* Pois sabe, que o traje que observo, he hum dissimulo para o seu estrago: hoje renderá o aleivoso alento, que respira.

*Filint.* Deoses, que escuto! Meu Pay! He possivel, que quando es o extremo mimo dos seus agrados, recompenses com huma tyrannia tantos affectos?

*Des.* Não fora elle mulher. *à part.*

*Iren.* Gratifico-lhe as honras como Carpio, e aborreço-o tyranno como Irene.

*Filint.* Ay infeliz! Em fim que determinas?

*Des.* Ella he determinada. *à part.*

*Iren.* Se intentas com amoroso vinculo unir a minha alma aos teus affectos, tu mesmo has

*Perseguido , e exaltado.* 17

has de ser o defensor da minha injuria ;  
a ElRey has dar a morte.

*Filint.* A meu Pay ? Em vaõ o intentas.

*Iren.* Pois , ingrato , se o teu braço me ne-  
ga o desempenho da vingança , outro te-  
nho já na minha defenfa , a cujo extre-  
mo gostosa recompenso com a minha  
maõ : tu perderás sem remedio neste dia  
hum Pay tyranno , e huma esposa aman-  
te.

*Filint.* Ah .falsa , saõ estas as finezas , que  
me protestaste ? Para que me disseste ,  
que à minha presença te conduzia amor ,  
se , a pezar da experiencia , só em ti exa-  
mino odio ?

*Iren.* Em quanto foy justo , ElRey occul-  
tava o odio ; mas quando o vejo para  
comtigo ingrato , rompe os laços a des-  
esperaçãõ.

*Filint.* Eu Parricida ! He premio este para  
quem te adora ?

*Iren.* Basta de adularme , que já sey me naõ  
amas.

*Filint.* Que dizes ? Naõ es tu o idolo que  
idolatro ?

*Des.* He bem herege! *à part.*

*Iren.* Aqui se encaminha Estella : e pois  
os teus favores logra , ella te responderá.

*Filint.* Naõ he amor o agrado , que a Es-  
tella

tella mostro: sey que meu Pay a adora ;  
e na attençãõ , que lhe guardo , a hum  
inimigo lifongeo.

*Sabem Estella, e Pederneira.*

*Iren.* Oh que ditosa foy , Senhora , a tua  
vinda , pois eximiste de hum damno a  
quem na tua ausencia só vive dos suspi-  
ros !

*Estel.* Quando Carpio o affirma , será o meu  
credito mais divida , que jaçtancia.

*Des.* Ay , ay , que lá vem Pederneira fuzi-  
lando como hum rayo ! *à part.*

*Ped.* Oh , cá está o meu Defenfado muito  
divertido. *à part.*

*Iren.* Filinto , que te idolatra , melhor fa-  
berá dizerte o que padece.

*Filint.* Piedosos Ceos ! Que violento esty-  
lo he este de matarme ? *à part.*

*Estel.* Em fim , Senhor , pôde na luta dos  
affectos conseguir o meu amor os rendi-  
mentos ? He possivel , que no teu peito  
estãõ memoriaz minhas ? *Para Filinto.*

*Iren.* Só tu es o enleyo gostoso dos seus  
cuidados.

*Filint.* Quem ? Estella ? *Para Irene.*

*Iren.* Calla-te , perjuro. *Para Filinto.*

*Ped.* E como estará minha Ama fofa ! *à p.*

*Des.* Ah Pederneira , quem te tocará a fo-  
go ! *à part.*

*Estel.*

*Perseguido , e exaltado.* 19

*Estel.* Oh, como no silencio, que inculca, desaprova os suspiros, que me exageras!

*Para Irene.*

*Iren.* Sabe que de teus rayos he amante girasol Filinto, e aquella mudez, que argues, he mais abono de que te idolatra. Naõ faves, que a formosura ao tempo que anima, tambem suspende? Deixa que negue agora às suas vozes o gosto que entrega à sua elevaçõ.

*Des.* Muito empenhada está minha Ama nestes amores.

*à part.*

*Estel.* Por mais que as tuas expressões queiraõ cortar os fios à minha duvida, o desvio dos seus olhos he manifesto indicio para o meu cuidado.

*Iren.* Esse retiro he preciso effeito do seu pejo; talvez que a minha ausencia lhe estrague a cobardia.

*Ped.* Sim, aquillo nelle he vergonha, que eu bem lha conheço.

*Filint.* Ay, meu bem, e como he falso o que proferes!

*Para Irene.*

*Iren.* Tudo he verdade, traidor. *à p.* Naõ duvides pois, Senhora, dos seus rendimentos, quando eu sou fiel testemunha dos seus cuidados; e para que te defenganes, eu me ausento, e verás, se naõ leva a sua fineza muitos excessos à minha intimativa.

*Estel.* Oh , e como temo , que me defengane !

*Iren.* Naõ quero crimirarte esse receyo , por te naõ usurpar a prova de que a Filinto estimas ; mas sabe , que à minha experiencia sobra o conhecimento da sua constancia.

## A R I A.

A fé de todo o amante

He sempre mal segura ;

Chora , promete , e jura ;

Mas logo o seu querer ,

Se he facil em morrer ,

Se guia a enganar.

Depois diz , quando ingrato

Já de adorar se cança :

Naõ he huma mudança

Defeito no adorar.

*Vaise.*

*Des.* Ora minha Pederneira até logo.

*Ped.* *Vaise?* Mas diga-me , aonde quer , que nos vejamos ?

*Des.* Eu te procurarey na caixa da isca. *Vaise.*

*Estel.* Agora , amado bem , que a falta de Carpio concede com mais defafogo o indulto às tuas vozes , falla , naõ te suspendas : declara-me esse gostoso incendio , em que te abrazas.

*Ped.*

*Perseguido, e exaltado.* 21

*Ped.* Senhora, não tens que fazer com elle, que eu sey, que tem muita vergonha; mais repara-lhe tu nos beijos, e verás como estão encarnados.

*Filint.* Que importuna! Estella, se amante o meu descanso estimas, no esquecimento desse amor, que dizes, acharás o antidoto ao meu tormento; vê que simulacro es aos cultos de Policrates; e se foubesse, que nas tuas aras aceitavas outra victima, talvez que na pyra de seu peito as chammas amorosas se trasladassem em iradas labaredas para a vingança; e assim.....

*Estel.* Embarga o susto; fia do meu cuidado essa incumbência; e verás como a gloria, a que aspiro, não passa os foros do nosso segredo.

*Filint.* Sim; porém Carpio.....

*Estel.* Carpio he fiel, e approva o nosso amor.

*Filint.* Muitas vezes differe o coração dos labios, e se não temera.....

*Ped.* Ey-lo ahi, como he tão perfeito, por força havia de ter algum senão.

*Estel.* Se outro embaraço não tens para adormarme, já podes concederme a gloria, que solícito.

*Filint.* Ainda outro obstaculo he remora  
dos

dos meus desejos. . . . Estella adeos.

*Estel.* Espera, relata-me qual seja: porque o não expressas?

*Filint.* Por te evitar hum enfado, e por me eximir a hum pejo.

*Ped.* Eu apostarey, que he falta de vontade; pois isto de querer he só do que se compoem; mas como elle tem pejo, talvez que o mova. *à part.*

*Estel.* E pretendes, que fique duvidosa?

*Ped.* E qual he a duvida.

*Filint.* Não, não: mas devo ausentarme.

*Estel.* Em vão o intentas, sem que primeiro dissolvaõ as minhas duvidas os teus acentos.

*Ped.* Ay, Senhora, elle não assenta em cousa certa, porque quer que fique a duvida em pé.

*Filint.* Em outra occasião . . .

*Estel.* Superflua he toda a instancia para a escusa.

*Ped.* Não tem que fazer; ha de darnos o gosto de o ouvirmos.

*Filint.* Pois já que a tua curiosidade quer indagar os intimos archivos de meu peito, sabe que nas luzes de outros rayos vivo amante mariposa; outro norte figo; não te quero, e já me canço de ouvir-te: a esperança, que te dou de amarte, he

*Perseguido, e exaltado.* 23

he o defengano de não quererte.

*Ped.* Elle andou como hum negro, mas eu não vi fallar mais claro. *à part.*

A R I A.

*Filint.* Se te promette a caso  
O meu semblante affecto,  
Vê que te mente o aspecto,  
Vê que te engana, fim.  
Se a outro bem adoro,  
A ti só te aborreço;  
E se eu de ti me esqueço,  
Esquece-te de mim. *Vaise.*

*Ped.* He bom atrevimento! Ay, Senhora, elle despede-se como quem vay de caminho.

*Estel.* Soberanos Deoses, que he o que por mim passa! Eu sendo objecto dos desprezos a hum ingrato, que sempre foy a imagem dos meus cultos? Mas que aguardo, que não gastô na vingança o tempo, que permitto à queixa! Morra Filinto no meu peito; farey que o odio de Policrates lhe destrua a maquina da sua soberba; direy que contra o seu decoro sollicita os meus affectos; e farey que meu irmão Alicandro se offereça ao partido de Adastro.

*Ped.*

*Ped.* Ay, Senhora, deixa-te de paixões, e dize-lhe que o leve o diabo, e mais quem lhe quer bem.

*Estel.* Que dizes? Tu não vês, que eu sou quem o idolatra?

*Ped.* Eu, Senhora, não te rogo as pragas a ti, senão áquelle norte, que elle segue, que supponho ama tanto a tal menina, que bebe por ella os ventos.

*Estel.* Calla-te, que supposto que ingrato, he tanto o que lhe quero, que julgo me focegara, se nas aras das minhas queixas rendesse o seu amor por victima do agravo.

*Ped.* Oh, pois ella para victima he muito boa rez.

*Estel.* Porém como me esqueço do seu desprezo? Vença a minha soberania ao meu affecto: morra, torno a dizer, morra Filinto.

*Sabe Alicandro.*

*Alic.* Querida irmã, tempo ha que te busca a minha diligencia com algum cuidado.

*Estel.* He tão opportuna a occasião em que chegas, que supponho a regulaste pelos meus desejos.

*Alic.* Nunca mais ancioso procurey a tua presença.

*Estel.*

*Perseguido, e exaltado.* 25

*Estel.* Nem já mais a tua me foy tão necessaria. Sabe pois...

*Alic.* Escuta: ElRey, cego do amor de Adastro, pretende preferillo no Throno a Filinto; a Plebe toda em bandos dividida murmura a injustiça: tu, que de ElRey dominas o alvedrio, podes compassiva, e justiceira fazer, com que o seu acordo melhore tantos damnos.

*Ped.* Sim: lá o vay ella agora acordar. Ora o diacho não tem sono. Não, olhe Senhor Alicandro, dahi dormir.

*Alic.* Faze pois, Senhora, que seguindo a razaõ, eleve ao Solio o soberano Filinto, em cujo heroe sustente o pezo esta Monarquia.

*Estel.* Que dizes? Filinto heroe! Hum soberbo, que imagina, que quanto a impulsos do destino goza, tudo he tributo, que se lhe paga?

*Alic.* Que mudança he esta, que encontro nas tuas vozes? E cres....

*Estel.* Creyo preciso o seu estrago para o nosso credito.

*Ped.* Faz como mulher honrada. *à part.*

*Estel.* Proxima está a occasião da sua desgraça: não te opponhas tu de alguma sorte à sua ruina.

*Alic.* E quem póde, Senhora, mudar o teu peito

peito para tantas iras?

*Estel.* Não te pertence o exame do que callo.

*Alic.* Sim, mas julgarão pouca estabilidade no teu genio.

*Estel.* A's vezes he prudencia a variedade.

*Ped.* Se isso fora verdade, ninguem era mais prudente, que as mulheres, porque ninguem mais mudavel, que ellas; mas como a prudencia he parte do juizo, não he para nós, que todas somos humanas varias.

*à part. Vaise.*

*Estel.* Vê o que te encomendo, e fio o desempenho na obrigação do teu sangue.

*Vaise.*

*Alic.* Frustrado he o seu intento contra a minha divida: fiel serey a Filinto; que não devo manchar hum amor tão certo nas contingencias de ser, ou não justificada a tua queixa.

A R I A.

A' onda; que inconstante

Se move a todo o instante;

Ao vento, que ordinario

Tem por firmeza o vario,

Excede na mudança

O feminil ardor.

Ay de quem triste espera

*Perseguido , e exaltado.* 27

No voffo amor certeza,  
Se tendes só firmeza  
Em nunca ter amor! *Vaiſe.*

## S C E N A II.

*Camera de ElRey com bofete. Sabe Deſe-*  
*fado.*

*Def.* **O**Ra vamos ver , ſe Pederneira  
veyo já para caſa ; pois como  
ſão horas de ferir lume , quèria petiſcar  
com ella o meu bocado. Ay negra rapa-  
riga , trazef-me tão cego , que te não  
poſſo ver ! Mas como hey de eu ver , ſe  
me falta a meſina dos meus olhos ? Mas  
eſperem : que venho eu cá fazer ſem  
os traſtes , que ella me pedio ? Vamos  
andando , antes que ella por ahi venha :  
mas não , eſperemos , que para tudo ha-  
verá deſculpas ; em a gente tendo fazen-  
da , logo tem muito remedio. Mas aqui  
ſinto paſſos , ſe ſerá ella ? Es tu mi-  
nha . . . *Sabe Filinto com hum carta na mão.*

*Filint.* Quem eſtá aqui ! Porém que vejo  
o criado de Irene ! Alguma traição re-  
ceyo. *à part.*

*Def.* Ay deſgraçado de mim ! Lá vay o  
meu credito com o diacho. Elle certa-  
mente

mente cuida, que eu vinha dormir com seu Pay, pois na sua camara não tinha mais que fazer; mas a culpa tem Pederneira, que me mandou vir a este quarto, para agora me fazerem a cama. *à p.*

*Filint.* Não respondes? A que entraste neste sitio?

*Des.* Quem dera disso para hum empenho.

*Filint.* Que dizes?

*Des.* Os trastes de Pederneira que . . . .

*Filint.* Não te entendo.

*Des.* Pois he hum asno. *à part.*

*Filint.* E dizeme, (Ay de mim! Se será cou-  
sa de Irene? *à part.*) tu vieste só?

*Des.* Sim Senhor, eu sou só o cáqui.

*Filint.* Aparta-te pois deste lugar.

*Des.* Qual, não me vou: se eu quero esperar por ella: assim era eu asno, que perdesse a tolá.

*Filint.* Vaite, ou te matarey.

*Des.* Uy, Senhor, se eu tenho necessidade de estar aqui, hey de cá vir sem fazer meus feitos?

*Filint.* Já a impaciencia. . . .

*Des.* Ora tenha mão: eu me vou, mas sabia que me ausento, porque me manda, e senão, não lhe havia obedecer. (*Retira-se ao Bastidor.*) Mas da qui verey, o que faz, que supponho quererá esperar por  
Peder-

*Perseguido, e exaltado.* 29

Pederneira, que a tollice foy dizerlhe eu ao que vinha. *à part.* Ah Senhor do arame, puxe-me aqui para este bastidor.

*Esconde-se.*

*Filint.* Sem offender ao bem, que adoro, venho cumprir com as obrigações do sangue. Nos mudos caracteres deste papel (*Tira hum papel*) veja meu Pay o perigo, a que está exposto: o damno lhe communico, mas que he Irene o author lhe occulto. Aqui pois. . . . Mas que vejo? ElRey se encaminha à tua habitação: que farey? Se chega a verme, sabe que o aviso he meu, e ha de constringerme a declararlhe o réo: aqui me occultarey.

*Poem o papel sobre o bafete, retira-se ao bastidor, e sabe Desenfado.*

*Des.* Ay, que historia he esta? Sua Alteza jogando as cartas só! Se será elle fradinho da mão furada? Ora vamos ver, que tratada he esta, que talvez me sirva de alguma cousa. (*Sabe.*) Ah não me enganey, aqui estão letras, então já posso comprar a Pederneira o que ella quizer. Mas aqui vem ElRey, verey se me quer rebater a divida. *Pega nos papeis.*

*Filint.* Que vejo? Sahirey a castigarlhe a ousadia: mas ElRey. . . *Faz que sabe, e retira-se, à part.* *Sabe*

*Sabe ElRey, sem ver a Defensado.*

*Rey.* Que pretenda hum filho ingrato pôr  
sujeições aos meus decretos ! Não sey  
como a impaciencia me não mata. *à p.*

*Def.* Senhor , aqui está o filho da folha.  
*Com o papel na mão.*

*Sabem Estella, e Pederneira.*

*Rey.* Mas que vejo ! Que motivo , meu  
bem , te obriga a concederme a gloria  
de verte nesta estancia? *Para Estella.*

*Estel.* Agora vinganças. *à part.* O procu-  
rar na tua presença a sylo para tanto in-  
fulto , que ainda não basta neste Palacio  
conseguir os teus favores para eximirme  
de atrevidos aggravos.

*Def.* ElRey , como percebeo que isto era  
coufa de letra , faz ouvidos de Merca-  
dor. *à part.*

*Rey.* E quem he o sacrilego , que offende  
na tua desattenção o meu respeito ? Que  
delicto encontrou em ti a sua barbari-  
dade ?

*Ped.* Cá está Defensado , verey se me traz  
o que lhe pedi. *à part.*

*Estel.* O delicto , que o move , he a minha  
constancia para os teus affectos.

*Ped.* Ora vejaõ minha ama como mente. *à p.*

*Rey.* Manifesta-me o traidor , e verás no  
seu estrago o desempenho da minha ira.

*Estel.*

*Perseguido, e exaltado.* 31

*Eel.* Hum filho teu procura com repetidas instancias uturpar o socego ao meu descanso : sollicito amante me persegue, e escuto os ameaços da minha morte, quando os meus enfados daõ a repõssa aos seus desvêlos.

*Filint.* Deoses, que ouço! *à part.*

*Ped.* Ay Senhor, hontem estava elle de forte, que punha os olhos em alvo.

*Para ElRey.*

*Des.* E a ti nada te passa em claro.

*Rey.* Do meu querido Adastro naõ pôde ser a offensa : Filinto he o falso.

*Estel.* Naõ se enganou, Senhor, a tua idéa : Filinto he o que importuno amante me segue : vê que he Principe, e considera o remedio preciso para taõ grande affalto.

*Des.* O verdadeiro he deixarlhe avançar a brecha. *à part.*

*Filint.* Ay infeliz, tudo se conjura contra a minha sorte. *à part.*

*Des.* Talvez que isto seja alguma Carta de amores, que elle deixasse aqui para que ella a visse; mas ElRey premiará a minha lealdade. Senhor. . . *Para ElRey.*

*Rey.* Como permittis, soberano Deoses, tal atrevimento? Suspende, Senhora, o teu cuidado, que eu darey no seu castigo satisf-

satisfação a tantas queixas; farey . . .  
mas basta, tu o verás.

*Filint.* Dura pena! *à part.*

*Estel.* Não foy a minha industria frustra-  
da idéa para a minha vingança. *à part.*

*Des.* Senhor, Vossa Magestade não ouve?

*Rey.* Ah ingrato filho! Mas quem está  
aqui? *Para Defensado.*

*Des.* Eu Senhor, que estou com esta peti-  
ção esperando, que Vossa Magestade  
acabe de despachar: aqui verá a minha  
fé, e os meus serviços.

*Dá o papel a ElRey, o qual o lê para si.*

*Estel.* Se eu pudera, Senhor, executar o  
seu castigo . . . Mas que mysterioso pa-  
pel lhe traslada as côres para o semblan-  
te, que ao examinallo attento, o vejo ab-  
sorto? *à part.*

*Des.* Não digo eu? São ciumes; hoje an-  
dará tudo azul, ainda que elle está-se fa-  
zendo de mil cores. *à part.*

*Ped.* Que papel será aquelle? Deve ser  
algum desafio. E como está desmayado!  
Ora não ha cousa como o medo, que  
faz ter cara de homem branco. *à part.*

*Rey.* Piedosos Ceos, ha mais infortunios,  
que se conspirem contra a minha vida?  
Ha mais infausto dia?

*Des.*

*Perseguido, e exaltado.* 33

*Def.* Olhe, ahí verá o que me deve Vossa Magestade.

*Estel.* Que subito motivo occasiona, Senhor, os teus cuidados?

*Rey.* Vem cá, dize-me, quem te deu este papel?

*Para Defensado.*

*Def.* Isso he curiosidade minha.

*Sabe Adastro.*

*Adast.* Pay, e Senhor: mas que vejo? Tu com o aspecto alterado?

*Rey.* Ouve, amado filho, e perde as duvidas no susto. Lê *ElRey a Carta*. Policrates quem presumes amigo, caviloso arma ciladas à tua vida. Neste dia se te prepara o golpe: morrerás, se os que mais amas, não desvias da tua presença: quem te avisa he fiel; cre-o, e vive.

*Estel.* O horror me pasma!

*Def.* Ay que estou perdido! *à part.*

*Ped.* Lá vay Defensado com abreca! *à p.*

*Rey.* Dize, traidor, quem me enviou este papel, ou perderás a vida. *Para Defens.*

*Def.* Eu Senhor, vim.... peguey no papel.... (Ay que hoje me leva o diabo!)

*à part.*

*Ped.* Defensado está galante papel! *à part.*

*Filint.* Misero Pay! *à part.*

*Adast.* Alviçaras, industrias, não percaõ as

minhas traças esta occasiaõ. *à p.* Se que-  
res que te defenda, calla-te. *Para Desf.*

*Desf.* Oh lá se quero: sim senhor, mas  
olhe naõ me pregue o calo. *Para Adast.*

*Rey.* Naõ falla Adastro? Estella emmude-  
ce? E tu traidor te callas?

*Estel.* A confusaõ me embarga as vozes. *à p.*

*Adast.* Senhor, se até agora callou esse  
criado, foy por querer com o silencio  
illustrar a tua fé; e se as minhas vozes te  
naõ expressaraõ logo ser esse papel arti-  
ficio da minha vigilancia, foy por te oc-  
cultar o réo, que tanto estimas.

*Desf.* Eis-alli a verdade, e por final que  
estava sobre aquelle bofete.

*Rey.* Que dizes?

*Adast.* Delirio he, Senhor, aquelle do seu  
fulto; que eu sou o author desse aviso,  
e do seu segredo quiz fiar esta incum-  
bencia.

*Filint.* Ah falso! Ah mentiroso! *à part.*

*Rey.* Tu conheces o réo, e ainda negas às  
minhas iras esse desafogo?

*Desf.* Agora que estaõ às razões, me vou  
sem fazer bulha. *à part. e vaife.*

*Ped.* Como se foy Desenfado, vou saber  
da minha encomenda. *à part. e vaife.*

*Adast.* Adorado Pay, seja a tua clemencia  
castigo do imaginado arrojõ: *Ajoelha.*

Balta

*Perseguido, e exaltado.* 35

Basta que fique segura a tua vida com o arrependimento de quem buscava a tua morte : não queiras manchar o teu sangue com a tua espada : Filinto he, Senhor, o réo ; vê que he teu filho, e meu irmão. Assim grangearey a Filinto mais odios de ElRey. *à part.*

*Filint.* Pezares, como me não esfragais a tolerancia? *à part.*

*Rey.* Levanta-te, Adastro, e dize-me quem te communicou esse segredo?

*Adast.* O mesmo Filinto. Elle convidando-me por socio para os teus estragos, me descubrio seu peito; e vendo que da sua traição recusava a companhia a minha fidelidade, jurou na minha presença a tua morte. Eu levado do susto, e prezo da piedade, quiz neste papel noti-ciarte o golpe, sem te dizer o braço.

*Sabe Filinto.*

*Filint.* Adastro mente, que esse papel he feito por Filinto.

*Adast.* Porém que vejo? *à parte.*

*Estel.* Que examino? *à parte.*

*Rey.* Filinto occulto no meu quarto? *à p.*

*Adast.* Importa-me esforçar o engano para conseguir a Coroa. *à p.* Prova he esta, Senhor, do seu delicto.

*Filint.* Mentos traidor ; que a minha fé só me rege os passos à sua vista : o empenho de salvarte , foy quem me deteve neste sitio. Vê, Senhor, que hum vassallo , que estimas , procura incessante a tua mortal ruina.

*Sabe Irene.*

*Iren.* Quem for traidor ao meu Monarca , achará na resistencia do meu braço hum obstaculo para os seus intentos.

*Filint.* Só a presença de Irene faltava para o meu martyrio. *à part.*

*Rey.* Ay caro amigo , vê nesse papel as penas , que o fado me destina.

*ElRey dá o papel a Irene , e esta o lê.*

*Iren.* Dissimularey o meu delicto. *à part.*  
De quem he , Senhor , este aviso ? Sabes o author do crime ? *Para ElRey.*

*Adast.* Esta noticia deve Policrates à minha fé.

*Filint.* Esse falso te engana : eu fuy , Carpio , o author daquelle aviso.

*Iren.* Ah falso ! *à part.*

*Rey.* Pois que te dilatas , que o réo me não publicas ?

*Filint.* Não me permite a sorte esse privilegio.

*Iren.*

*Perseguido , e exaltado.* 37

*Iren.* Com essa industria pretendes , fermentido , dar desculpas ao teu engano ? Em que reparas ? Se o delicto disseste , para que o author nos occultaste ? A fidelidade já está quebrada ; dize pois , ou às minhas mãos . . . . *Ajoelha aos pés de ElRey.* Senhor , desculpa os meus excessos , pois o teu amor me guia os passos , que eu não te aggravo , quando por teu respeito assim me altero. *Levanta-se.*

*Estel.* Que valor !

*Rey.* Ay verdadeiro amigo , quanto te devo !

*Iren.* Oh quanto te enganas na fé , que em mim presumes ! *à part.*

*Rey.* Aprende , ingrato filho , naquélle peito nobre a ser fiel. Elle , sendo estrangeiro , move-o o meu favor ; e tu , sendo meu filho , esqueces-te do sangue.

*Filint.* Oh como ignora , que Irene he o mayor inimigo da sua vida ! Porém o amor me obriga a que me calle. *à part.*

*Adast.* Falla : quem tem por asylo a innocencia não emmudece.

*Filint.* Defenderme não posso ; porém sem culpa vivo.

*Iren.* A minha presença o sofoca. *à parte.*  
Falla traidor. *para Filint.*

*Filint.* Tambem Irene gosta de matarme ? *à parte.*

*Rey.*

*Rey.* Adastro, aquelle silencio he clara confissão do seu delicto.

*Adast.* Nunca Adastro mente, quando contigo falla.

*Iren.* Se hum mentiroso buscas, em Filinto o encontras.

*Filint.* Muito me suportos. Carpio, basta de apurarme, tu queres.....

*Iren.* Quero que ao teu Rey eximas dos cuidados, declarando o aggressor de tanto insulto.

*Filint.* Dize-me, e que posso eu dizer?

*Iren.* Dirás, tyranno, que eu sou o ingrato contra o meu Rey. Dirás que tu es o fiel, e eu o traidor, exime-te da culpa, e poem em mim a nota. Não dizes isto?

*Rey.* Pouco importára, que elle mo differa, quando a minha experiencia he testemunha da tua fidelidade.

*Iren.* Oh se o coração de Filinto fora tão sincero!

*Rey.* Traidor o reconheço, pois nem risca a suspeita, nem o perdaõ me roga.

*Filint.* Defenderme não posso; porém sem culpa vivo.

*Adast.* Vive sem culpa, quem nega a hum Pay a obediencia para o juramento?

*Estel.* Não te crimina a ousadia de perseguirme amante?

*Rey.*

*Perseguido , e exaltado.* 39

*Rey.* Verte no meu quarto occulto não he indício da tua traição?

*Iren.* Não te accusa escrever hum papel, e callarte absorto, quando aggressor te inquiri?

*Filint.* Todos me arguis de traidor, e a resposta que tenho, he o sentimento com que lido. Sou fiel, e mais não digo.

A R I A.

Tyranna a minha forte  
A minha morte ordena,  
Hum falso me condemna,  
Hum impio, huma inimiga,  
Hum Pay: tudo he pezar.

Ao seu rigor violento  
Os move taõ sómente  
O verme innocente  
Para me ver penar.

*Vaise.*

*Rey.* Olá, os passos de Filinto se examinem.

*Iren.* Eu serey, Senhor, quem obedeça aos teus decretos.

*Adast.* Ainda temes hum ingrato à vista de tanto fidedigno?

*Rey.* Ainda o traidor está incerto ao meu conhecimento.

*Iren.* Pódes duvidar da minha fé?

*Rey.*

*Rey.* Naõ, amigo, antes da tua diligencia fio a exacção de tanta tyrannia: procura tu faber quem me pretende a morte.

*Iren.* Oh se soubesse, que eu sou quem lhe sollicita breves os instantes da sua vida.  
*à parte.* Ninguem com mayor ancia será executor dos teus preceitos. *para ElRey.*

*Rey.* Naõ sinto perder hum filho ingrato, a preço de alcançar hum subdito constante. *Vaise.*

*Adast.* Pôde algum dia, Senhora, chegar à tua idéa a traição de Filinto? *para Estel.*

*Estel.* Sempre da sua soberba vaticiney este successo. *para Adastro.*

*Iren.* Suspendey os eccos, Adastro; movate ao silencio ver, que Filinto he teu irmaõ mais velho; e tu, Estella, considera que he teu Monarca.

*Adast.* Que piedade! *à parte.*

*Estel.* Que defenza! *à parte.*

*Adast.* Naõ eras tu até agora quem lhe dezejava a morte?

*Estel.* Pois para que nos argues, quando tu foste o exemplo das nossas iras?

*Iren.* Eu posso dizello, e vós deveis cal-larvos.

*Adast.* Parece que no teu peito só tem lugar a inconstancia, pois apenas o suspiravas morto, quando logo te empenhas para os seus auxilios. *Iren.*

*Perseguido, e exaltado.* 41

*Iren.* Da vossa fantazia he chimera a minha mudança, que eu sempre sou o mesmo Carpio.

*Estel.* O mesmo? Eu não te entendo.

*Adast.* Essas palavras não são verdadeiras imagens de hum são pensamento.

*Iren.* Se outro julgais que he, bem presumis. *Vaise.*

*Estel.* Grande mysterio include nas palavras que profere!

*Adast.* E tu das credito às suas vozes? Enigmas são as praticas dos validos, e quanto menos se explicao, mais applausos lograo.

*Estel.* Eu confesso, que o não comprehendendo; pois em hum são instante o vejo mudar de aspecto, e pensamentos. Ay infeliz de mim, que temo o que ignoro, e ignoro o que espero!

A R I A.

Duvido o que espero,  
E temo o que ignoro,  
Alegro-me, e choro,  
Sem saber porque.

O susto me mata,  
Mas nesta mudança  
A minha esperança  
Me alenta o viver.

*Vaise.*  
*Adast.*

*Adast.* Coraçõ, não desmaies na empreza: grande gloria devo à ventura das minhas astucias: com este engano lo-grarey o Ceptro.

## OITAVA RECITADA.

Suppra o engenho as faltas do destino,  
 Que nem sempre a traicão he vilania;  
 Nem devo suportar, ao que imagino,  
 Attento ao bem alheyo, a sorte impia.  
 Ao regio folio de que o fado indigno  
 Por menor me privou a tyrannia,  
 Hoje me eleve, e espero neste empenho  
 Risque a nota do vil o agudo engenho.

## A R I A.

Naõ tema o peito  
 Já mais os damnos,  
 Se os meus enganos  
 Forem assim.

E quando ao gosto  
 Falte a victoria,  
 Ficarme-há a gloria  
 Do intento em fim.

*Vaise.*

S C E N A III.

*Vista de Camera. Sabe Pederneira.*

*Pedern.* **O**Ra já me vay tardando o Senhor Defenhado: elle depois que lhe eu pedi os brincos, as meyas, os sinaes, anda fugindo de se encontrar comigo. Eu não vi melhor modo para a gente se livrar de amantes, do que he pedirlhe, que elles por si só dão suspiros, e ays. Verdade he, que tambem de nós só recebem parolas. Tomára que já me trouxera esta tolá para me pegar a outro; que nós somos como peffas de leilaõ, que vamos para quem dá mais. Cuidaõ estes basbaques, que em nos dar muito, que logo nos cativaõ; mas não se enganaõ, que nós só nos vendemos, quando a poder de dinheiro somos compradas. *Batem dentro.* Mas alli sinto gente, supponho que será elle. Quem he?

*Vay abrir a porta, e sabe Macaco.*

*Mac.* Quem ha de ser, bella Pederneira, de quem a minha cara de asfo tira tantas faiscas, que cada huma *contempta magnum excitavit incendium.* Quem ha de ser, senaõ  
o teu

o teu Macaco, que prezo nas correntes de teus olhos anda sempre amarrado ao polido cepo do teu nariz.

*Pedern.* Ora, Senhor Macaco, vá bugiar, e não seja atrevido vir desinquietar ao feu quarto huma donzella.

*Mac.* Ay menina, eu não cuidey que era descredito hir aos quartos em que moraõ as donzellas; ainda que nisto me parece que fallas com encarecimento: mas sabe que eu vinha. . . . .

*Pedern.* Ao que vinha? Diga, ao que vinha ao meu quarto?

*Mac.* A fazer horas.

*Pedern.* Pois va-se andando, que não estou para ouvir as suas badeladas, e macaquices.

*Mac.* Ora vejaõ a bugia, tu cuidas que eu sou algum mono.

*Pedern.* Senhor Nico, faça o que lhe digo, va-se andando, que estou esperando por gente.

*Mac.* Já entendo: supponho que he algum salafrião, que vem petiscar em Pederneira. *à p.* Pois Senhora, eu não me vou.

*Pedern.* Porque não?

*Mac.* Porque? Eu não sou capaz de apparecer diante de gente?

*Pedern.* Eu estou em minha casa, e posso levantar-

*Perseguido, e exaltado.* 45

levantarme às maiores com vossé.

*Mac.* Espera não te levantes comigo. Ah Senhores tão máo sou eu, que se levantão as pedras contra mim? E pergunto, eu não posso saber que esse sujeito cá vem fazer?

*Pedern.* Não Senhor, que cada qual vem ao seu negocio.

*Mac.* Pois eu não só sou capaz de fallar em negocios, mas de untar as mãos com humas boas luvas.

*Pedern.* Que ouço! Este sim, que he bom para amante, que logo promete do pé para a mão. *à parte.* Pois se v. m. quer ficar, esta casa está muito às suas ordens. Mas que me ha de v. m. dar de estar aqui?

*Mac.* Darte-hey quanto tu quizeres.

*Pedern.* Pois eu o que quero são huns brincos, humas meyas, e huns finaes.

*Mac.* Uy! isso não he nada para quem tanto dezeja fazerte a vontade. Mas eu tambem quero. ....

*Pedern.* Que quer?

*Mac.* Eu quero fazer contigo hum ajuste.

*Pedern.* Primeiro me ha de passar para cá o final.

*Mac.* Sim, no final não haverá duvida.

*Pedern.* Ora diga, diga o que quer?

*Mac.* Eu quero fazer com vossé hum ajuste :  
te :

te: quanto me dá, e prometto ser seus amores?

*Chega Defensado ao bastidor.*

*Dez.* Parece-me que ouço cá fallar: antes que entre verey o que se diz. Mas ay, ay meus peccados, cá está o Sevandija mór! Tomára saber que confiança tem para cá entrar este Sevandija? Vejamos o que diz. *à parte.*

*Pedern.* He boa historia! Com que eu he que lhe hey de dar? V. m. pede como quem se despede.

*Mac.* Pois não diz o que me dá?

*Pedern.* Darlhe-hey muita pancada.

*Sabe Defensado aos murros a Macaco.*

*Def.* Eu vou emparelhado nesse ajuste: mas que contratos são estes? *Dalhe.*

*Mac.* Ah que delRey. Ah Senhora, o Senhor he seu marido?

*Pedern.* Não, mas estamos ajustados.

*Mac.* Então visto estarem ajustados, não os quero estorvar. *Faz que se vay.*

*Def.* Ah Senhor Sevandija, venha cá, a que entrou v. m. aqui?

*Mac.* Eu sim.... fui.... e vim.... mais ella.... porém paciencia. *Faz que se vay.*

*Pedern.* Espere: Uy! taõ feyo he este homem,

*Perseguido , e exaltado.* 47

mem , que lhe mete medo ? Não quero que Defenfado desconfie de mim , e ao depois me não dê os trastes. *à parte.* Diga ao que veyo , e não se affuste.

*Mac.* O que hey de eu dizer ? mas já me occorre. *à parte.* Eu Senhor , tive noticia que esta menina tinha necessidade de huns trastes para seu uso , vinha a trazerlhos , e no tempo do ajuste succedeo v. m. vir à pancada.

*Def.* Isto he verdade , porque ella me tinha a mim feito a mesma encomenda. *à part.* Mas digame , e como soube v. m. que esta rapariga necessitava disso ?

*Mac.* Cá por certos sinaes.

*Def.* Não ha duvida que ella mos tinha pedido. *à part.* E digame tralos ahi ?

*Mac.* Aqui só tenho os sinaes das pancadas que v. m. me deu.

*Def.* Ora pois vá buscar essas cousas.

*Mac.* Sim Senhor , mas por quem hey de perguntar quando cá vier ?

*Def.* Porque ? v. m. não me conhece que estivemos acolá no Templo ?

*Mac.* Sim , mas não lhe sey o seu nome.

*Def.* Olhe quando cá vier pergunte por Defenfado Pederneiro. E se v. m. tardar , por quem hey de inquirir ?

*Mac.* Se eu tardar , não tem mais que perguntar por mim ,

*Def.*

*Des.* Pergunto, como he o seu epitheto?

*Mac.* O meu nome he que supponho quer  
faber?

*Des.* Sim Senhor.

*Mac.* Pois eu chamo-me Bonecro.

*Des.* Aonde assiste?

*Mac.* Aqui entre os bastidores; porque  
v. m. não vê as luzes que estou espalhando?

*Des.* Deve de ser alguma véla de sebo.

*Mac.* Mas fallando como gente, com per-  
daõ de v. m. eu chamo-me Macaco Gon-  
çalves Barulho, sou aqui Criado del Rey,  
e muito amigo do Senhor seu Amo, e  
de seu Pay, que está gozando do inferno.

*Des.* Bom he ter amigos, que huns pu-  
xaõ pelos outros. Pois, Senhor Macaco  
Gonçalves Barulho, aqui estou para lhe  
obedecer.

*Mac.* Aos pés do Senhor Defenfado Peder-  
neiro. *Vai se.*

*Des.* Muito bons çapatos, e muito boas  
meyas! Ora minha Pederneira. . . .

*Pedern.* Primeiro que tudo saibamos se me  
traz os trastes, quando não póde-se hir  
safando.

*Des.* Eisahi porque eu não trago comigo  
trastes.

*Pedern.* Porque?

*Des.* Por me não safar.

*Pedern.*

*Perseguido, e exaltado.* 49

*Pedern.* Pois não mos comprou?

*Def.* Não, mas andey trastejando todo o dia para os achar.

*Pedern.* E então o que fez?

*Def.* Eu posso mais que fazerme em pedaços por ti.

*Pedern.* Assim o supponho, que vossé já quebrou comigo.

*Def.* Como quebrey, se nós ainda não fizemos os nossos contratos?

*Pedern.* Diga, porque me não trouxe os brincos?

*Def.* Porque são difficultosos a achar; se tu quizeres cadeados isso a cada porta.

*Pedern.* E as meyas tambem as não achou?

*Def.* Eu sim achei algumas meyas feitas, mas quero deixallas acabar.

*Pedern.* Arre lá co' desmazello! nada acha.

*Def.* Tomára-me eu achar, que ando bem perdido por ti.

*Pedern.* E os sinaes? He capaz de dizerme na minha cara, que os não ha.

*Def.* Não, nos sinaes não foi o descuido, o diabo foi esquecerem-me.

*Pedern.* Ora pois vá já, e logo buscallos.

*Def.* Primeiro temos nós que fazer.

*Pedern.* O que?

*Def.* Quero buscar hum pé de cantiga para te focegar.

*Pedern.* Agora que estou com pressa he que se quer pôr de re, mi, fa, sol?

*Des.* Ora faça alguma cousa, Senhora Isabel Macáo.

*Pedern.* Lá vay, Senhor João Gomes.

## D U E T O.

*Des.* Se eu morrer enfeitado,  
Choro, lambo, meu feitiço.

*Pedern.* Va-se embora dezeztrado,  
Ha de ser para mor disso.

*Des.* Isso mesmo, e porque?

*Pedern.* Ha de ser para mor disso.

*Des.* Venha cá.

*Pedern.* Naõ, naõ quero.

*Ambas.* Ora vá, vá bugiar.

*Des.* Ay minha Isabel naõ fujas.

*Pedern.* Passa fóra.

*Des.* Ay, ay, agora.

*Pedern.* Passa fóra.

Va-se, va-se.

*Des.* Naõ, naõ quero.

*Ambos.* Ora vá, vá bugiar.

## ACTO II.

## SCENA I.

*Vista de Parque Real. Sabe Estella.*

*Estel.* **O**H que funesto alivio he o de huma vingança ! e quantas vezes me tem assaltado o arrependimento, pois temo finta Filinto com os meus enganos os seus estragos !

*Sabe Filinto.*

*Filint.* Em fim, tyranna Estella, estás satisfeita já com a minha ruina ?

*Estel.* Amado Principe, Senhor..... **O** pejo me soffoca. *à parte.*

*Filint.* Em fim tivefte coração para ultrajarme ?

*Estel.* O teu desprezo foi, Principe, o motivo do meu cego arrojo ; porém agora aos teus pés satisfarey com as minhas lagrimas a tua offensa : perdo-ame o agravo : eu direy a Policrates a minha culpa, e a tua innocencia : saberá que eu fuy.....

*Filint.* O meu estrago, e a tua ruina : na-  
Dii da

da executes, que poderá ser mayor prova essa piedade: antes estimo a nota que padeço, do que ver em meu Pay a suspeita de que me adoras, e que da paixão movida nos disfarces da tua culpa queres amante eximirme a hum precipicio.

*Estel.* Quanto para o teu perdaõ me intimar o teu preceito será empenho da minha obediencia: manda, ordena, quanto quizeres, que nunca em mim verás a repugnancia; porém has de esquecer o meu delicto.

*Filint.* Se tanto queres obedecerme, seja recompensa do teu crime o não amarme.

*Estel.* Tyranna sentença! Ay, e como hey de deixar de quererte?

*Filint.* Esta satisfação só peço à tua culpa.

## A R I A.

*Estel.* Callando sentirey  
 O meu destino avaro:  
 Mas que te não ame, oh caro,  
 Difficil me será.  
 Em que te offende ingrato  
 O meu amante peito?  
 Não basta estar sujeito?  
 Pois que lhe queres mais?

*Vaise.*  
*Filint.*

*Perseguido, e exaltado.* 53

*Filint.* Oh quem pudéra conseguir em Irene a piedade, como em Estella logro os rendimentos. *Quer hirse.*

*Sabe Irene.*

*Iren.* Suspende o passo, infame.

*Filint.* Ainda me persegues, falsa?

*Iren.* Ainda não está satisfeita a minha ira.

*Filint.* Vás por ventura a duplicar infâmias à minha innocencia?

*Iren.* Vens por ventura a decifrar naquele papel o aggressor do crime?

*Filint.* Em que te offendeo aquelle papel com o seu aviso, se eu só consegui os creditos de delinquente? Vê que me reporto, e baste.

*Iren.* E eu em que te aggravey, se os meus excessos só foraõ para acreditar a minha lealdade?

*Filint.* Pois se ainda na tua lembrança conservas alguns sinaes do meu amor, só te peço, que a morte, que intentas contra meu Pay, a traslades compassiva para o meu peito.

*Iren.* Eu Filinto, não sey confundir aggravos com amores: eu amo ao filho, e aborreço ao Pay, e desta sorte satisfaço a meu Pay defunto.

*Filint.* Se tu procuras satisfação a hum insulto

sulto commettido, eu pretendo os desvios a hum golpe destinado, e mais razão tem a minha defenſa, do que a tua vingança.

*Iren.* Pois, ingrato, já que he taõ diminuto o teu affecto, que cedem as suas vehemencias a alheyas desgracas, segue os teus intentos, que os meus serãõ desde hoje transferir em odio, quanto o carinho soube grangear affecto: desde hoje serãõ os nossos desvelos sómente para os males: tu dirás a ElRey, que eu sou o traidor, e eu com as minhas astucias, esforçando o engano do teu crime, farey que as minhas industrias superem as tuas verdades.

*Filint.* Meu bem, suspende as iras.

*Iren.* Sofóca as vozes: não pertencem a quem te busca os damnos, esses epithetos.

*Filint.* E o meu amor?

*Iren.* Se queres que te escute, deixa o amor, e falla-me em vingança.

*Filint.* Pois eu devo. . . .

*Iren.* Esquecerte de Irene.

*Filint.* Pois Irene adeos: e já que he tanta a tua tyrannia, hirey buscar na morte huma piedade: a ElRey direy que sou o reo, e acabarey na vingança, que de mim tome, a infeliz vida, que tanto me maltrata.

*Faz que se vay.*

*Iren.*

*Perseguido, e exaltado.* 55

*Iren.* Espera, não te ausentes.

*Filint.* Deixa, Senhora, apressar os meus passos para a minha morte.

*Iren.* Ouve: esse arrojo que intentas, nem a ElRey exime da minha furia, nem ati de huma ruina.

*Filint.* Basta-me para gloria huma innocencia; mas já que de outra sorte não cedem as tuas iras aos meus desgostos, saberá ElRey, que tu es o traidor.

*Iren.* Vay falso, vay perjuro, solicita os meus damnos, que acharás em mim a mesma recompensa, e verás se a minha fé não te usurpa das veyas o fementido sangue. *Faz que se vay.*

*Filint.* Espera ingrata: se o meu sangue intentas, victima aos teus olhos farey desta innocente vida.

*Tira de hum punhal para ferirse, e sabe ElRey.*

*Rey.* Suspende traidor o arrojo.

*Iren.* Oh Deoses!

*Rey.* Ingrato contra hum amigo que tanto quero, procuras nesse ferro a sua morte? Nega agora o teu crime, dize que he falso, mas os meus olhos seráo testemunhas do teu arrojo.

*Filint.* Verdade he, Senhor, o meu delicto; eu sou quem te aggrava, e a Carpio

pio offende, e só a minha morte satisfará tantas injurias.

*Iren.* Soberanos Deoses, não desampareis aquella innocente vida. *à parte.*

*Rey.* Olá da minha guarda, levay a Filinto, e nunca da sua presença falseis hum só instante.

*Sabem alguns Soldados.*

*Iren.* Senhor, Filinto não queria a minha offensa; cego da sua pena quiz fazer o proprio peito alvo dos seus ameaços.

*Rey.* Em vão intentas com piedoso engano eximillo aos meus furores. Dize-me pois, porque te retiravas?

*Iren.* Não era cobardia o meu desvio.

*Filint.* Até na compaixão que mostras, indicas que me aborreces. Se intentas com essa piedade accumular instantes à minha vida, sabe que he tyrannia estorvar a minha morte.

*Rey* Satisfarás esse dezejo: poucos instantes terão os teus alentos falsos.

*Iren.* Ay infeliz! *à p.* Senhor, modera a coe-  
ra, pois no seu castigo com mais vehe-  
mencia cresce a tua ruina. Filinto ainda  
não declarou o reo, e póde ser que este  
não execute o golpe, por ver que Filin-  
to o sabe. Se a morte lhe dás, poderá  
com

*Perseguido, e exaltado.* 57

com menos fusto executar o traidor os seus intentos.

*Rey.* Bem te occorreo o meu perigo. Oh quanto te devo! Nunca, querido amigo, te tires do meu lado.

*Filint.* Tal vez que nessa vigilancia cumpras as leys ao fado. Dize-me, Senhor, não póde ser Carpio quem te offenda?

*Iren.* Eu traidor?

*Filint.* Em qualquer póde occultarse o inimigo. Senhor, da tua cautella só fia a tua vida.

*Rey.* Calla-te infame, e parte.

A R I A.

*Filint.* Infame me julgas?  
Que pena tyranna!  
Vê bem quem te engana:  
Que pena he callar!  
Sou filho, e tu Pay,  
Usurpa-me a vida;  
Mas vê que a ferida  
Na falta que faço  
Te póde matar.

*Vai-se com os Soldados.*

*Iren.* Vacilante está ElRey. *à parte.*

*Rey.* Muitas são as provas da traição de

Filinto. *à parte.*

*Iren.*

*Iren.* Se estará ElRey por ventura fazendo reflexaõ nas palavras daquelle ingrato.

*à parte.*

*Rey.* Carpio traidor? porque motivo? *à p.*

*Iren.* Se a sua desconfiança se encaminha à minha suspeita, perco todos os meyos para os meus designios; porém agora que a occasiã me segura a felicidade, com não ter testemunhas do delicto... *à p.*

*Tira a espada.*

*Rey.* Filinto para se eximir da culpa, impoem a Carpio a nota. *à parte.*

*Iren.* Seja a sua vida victima nos altares da minha vingança. *à parte.*

*Vay a ferir ElRey por de traz, e sabe Adastro.*

*Adast.* Senhor.

*Iren.* Oh Deoses, que infeliz acafo! *à part.*

*Adast.* De que te servia, Carpio, o mortal instrumento, que na mão enpunhavas?

*Iren.* Valha-me a industria. *à parte.* Para depollo como troféo às plantas d'ElRey meu Senhor; que pôde haver quem caviloso quiz manchar com escrupulos a minha fé; e primeiro está a minha honra do que a minha vida. Eu traidor! oh Deoses! Não podia o tyranno Filinto pôr mais injuriosa macula à minha alma. Aos teus pés. (*ajoelha.*) Soberano Monarca,

ca,

*Perseguido, e exaltado.* 59

ca, offerece Carpio a espada, e a liberdade, e só pede a restituçãõ, quando no conhecimento do traidor fique despersuadida a suspeita da sua infidelidade.

*Rey.* Que fiel ofrenda! Levanta-te, e recebe a tua espada.

*Iren.* Soccorro astucias. *à p.* Senhor, a minha obediencia agora não he devida.

*Rey.* Eu to peço, e ElRey to manda.

*Iren.* Pois dessa sorte executo o teu gosto, e cumpro o teu preceito, e já Senhor, que a tua benevolencia procura restituirme o credito, permite ao menos que de Palacio me ausente, por eximirme à insolencia de que segunda vez me ultrajem.

*Rey.* Não, antes quero que tu sejas a escolta da minha vida.

*Iren.* Eu Senhor?

*Rey.* Sim.

*Iren.* E quem me segura a fé de quantos se conjuraõ contra a tua vida? Se eu fosse só.....

*Rey.* Tu só has de ser quem me assista: procura das minhas guardas as que mais fieis te forem, e busca o traidor.

*Iren.* A minha obediencia desempenhará o teu preceito. Alviçaras fortuna, he chegada a minha dita ao porto da minha esperança. *à part. e Vaise.*

*Adast.*

*Adast.* Não he pouca ventura, Senhor, tanta fé em hum estrangeiro vassallo: mas repara que he preciza muita cautella contra o teu destino.

*Rey.* Hoje subirás comigo ao throno, e não se opporá tanta traição facilmente contra dous Monarcas.

*Adast.* Mais nesse intento ao traidor incitadas. Alterado tem Filinto a plebe, e se a raiz não cortas a tantos damnos, crescerão os seus desígnios: o remedio he facil, posto que penoso; se Filinto deste tumulto he cabeça, cortada esta, cesaráo os membros.

*Rey.* Eu não me animo.

*Adast.* Dissimula coração: até eu de imaginallo tremo. *à parte.* Outro remedio também te fica: rende-lhe voluntariamente o solio, e de mim te esquece; e quando isto não baste para segurança da tua vida, aqui está o meu sangue; que feliz victoria alcanço, se a preço da minha vida te restituo a tua paz.

*Rey.* Os palpados sinto inundar de pranto: oh venturoso Pay, que tal filho logras! *à part.* Não, a tua vida estimo ainda mais que os meus alentos.

A R I A.

*Adast.* Vivirey, se a minha vida  
For amparo à sua sorte :  
Morrerey, se a minha morte  
For alivio a tanto mal.  
Em seguir os teus preceitos  
Alcanço a melhor victoria,  
Nem pretendo melhor gloria,  
Que ferte sempre leal. *Vaise.*

*Rey.* Não errão as minhas conjecturas,  
Filinto he o falso; morra, ainda no meyo  
de tanto, aggravo me embaraça as iras o  
paternal affecto. *Vaise.*

S C E N A II.

*Sala regia com cadeira, sabe Irene.*

*Iren.* **N**O fogo da vingança, e nas  
chammas do affecto arde o meu  
coração, ay infausto Filinto, desculpa  
os meus excessos, que o amor os não  
dicta, quando a paixão sómente os in-  
finúa; não he possível despojar da vida  
ao barbaro Polícrates, mas se a minha  
diligencia não conseguír o intento, an-  
tes renderey à Parca a vida, que estar  
vendo

vendo o motor da minha injuria.

*Sabe Defensado.*

*Des.* Graças a Deos, que já appareceo a menina perdida,

*Iren.* Dezenfado.

*Des.* Tudo he Defensado, e assim se passa o tempo, Senhora, que fazes que não he possível acharte; o certo he que tu andas muito perdida.

*Iren.* Que dizes, estás louco?

*Des.* Pois não he assim, huma Princeza, que não he lá muita feya, andar sempre metida entre homens.

*Iren.* Como sempre ao lado de ElRey me obriga assistir a minha occupação, esse o motivo porque não me encontras.

*Des.* Eu Senhora, não quero andar aos encontros contigo, basta-me que tenhas a gloria de saber de mim.

*Iren.* Deixa loucuras, e dize-me o que fazes?

*Des.* Sim, agora he que me perguntas o que faço, bem póde a gente morrer, e ati daste-te bem disso; mas olha que se te morrer o Defensado, que póde ser que andes mais afflicta; mas tu fias-te de mim, porque sabes que homem morto não falla.

*Iren.* Pois tu que tens?

*Des.*

*Perseguido, e exaltado* 63

*Des.* Ay Senhora, huma cousa que não deixa a ninguem ter nada de seu; sinto hum mal procedido de hum bem, tenho cá humas taes cofegas no coração, que parece hum rato que me está sempre a roer.

*Iren.* Eu não te entendo.

*Des.* Verdade he, Senhora, que elle mal se entende, mas olha isto he huma cousa doce, que ao depois bem se amarga, he huma mania de tal sorte, que choro tanto, que às vezes me vem as lagrimas aos olhos: ora elle está bem claro.

*Iren.* Eu não te comprehendo, vê bem o que dizes.

*Des.* Ay Senhora, como hey de ver se eu ando cego?

*Iren.* Que dizes, tu cego?

*Des.* Sim Senhora, que me atirou a desgraça com huma Pederneira à minha vista, e como não deitava fogo, veyo tirarme o lume dos olhos.

*Iren.* Deixa-te de graças, e explica-te melhor.

*Des.* Ora eu digo o meu mal por enigma: he huma cousa que não se compra bem que se venda.

*Iren.* Isso he amor?

*Des.* Ah cis-lo ahi, penetra-te o fino do meu coração.

*Iren.*

*Iren.* Pois tu padeces essa gostosa pena?

*Des.* Sim Senhora, ando mesmo penando de gosto.

*Iren.* Não póde ser; amor como Rey só tem a sua esféra nos illustres peitos.

*Des.* Quem amor? o outro he huma criança, sabe lá o que he brio.

*Iren.* No peito de hum humilde criado, não se encerra amor.

*Des.* Uy, eu cá sempre fuy criado com muito amor.

*Iren.* Deixa loucuras, e adeos, que El-Rey me espera.

*Des.* Ah Senhora, tenha maõ da parte d'ElRey. *Quer hir-se.*

*Iren.* Que me queres?

*Des.* Pois tu não não dezejas saber as minhas inclinações?

*Iren.* Não.

*Des.* Ora he a primeira mulher que vejo sem ser curiosa de saber as vidas alheyas.  
*à part.* Pois não hey de dizertas, senão olha que ao depois has de ouvirme.

*Iren.* Não me permite mais demora a minha occupação.

*Des.* Ora ouve, que não gasto mais tempo do que em quanto as digo. Ay Senhora, ay cada vez que fallo nisto de amor, arrepião-se-me as carnes. Has de saber

*Perseguido, e exaltado.* 65

faber que amo taõ cego a huma Pederneira, que ando feito outro Pigmaliãõ adorando as pedras. Eu bem conheço que ella he muito amoruda, mas tambem me faz desconfiar o pedir-me huns trastes, que isso he o diabo.

*Iren.* Fica-te embora. *Quer hir-se.*

*Def.* Espere, que agora he o meu empenho.

*Iren.* Acaba, e mais me naõ dilates.

*Def.* Esta tal rapariga he criada, ou para melhor dizer luzida estrellã deste ceo de Palacio: naõ te escandalizes, que *nò es comparar bellezas, el referir perfeções*: e por incurtar razões, quero que tu te empenhes com ElRey para que me faça Capitaõ, dando-me a companhia da Pederneira.

*Iren.* Estás louco?

*Def.* E logo protesto, que naõ quero mais augmento; porque de nenhuma sorte quero ser Côronel.

*Iren.* Tu naõ sabes quem eu sou, atrevido?

*Def.* Sey, que es huma grande pedreira para ElRey; e assim espero dessa pedreira a minha Pederneira.

*Iren.* Pois sabe, que a tua loucura te evita os supplicios da tua ousadia.

*Def.* Naõ quer que caze com Pederneira?

Pois tambem Vossa Alteza naõ ha de

Tom. IV. E cazax

cazar com Filinto, que *solatium est miseris socios habere penates*. Eu direy a Sua Magestade, que Vossa Alteza he hermafrodito.

*Iren.* Infame, às minhas mãos. . . *Dalbe.*

*Des.* Ah que d'ElRey, que me mata o hermafrodito de meu Amo! *gritando.*

*Sabe Macaco.*

*Mac.* Que gritaria he esta?

*Des.* Acuda-me, Senhor Macaco Gonçalves Barulho.

*Iren.* Callate, ou te matarey.

*Mac.* Aqui estou: que me queres, homem?

*Des.* Ay Macaco, coca nelle, coca nelle.

*Iren.* Ay de mim! Se me declara este infame, finalizou a esperança da minha idéa. Que farey? Mas lograrey com agrados o que não consigo com violencia. *à parte.* Descanfado, fica-te embora, e farey por satisfazer ao teu empenho. *Vaise.*

*Des.* Ora pois, ficamos nisso? Olhe, e veja se lhe pôde facar tambem o dote, que he o principal.

*Mac.* Que historia era cá esta do Irmaõ fradinho?

*Des.* Que ha de ser? He que eu queria fazer meu Amo terceiro cá de certa ordem

*Perseguido, e exaltado.* 67

dem e. . . . . Eu não sey o que digo. *à p.*

*Mac.* E que?

*Des.* Então dizia-lhe, que aceitasse, que lho havia agradecer muito meu Irmaõ fradinho.

*Mac.* Ah, cuidey, que era alguma cousa de importancia.

*Des.* E quando fosse, a v. m. que lhe importava!

*Mac.* A mim nada: mas vamos ao que importa, v. m. não me dará noticias daquelle menina, que certamente, olhe certamente. . . . .

*Des.* Certamente o que?

*Mac.* Certamente nada.

*Des.* Pois ella he peixe?

*Mac.* Não: antes pelas boas carnes he que eu o dizia.

*Des.* Não seja afno, e saiba que essa rapariga está para ser minha mulher.

*Mac.* Isso em v. m. he graça; mas olhe, se v. m. se quizesse desfazer della. . . . .

*Des.* Ay meus peccados, que me vem pedir a mulher! Mas verey o que me diz.

*à parte.* Olhe, verdade he, que se não fora terlhe promettido de cazar com ella, tambem a vontade não he grande.

*Mac.* Pois então deixe-a para mim, que lhe tenho huma forte vontade.

*Des.* Meus ditos, e meus feitos: mas verey se posso tirar a este tolo alguma tola para comprar os trastes de Pederneira, senão ella pouco fará em se mudar para Macaco, e mandarme a mim bugiar.

*à parte.*

*Mac.* Pois então em que ficamos?

*Des.* Que remedio tenho eu, senão ser paciente? Se eu achasse alguém que quizesse cazar com ella em meu lugar. . . .

*Mac.* Pois que duvida? Aqui está Macaco para supprir o seu lugar.

*Des.* Sim, hum Macaco lá póde servir de Defensado; mas não está ahi toda a conta.

*Mac.* Não lhe faz conta?

*Des.* Se eu tivesse algum dinheiro com que rebateffe o escrito de casamento. . . . .

*Mac.* Uy, essa he a duvida? Quanto quer?

*Des.* A mim bastava-me dez meyas dobras.

*Mac.* Sim, eu lhas darey dobradas.

*Des.* Pois isso ha de ser depressa; se asnaõ traz ahi, vá buscallas, ande, que o embarga?

*Mac.* Tenho medo, que v. m. me embarque o casamento. Mas eu vou, e quero pedir-lhe hum favor.

*Des.* Diga.

*Mac.* Quizera que v. m. me levasse hum escrito, para ver se Pederneira com os meus

*Perseguido, e exaltado.* 69

meus incendios se desfazia em fogo, em ordem a pegar a mécha dos meus dezejos.

*Des.* Uy! pois não? Primeiro te hey de eu comer a isca. *à parte.*

*Mac.* Pois eu vou buscar o dinheiro: até logo; espero da mercê que me faz, que não falte a esta honra. *Vaise.*

*Des.* Vá certo, que cá o espero. Pois que vay? Eu feito terceiro de Macacos! Ora vejaó com aquella cara de saguim, tambem quer cazar! Mas venha agora a laya, que depois lhe chegarey ao pelo.

A R I A.

*Des.* Senhores, caluda:  
Deixem vir Macaco  
Que, como tabaco,  
A's ventas por brinco  
Lhe quero chegar.  
Depois que o dinheiro  
Nas mãos acolher,  
Mandallo-hey beber  
Daquillo, daquillo,  
Etcetera callar.

*Sabe Pederneira.*

*Pedern.* Lindamente! lindamente!

*Des.* Ora estimo, que tivesse esta occasião de me ouyir.

*Pedern.*

*Pedern.* V. m. cantando? Isso he final de alegria.

*Des.* Antes quem canta, he porque está triste.

*Pedern.* V. m. triste? Não, quem não tem cuidados. . . .

*Des.* A'gora não tenho cuidados: já eu hoje fuy à rua dos ourives mercar huns brincos.

*Pedern.* Que diz? Vossé brinca? E trouxe-os?

*Des.* Não, porque não levava dinheiro.

*Pedern.* Então que foy lá fazer?

*Des.* Fuy saberlhe o preço. Olha estavaõ lá huns bem baratos.

*Pedern.* Quanto queriaõ por elles?

*Des.* Eraõ muito baratos.

*Pedern.* Pois por quanto os davaõ?

*Des.* Eu não sey, porque lhe não fiz o preço.

*Pedern.* Ora va-se embora, não seja desavergonhado de me vir lograr outra vez: va-se, va-se. (*Sabe Macaco.*) Mas ahi vem Macaco, agora me vingarey, dando-lhe zelos. *à parte.* Meu Macaco. . .

*Des.* Ay que ella prega-me o mono com Macaco! *à parte.*

*Mac.* Espera rapariga: bem sey, que queres cazar comigo. *à parte.* Senhor Dezenfado,

*Perseguido, e exaltado.* 71

zenfado, aqui está o dinheiro, e faça-me o favor de se retirar.

*Def.* Cahio na corriola: vou comprar os trastes de Pederneira, para lhe abrandar a raiva. *à parte.* Ah Senhor, e o escrito?

*Mac.* Já não he preciso: como eu lhe posso fallar, a minha palavra he propria escriptura.

*Pedern.* Meu Macaco, não me respondes?

*Mac.* Digo, que já cá tem feito com ella que seja minha amiga, que eu bem o vejo no modo de fallar.

*Def.* Isso sim: pois eu havia descuidarme? E ella está segura em que v. m. lhe quer bem: he capaz de se fazer grave: fique-se com ella, e adeos. *Vai-se.*

*Pedern.* Foi-se embora, sem fazer caso de mim. Agora se Macaco fora mais de meu gosto, tambem o caracol de Desenfado havia pollo ao sol; mas como he o meu odio, não quero com elle graças. *Faz que se vay.*

*Mac.* Ella ahi começa com desdens. *à p.* Oh, v. m. quer que a roguem?

*Pedern.* Que diz?

*Mac.* Já me disserão, que v. m. se havia fazer toda aquella de manto de seda.

*Ped.* Ora não seja asno, va-se embora.

*Mac.*

*Mac.* Ah Senhores, olhem como se finge!  
*à parte.* Vossé, como sabe que morro  
 em a vendo, por isso he que aquillo...

*Pedern.* Ora está bem tolo!

*Mac.* Ora menina, compadece-te de mim.

*Pedern.* Tomara-o eu ver padecente.

*Mac.* Visto isso, mandas-me pôr em tres  
 páos? Mas olha que já estou feito em  
 pedaços.

*Pedern.* Pois eu não quero nada com que-  
 brados.

*Mac.* Olha a tolla, tomáras tu cazar co-  
 migo, que nunca te havia faltar senaõ  
 tudo, o que houesses mister.

*Pedern.* Va-se Senhor quebrado, que não  
 serve para marido inteiro.

*Mac.* Ora não te movem estes requebra-  
 dos amores?

*Pedern.* Senhor Macaco, va-se embora,  
 que já fede.

*Mac.* Não póde ser, que eu sou o teu  
 Macaquinho de cheiro. Mas já que el-  
 la me despreza por bem, quero ver se  
 a levo por mal. *à p.* Oh detavergonhada,  
 oh grandissima porcalhona.

*Pedern.* He bastante atrevimento! tome,  
 tome. *Dalbe.*

*Mac.* Ora graças a Deos, estava ahi sem  
 me dar nada. Não ha cousa como por  
 mal,

*Perseguido, e exaltado.* 73

mal: vejaõ logo como me deu pancadinhas de amor. *à part.* Ora vem cá minha esposa conforçia.

A R I A.

*Pedern.* Passa fóra Macaco,  
Ay, ay que me come!  
Se tu naõ es home,  
Naõ tenhas amor.  
Vay lá para o mato  
Buscar companhia;  
Eu sou cá bogia  
Para ter de ti dó? *Vaise.*

*Mac.* He forte disfarçar! Ella vay como hum rayo, mas todo aquelle fuzilar vem a dar em calmaria: digo isto, porque já me calmou. Aquelles enfados he o mesmo que *reñir para mas querer.* Vou dar os agradecimentos a Desenfado, por este passatempo. *Vaise.*

*Sabem Filinto, e Alicandro.*

*Alic.* Quem recusa hum amparo, justifica o rigor da sua sorte. Desesperaçãõ, e naõ valentia, Principe, he criminar o zelo, que a minha amizade tem conquistado ao vulgo.

*Filint.* Só a tolerancia desvanece o rigor do fado. *Alic.*

*Alic.* Sempre a ventura foi antipoda do merito; não fies pois, Senhor, na tua innocencia a tua vida.

*Filint.* Bem que afflicta a minha alma, não sente o rigor da injuria, quando conserva os timbres da constancia.

*Alic.* Sim; mas quando a plebe examina hum supplicio, sempre conjectura antecedente o aggravo.

*Filint.* Eu satisfaço-me com saber que innocente morro.

*Alic.* Pois ainda a pezar desse esforço, farey que as mais fieis esquadras te usurpem as violencias de teu injusto Pay.

*Filint.* Sim; mas essa piedade, he mais trição do que fineza.

## A R I A.

*Alic.* Se não pôdes contender  
Com o rigor do injusto fado,  
Não pretendas desgraçado  
Estorvar o meu valor.  
Ao furor de hum Pay tyranno  
Hey de opporme como amigo,  
E verás neste perigo  
Se he constante o meu amor.

*Vaise.*

*Sabe Adastro.*

*Adast.* Que vejo! tu estás só?

*Filint.*

*Perseguido, e exaltado.* 75

*Filint.* Enganaſ-te, que ſempre a deſventura he minha companheira.

*Adaſt.* Já eſtá ſegura a tua felicidade: brevemente ferá ElRey o nuncio deſta noticia.

*Filint.* Oh que infeliz ſou! Pois na tua preſença me ha de fallar ElRey.

*Adaſt.* Pois que querias, ſoberbo? Que os meus ouvidos não teſtemunhaſſem os teus enganos? Querias dever às tuas liſonjas o que nega a juſtiça à tua culpa?

*Filint.* He falſa a tua idéa, que não ſabe ter pejo quem vive izento de ter commettido o aggravado. A dor, que tenho de verte, he conſiderar, que o teu fanguê ha de ficar deſluzido com a minha nota.

*Adaſt.* Pouco ſinto eſſa pena, quando ella ha de ſer a coroa do meu merecimento, e o merito da tua Coroa.

*Sabem ElRey, e Irene, a qual fica ao baſtidor.*

*Rey.* Vigia, Carpio, a entrada deſta eſtancia, e neſſa mais proxima eſcúte Eſtella os meus decretos.

*Iren.* Já te obedeco. *retira-se ao baſtidor.*

*Rey.* Adaſtro, parte deſte ſitio.

*Adaſt.* Que me auſente? E quem no meu retiro ferá parte da minha razaõ?

*Rey.*

*Rey.* Eu a defendo.

*Filint.* Fique, se quizer.

*Rey.* Não, contigo quero estar sómente.

*Adast.* E fias-te, Senhor, da sua companhia?

*Rey.* Cumpre o que te ordeno, e cala-te.

*Adast.* Já te obedeco. Oh como temo que Filinto me entregue. *à part. e vaíse.*

*Rey.* Filinto, toma assento, e ouve-me. Juiz, ou Pay venho à tua presença: se Pay me estimas, verás aonde chega o meu affecto; e se Juiz me intentas, executarey contigo o meu decoro.

*Filint.* Não te temo Juiz, e Pay te idolatro. *assentaõ-se.*

*Rey.* Posso esperar da tua obediencia desempenhos a hum meu decreto?

*Filint.* Eu to prometto.

*Rey.* Pois em quanto fallo, attenda o teu silencio.

*Iren.* Que dirá? *à parte.*

*Rey.* Filinto, de mil crimes as minhas evidencias sabem, que tens sido author. A obediencia negaste a hum juramento: hum papel me entregáraõ, que me avisa de huma traiçaõ, e no tempo em que a perplexidade me não dissolvía a duvida, te vi no meu quarto occulto. Que mais indicio? O mesmo Adastro me disse que tu. .... *Filint.*

*Perseguido, e exaltado.* 77

*Filint.* E julgas ser verdade.....

*Rey.* Satisfaze à promessa, ouve-me, e calla.

*Iren.* Infeliz Principe! *à part.*

*Rey.* Simulacro es das queixas de Adastro; a Estella pretendes, e ameaças; a Carpio quasi aos meus olhos quizeste dar a morte: tudo te accuza, e por mais que os vassallos rebeldes.....

*Filint.* Vê, Senhor, que são falsos.....

*Rey.* Ouve-me, e calla-te. Vê pois quantos ultrajes me tens feito, e quantas obrigações me cercaõ para o teu castigo; mas trocando em amor a ira, te perdo-o, e nos meus braços te rogo, que confesses o traidor. Não procura hum Pay offendido outra satisfação mais que fê, e arrependimento.

*Iren.* Suspenso está Filinto: oh queiraõ os Deoses, que não declare os meus intentos. *à part.*

*Filint.* Fallar não posso!

*Rey.* Se o temes pela vida do reo, eu lhe perdo-o, e seja a minha mão o abono da minha palavra. *Daõ as mãos.*

*Iren.* Ay de mim, que temo se declare!

*à parte.*

*Filint.* Pois Senhor, com esse seguro direy.....

*Sabe*

*Sabe Irene.*

*Iren.* Senhor, esqueces-te de que espera Estella as tuas resoluções?

*Filint.* Oh Deoses! *à parte.*

*Rey.* Não: bem me lembra; ausenta-te.

*Iren.* E no entanto que direy?

*Rey.* Dize o que quizeres.

*Iren.* Já te obedeco. Perfido, não falles.

*à part. para Filint. e retira-se.*

*Filint.* Oh quanto comigo he cruel Irene!

*à parte.*

*Rey.* Dize pois, reconcilia em mim aquellos affectos, que a offensa tinha sepultados: explica-te: porém de que te turbas?

*Filint.* Piedosos Ceos! *à parte.*

*Rey.* Já te penetro: não póde resistir o affecto ao nome de Estella: tambem satisfarey a esse dezejo com a sua posse: bem sey que a adoro, mas será a resistencia propria imagem de Alexandre na mais rica oblação de huma Campaspe: tua esposa será Estella.

*Filint.* Ao dizerte o reo tal vez que tu não creyas. . . .

*Sabe Irene.*

*Iren.* Senhor, importuna Estella queria entrar

*Perseguido; e exaltado.* 79

entrar nella habitaçãõ, e por obstarlhe o intento, fiz que se retirasse.

*Rey.* E ausentou-se?

*Iren.* Sim Senhor.

*Rey.* Apressa-te, e procura obviarlhe os passos.

*Iren.* Calla-te perjuro. *para Filint. Vaise.*

*Rey.* Falla, pois já Estella he tua, e tudo o que intentares: ainda te suspendes duvidoso?

*Filint.* A Estella aborreço, e fallar não posso.

*Rey.* Pois tyranno, morrerás infame, como viveste falso. Que mais queres de mim? O throno? a esposa? o perdaõ? nada te move? Mas já sey, que sómente aspiras à execuçãõ do voto que fizeste: a minha morte queres; aqui tens o meu peito; traspassa-mo tyranno, pois sem defença o exponho às tuas iras.

*Sabe Irene.*

*Iren.* Como sem defença? se o meu braço ha de ser muro, que se expõha aos damnos?

*Rey.* Parte a conduzir Estella.

*Iren.* Já te obedeco. *Vaise.*

*Filint.* Senhor, se a Estella adoro, permitta o Ceo.....

*Rey.*

*Rey.* Suspende, perjuro, os eccos.

*Sabem Irene, e Estella.*

*Estel.* Aqui me tens, Senhor, subordinada ao teu preceito.

*Rey.* Filinto escuta: esta he a ultima vez, que a minha piedade te offerece, ou a conservaçã, ou a ruina: se o reo declarar, Estella, e o meu throno serã premios, que te satisfaçã; e se ainda o encobres, o carcere, e a morte serã cattigos da tua pertinacia. Eu me retiro, porque o meu respeito não prenda as tuas vozes: a Carpio o diz. Não desprezes a minha resoluçã; vê que te quer com vida, quem com desengano te falla.

*Filint.* Ay infeliz! Irresoluto me vejo. *à p.*

A R I A A 4.

*Rey.* O que negas, filho ingrato,  
Faz que eu creya que es traidor.

*Filint.* Se a traicã não te recato,  
Ser não posso o aggressor.

*Estel.* Dize o reo, porque se saiba,  
Que da culpa livre estás.

*Iren.* Falla, dize-nos qual seja  
O traidor, que o crime faz.

*Filint.* Oh Deoses, quem me condemna,  
O meu mesmo amor ferá;

Pois

*Perseguido, e exaltado.* 81

Pois se o digo, he dura pena,  
E se o callo, he forte mal.

*Rey.* Barbaro, traidor inhumano.

*Estel. e Iren.* Comtigo cruel serás.

*Filint.* Deixaime, crueis tyrannos,  
Deixaime já respirar.

*Todos.* Oh Deoses, e que tormento

*Rey.* }  
*Estel. Filint.* } fomenta { na ira }  
*Iren.* } { no peito } a dor!  
                  } { do zelo }

*Rey.* Resolve, infiel perjuro,  
Meu furor defenganar.

*Estel.* Attende do Pay a queixa,  
E socega-lhe o seu mal.

*Iren.* Se o traidor lhe não revellas  
Tu sem duvida o serás.

*Filint.* Para que, forte inimiga,  
Quiz a vida dilatar?

*Todos.* Oh que pena na alma sinto  
Com taõ perfido furor!

*Vaise ElRey.*

*Iren.* Venturosos amantes! Oh quanto o  
meu affecto estima os vossos jubilos! Em  
zelos ardo. *à parte.*

*Filint.* Ainda te burlas da minha pena?

*Estel.* Parece que irresoluto vacilla? *à part!*

*Iren.* Falla: agora emmudeces?

*Filint.* Oh Deoses! Deixa-me.

Tom. IV.

F

*Iren.*

*Iren.* ElRey me destinou para o exame da tua escolha, ou a Estella, ou a prizaõ.

*Estel.* Resolve pois no que determinas.

*Filint.* Carpio resolva: a minha vontade ha muito que he já sua: seguirey os ditames da sua resoluçaõ.

*Iren.* Ah falso, como de mim te vingas!  
*à parte.* Vê, Principe, que eu não sey...

*Filint.* Mais do que atormentarme. *Vaise.*

*Iren.* Deoses, que lhe direy? *à part.*

*Estel.* Dos teus labios está pendente toda a minha gloria.

*Iren.* Eu julgo, que Filinto, sem algum reparo aceitaria o teu conforcio.

*Estel.* Grande fora a ventura, se o meu amor o conseguira.

*Iren.* E tu o adoras?

*Estel.* Amante o idolatro.

*Iren.* E ó pretendes esposo?

*Estel.* Quando a tua fineza mo confirme.

*Iren.* Pois he frustrada a tua esperança.

*Estel.* Porque?

*Iren.* Valerme-hey deste engano para não perder a Filinto. *à parte.* Posso, Senhora, communicarte hum segredo?

*Estel.* Declara-o sem receyo.

*Iren.* Pois sabe (perdoa-me o arrojõ) que amante te idolatro.

*Estel.* A mim? que dizes?

*Iren.*

*Perseguido, e exaltado* 83

*Iren.* Sim Senhora, que fora descredito das luzes o não communicar incendios.

*Estel.* E dize-me, Carpio, que incentivo te obrigou a tanto excessso?

*Iren.* A gloria de adorarte, nasceo em mim de verte.

*Estel.* Pois só de verme chegaste a idolatrar-me?

*Iren.* Sim Senhora, que a tua vista, e a tua formosura não podem conceder demoras à idolatria.

*Estel.* Em fim verme, e adorarme tudo foy ao mesmo instante?

*Iren.* Pouco prazo precisa amor para os triunfos, se com armas de fogo só executa os tiros. Ora attende.

S O N E T O.

Dá morte o Basilisco, cega o rayo;  
Este na vista, aquelle nos ardores;  
Hum dispende dos olhos os rigores,  
Outro faz do rigor na vista ensayo.  
Para acabar da vida o verde mayo  
Qualquer tempo he bastante a seus fu-  
rores,  
Pois hum, n'um abrir de olhos, nos ful-  
gores  
Outro, tudo reduzem a desmayo.

F ij

Basil

Basilisco he amor, porque da vista  
 Me resulta o estrago, a que me entrego;  
 He rayo, porque cega quanto avista:  
 E se exemplo es de amor, querido emprego,  
 Foi preciso ficar em tal conquista  
 Morto a teus olhos, e a teus rayos cego.

*Estel.* E para que até agora callaste esse affecto?

*Iren.* Porque o respeito foi remora das minhas vozes.

*Estel.* Estimo essa fineza, mas já não posso corresponder aos teus extremos.

*Iren.* Para que, tyranna homicida, me alentas na estimação da minha fineza, se a morte me dás tambem no desengano?

*Estel.* Carpio, repara que Filinto confiou da tua fé o reparo à sua vida, e assim....

*Iren.* Em vão intentas, que não sou tão barbaro, que haja de ser verdugo do meu proprio gosto.

*Estel.* Considera, que a Filinto matas, se o contrario intentas.

*Iren.* He tutelar o Ceo, das innocencias.

*Estel.* Pois em vão procuras na minha constancia mudança para os teus affectos.

*Iren.* E que te move a tanta tyrannia?

*Estel.* Essa cruel sentença, que relatas.

*Iren.* Paciencia.

*Estel.*

*Perseguido, e exaltado.* 85

*Estel.* Sempre serás o objecto dos meus odios.

*Iren.* Terey ao menos na tua companhia hum refrigerio.

R E C I T A D O.

Ay de mim infeliz!

Na luta de amor, e odio vivo confusa:  
Se o odio me incita à morte de Policrates,  
O ser do meu Filinto Pay me embaraça  
as acções

Amo a Filinto, e me arrependo do perigo  
Que lhe causo; Deoses valeime  
Em tanta multidaõ de penas.

A R I A A D U O.

*Estel.* Ingrato, não me negues  
O bem, que tanto adoro.

*Iren.* As lagrimas, que choro,  
Tyranna não desprezes.

*Estel.* Pois falso }  
*Iren.* Pois firme } o meu peito

*Ambos* Cruel acharás

*Iren.* Ay doce homicida,  
Suspende a esquivança.

*Estel.* Se perco a esperança,  
A vida aborreço.

*Ambos* Quê a vida sem gloria  
He duro penar.

*Vão-se.*  
ACTO

## ACTO III.

## SCENA I.

*Jardim. Sabem Macaco , e Desenfado.*

*Des.* O Ra Senhor, dê-me noticia das suas fortunas.

*Mac.* Ay meu amigo, deixe beijarlhe os pés em agradecimento do seu favor.

*Des.* Pois entãõ o que lhe succedeo?

*Mac.* O que havia de ser? Começou a Senhora Pederneira a fazerse grave ao principio; mas ao depois foi dando de si.

*Des.* Pois fez-lhe algum favor?

*Mac.* Sim Senhor, fez-me a fineza de me dar dous murros. Olhe aquillo he que he dar de veras, tudo o mais he graça.

*Des.* Grande honra! E como ficaria v.m. contente!

*Mac.* Olá, pois naõ? bastava-me ser coufa da sua maõ.

*Des.* Sim, que *manos blancas nõ offendem.*  
Ora sempre he bem tolo o tal Macaco!

*à parte.*

*Mac.* Ora diga-me: ella tem-lhe fallado em mim?

*Des.*

*Perseguido, e exaltado.* 87

*Des.* Isso a todo o instante; hoje me deu ella os agradecimentos de lhe dar taõ bom noivo.

*Mac.* Isso he lisonja.

*Des.* Naõ, naõ he.

*Mac.* Pois parecia-me: mas já vejo que tudo mereço.

*Des.* Tambem me disse, que morria por v. m. Olhe, sabe agora o que ha de fazer? he desprezalla, e naõ lhe dizer finezas, e verá como ella se desfaz toda em amores.

*Mac.* De veras? Oh meu Desenfado, de veras? Isso he verdade? Ora v. m. saberá, como eu me faço grave.

*Des.* Em ordem a que me naõ persiga a pequena, e ainda que ella já esteja bem comigo pelos trastes que lhe dey, com tudo mulheres saõ muito arriscadas. *à p.*

*Mac.* Ainda naõ posso crer, que Pederneira estalla por mim.

*Des.* Sim: mas tu naõ te livras de alguns estouros. *à part.*

*Mac.* Ora adeos, que me naõ posso deter: veja se lhe presto para alguma cousa, e naõ me poupe: bem sabe. . . . mas adeos. *Vaise.*

*Des.* Bem sey que he hum asno. Ora vamos ver se o Senhor meu Amo pedio já

já a ElRey a minha Pederneira, que esta noite faço tenção de a render; parece-me que a estou vendo feita minha marida &c. &c. *Vaise.*

*Sabem ElRey, e Alicandro.*

*Rey.* Naõ, naõ quero que morra; dilatado privilegio lhe tem concedido a natureza.

*Alic.* Senhor, quem te segura, que o Povo alterado naõ procure ao depois punir a tua inclemencia na morte de Filinto?

*Rey.* Procura tu foccegar o vulgo com a tua presença, mas seja dividida dos hom-bros a cabeça.

*Alic.* Vê, Senhor, se encontra a tua piedade outro remedio.

*Rey.* Outro naõ ha.

*Alic.* Pois Senhor, eu devo. . . .

*Rey.* Obedecerme: parte; que he à minha vida precisa a sua morte.

*Alic.* Penando hirey cumprir os teus preceitos; mas em fim obedecerey aos teus decretos. Bem sey, que a Filinto adoro; mas tambem considero, que sou teu vassallo. Hirey conservarlhe a vida. *à part.* O Ceo te guarde. *Vaise.*

*Rey.* Ay infeliz de mim! E quantos assaltos

*Perseguido, e exaltado.* 89

tos ferem meu triste peito! Em quanto a doce paz me sustentava o Reino, tudo era gloria; mas quando para reparo do meu susto ha de preceder de hum filho o estrago, tudo he martyrio; e.... mas as lagrimas, e a pena me usurpaõ as potencias para o acordo.

*Com o lenço nos olhos.*

*Sabem Estella, e Pederneira.*

*Estel.* Rey, e Senhor, que fazes? Em que te dilatas que ao tumulto não corres? A plebe toda ao Palacio sobe, e pelo seu Principe Filinto exclama.

*Pedern.* Ay Senhora, deixa-o affoar primeiro.

*Rey.* Não terá muita demora o despacho às suas petições; sem dilação lho entregarey, mas sem alentos: de hum vassallo amigo a sua morte ficy, e julgo, que já agora a sua obediencia terá desempenhado as minhas ordens.

*Estel.* Deoses, que ouço! Senhor, o que fizeste?

*Rey.* Vingiar a Magestade, e o teu repudio.

*Pedern.* Logo a mim me cheirou a luto, quando vi a ElRey com choradeiras. *à p.*

*Estel.* Ay infeliz! *à part.* Senhor, revoga os teus decretos: Filinto não te offende:

de: o meu engano, Senhor, he quem te ultraja.

*Rey.* Que dizes!

*Estel.* Eu, Senhor, sou quem a Filinto amava; e por sentir que os seus reputios nascião do teu respeito, commo-vida da injuria de deixarme, quiz impor ao seu peito o meu delicto.

*Rey.* Que dizes? Tambem tu es traidora?

*Estel.* Eu sou, Senhor, quem mercede o castigo da tua indignaçãõ: obre na maldade o poder, naõ na innocencia: morra Estella, porque Filinto viva.

*Pedern.* Ora viva, e reviva. *à part.*

*Rey.* Pois naõ he culpa o solcito deivêlo de matarme? Naõ he culpa o pretenderte, quando sabe que eu vivo de adorar-te? Morrerá ainda a pezar dessa picdade.

*Estel.* Senhor, suspende as iras: olha que a hum pensamento he grande reconpenfa a vida de Filinto; e se aos meus rogos naõ cedes os furores, ficarey confirmando por adulacãõ os teus affectos.

*Rey.* Como adular-te quem só fazia timbre de quererte? Em doce hymenêo pretendia elevarte ao throno; mas já que tambem es infiel, castigarey no meu vencimento as tuas tyrannias.

*Pedern.*

*Perseguido, e exaltado.* 91

*Pedern.* Estou tremendo, que se enfade  
comigo. *à parte.*

*Estel.* Movaõ-te, Senhor, as minhas sup-  
plicas.

*Rey.* Parte, Estella, que augmentas nes-  
ses rogos mais incentivos para os seus  
estragos.

*Pedern.* Olhe o negro aquelle! *à parte.*

A R I A.

*Estel.* Se a Tigre hircana  
Vê que lhe morre  
O filho amado,  
Ligeira corre  
A defendello  
Do caçador.  
Mas tu violento,  
Barbaro exangue  
Só no teu sangue  
He que executas  
O teu furor. *Vaise e Pedern.*

*Rey.* Piedosos Ceos, como permittis tan-  
tos ultrajes!

*Sabem Irene, e Desenfado.*

*Des.* Ou Pederneira; ou digo, que tu es  
mulher.

*Iren.* Calla-te infame. *para Des.* Senhor,  
naõ

naõ te dilates: corre diligente a satisfazer o Povo na entrega de Filinto, a cujo empenho correm innumeraveis turbas aclamando a sua vida em tumultuosos eccos.

*Des.* Isso naõ he o que nos importa: pois entaõ? declaro, ou pede Pederneira para mim.

*a Iren.*

*Iren.* Ha mayor desesperaçãõ!

*à part.*

*Rey.* Tanto amparo o soccorre? Pois se por hum breve espaço domar a sua furia, pouco sentirey os seus atrevimentos.

*Iren.* Porque?

*Des.* Vamos a isto?

*a Iren.*

*Rey.* Porque já entreguey a incumbencia da sua morte ao braço de Alicandro.

*Iren.* Que dizes? Ay infeliz! Revoga, (oh Deoses) revoga, Senhor, esse decreto, que eu ferey o feliz nuncio dessa piedade.

*Rey.* Em mim a naõ solicites, que ja me serve o seu damno para o meu seguro.

*Des.* Palavra de Rey naõ torna a traz.

*Iren.* Como, Soberano Monarca, queres em hum só instante offuscar tanto applauso à tua fama? Melhor lustre he, Senhor, a piedade do que a tyrannia. Mudar em venturas as felicidades, ostentaçãõ he só de soberania; pois no que se faz,

*Perseguido, e exaltado.* 93

faz, se indica o que póde. Mayor aplauso conseguiu Tito na piedade, que Nero na inclemencia. Vê pois Senhor...

*Rey.* Que Filinto he traidor.

*Des.* Que meu Amo he mulher. *à part.*

*Iren.* Mas considera, que Filinto he aquele amado filho, a quem a tua Coroa confessã tantos lauros: vê, que da tua alma he generosa prenda; não tires inadvertido ao teu Imperio a melhor coluna.

*Des.* Tambem tu es muito bom varaõ. *à p.*

*Iren.* Vê Senhor. ....

*Rey.* Calla-te, Carpio: ay de mim!

*Des.* Ora pede-lhe já a Pederneira.

*Iren.* Como permittes, que o mundo te afronte de tyranno? Ay, não sey como a pena me não mata! *à parte.*

*Des.* Isso he o que te eu digo? Pois agora verás. Senhor. ....

*Iren.* Ay de mim, que este infame me entrega! *à part.*

*Rey.* Que dizes?

*Des.* Saiba Vossa Magestade.

*Iren.* Ay de mim! Defensado, calla-te, que eu te faço o que queres. Logo perderás a vida. *à part.*

*Des.* Pois entãõ acabemos; fenaõ. ....

*Rey.* Que dizias?

*Des.* Isso que agora lhe dirá meu Amo.

*Iren.*

*Iren.* Rey, e Senhor, se a fé que te confagro, póde servir de merito. . . .

*Def.* Forte empenho! ElRey não tem mais remedio, que dar-me a Pederneira. *à p.*

*Iren.* Esta te empenho na vida de Filinto: vou (resolve Senhor) a dilatar-lhe a vida?

*Rey.* Sim, Carpio, apressa-te a embarcar-lhe a morte.

*Def.* E Pederneira onde fica, Senhora minha Ama?

*Rey.* Que diz esse Criado? Porém Alicandro! oh Deoses!

*Iren.* Ah que o aspecto lhe vejo demudado.

*Sabe Alicandro.*

*Def.* Aqui vem o Sabastiaõ do Principe, e cedo será o Carrasco de minha Ama.

*Iren.* Vive o Principe? *a Alicand.*

*Alic.* Espolio he já da morte.

*Def.* Rezem-lhe hum minuete pela alma. *à parte.*

*Rey.* Ah filho amado!

*Iren.* Ah infausto Filinto!

*Alic.* Ao primeiro golpe rendeo aquella generosa vida, e quasi nos ultimos paracismos balbuciente articulou estas ultimas vozes: *Vay, e a meu Pay defende;* e ao profeguir lhe embargou as vozes o mortal delmayo.

*Def.*

*Perseguido, e exaltado.* 95

*Des.* Tomára eu a alva para firoulas. *à p.*

*Rey.* Ay infeliz! Querido Carpio, socorre-me em tanta magoa.

*Iren.* Tu barbaro, tu impio, lamentas a sua morte? A quem acumulas as queixas, se tu foste o author da culpa? Vay, tyranno, e em quanto palpita intercadente aquelle coração, lho arranca. Que te demora, monstro das tyrannias? mais cruel que o mesmo Aleto, e mais barbaro ainda que Megera?

*Des.* É minha Ama parece-me na furia Tafunize. *à part.*

*Rey.* Dessa forte se atreve ao meu decoro, Carpio? Enlouqueceo, ou dissimula com os fingimentos?

*Iren.* Não finjo, tyranno: até agora he que disfarcey, por ter a gloria de matarte.

*Rey.* Em que te offendeo Policrates?

*Iren.* Ignoras os motivos? Pois sabe, que ao meu bem mataste.

*Des.* Bem morto. *à part.*

*Iren.* E que a meu infeliz Pay a morte deste, hum Reino adquiriste, e em mim huma inimiga grangeaste. Sabe que sou Irene, que o teu estrago disfarçada busco.

*Rey.* Que escuto! *à parte.*

*Alic.* Raro successo! *à parte.*

*Des.*

*Def.* Pois que vay? Agora fico eu sem Pedreira, e sem me poder vingar. Valla-te o diabo Defendido de hum dardo naõ podias tu ter ganhado as alviçaras

*Rey.* Já descifro as cautellas, que Filinto intimava à minha repugnancia. *à parte*

*Iren.* E para que seja mayor o teu tormento; sabe que Filinto só procurava a defença à tua vida; elle te deu naquelle papel o aviso dos meus intentos; morreu innocente, e tu ficaste sem reparo às minhas iras.

*Rey.* Louco estou!

*Def.* Naõ he porque deixasse de ser bem avisado. *à parte.*

*Rey.* Olá da minha guarda, esta soberba levay da minha vista: e tu Alicandro....

*Alic.* Já te entendo. Irene rende-me essa espada.

*Sabem guardas.*

*Iren.* Esta he, Alicandro. E tu, barbaro, muito te enganas, se atemorizarme intentas.

*Def.* Antes que me mandem enforcar, vou pedir o perdaõ a ElRey. *à parte.* Senhor.....

*Rey.* Quem es tu?

*Def.*

*Perseguido, e exaltado.* 97

*Des.* Sou Criado da transfigurada Irene, que. . . .

*Rey.* Pois seja tambem levado para o carcere, donde sahirá a pagar no supplicio a sua traição.

*Des.* Ah que d'ElRey, que sou mulher, e não quero hir lá para a enxovia.

*Alic.* Que dizes? Tu tambem não es homem?

*Des.* Pois não vê como sou maricas, que tenho medo da morte?

*Alic.* Pois quem es?

*Des.* Eu sou a constante Florinda, que ando disfarçada; e mais mande-me examinar, se duvida disto.

*Rey.* Retiraivos da minha presença, que me desgosta a sua companhia.

*Iren.* Para vingarme de que vivas triste, basta-me o teu delicto.

*Des.* E eu para vingarme de ti, basta-me a tua morte.

A R I A.

*Iren.* Como podeste, oh Deoses!

Ingrato, vil, traidor. . .

Mas ah, que a culpa he minha!

Sinto gelarme o fangue

No peito a forte dor.

Tom. IV.

G

Porque

Porque feriste hum peito,  
Sem culpa, infiel, porque?  
Ah que o meu delicto he  
Causa do teu furor!

*Vão-se Irene, Desenfado, e os guardas.*

*Rey.* Ay de mim! Aonde estou, que não  
sou da minha vida tragico despojo?

*Alic.* Socega-te, Senhor, e agora empenha sómente o teu cuidado na quietação do teu Imperio.

*Rey.* Os descanços desprézo, e só furioso a morte sollicito. Ay amado filho! *Vaise.*

*Alic.* Olá guardas, trazey à minha presença esses prisioneiros. Piedosos Ceas, seccorrey os meus intentos. *à part.* Retirai-vos.

*Sabem os guardas, Irene, e Desenfado.*

*Iren.* Que pretendes, barbaro Ministro do mais impio Rey?

*Desf.* Está já feita a forca?

*Alic.* Não te alteres, e sabe, illustre Princeza, que o teu Filinto não está morto.

*Iren.* Que dizes Alicandro?

*Alic.* A incumbencia de matallo accitey para defendello.

*Desf.* Certamente que não parece Criado.

*à parte.*

*Iren.*

*Perseguido, e exaltado.* 99

*Iren.* E para que occultaste essa fineza a ElRey, se o seu arrependimento te desculpava a desobediencia?

*Alic.* Não sey se aquella piedade seria fingimento.

*Des.* Bella occasião tenho para me livrar!  
*à parte.* Pois, Senhor Alicandro, ou me solte, ou conto a ElRey todas essas arengas.

*Iren.* Profegues em outra teima? Callate, ou te matarey.

*Des.* Mate-me, se puder, porque eu estou obrigado a acudir primeiro à minha vida, do que à minha morte.

*Alic.* Já estás livre: ausenta-te, e faze com que ElRey te não veja.

*Des.* Aceito: adeos meus Senhores. *Vaise.*

*Iren.* E dize-me, Alicandro, aonde está Filinto?

*Alic.* Ainda ignorante da minha fé, vive no carcere esperando a sua morte.

*Iren.* Pois ainda o não livraste?

*Alic.* Como está seguro, ando congraçando os affectos do Povo para o subir ao Solio.

*Iren.* Vamos pois.... Mas ahi vem Adastro!

*Alic.* Pois eu me ausento; procura tu saber os seus intentos para segurarmos os nossos designios: fia-te de mim, e não temas. *Vaise.*      G ii      *Sabe*

*Sabe Adastro.*

*Iren.* Fico segura: dissimula coraçãõ. *à p.*  
Senhor, que te molesta? de que estás triste?

*Adast.* Se tudo neste Palacio he confusaõ, queres que me alegre, Carpio?

*Iren.* Ainda não sabe que sou Irene. *à part.*  
Pois, Senhor, que esperas, que não vamos oppornos ao tumulto desses rebeldes?

*Adast.* Outro soccorro pede o meu perigo: Filinto vou buscar.

*Iren.* Examinarey as suas idéas. *à part.* Senhor, a hum aggressor de tanto insulto pretendes libertar?

*Adast.* Não: vou procurallo para darlhe a morte.

*Iren.* Apurarey a sua traiçãõ. *à parte.* Pois tu não sabes, que Filinto he já morto?

*Adast.* Que dizes? e porque braço?

*Iren.* Não sey: confusa chegou esta notícia aos meus ouvidos.

*Adast.* Ou vivo, ou morto, importa-me achar a Filinto.

*Iren.* Eu serey hum executor dessa diligencia. Ah falso como te penetro.

*à part. e vai se.*

*Adast.* Se Filinto me embaraça os passos para o throno, morra: he tyrannia, porém

*Perseguido, e exaltado.* 101

rém he necessario à minha conveniencia.

*Vaise.*

*Sabe Pederneira com hum caixa, na qual  
traz vários trastes.*

*Pedern.* Ora já o Senhor Desenfado se esportolou com os trastes, que lhe pedi: agora se eu tivesse outro a quem facar alguma tolá, não era máo. Ora vamos vendo o que vem na tal caixinha: cá vem as meyas, e hum leque, e he da moda: agora sim, que com isto ferey o chefe da francezia.

*Tira da caixa hum leque da moda, e abanane se canta o seguinte*

M I N U E T E.

Ay que ventura  
Logro ditosa!  
Chinella bordada,  
E meya encarnada!  
Com leque da moda!  
Muy frança hey de ser.  
Sinaes na carinha!  
Com tantos caprichos  
Que bichos, que bichos,  
Me haõ de fazer!

Mas cá vem Macaco, fingirme-hey  
muito

muito sua amiga, por ver se cahe na corriola.

*Sabo Macaco.*

*Mac.* Oh cá está Pederneira! Como sey que me quer bem, fingirme-hey muito grave, que assim me ensinou Desenfado.

*à parte.*

*Pedern.* Meu riquinho Macaco.

*Mac.* Ella comigo; quero fazerlhe hum desprezo amante. *à parte.* Arre para lá, não seja tola.

*a Ped.*

*Pedern.* He bem salvage! Mas vamos à nossa conveniencia. *à parte.* Que tens contra mim? que te fiz eu, meu Macaquinho?

*com caricias para Macaco.*

*Mac.* Não foi máo o desdem; proseguirey na mesma fórma. Ah Senhores, muito devo àquelle Desenfado! Tambem se elle me não contasse tudo, cahia eu agora como hum tolo. *à parte.*

*Pedern.* Não respondes à tua Pederneira, que tanto te quer?

*Mac.* Pois que vay! Ah Senhores, muito devo a Desenfado. *à parte.* Já lhe disse, que não fosse tola.

*a Ped.*

*Pedern.* Elle está impertinente, mas hey de lograllo. *à parte.* Pois estás mal comigo, meu Macaquinho?

*Mac.*

*Perseguido, e exaltado* 103

*Mac.* Ella esta-se desfazendo por instantes; mas a quem não renderão estes meus dengues? Quero-lhe fazer huma meiguice, dando-lhe hum bofetao. *à part.* Para que não seja impertinente, tome, tome. *Dalhe.*

*Pedern.* Oh insolente, oh defavergonhado, calle-se, que vossé mo pagará. *Quer birse.*

*Mac.* Venha cá, que estes melindres foram para que vossé visse, que lhe quero a darlhe com hum páo.

*Pedern.* Va-se embora, que o não quero ver mais.

*Mac.* Pois entao vem cá, que eu te botarey os olhos fóra.

*Pedern.* Só se vossé me der o que lhe pedir.

*Mac.* Sim: pede, pede.

*Pedern.* Promette não faltar?

*Mac.* Se eu faltar, eu chegue a ser teu marido.

*Pedern.* Deme cá a sua maõ.

*Mac.* Pois para isso estavas com vergonha? Ah Senhores muito devo a Desenfado, e vejaõ a brevidade com que fez que me dèsse a maõ. *à parte.* Ora aqui está a minha maõ.

*Pedern.* Pois quero que vossé me compre hum afogador.

*Mac.*

*Mac.* Uy, para isso aqui estou eu, que sou notavel para Carrasco. Mas como nós já estamos cazados. ....

*Pedern.* Que diz cazados?

*Mac.* Sim; porque, nós não demos as mãos?

*Pedern.* Ora he bem tolo; mas seguirey a sua asneira. *à parte.* Ah sim, não me lembrava.

*Mac.* Ora pois, eu o que quero he muita fizudeza; e dize-me, queres o affogador do pescoço, ou da garganta?

*Pedern.* Do pescoço; porque, não he tudo o mesmo?

*Mac.* Não, que ha huns da garganta, outros do collo.

*Pedern.* Pois traga o que lhe parecer.

*Mac.* Em quanto ao meu parecer, o melhor era não trazer nenhum; mas por lhe fazer o gosto, eu vou buscallo: fer-me muito fizuda, senaõ. ... Ora adeos.

*Quer birse.*

*Sabe Defensado.*

*Def.* Por onde andarã Pederneira? Mas oh, ella cá está com Macaco. Ay que isto me não cheira bem. *à part.*

*Pedern.* Importa-me disfarçar, por não perder o affogador. *à part.*

*Mac.*

*Perseguido, e exaltado.* 105

*Mac.* Oh meu amigo, só vossê sabe ensinar: ella começou com muitos amores, eu dey-lhe hum bofetaõ, ella reguin-gou, eu chamey-a, ella retrocedeo, e agora estamos muito amiguinhos. *a Des.*

*Des.* Ay, eu estou perdido! Oh menina, v. m. não me conhece?

*Pedern.* Eu só para o servir.

*Mac.* Olhem aquelle proposito: como he já mulher, vejaõ o respeito, que me tem. *à parte.* Ah Senhor Defenfado?

*Des.* Deixe-me so tolo. *Dalbe.*

*Mac.* Irra Senhor Defenfado.

*Des.* Arre meu Macaco. *aos murros.*

*Pedern.* Vou-me esgueirando, antes que aquelles carolos me venhaõ dar na cabeça. *Vaise.*

*Mac.* Ah que d'ElRey, que me mataõ.

*Des.* Que he de Pederneira? Esgueirou-se?

*Olhando para todas as partes.*

*Mac.* Olhe, olhe, ella alli está. Agora marchou, já que me tocáraõ a caixa. *Vaise.*

*Des.* Espere maganaõ: foy-se? calle-se que eu o apanharey às unhas, e a maganeta já se não lembra do que lhe dey? Pois tome.

ARIA.

## A R I A.

*Des.* Eu feito Bezerro!  
 Arre meu Macaco,  
 Não cabe no sacco  
 Já tanto aturar.  
 A gente em me vendo  
 De medo tremendo,  
 Julgando-me touro  
 De mim fugirá.  
 A moça he velhaca,  
 E em meu defabono  
 Pregando-me o mono,  
 Hum touro me faz. *Vaise.*

## S C E N A II.

*Carcere, no qual estará Filinto, e Irene ao bastidor sem espada.*

*Iren.* NÃo mentio Alicandro, quando a este fitio os passos me encaminha: ainda o meu bem vive sem danos; brevemente com a vinda de Alicandro ficará sem sustos. *à parte.*

## R E C I T A D O.

*Filint.* Injustos Deoses,  
 Desesperado me tem as vossas iras:  
 De

*Perseguido, e exaltado.* 107

De que me serve o não ter culpa?  
Assim peza Astrea na balança  
As injustiças?  
Sem duvida consegue a innocencia  
Os mesmos effeitos, que o delicto.

*Iren.* Para evitar as traições de Adastro,  
venho ver a Filinto, em quanto para o  
seu foccorro não chega Alicandro.

*à part. e sabe.*

*Filint.* Rigorosa Irene, ainda neste carce-  
re queres augmentar as tuas tyrannias?

*Iren.* Pois para que saibas quem he Irene...

*Sabe Adastro fallando para dentro.*

*Adast.* Não duvideis, Soldados, a minha  
entrada, que ElRey me envia.

*Iren.* Que vejo!

*Adast.* Carpio, tu aqui sem espada para a  
minha defenza?

*Iren.* Ao concederme faculdade os guardas,  
que de Alicandro são confidentes, não  
estivera sem essa prevenção para os teus  
auxilios.

*Filint.* Até neste lugar intentas, traidor,  
insultarme?

*Adast.* Suspende as vozes, ou te matarey.

*Puxa a espada.*

*Iren.* Ay de mim! *à part.* Senhor, vê que  
he

he diminuto castigo esse golpe para o seu merecimento; pois a morte que sente, suaviza na gloria do braço, que lha ameaça. Permite, que as minhas queixas satisfaçam às nossas vinganças: bem sabes, que Filinto procurou tirarme a vida, e assim me pertence a execução da sua morte.

*Filint.* Deoses, não basta de tormentos! *à p.*

*Iren.* Ay Alicandro, como te demoras! *à p.*

*Filint.* Tambem Carpio he traidor?

*Adast.* Calla-te, ou perderás a vida.

*Filint.* Dispara o golpe, infiel; usurpa-me com a morte tantos motivos para o meu tormento.

*Adast.* Morre tyranno. (*suspende-se*) Mas ay, que o valor me falta. *à parte.*

*Iren.* Soccorro, soberanos Deoses. *à part.*

*Filint.* Barbaro, que te suspende?

*Iren.* Muito tarda Alicandro. *à part.*

*Adast.* Não sey que razão me obriga a supportar as iras. *à parte.*

*Iren.* Senhor, em que vacillas? Dame essa espada, eu lhe arrancarey aquella falsa vida; eu só basto para terror de hum insolente.

*Adast.* Toma, Carpio, execute a tua vingança o que não podem conseguir as minhas acções.

*Dá a espada a Irene.*

*Iren.*

*Perseguido, e exaltado.* 109

*Iren.* Agora verás, traidor, se tens algum reparo.

*Filint.* Que intentas?

*Iren.* Meu bem, toma esta espada para a tua defença. *Dalbe a espada.*

*Adast.* Que fazes? Tu contra mim, Carpio?

*Iren.* Já não sou Carpio, agora sou Iren.

*Adast.* Pois, traidores, acudirão obedientes as guardas às minhas vozes, para castigar o vosso atrevimento. Olá.

*Filint.* Suspende os eccos, ou te matarey.

*Sabem Alicandro, e os guardas.*

*Alic.* Filinto?

*Adast.* Ah defende, Alicandro, o teu Principe.

*Alic.* A Filinto defendo. Senhor, vem com a tua presença satisfazer os alvoroços, com que te espera o vulgo: livre estás: aqui tens estes guardas para a tua defença, que eu me ausento a procurar mais realces à minha constancia. *Vaise.*

*Adast.* Piedosos Ceos, tudo te conjura contra a minha sorte.

*Iren.* Vem, amado bem, segue os meus passos, que ou hey de acabar a vida, ou levantarte ao folio.

*Filint.* He possível, querida prenda, que vejo na correspondencia da tua fidelidade

dade desvanecidos os temores da minha suspeita? Oh quanto me peza terte negado os creditos de firme.

*Iren.* E póde, Senhor, o teu receyo presumir infamias à minha fé constante?

*Filint.* Não me arguas, Senhora, desse delicto, quando só a minha desgraça formava essas conjecturas.

## A R I A.

Meu bem, não duvides  
 Da fé, que te guardo;  
 Porque Fenix ardo  
 Na pyra de amor.  
 Desterra o receyo,  
 Se chegas a ouvirme;  
 Vê bem que sou firme,  
 E deixa o temor.

*Vaise.*

*Adast.* Oh quanto me afronta o meu delicto! *à parte.* Sobe Senhor ao Throno, que o fado te destina, e satisfaze no meu peito as minhas ambiciosas culpas: aqui me exponho a receber sem resistencia o golpe.

*Filint.* Esta he a tua espada: accita-a, e vive; e nos meus braços te prometto esquecerme dos teus delictos.

*Dá*

*Perseguido, e exaltado.* III

*Dá Filinto a espada a Adastro, e depois de o abraçar vai-se com os guardas.*

*Adast.* Oh generoso peito! Vejaõ agora os meus intentos os defenganos: pouco importa a traiçaõ, quando a innocencia tem por Patrona dos Deoses a piedade.  
*Vai-se.*

S C E N A III.

*Perspectiva de Praça à vista de Palacio Real, com apparato magnifico para a coroaçaõ. Sabem alguns Soldados brigando com a guarda Real, a qual foge, e com ElRey, o qual cabindo, sabe Irene de mulher com hum punhal na maõ.*

*Rey.* **P** Erfidos, ainda naõ lograftes o vosso vencimento. *Cabe.*

*Iren.* Olá Soldados, deixay à minha ira a mais vingança.

*Quer ferir a ElRey, e sabe Filinto.*

*Filint.* Suspende-te, Senhora: Irene, que determinas? Pay, e Senhor, nada receyes, quando tens ao teu lado proximo a Filinto.

*Iren.* Impios Ceos, até agora me estorvais as iras?  
*à part.*  
*Rey.*

*Rey.* Que vejo! Filinto, he possível, que os meus olhos te vem sem damno?

*Filint.* Graças aos Ceos, que vivo para tua defenza.

*Rey.* E a quem devo a fineza da tua vida?

*Sabe Alicandro.*

*Alic.* Eu, Senhor, fuy quem seguindo as leys da minha amizade, faltey aos teus decretos; e se te agrava a innobediencia, a minha morte satisfará a culpa.

*Rey.* Que heroico delicto!

*Sabem Adasiro, Estella, e Pederneira.*

*Adast.* Pay.....

*Estel.* Senhor.....

*Adast.* Compassivo, ou justiceiro te rogo do indulto o perdaõ, ou da morte a pena.

*Estel.* Eu, Senhor, com a mesma supplica te peço o esquecimento da minha offensa.

*Mac.* Ay, ay, quem me acode! *Dentro.*

*Pedern.* Que gritaria será esta?

*Mac.* Ah que d'ElRey. *Dentro.*

*Sabem Macaco, e Desenfado aos murros.*

*Des.* Pois que cuida? que tudo he femea? Mas aqui está ElRey macho.

*Rey.* Suspendei-vos.

*Des.*

*Perseguido, e exaltado.* 113

*Des.* Aqui estamos todos suspensos.

*Mac.* Ay, ay, que me derreou o palayo!

He o que tem quem se mete com mulhe-  
res alheyas.

*Adast. e Estel.* Aos teus pés Senhor... ajoelhaõ.

*Rey.* Filinto, como aggravado, satisfará  
aos vossos rogos.

*Filint.* De tudo se esquece Filinto: e tu,  
Senhora, ou deixa o odio, ou perde-  
me o affecto.

*Iren.* Já não póde resistir o meu amor. A  
divista da generosa liberalidade, com que  
perdoas, quem haverá, que aos teus  
exemplos fuja? Já dá minha memoria a  
vingança excludo.

*Des.* Oh cá está já minha Ama sem cal-  
ções, e eu livre de me ver em calças  
pardas.

*Rey.* Para que o meu Throno configa a  
mayor gloria, sóbe Filinto, e no con-  
forcio de Irene teça Hymenéo taõ im-  
mortaes os laços, que nem a Parca pos-  
sa dividir com a separação as vossas almas.

*Filint. e Iren.* Que ventura! *Daõ as mãos.*

*Rey.* E tu, Adastro, dá a mão de esposo  
a Estella; que desta sorte lhe satisfaço o  
muito que lhe quero.

*Adast. e Estel.* Venturoso já obedeco.

*Daõ as mãos.*

Tom, IV,

H

Mac.

*Mac.* Ah Senhor Defensado, v. m. quer alguma cousa desta rapariga? senão peço-a a El Rey.

*Def.* Passa fóra Macaco. Ingentíssimo Policrates, Rey dos Samios, a quem a fama celebra tão ditoso, que morreo enforcado; não te admire, que em dia tão festivo assista na tua presença o Defensado, e só te empenha em dar-me a Pederneira, para que aos toquês do meu amor tanto se accenda no sympatico fogo, que no muito que arder, possa fabricar alguma cousa à luz.

*Rey.* Euto concedo.

*Def.* Beijo esses fidalgos calcanhares.

*Levanta-se.*

*Mac.* Isso he zombação! Ab dinheiro, que me deixaste vendido!

*Pederneira.* Vamos à isso, que estou já morrendo por essas cousas. Ora pois, eu por mim aqui estou!

*Def.* E eu não estou aqui, senão por amor de ti. Ora dame cá essa mão de vaca.

*Daõ as mãos.*

*Mac.* Sete v. m. caza com a vaca, certos os saõ os touros.

*Def.* Sim; mas v. m. Senhor Macaco, nunca éscaparã de algum boléo, ainda que useja em pedrouços.

*Rey.*

*Perseguido, e exaltado.* 115

Rey. Sôbe Filinto ao merecido Solio.

*Sobem ao Throno Filinto, e Irene, e se  
faz a coroação.*

Rey. Invictos Persianos, este he o vosso  
Monarca, e esta a minha Coroa, que a  
impulsos do gosto transiro da minha pa-  
ra a sua frente: applaudi com venturo-  
sos cantos este diminuto premio dos seus  
merecimentos, e os desejados jubilos  
dos vossos affectos.

A R G U M E N T O

C O R O.

Ao Throno se eleve

O Heroico Filinto,

Pois que offensas premea

Com beneficios.

**F I M.**

## OS ENCANTOS

DE

## CIRCE,

Opera que se representou na Casa do  
Theatro publico da Mouraria.

## ARGUMENTO.

**D**epois de abrazada Troya, naufragando Ulysses por diversos mares, chegou a aportar na Ilha Circea; que era dominada por Circe grande Magica, a qual com encantos lhe transformou os companheiros em diferentes animaes; porém Ulysses soccorido da Deosa Juno os livrou, e não podendo resistir ao poderoso attractivo da formosura de Circe, se deixou ficar no seu Palacio, com discommodo grande da sua jornada, e de seus companheiros; e sendo por algumas vezes admoestado dos seus, nada o movia mais do que os amores de Circe; até que vendo em certa occasião aos seus pés as armas de Achilles, resoluta, e valeroso se ausenta. O mais constará do contexto da historia.

## INTERLOCUTORES.

|                           |                         |
|---------------------------|-------------------------|
| Ulyffes, <i>I. Galan.</i> | Juno.                   |
| Lidoro, <i>II. Galan.</i> | Venus.                  |
| Archeláo.                 | Circe.                  |
| Archia, <i>Gracioso.</i>  | Astrea.                 |
| Companheiros de Ulyffes.  | <i>Iris, Graciosa.</i>  |
| Cupido.                   | <i>Ninfaç de Circe.</i> |
| Mufica.                   |                         |

## SCENAS DO I. ACTO.

- I. *Bosques com vista de mar.*  
 II. *Campos sem vista de mar.*  
 III. *Campos, e vista do Palacio de Circe.*  
 IV. *Sala.*  
 V. *Sala differente.*  
 VI. *Bosques.*  
 VII. *Sala.*  
 VIII. *Jardim como de noite.*

## SCENAS DO II. ACTO.

- I. *Campos.*  
 II. *Sala.*  
 III. *Campos.*  
 IV. *Ante-Camera.*  
 V. *Jardim.*  
 VI. *Bosques.*  
 VII. *Sala.*  
 VIII. *Camera.*  
 IX. *Bosques, e mar como no primeiro Ato.*

ACTO

## A C T O I.

## S C E N A I.

*Bosques, e mar; a huma parte clamores de nauticos, e de outra parte Musica.*

*Ulys.* **J**A' que tanto contra nós se mostra o fado, seja a confusão dos clamores triste lenitivo da pena.

*Dentro.*

*Circ.* Já que tão favoravel a sorte se nos offerece, seja a consonancia das vozes sonoro iman da alegria.

*Dentro.*

*Vozes no mar.* Irado Neptuno.

*Music.* Pacifico Phebo.

*Vozes no mar.* Cessem tuas iras.

*Music.* Brlhém. teus luzeiros.

*Vozes no mar.* Abrandem clamores tão pouca piedade.

*Music.* Não manchem as nuvens tanto luzimento.

*Passa Circe, e as Ninfas á vista, e torpa a entrar dizendo.*

*Vozes no mar.* Piedade.

*Music.* Prazer.

*Vozes*

*Vozes no mar.* Soccorro.

*Musc.* Alegria.

*Vozes no mar.* Sem rumo, e sem norte nos  
sepulta o mar.

*Musc.* Com gloria, e com gosto nos fef-  
teja o dia.

*Avista-se a não, e dizem.*

*Voz no mar.* Hum monte à vista se nos of-  
rece, aonde arribados poderemos salvar  
as vidas.

*Circ.* Siga-me a Musica ao Jardim, aonde  
alegres passemos a festa. *Dentro.*

*Ulys.* Piedade, Deos immortaes.

*Arch.* Tem piedade de mim Jupiter To-  
nante, pois me tem feito o temor ex-  
travagante de mim mesmo.

*Hum* Já mais pacifico o mar com o em-  
bate dos montes nos permite seguro  
porto.

*Ulys.* Gozemos todos da dezejada terra.

*Saltaõ em terra Ulysses, Archia, Arquelão,  
e mais companheiros de Ulysses.*

*Ulys.* Oh grata (ainda que desconhecida)  
terra recebe benigna a estes miseros  
naufragantes.

*Arch.* Oh terra ingrata, e desconhecida,  
que ha tanto tempo estás de mim au-  
sente!

*Ulys.*

*Ulys.* Penetremos, fieis companheiros, o  
intrincado destes bosques, e o aspero  
destes montes, até descobrirmos alguns  
vestígios de serem habitados; pois no  
fragoso parecem mais domicilio de fe-  
ras, que habitação de creaturas humanas.

*Todos.* Todos te obedecemos. *Vão-se.*

*Arch.* E eu também; que em matérias  
duvidosas sempre he bom seguir aos mais.

*Ulys.* Que terra tão agreste será esta, em  
cuja fragosa alperêza, só se ouvem hor-  
ridos bramidos de feras, e nas concavi-  
dades dos montes só se escutaõ tristes  
e ceos de infame multidão de aves no-  
cturnas? Não vi mais incultas selvas!

## A R T I A.

Onde estou, immortaes Deoses?

Que incognita terra he esta,

De tão aspera floresta

Inaccessa à gente humana?

Só de feras domicilio,

Das sombras palacio horrendo,

Onde julgo, e onde entendo,

Que só habita o fero horror.

*Sabe Lidoro.*

*Lid.* Incauto peregrino, se acaso les com-  
panheiro

panheiro dos outros, cuja innocente ignorancia injustamente castiga Circe, procura salvar a vida, se não os queres acompanhar na morte.

*Ulys.* Já que te mereci o aviso, mereça-te mais clara noticia do que tão confuso me dizes; pois nem sey aonde estou, nem o como me posso livrar.

*Lid.* Sabe, pois, que estás no monte Circeo, aonde a Magica Circe tem o seu Palacio, ao qual chegando teus companheiros a pedir-lhe benigna hospedagem, logo os transformou em diferentes animaes, e assim costuma fazer a quantos miseros naufragantes o mar aqui arroja, como o publicão os tristes gemidos das feras, e aves; e ainda a mayor parte desse arvoredado, de que vês coroados os montes, são racionaes (se immoveis) creaturas, e vassallos de seu tyranno Imperio. Ay de mim, com que pena o relato!

*Ulys.* Como pois vives tu izento, aonde públicas haver tanta crueldade?

*Lid.* Não vivo izento, antes, como os mais, choro a minha pena: e saberás, que sou Lidoro, que aportando, como tu, nesta infauستا terra, vi a Astrea, que era huma Ninfa de Circe, e a amey  
com

com extremo, com a dita de huma li-  
cita correspondencia; o que sabendo-  
a cruel Circe, a transformou a ella em  
arvore, taõ injustamente, pois que hu-  
ma esquiva, como Dafne, se converti-  
em duro tronco, pouca mudança faz  
porém que padeça o mesmo methamor-  
phoses, quem se compadece do tor-  
mento de amor? injusto castigo! Po-  
rém julga mayor a minha magoa, pois  
me permittio a liberdade para mayor ex-  
cesso da minha pena: e affirmando por  
estes rochedos acompanhando a Eco nas  
queixas, que ella tem de Narciso, e  
eu de Circe.

*Ulyf.* Muito sinto, Lidoro, o teu tormento,  
e agradeço o teu aviso; porém não te-  
nhô de me ausentar, porque se não ha-  
de dizer, que Ulysses fugio do perigo,  
deixando nelle a seus companheiros.

*Lid.* Pois se estás desse parecer, fica-te  
embora, que eu vou continuando meu  
pranto;

A R T I A

Respondendo o Ecco.

Na esperanza desespero, e não espero.  
Quando espero hum impossivel: possível.  
Se o penar he infallivel, e não infallivel.

E he

|                              |         |
|------------------------------|---------|
| E he fallivel o alcançar,    | cancar. |
| Já me cansa o procurar       | curar.  |
| Quem curar possa este ardor. | dor.    |
| A meu peito amante inflamma  | flamma. |
| Esta flamma, esta loucura:   | cura.   |
| Cura não tem, porque dura,   | dura.   |
| Outro tanto como a cauza,    | cauza.  |
| Que me cauza este penar.     | penar.  |

*Vaise.*

*Ulys.* Lastimado me deixa seu triste pranto.  
Mas ay de mim, que farey em tanta confusão!

*Musíc.* Não temas, heroico Grego,  
Que Juno te ampara  
De Circe, com tanto  
Que venças de amor o encanto.

*Apparece Juno em huma nuvem com flores.*

*Jun.* Ulysses, guarda essas flores, que ellas te defenderão da venenosa magica de Circe.

*Vay repetindo a Musica o quarteto acima.*

*Ulys.* Já que, ò soberana Deidade de Juno, te dignas ampararme, nada temerá o meu valor; nem permittirey tregoa ao descanso, sem ver em liberdade a meus companheiros.

*Vaise.**Musíc.*

*Musíc.* Contra Ulyſſes vem  
A pedir favor  
De amores a Deoſa  
Ao Deos de amor:

*Apparece Venus, e Cupido em outra nuvem.*

*Venus.* Bem ſabes, Cupido, com quanta  
cauza devo perſeguir eſte tyranno Ulyſ-  
ſes, porque foi hum dos que mais mo-  
tiváraõ a ruina da infeliz Troya; e aſ-  
ſim arma contra elle as tuas penetran-  
tes ſettas: e já que Juno õ defende dos  
encantos de Circe, tu õ has de render  
ao cruel encanto de amor.

*Cupid.* Eu te ſeguro, querida Mãy, in-  
trodúzirlhe mais incendios em ſeu peito,  
do que elle cauſou em Troya.

*Venus.* Seja hum incendio caſtigo de outro  
incendio, e fiquem ſuas cinzas ſepulta-  
das em tal eſquecimento,

Que nunca fique delle mais memoria,  
E com elle ſe acabe o nome, e gloria.  
*Vão-se.*

*Sabe Ulyſſes.*

*Ulyſ.* Aonde eſtarás, funeſto palacio, laſ-  
timoso mauſoléo, de tantas vidas? Mas  
que vejo!

*Sa-*

*Sabem Circe, e as Ninfas.*  
*Circ.* Inviêto Ulysses, sejas bem vindo a  
esta terra, aonde a minha hospedagem  
te suavize os trabalhos do mar.  
*Ulys.* Bellissima Circe, recebe compade-  
cida a este misero peregrino, e ache  
em ti tanta piedade, como no mar achey  
rigores.

*A R I A.*  
*Circ.* Terás valeroso Ulysses  
Em meu generoso trato  
O obsequio amante, e grato,  
Que merece o teu valor.  
Verás hoje em meu abrigo,  
Que de meu peito hospêdado,  
Te suaviza o meu cuidado  
Do mar o cruel rigor.

*Vaise e as Ninfas.*  
*Ulys.* Oh nova especie de Crocodilo, pois  
cantas para matar!

## S C E N A II.

*Campo sem vista de mar. Sabe Archia  
feito porco.*

*Arch.* **Q**ue escapando eu de ser no mar  
cavallo marinho, me chegue  
a ver aqui porco montez! que  
podendo Circe fazerme jumento de al-  
gum

gum saloyo [ que só estes nasceraõ para  
 jumentos ] me faça andar com o fucinho  
 feito lavrador dos valles, e cabou  
 queiro dos montes! Ora ninguem faz  
 porçadas com mais limpeza! Que ta  
 para mulher de hum marchante? Mas  
 ter accões tão porcas quem me parece  
 ser tão senhora, que a julgo descendente  
 da Imperatriz Porcina! Mas por cer  
 to tinha eu de me ver feito hum pay de  
 leitões; porém aqui não ha mais reme  
 dio, que paciencia que não gurinhate.

## A R I A

Senhor Archia Leitaõ,  
 Que fucinho he este seu?  
 Quem tal trombada lhe deu?  
 Quem o fez tão cabecudo,  
 Taõ trombudo, e cabeludo  
 Como o mais atroz javardo?

Todo o brio, e toda a força  
 Tem na ponta do nariz:  
 E da boca, o que me diz  
 Taõ aberta, e taõ resgada  
 E a dentada, e a queixada

Mayor, que a de hum Tubaraõ?

Vaise.

SCE-

## S C E N A III.

*Campos, e vista do Palacio de Circe. Sabem  
Ulysses, Circe, Iris, e mais Ninfas.*

*Circ.* **J**A' que, ò valeroso Grego, es  
taõ invencivel, que até soubeste  
vencer meus encantos, ainda que ajudado  
de divindades, te rogo me queiras  
dar alguma noticia dos teus successos.

*Ulyf.* Dilatados tem sido os progressos da  
minha vida, e depende de largo tempo  
a narraçãõ delles; mas por te obedecer,  
os relatarey em summa; por ver, que  
nunca o pouco molesta, nem o breve  
causa enfado.

## R E C I T A D O.

Eu sou Ulysses, minha patria Grecia,  
Rehdi a Troya, em chammas abrazey;  
E de Achilles as armas forte herdéy;  
Das Sereas venci o cantar sereno,  
E ao forte Gigante Polifemo;  
Ao mar me entrego, mas Vehm irada  
Com ventos descompoz a minha armada.

ARIA.

## A R I A.

Desse mar ha já seis annos,  
 Que navego as ondas frias,  
 Com tormentos, com fadigas,  
 Varios climas tolerando,  
 Já de Venus perseguido,  
 Já dos ventos combatido.  
 E nesta terra, apartado  
 Com encantos me persegues,  
 Mas os Deoses me defendem  
 De taõ venenoso mal.

*Iris.* Já vejo, que he decantada a vida de-  
 te homem, pois cantando a foi contando.

*Circ.* Peça-te, famoso Grego, deixes so-  
 cegar mais os furiosos ventos, e refazer-  
 te em meu Palacio das molestias do mar;  
 que depois mais seguramente poderás  
 com teus companheiros seguir teu ca-  
 minho.

*Ulys.* Que efficazes são os rogos da belle-  
 za! *à parte.* Não duvido obedecer-te,  
 como veja hoje a meus companheiros  
 restituídos à sua antiga fórma, e junta-  
 mente huma Ninfa tua, que por deli-  
 ctos de amor padece por prizaõ hum  
 duro tronco.

*Iris.* Melhor eia que estivesse em hum al-  
 jube,

ajube, que he aonde se pagão de amor  
 scós delictos.

*Circ.* Como está à tua vista, nella come-  
 ço a servirte. Astrea perde a fórma de  
 arvore, que Ulysses apadrinha teus erros.

*Sabe Astrea de huma arvore.*

*Astr.* Dezejára ter tantas linguas, como  
 as folhas em que estava transformada,  
 para cabalmente agradecerte, ò incly-  
 to Ulysses, tanto bem que de ti recebo.

*Sabe Lidoro.*

*Lid.* Ainda que estava occulto [ vendo  
 tanta ventura ] não me permite o amor,  
 e o agradecimento demora em me pro-  
 ftrar a teus pés.

*Ulys.* Troçay ambos o agradecimento em  
 reciprocas finezas; pois çomo era injus-  
 to o castigo, vos era devido o beneficio.

*Circ.* Vay Ulysses com os mais para o meu  
 palacio, em quanto te mando teus com-  
 panheiros.

*Ulys.* Obedecendo te sirvo.

*Iris* Não tão os Gregos tão feyos como  
 eu cuidava.

*Vão-se todos, e fica Circe suspensa.*

*Circ.* Que desinquietao cuidado será (oh  
 Tom. IV. I Deoses)

Deosfes) o que este naufrago Grego me custa? Será compaixão, ou será affecto?

*Arch.* Será. *Dentro.*

*Circ.* Quem me responde.

*Sabe Archia ainda feito porco.*

*Arch.* Será (dizia eu) tempo, Senhora, de esquecer o fadario a este porquihomem?

*Circ.* Tu es dos companheiros de Ulyfles?

Profegue, que bem te ouço, pois para mim he perceptivel a voz de qualquer animal.

*Arch.* Venho Senhora dizerte, que dezejo tornar ao meu antigo albernós de embreada lona; pois como sou tofco, não me dou bem com vestido de sedas.

*Circ.* Explica-te mais.

*Arch.* Digo, que se fora possivel não fer quem sou, quizera fer quem fuy.

*Circ.* Tambem eu me vejo tão outra de mim mesma, que a mim me desconheço.

*Arch.* Ah que tu tornarás a fer quem eras de antes, e eu não sey se ferey quem de antes era; porque receyo fazer huma grande jornada nesta porcatuca fórma.

*Circ.* Que jornada he?

*Arch.* He, Senhora, hir da Porcalhota, para o chaõ de Estira-cõrda; do chaõ de Estira-cõrda, para o Mata-porcõs; do

do Mata-porcos, para a Chamusca; da Chamusca, para a Cutellaria; da Cutellaria, para a Certã, e depois disto andar em bocas do mundo, e tomarem-me entre dentes.

*Circ.* Queres dizer, que receias, que te matem?

*Arc.* Se vay a fallar verdade, o viver porcamamente máo he; porém o morrer, ahí troce a porca o rabo.

*Circ.* Vay descansado, que tu, e os mais companheiros de Ulysses daqui a pouco estareis com elle.

*Vaise.*

*Arch.* Oh vivas como a Fenix, ainda que morras como ella, quando quer renascer.

*Vaise.*

S C E N A IV.

*Sala. Sabem Lidoro, e Astrea.*

*Lid.* Querida Astrea, ainda não creyo que alcanço a gloria de te ver, posto mo certifique a tua presença.

*Astr.* Por mais que o testemunhem meus olhos, amado Lidoro, ainda duvido, se he certa a ventura que logro.

## A R I A A D U O.

*Lid.* Doce bem,

*Astr.* Amado emprego

*Lid.* Que ventura taõ gostosa!

*Astr.* Oh como sou venturosa,

*Amb.* { Pois ditosa } a verte chego!  
 { Pois ditoso }

*Lid.* Esta dita,

*Astr.* Esta gloria

*Lid.* Por empreza,

*Astr.* Por victoria

*Lid.* Publique amor por espanto

*Ambos* A pezar de todo o encanto. *Vão-se.*

## S C E N A V.

*Sala.* Sabe de huma parte *Archia*, e de outra  
*Iris* juntamente.

*Iris.* A Y!

*Arch.* A Uy!

*Iris* Ay, que medo que tomei!

*Arch.* Uy, que liberdade que perdi!

*Iris.* Estou sem vida.

*Arch.* Estou sem alma.

*Iris.* Fiquey sem sangue no corpo.

*Arch.* Fiquey sem lume nos olhos.

*Iris.* Que medo, que me meteo!

*Arch.*

*Arch.* Que setta, que me tirou!

*Iris.* Ainda não estou em mim!

*Arch.* Menina socegue-se, e diga-me se  
acaço he da obrigação da Senhora Circe?

*Iris.* Sim sou.

*Arch.* Como he bella! Diga-me mais,  
ainda que mal pergunte, sabe tambem  
alguma cousa daquelles encantozinhos.

*Iris.* Porque o quer saber?

*Arch.* Porque depois que a vi, sinto cá  
por dentro das veyas huns formigueiros,  
cá pelo coração huns sustos; olhe assim  
a modo de que quero tornar a ser pay de  
leitões: não me explico bem; sinto cá  
hirme inclinando mais ao animal, que  
ao racional, e assim lhe peço, que se  
me quer converter em algum quadrupe,  
me faça seu cachorrinho de fralda.

*Iris.* Não o quero caõ de fralda, que não  
tem mais prestimo, que de ladrar; e  
como Circe partio para a caça por di-  
vertir a Ulysses, quero que seja poden-  
go para que me traga alguns coelhos.

*Vaise.*

*Arch.* Para que traga coelhos? Eu os tra-  
garey. Ora eu cuidava que só as mulhe-  
res Gregas eraõ inclinadas ao verbo *do,*  
*das.*

*Vaise.*

SCE-

## S C E N A VI.

*Bosque, e estrondo de caça.*

*Ulys.* VOarás remontada Garça mais  
ligeira com as pennas, que te  
acrescentar esta setta. *Dentro.*

*Sabe Circe.*

*Circ.* Por ver que me vem seguindo Ulyf-  
fes, me retiro a este lugar, mais apar-  
tada das que me acompanhão. Oh nun-  
ca dos Troyanos incendios escaparas,  
cruel Ulyffes, pois tens introduzido se-  
gunda Troya em meu peito. *retira-se.*

*Sabe Ulyffes sem ver a Circe.*

## S O N E T O.

Os magicos encantos que intentaste,  
Que pouco importa, ò Circe, o ter  
vencido;  
Se tal belleza vendo, suspendido,  
Com tão doce veneno me encantaste  
Tambem conheço, ò Juno, que amparaste  
Meu peito, como tinhas prometido;  
Mas que importou entãõ ser soccorrido,  
Se outro mayor encanto me deixaste?  
*Des-*

Desprezar pódes, Circe, empenho tanto;  
 E se he melhor, que a arte, a natureza,  
 Cesse da magica o cruel espanto;  
 Pelo lindo transforma sem defeza,  
 Nem precisas ufares de outro encanto,  
 Tendo mayor encanto na belleza.

*Circ.* Que te traz Ulysses taõ suspenso,  
 que desconfia o meu cuidado se te acharás  
 pouco satisfeito da minha hospeda-  
 gem?

*Ulyf.* Antes muito diversa he a causa, que  
 taõ distrahido me tem; pois he, só  
 admirar o poderoso effeito de tua for-  
 mosura; que taõ esquecido me traz de  
 mim, que só de te adorar me lembro.

*Circ.* Assim o permita amor. *à part.* Co-  
 mo conheço, que isso saõ hyperboles  
 da tua eloquencia, te naõ reprehendo o  
 arrojio de me fallares com menos respei-  
 to. Que mal reprehende, quem o mes-  
 mo que reprehende, dezeja! *à parte.*

*Ulyf.* Se queres que mude de estylo, seja  
 para te agradecer o concederes a meus  
 companheiros a sua racional liberdade,  
 ainda que me parece, que ma tiraste a  
 mim antes de lha dares a elles.

*Circ.* E isso he mudar de estylo, ou mu-  
 dar para peyor?

*Ulyf.*

*Ulyf.* Culpa a tua formosura, que élla  
 causa em mim o arrojo de que me cri-  
 minas; e em fer a tua belleza tão cul-  
 pada, venho a ter a mayor desculpa.

*Circ.* Suspende a voz que. . . . Mas para  
 evitar essas temeridades, profigamos a ca-  
 ça. Que mal me esforço! *à parte.*

*Faz que se vay.*

S O N E T O.

*Ulyf.* Attende ò bella *Circ.* Que  
 procuras?

*Ulyf.* Que saibas que te adoro. *Circ.* Isso  
 he engano;

*Ulyf.* Assim permitta amor. *Circ.* Oh Deos  
 tyranno! *à parte.*

*Ulyf.* Que teu desdem se acabe. *Circ.* Oh  
 que loucuras?

*Ulyf.* Sempre firme serey. *Circ.* Como o  
 asseguras?

*Ulyf.* Com ser amante eterno. *Circ.* Es in-  
 humano.

*Ulyf.* E meu amor tão fino. *Circ.* He lou-  
 co infano.

*Ulyf.* Mil finezas fará. *Circ.* Não são se-  
 guras.

*Ulyf.* Cessem já teus rigores. *Circ.* Não  
 te creyo;

*Ulyf.* De ser constante juro. *Circ.* Será di-  
 ta *à parte.* *Ulyf.*

*Ulyf.* Nunca me mudarey. *Circ.* Ah que receyo;

*Ulyf.* Rendido me tem já. *Circ.* Gloria infinita. *à parte.*

*Ulyf.* Ay adorado bem! *Circ.* Ay doce enlevo! *à parte.*

*Ulyf.* Amor me fará teu. *Circ.* Elle o permitta. *à parte.*

*Vaise Circe.*

A R I A.

*Ulyf.* Espera, ingrata, espera,  
Que posto tyranna fera  
Tua vista me maltrata,  
Mais o não te ver me mata.

Suspende o ligeiro passo,  
Das almas tyranno laço;  
Mas se foges, cruel, tanto,  
Eu te sigo com meu pranto.

*Vaise.*

*Sabem Lidoro, e Astrea.*

*Lid.* Que escassa he a sorte, querida *Astrea*, nos breves minutos que me concede para verte, quando tão liberal foi nos dilatados séculos que me deu de ausencia!

*Astr.* Mais me devo eu queixar de sua crueldade, pois me negou com a tyrannia do

do encanto o sensível, para mais tormento meu; porque o mayor que me afflige, he o não te amar o tempo que não senti.

*Lid.* Eu me confessarey ditoso, se não for mudavel o amor que públicas.

*Astr.* Eterna será minha firmeza. Mas Circe torna a este sitio; e como temo o seu rigor, tanto a meu pezar experimentado, esta noite te fallarey no jardim de palacio. Vaite que lá te espero.

*Lid.* Seculos serão para mim os minutos, que durar o dia. Oh que pouco dura huma gloria!

*Vaise.*

*Astr.* Oh que breve he o tempo de huma alegria!

*Sabe Circe.*

*Circ.* Astrea, de ti confio o mayor cuidado de meu peito, que como experimentada me saberás valer. Para esta parte vem Ulysses: eu me retiro, em quanto lhe has de dizer, que esta noite lhe queres fallar no meu jardim.

*Astr.* Senhora, se eu..... a Ulysses.....

*Circ.* Não tens que replicar; porque quero em teu nome dar desafogo a meu coraçãõ.

*retira-se.*

*Astr.* Ay de mim! que farey em tanta confusão

fusaõ de penas! pois no jardim me ha de esperar Lidoro.

*Sabe Ulysses.*

*Ulyf.* Girasol amante das luzes de Circe, mal poderey guiar os passos, naõ sendo em seu seguimento.

*Astr.* Ulysses, esta noite vos espero no jardim de Palacio, que me importa fallarvos.

*Ulyf.* Naõ faltarey em servirvos.

*Astr.* Oh permittaõ os Deoses, que naõ vas!  
*Vaise.*

*Ulyf.* Que só a Circe naõ encontre!

*Sabe Archia.*

*Arch.* Isto de caça naõ entendo, mais que casta a escota.

*Ulyf.* Naõ a diviso em todo o bosque.

*Arch.* Ah Senhor, quero-te pedir hum favor; e he, que vas caçando mais por este bosque, naõ mates a nenhum porco.

*Ulyf.* Porque o dizes?

*Arch.* Porque he a melhor gente de quantos animaes ha; e eu, quando fuy seu companheiro, experimentey nelles a mayor amizade, e amor que podia ser.

*Ulyf.* Deixa loucuras.

*Arch.* Digo-te, Senhor, a verdade, que  
os

os porcos desta terra deviaõ de ter boa criaçaõ, porque todos, sem me conhecerem, me cortejavaõ grandemente.

*Ulys.* Pois pedirey a Circe, que torne a mandarte acompanyallos.

*Arch.* Naõ he preciso; agradeço o cuidado: porém se queres orar por mim, só lhe pede que faça porca a minha bolça, pois anda sempre a coufa mais limpa que tenho visto.

*Ulys.* Está bem; vamos para palacio, que como nos perdemos na caça, supponho que Circe já se ausentaria.

*Arch.* Vay com Jupiter, que eu vou ver se encontro algum final *ex instituto* de vinho venal. Ah Senhor, forte saudade tenho das tavernas da Grecia!

*Ulys.* Ay de mim! Ninguem me falle em Grecia.

*Vaise.*

*Arch.* Ay de mim! Ninguem me falle em tavernas.

*Vaise.*

## S C E N A VII.

*Sala. Sabe Iris.*

*Iris.* **O**Ra que seja possivel, que ha tantos annos estamos aqui peyor que Amazonas; [ pois nem de anno em anno

anno fallamos a homem algum ] e que vindo agora este par delles, he como se não fosse ! Porque Ulysses vai se adje-ctivando com Circe ; os mais que tinhão algum geito , tanto que se apanháraõ outra vez feitos gente , calcurriaraõ para o navio , sem que ficasse hum Grego , a quem me aggregar : só aqui ficou hum Archia , que he muito bom tacaõ : elle sim me quer bem , mas como não tem que dar , nada de mim espere .

## A R I A .

Hum Grego me quer  
A' Grecia levar ;  
Mas se eu for por mar ,  
Grega seja eu ,  
Porque eu bem escuso  
Ser peixe mulher .  
E mais sendo elle  
Hum taõ boa pessa ,  
Embora me deixe :  
Por certo que nelle  
Ganhava bom peixe .

*Sabe Archia.*

*Arch.* Em ditosa hora , ò Iris , largo as  
vélas ao meu atrevimento ; pois vejo  
que nas nuvens do teu canto está esse  
arco

arco | promettendo bonança ao timido  
baixel de meu amor, que tanto receya  
navegar o cabo da tua belleza.

*Iris.* Na verdade taõ cativo estás de mim?

*Arch.* E taõ cativo, que se me viessem  
resgatar, me faria hum renegado de Gre-  
cia, só por estar na masmorra da tua  
graça.

*Iris.* Taõ bem te pareço?

*Arch.* Já que es Iris, por arcos te explico  
a tua belleza; porque comparo as tuas  
sobrancelhas aos arcos da Capella; os  
teus olhos ao arco do Cego; o nariz ao  
arco dos Pregos; a boca ao arco das  
Mentiras; o pescoço ao arco do Espinho;  
o corpo ao arco do Garajaõ; e toda tu  
es hum arco da velha, e sendo toda ar-  
co, naõ vi cousa mais defarcada.

*Iris.* Naõ te pareça que menos agradada  
estou de ti; e por praças te retratarey:  
e assim he a tua testa praça vasia; os  
teus olhos praça do Remolares; o nariz  
praça do Castello; a boca praça da Pa-  
lha; o pescoço praça do Pelourinho; o  
corpo praça morta; e sendo tu homem  
de tantas praças, naõ vi homem de me-  
nos praça.

*Vai se.*

*Arch.* Parece que lhe naõ agradou o re-  
trato, se já naõ he que por fer já noite,  
naõ

naõ deve apparecer este arco da velha.

*Vaise.*

S C E N A VIII.

*Fardim como de noite! Sabe Circe.*

*Circ.* **Q**ue pouco descança quem padece os desfocegos de amor! Ay Ulysses, que tanto contra mim converti o veneno, que em teu damno fabricava!

D E C I M A.

Se o Basilisco homicida  
Vê no espelho o seu retrato,  
Ficando o cristal intato  
A si proprio tira a vida.  
Eu assim inadvertida  
Dentro em seu peito me vi,  
E indo apurar alli  
Do mayor veneno o effeito,  
Ficando livre seu peito,  
A mim propria me offendi.

*Sabe Ulysses.*

*Ulyf.* Que pouco focega a quem desertaõ de amor os cuidados! Ay Circe, que por desfazer teus encantos, nelles perdi a vida!

DE-

## D E C I M A.

Se a Maripõsa brilhar  
 Vê da luz a ardente flamma,  
 A vida perde na chamma,  
 Quando a procura apagar.  
 Assim vendo a Circe obrar  
 Os venenos que observey,  
 Desfazellos procurey;  
 Porém como eraõ tantos,  
 Hindo a desfazer encantos,  
 Nos encantos me abrazey.

*Fica Ulysses da parte de Circe, e sabe da  
 outra parte Astrea.*

*Astr.* Já Circe a meu parecer anda nõ jar-  
 dim. Oh permitaõ os Deoses nõ en-  
 contre com Lidoro!

*Sabe da outra parte Lidoro, e fica da parte  
 de Astrea.*

*Lid.* Naõ te pareça obscura noite, que,  
 a pesar de tuas sombras, deixarey de  
 gozar os reflexos do astro que figo.

*Circ.* Porém se me nõ engano, hum vul-  
 to se me apropinqua. Oh queira amor  
 seja Ulysses.

*Astr.* Hum vulto devifo, supponho que  
 Ulysses será.

*Circ.*

*Circ.* Sois Ulyffes?

*Ulyf.* A obedecer vossos preceitos, bella Astrea, cuidadoso venho.

*Circ.* Julgo não duvidareis ser pequeno o arrojo de confessar-se vossa quem vos deve a liberdade.

*Ulyf.* Esta voz he de Circe: fingirey. *à p.* Ainda que no meu peito só assiste Circe, sempre dezejey fugir às censuras de ingrato.

*Astr.* Sois Ulyffes?

*Lid.* Não sou, ingrata, senão Lidoro.

*Astr.* Ay de mim, que fuy inadvertida!

*Lid.* Para isto me chamaste, ingrata? Oh castigue amor tanta falsidade.

*Astr.* Suspende a voz Lidoro.

*Ulyf.* Mas que rumor he este?

*Circ.* Quem dá aqui vozes? Astrea, Nize, Laura.

*Sabem as Ninfas com luzes.*

*Circ.* Mas que vejo!

R E C I T A D O.

*Circ.* Como atrevidos, intentais assim. . . .

*Ulyf.* Eu Senhora. . . .

*Astr.* Se entrey, fuy. . . .

*Lid.* Ay de mim!

*Circ.* Meu rigor se verá, cruel, tyranno;

Tom. IV.

K

*Ulyf.*

*Ulyf.* O meu erro ,

*Astr.* Rogada.

*Lid.* Cruel engano!

*Circ.* Castigar em todos com razão intento,

*Ulyf.* Desculpe amor

*Circ.* Tanto atrevimento.

## A R I A A 4.

*Circ.* Se profana o vosso arrojo  
Deste sitio o Ceo sagrado ,

*Ulyf.* Amante ,

*Astr.* Humilde ,

*Lid.* Prostrado ,

*Ulyf.* Pedir ,

*Astr.* Chorar ,

*Lid.* Sentir ,

*Circ.* Castigar ,

*Todos* Será forçoso ,

*Circ.* Castigar } o intento { vosso

*Todos* Desculpar } } nosso

*Circ.* Ide-vos já , antes que  
O castigo em vós começe.

*Todos* Tal rigor , Senhora , cesse ,

*Lid.* Que os crimes ,

*Astr.* Que cauza

*Ulyf.* Amor ,

*Circ.* Bem merecem } tal rigor.

*Todos* Não merecem }

*Vão-se todos.*

ACTO

## A C T O II.

## S C E N A I.

*Campos. Sabem Circe, e Astrea.*

*Circ.* **A** Inda que segura esteja no firme amor de Ulyffes, como à mayor ventura persegue a mayor emulação, quero aqui retirada ouvir o que os seus companheiros vem fallando.

*Astr.* Entre este arvoredos nos podemos occultar. *retirão-se.*

*Sabem Archia, Arqueláo, e os mais companheiros.*

*Arch.* Como digo: tanto me quizera elle a mim, como quer a Circe: tem-lhe hum amor, que he huma cousa grande.

*Arq.* Se he assim, tarde hiremos a Grecia.

*Arch.* Ainda peyor he; que hontem elle, e mais ella.... Mas não importa, não importa.

*Circ.* Ah traidor! *à parte!*

*Arq.* Cruel desgraça!

*Arch.* Outra cousa mais péssima; que esta noite

noite os vi eu a ambos no jardim . . . .  
Mas nada, nada.

*Arq.* Fera desdita!

*Arch.* Que seria, se vissem hir eu muito descuidado, e dar com elles. . . . Mas andar, andar.

*Arq.* Que tanto valor viva esquecido de si, e dos seus?

*Arch.* Tudo isto he nada; mas se soubessem perderme eu em Palacio, e hir dar de repente no quarto de Circe, e . . . . Mas não quero fallar.

*Arq.* Que vencendo tantos perigos se deixasse vencer de huma mulher!

*Arch.* Senhores, estoura hum pelo outro.

*Circ.* Não sey como me reporto! *à parte.*

*Arq.* Vamos, companheiros, tratar do remedio. *querem hir-se.*

*Arch.* Olhem, esperem; elles ambos cada vez que lhe parece. . . . Mas não quero dizer.

*Arq.* Vamo-nos. *Vão-se.*

*Arch.* Elles vão ardendo; e que seria se eu lhes dissesse, que tambem vi em huma noite. . . .

*Sabem Circe, e Astrea.*

*Circ.* O que traidor?

*Arch.* Nada, Senhora; porque fazia escuro.

ro. Ay pobre Archia!

*à parte.*

*Astr.* Os Gregos, Senhora, são muito falsos; justo he que este atrevido pague semelhante traição.

*Arch.* Porque? a Senhora Circe emprestou-me alguma traição, para haver de a pagar?

*Circ.* Hoje meu castigo será satisfação de sua aleivofia.

*Arch.* Desta vez porco *me fecit.* *à part.* Senhora, eu nada disse, porque tudo o que disse, foi nada, não importa, não quero fallar, não quero dizer.

*Circ.* Nesse nada dizias muito; e porque outra te não aconteça, sahe ao campo acompanhar as fêras.

*Vão-se.*

*Arch.* Rogo-te, Senhora... mas foi-se: ay de mim, que já se me vay arrepiando a pelle; desta vez me transformo em algum porco espim, ou em algum ouriço cacheiro.

*Vai-se.*

*Sabem Ulysses, e Astrea.*

*Ulys.* Bellissima Astrea, estimo a occasião de encontrarvos, tanto pela gloria de vos ver, como por saber o que me ordenaveis no jardim, quando Circe me embarçou o fallarvos.

*Sabe*

*Sabe Lidoro.*

*Lid.* Astrea fallando com Ulysses! Ah  
cruéis zelos! *retirado.* *à part.*

*Astr.* Só Circe vos poderá dizer o que vos  
queria.

*Lid.* Ah cruel, ah falsa, que pouco du-  
ravel foi tua firmeza! *à parte.*

*Ulyf.* Não vos embarace o dizeres-mo re-  
ceyo algum, pois vedes que estamos sós.

*Astr.* Só Circe vos póde dar resposta, que  
eu não vos quero nada.

*Lid.* Ah tyranna, até lhe pedes zelos de  
Circe? *à parte.*

*Astr.* E daime licença, que me importa  
ausentarme. Ah Lidoro quem te vira! *à p.*

*Vay Astrea para hirse, e encontra-se com  
Lidoro.*

*Astr.* Mas ay de mim! Meu bem.

*Lid.* Ay de ti que es falsa, e ay de mim  
que experimento os teus enganos, e os  
desse cruel peregrino, pois me deu hu-  
ma vida para me dar mil mortes!

*Ulyf.* Suspendey a vossa queixa, pois em  
nada vos offendi.

*Lid.* Negares o que vi, he segunda offen-  
sa, e assim tirai-me de huma vez a vida,  
ficareis pago da que me déstes, quando  
fostes

fostes cauza de que essa féra deixasse os bosques, para só fazer estragos no meu peito.

*Astr.* Ay triste, infeliz!

*Empunhaõ as espadas, e sabe Circe.*

*Circ.* Suspendeivos; que he isto *Astrea*?

*Astr.* Senhora, presumindo *Lidoro*, que eu amo a *Ulysses*. . . .

*Circ.* Basta; e adverti *Lidoro*, que segunda vez não perturbeis a quieta hospedagem com que firvo a *Ulysses*, porque experimentareis o castigo.

*Lid.* Senhora, saberás que. . . .

*Circ.* Não tendes que me dizer, e só vos importa cuidar no que vos encomendo: vamos *Ulysses*, vem *Astrea*. *Vaõ-se.*

*Lid.* Que mais generos de tormentos [ay de mim!] se pódem inventar contra hum infeliz? Oh Deoses, para que me permittis huma vida sujeita a tantas mortes? Que cobardes que fois, oh desgraças, pois sempre me accometeis juntas! Mas como estou costumado ao vosso mal, por isso vivo com o vosso veneno. Ah cruel *Astrea*! es falsa a quem te ama, por amares a hum falso estrangeiro? Mudaste de huma firmeza, para seres firme a quem aprendeo do mar a mudança?

mudança? Ah tyranna, amor te castigue, já que tanto ao amor offendes.

## A R I A.

Falsa, féra, ingrata, cruel,  
 Em que te offendeo meu peito?  
 Se em mim vês de amor o effeito,  
 Que mais quer teu defamor?  
 Vou-me a queixar de ti  
 A's aves, penhas, e fontes,  
 Aos valles, e aos montes  
 Por taó tyranno rigor. *Vaise.*

## S C E N A II.

*Sala. Sabem Circe, e Ulyffes.*

*Circ.* **P**Or mais que me certifiques as véras do teu amor, nunca me poderás eximir de hum cuidado, que muito me afflige.

*Ulyf.* Grande he, o que me causas na demora de mo dizeres.

*Circ.* Mas temo de que o faibas, porque duydo da tua firmeza.

*Ulyf.* Tem de meu amor toda a segurança, que nem todo o poder do fado me poderá fazer mudavel.

*Circ.* Nessa confiança te manifesto, que o meu

meu temor nasce, de que os teus procurem caminhos de me deixares.

*Ulys.* Perde o receyo, idolatrado bem: como em ti vivo, só morto me poderão de ti ausentar.

*Circ.* Não são bastantes essas promessas a izentarme de susto.

*Ulys.* De que modo, pois, te hey de fe-gurar a minha firmeza? Se algum dia em mim houver mudança, permittaõ os Deoses. . . .

*Arq.* Não permittaõ os Deoses. *Dentro.*

*Ulys.* Quem me contradiz?

*Sabem Arquelão, e os mais companheiros.*

*Arq.* Não permittaõ os Deoses, Senhores, que livrando-nos da rigorosa guerra de Troya, do suave golfo das Sereas, do horrído rigor de Polifemo, das iras de Venus, e Neptuno, passando tantos climas, e mares, tormentas, e furiosos ventos, hoje torpemente amortecidos nos tenha o teu descuido, sem esperança de vermos a amada patria. Desperta pois do lethargo em que te vês sepultado, e vem a ser immortal brazaõ da Fama, e senaõ permite-nos licença, que sem a tardança de huma hora havemos largar as vélas ao favoravel vento.

*Circ.*

*Circ.* Quanto temo este conflicto!

*Ulyf.* Fieis companheiros, e amigos [de mim!] eu vos acompanho. *quer ir*

*Circ.* Não era isso o que pouco ha te ou  
dizer.

*Ulyf.* Mas hide-vos sem mim, ou não vo  
vades. *vem para Circ.*

*Arq.* O deixarmos de partir he impossive

*Ulyf.* Vamos: porém como sem Circe?

*Circ.* Attende, Ulyffes, às finezas que m  
deves.

*Ulyf.* Ide-vos livres, já que amor me pren  
de.

*Arq.* Lembre-te tua patria, esposa, e fa  
ma.

*Ulyf.* Eu vos figo leaes amigos. *vay para elles.*

*Circ.* Já te esqueces, ingrato, de tantas  
promessas, que a tua fingida firmeza me  
fazia?

*Ulyf.* Razaõ tens Circe; largay as vélas,  
e gozay da doce liberdade. *vem para Circ.*

*Arq.* Pois fica-te sem nós. *Vaõ-se.*

*Dentr.* Viva Grecia, viva Marte.

*Ulyf.* Mas estas vozes. . . . Arqueláo es-  
pera detente. *vay para elles.*

*Circ.* Pois queres deixarme, cruel?

*Circ. e Ninf.* Viva Venus, vivá amor.

*Arq.* Que ordenas?

*Sabe.*

*Ulyf.*

*Ulys.* Que vos vades, e publiqueis que  
mais poderosos são os venenos de Ve-  
nus, que os antidotos de Juno.

*vem para Circe.*

*Arq.* Pois fica-te com Venus, que Marte  
nos seguirá. *Vaise.*

*Dentr.* Viva Grecia, viva Marte.

*Ulys.* Esta voz me arrebatá.

*Circ. e Music.* Viva Venus, viva amor.

*Ulys.* Esta me eleva, e suspende.

*Dentr.* Viva Grecia, viva Marte.

*Circ. e Music.* Viva Venus, viva amor.

S O N E T O.

*Ulys.* Em meu peito abrazado hoje se encerra  
A mais dura peleija, e cruel contenda;  
Marte se esforça para que me renda,  
Amor para vencerme me faz guerra;  
Marte traz por escudo a patria terra,  
Amor traz por braço a doce offrenda;  
Se procuro que hum de outro me defenda  
Vejo que amor a Marte em fim desterra;  
Entrou no coração amor glorioso,  
E em teu nome de Marte defendeo-me,  
Fazendo-o, ò Circe, tu mais poderoso.  
Marte em fim se ausentou, amor rendeo-me,  
Sendo em meu coração mais victorioso,  
Pois a Marte venci, e amor venceo-me.

*Music.*

*Musíc.* Viva Venus, viva amor.

## A R I A A D U O.

*Ulys.* De amor a doce victoria  
Se decante por memoria.*Circ.* E da fama por proeza  
Seja a mais egregia empreza.*Ulys.* E a teu poderoso ardor*Ambos* Se figa eterno louvor.*Ulys.* Contra o poder de Marte  
Vença amor em toda a parte.*Circ.* Se de Marte unico espanto,  
Dos corações doce encanto,*Ulys.* Se por timbre,*Circ.* Se por gloria*Ambos* De tudo alcança victoria. *Vaõ-se.*

## S C E N A III.

*Campos.* Sabe Archia feito mono.*Arch.* **O**Ra a Senhora Circe pregou-  
ma de maço, e mona! Sem  
fazer outro mal algum, que dizer mui-  
to mal della, logo me pregou este mo-  
no; que não podia ser peyor para mim  
o castigo, que verme com habito mo-  
nacial, e andar com o cabello de mone-  
te. Oh Baco, que consintas que se che-  
gue

gue a ver ludibrio dos cepos, quem foi o mayor venerador das cepas! Que o que foi sempre tão boa vasilha, se veja hoje tão macaco! Porém já me occorre, que Circe deve de ser do rancho da mangerona, e por isso me quiz fazer o seu anagrama mona negra.

*Sabe Circe.*

*Circ.* Seguro o meu amor na constancia de Ulysses, vendo que agora goza do brando sono, venho communicar às flores a minha alegria.

*Arch.* Ay que eya lá vem! Se me ouvio faz-me hum certaõ de animaes; porém supponho que algum cuidado a traz divertida; quero-me queixar, por ver se se compadece de mim. Oh desgraçado mono, que posto tenhas criado callo aonde callo, o não tens ainda criado na paciencia!

*Circ.* Quem dá aqui vozes?

*Arch.* Eu, porque não tenho outra cousa que dar.

*Circ.* De que te queixas?

*Arch.* De que havendo hum Cicero, que orou por Archia poeta, não haja hum Cicero que ore por Archia mono.

*Circ.* He justo castigo da tua lingua.

*Arch.*

*Arch.* Senhora, se o confessarme arrependido he bastante desculpa da minha culpa, terogo, que assim como já me alim-paste da porcaria em que me vi, me alegre tambem para que deixe de estar sempre feito hum mono.

*Circ.* Sim o farey, se me responderes ao que te perguntar, que se pela lingua fosse castigado, quero que por ella sejas absolvido.

*Arch.* A tudo o que quizeres me offereço.

*Circ.* A pergunta he, se ha outro encantador mayor do que eu?

*Arch.* Quando *sic querit*, respondo que sim ha, e este he o amor.

*Circ.* Espero pela prova.

*Arch.* Ainda que nunca o provey, eu me explico o melhor que posso, e a approvação ficará da tua parte. He pois Cupido o mais egregio encantador, pois vemos que a cada canto encanta, em quanto o diabo esfrega hum olho; porque elle transforma os zelosos em tigres, os desvanecidos em pavões &c. que nisto muito o affemelhas; porém o mais he que se converte a si em mais fórmas que o mesmo Proteo, cousa em que muito te excede, naõ desfazendo na tua pessoa; porque elle he para os estudan-

tes

tes bicho escolastico; para os cofinheiros bicho da cofinha; para os carpinteiros bicho carpinteiro; sendo para os do mar caranguejo, e para os da terra lagartixa; para os esteireiros mono, *sicut*, & nos, conforme o adagio *pregavit momentum crianca mee*; he para os velhos caruncho; para os meninos lesma; para os valentes serpe, para os timidos bicho da toca; para os sabios lagarto; para os nescios graõ besta; para os admirados bicha de sete cabeças; para os aleijados cobra; para os cegos toupeira; para os corcovados camello; para os poetas camelleaõ; para os. . . .

*Circ.* Não profigas mais, que bem dizes ser Cupido o mais famoso encantador, como se vê em Ulysses, que vencendo os meus encantos, só os de amor não pôde vencer: vaite, e torna a cobrar a tua primeira fórma.

*Arch.* Para a cobrar, como cobra vou mudar esta pelle, que tem sido para mim peyor que a pelle de todos os diabos.

*Vaise.*

*Circ.* Cupido, que poderoso he o teu encanto, pois a magica só transforma os corpos, porém tu encantas as almas!

ARIA!

## A R I A.

Amor, teu encanto activo  
 Causa mil transformações,  
 Deixando nos corações  
 Só os timbres do adorar:  
 Quem padece o teu veneno,  
 Para tudo fica cego,  
 Não tendo mayor emprego,  
 Que os empenhos do amar. *Vaise.*

## S C E N A IV.

*Sala. Sabe Ulyffes.*

*Ulyf.* **A** Onde estará Circe? ou para  
 melhor dizer, aonde estarey eu?  
 pois se assiste em meu peito, nelle só a  
 devo procurar. Porém se não sey de  
 mim, como em mim a acharey? É as-  
 fim tão perdido ando, que igualmente  
 me procuro a mim, e a Circe. Mas que  
 portento vem meus olhos?

*Apparece Juno em huma nuvem, cantando a  
 Musica o seguinte quarteto.*

*Music.* Desperta Ulyffes,  
 Que o mundo te chama  
 A dares assumpto  
 Ao clarim da fama.

*Juno.*

*Jun.* Ulysses, rompe os enganosos laços  
desse confuso labyrintho, que amor te-  
cido tem em teu damno; e se amorte-  
cido te vês, desperta, que o mundo te  
está chamando para eternos applausos.  
Não seja huma mulher remora de tanto  
valor.

*Vaise repetindo a Musica o quarteto acima.*

*Ulyf.* Dizes bem, ò suprema Deidade de  
Juno. Mas ay, que Circe ausente. ....  
Porém o valor viva; que só merece  
eternos altares na immortalidade, quem  
erige troféos ao valor.

*Music.* Ao amor.

*Ulyf.* Mas quem me contradiz?

*Apparece Cupido em huma nuvem cantando a  
Musica o seguinte quarteto.*

*Music.* Amor segue Ulysses  
Por troféo luzido,  
Que he doce victoria  
Ser de amor vencido.

*Cupid.* Segue-me Ulysses por troféo luzido,  
Que he doce victoria ser de amor  
vencido.

*Dispara huma setta contra Ulysses, e vaise,  
repetindo a Musica o quarteto.*

*Ulyf.* Suspende a crueldade, ò Deos tyran-  
no,

no; não executes tua ira em hum peito rendido; e se he indigna acção do valor repetir golpes em quem está morto, para que dilparas tuas settas, não havendo em meu coração já lugar para novas feridas? Se estou rendido para que te armas contra mim? Se estou prezo, para que accumulallas grilhões? E se estou morto, para que repetes golpes? Oh não fulmines iras contra hum rendido, prezo, e morto.

## A R I A.

Se rendido, e já sem vida,  
 Mal respiro, e mal alento,  
 Porque com rigor violento  
 Flechas vibras Deos tyranno?  
 Cesse tanta crueldade,  
 Deos Cupido, cruel amor,  
 Baste já tanto rigor. *Vai se.*

*Sabe Archia.*

*Arch.* Graças a Jupiter, que me torno a ver em palacio como gente.

*Sabe Iris.*

*Iris.* Aonde estiveste até agora, que tanto tempo ha que te não vejo!

*Arch.* A culpa teve Circe, que ma fez boa.  
*Iris.*

*Iris.* Pois o que te fez?

*Arch.* Fez-me hir daqui ao beco do monete.

*Iris.* Não te entendo.

*Arch.* Fez-me andar dançando monoetes.

*Iris.* Ainda te não explicas.

*Arch.* Quiz, que por todos os caminhos fosse o meu nome monosillabo.

*Iris.* Apostarey, que estiveste feito mona?

*Arch.* Adevinhaſte; nem mais nem menos.

*Iris.* E já o não es? Oh desgraçado homem!

*Arch.* Pois sou desgraçado em não ser já mona?

*Iris.* Sim, porque ſendo mono, e Archia vinhas a ter huma monarquia.

*Arch.* Ora não me mortifiques mais: e ſe iſſo ſão arruſos do paſſado retrato, eu me retrato do que diſſe, e te peço queiras hum dia ſer ſó arco da Conſolação para eſte padecente de amor, que pelo grilhão da tua belleza o leva o carraſco do teu rigor a padecer na força da tua tyrannia.

*Iris.* Se tu fores para mim arco do ouro, não ſó para ti ſerey arco da Conſolação; porém eſtarás ſempre no arco da minha graça.

*Arch.* Bem te entendo; mas ſe eu não tenho que darte, mais que o meu coração?

*Iris.* Pois yaite, que eu não ſou melro

para me sustentar de corações.

*Arch.* Pois que queres em fim?

*Iris.* Queria que fosses rico como hum porco, já que es feyo como hum mono.

*Vaise.*

A R I A.

*Arch.* Se eû sou feyo, carrancudo,  
Corcovado, manco, e torto,  
Cara de mono, fucinho de porco,  
Mais me alegre de affim ser.  
Por isso estou mais contente,  
Mais alegre, e satisfeito,  
Que as mulheres por seu geito  
Sempre querem o peyor. *Vaise.*

*Sabe Lidoro.*

*Lid.* Que não encontre a Ulysses, para  
que, ou tirando-lhe a vida me não cau-  
ze tanto tormento, ou dando-me a mor-  
te não sinta tantos rigores!

*Sabe Archia sem o ver Lidoro.*

*Arch.* Para aqui veyo Lidoro. Oh cá está.  
Aqui começo a vingarme de Astreaaju-  
dante mór dos encantos.

*Lid.* Oh cruel fado, que até me conce-  
des a vida, porque a aborreço!

*Sabe de todo Archia, e anda como procurando.*

*Arch.* Para aqui não a vejo, nem para alli,  
nem

nem para acolá, nem para cá.

*Lid.* Que he o que pretendes?

*Arch.* He cá certa cousa; já mais achei  
cousa que buscasse!

*Lid.* A quem procuras?

*Arch.* Eu a alguém procuro, mas não he a v.  
m. Tomara que elle me puxasse pela lin-  
goa. *à parte.*

*Lid.* Pois vaite procurar a quem buscas.

*Arch.* Sim Senhor: mas a caso veria por  
aqui. . . . Mas não. Que seja possível,  
que nada me pergunte? Máo era para  
enqueredor. *à parte.*

*Lid.* A ninguém tenho aqui visto.

*Arch.* Ora vou-me: valha-te a fortuna  
por Astrea.

*Lid.* Astrea? Que dizes? Espera, espera.  
Ay de mim! A quem vens buscando?

*Arch.* He cá huma pessoa; aquem trago  
hum recadinho de importancia. Com  
licença. *faz que se váy.*

*Lid.* Espera, Archia, tu não nomeaste a  
Astrea? A ella he que procuras?

*Arch.* Parece que pegou a isca? pois va-  
mos chegando-lhe a mécha. *à parte.* A  
ella procuro da parte de Ulysses, e af-  
fim não me detenha, que importa muito.

*Lid.* Detem-te, dize-me [valhaõ-me os  
Deoses! *à parte.*] que lhe manda dizer  
Ulysses? *Arch.*

*Arch.* He certa coufa, que importa a ambos, e he de segredo: deixe-me hir.

*Lid.* Muito agradecido te ficaria, se me manifestalles esse particular.

*Arch.* Vá àcerca disso huma historia. Estando eu em Grecia, (que ainda que he regiaõ muito larga, he muito estreita a defluxos) deu-me tal esquinencia, que não podia abrir a boca, e estando em tal consternaçaõ, que nem huma só palavra podia dar, minha mulher, que tinha já experiencia, e conhecimento da minha natureza, meteo-me huma colher de prata na boca, e logo ficou franca, e desimpedida para tudo.

*Lid.* Já te entendo.

*Arch.* Espere, não me meta a historia a bulha, que falta applicalla. E assim, Senhor meu, o medo he esquinencia, que não deixa passar a voz da garganta: *Vox faucibus hæsit*, e só a prata, e o ouro he remédio contra a esquinencia do medo. Parece que já me entende?

*Lid.* Esta cadeya supponho terá a precisa virtude?

*Arch.* Se não for de lataõ, sim Senhor, mas ella peza muito bastante.

*Lid.* Relata-me pois, o que manda Ulysses dizer a Astrea?

*Arch.*

*Arch.* Manda-lhe dizer, que no Jardim a espera para gozar dos seus favores.

*Lid.* Suspende a voz, que com essas palavras me tiraste a vida.

*Arch.* Pois entã supponha que não lhe digo nada.

*Lid.* Vaite, e deixa-me.

*Arch.* Como a cadeya está recolhida, e Afrea encravada, obedeço.

*à part. e vaife.*

*Lid.* Não te pareça, traidor Grego, que tão seguramente has de gozar os favores dessa ingrata; dem-me os Ceos vingança.

*Vaife.*

## SCENA V.

*Jardim. Sabe Ulyffes.*

*Ulyff.* **M**uito tarda Circe em vir hoje a este jardim, se he que o amor me não faz parecerem horas os instantes.

*Da outra parte. Lidoro retirado.*

*Lid.* Cá está este cruel naufrago, a quem o mar arrojou de si, por não poder contentir em seus puros crystaes o veneno de tão falso peito: aqui retirado sollicitarey a minha vingança.

*Sake*

*Sabe Astrea da parte de Ulysses.*

*Astr.* Aonde estarás, Lidoro querido, que te não encontro, por mais que te procuro.

*Lid.* Certo he o meu mal, pois já a tyranna Astrea o vem buscando. Oh rigorosa pena!

*Ulyf.* Na verdade, bella Astrea, que mais festejaõ estas flores a vossa vinda, que a da Aurora.

*Astr.* Que seja taõ infeliz, que buscando a Lidoro, só encontre sempre Ulysses!

*Ulyf.* Não vos merece o meu affecto resposta? *à parte.*

*Lid.* Que melhor, que dar ouvidos às tuas lisonjas. *à parte.*

*Astr.* Ulysses, buscay a quem vos ama, que eu a quem me ama busco.

*Ulyf.* Se buscais a quem vos ama, só a mim podeis buscar.

*Lid.* Mentas, traidor, que mais amo eu, ainda que menos ditoso. *sabe.*

*Astr.* Valha-me Jupiter!

*Sabe Circe.*

*Circ.* Procurando-te vinha, Ulysses, e estimo acharte aqui: vem comigo, e tu tambem Astrea, *Ulyf.*

*Ulyf.* Só obedecerte intento. *Vaõ-se.*  
*Lid.* Ah cruel fado, que nunca me concedes lugar para a vingança de hum desesperado peito!

A R I A.

Como vivo, como alento!  
Como sem mais embaraços  
O coração a pedaços  
Não exhala a minha dor?  
Como sem alma respiro  
Neste morrer inhumano?  
Oh rigor o mais tyranno  
De mais tyranno rigor! *Vaise!*

S C E N A VI.

*Bosque.* Sabe *Arqueldo*, e os mais companheiros.

*Arq.* **B**Em sabeis, amados companheiros, o como nos sahio frustrada a fingida jornada que propozémos a *Ulyfes*; que he certo não havia permittir a nossa lealdade hirmo-nos sem elle; e pois vemos quaõ pouco effeito resultou do passado intento, outro se me offerece propovos, que me parece mais efficaz.  
*Hum* Saibamos o que intentas.

*Arq.* Que procuremos occasião de o acharmos

mos só, e lhe levemos as armas do valeroso Achilles, que me parece que vendendo-as, não soffrerá o seu valor o desprezallas com o esquecimento; antes lembrado de seu brio, e fama, tal vez rompa os duros laços de tão cruel encanto.

*Todos* Todos te seguiremos.

*Arg.* Vamos pois a tratar do modo, e da melhor occasião de se executar. Porém lá vem Archia, elle ajudará melhor o nosso intento.

*Sabe Archia.*

*Arch.* Muito bem me vinguey de Astrea. Mas quem está aqui?

*Arg.* Sejas bem vindo, Archia, que de ti esperamos saber.....

*Arch.* Se he cousa de Circe, e Ulysses, não me perguntem nada, que estou ameaçado a ser Elefante, se fallar.

*Arg.* Deixa loucuras; e sabe, que nos has de introduzir em palacio, para com as armas de Achilles vencermos o descuido de Ulysses.

*Arch.* Desta conta que vossés fazem, não quero ser addicão.

*Arg.* Isto ha de ser, e tu nos has de guiar.

*Arch.* Eu ser guia? Não me meto em taes contradanças.

*Arg.*

Arq. Pois para que não descubras o nosso segredo, hirás prezo ao navio.

*pegaõ nelle.*

Arch. Isso he como quem diz, ou ser Elefante, ou hir prezo; mas eu me defenderey assim. Ah que de Circe, ah que de Circe.

Arq. Calla-te infame, ou morrerás.

Arch. Ah que de Circe, ah que de Circe.

*Sabe Circe.*

Circ. Quem se queixa aqui?

Arq. Perdidos somos.

Arch. Ah que de Circe.

Circ. Socega-te, e dize de que te queixas, que dezejarey ter motivos para a minha vingança.

Arq. Oh que mal fiz em me declarar com elle!

*à parte.*

Arch. Ah que de. . . .

Circ. Relata-me o de que te queixas.

Arch. *Infandum Regina jubes renovare dolorem.*

Arq. De hum fio pendem as nossas vidas.

*à parte.*

Arch. Ah que de. . . .

Circ. Adverti, que se he o que presumo, que não vos haõ de valer os contravenenos de Ulysses. Prosegue tu.

Arch. Senhora, bem descuidado de semelhante

lhante encontro cheguey a este lugar,  
aonde elles crueis Archicidas.

*Arg.* Ay de nós! *à parte.*

*Arch.* Deraõ comigo, e apenas deraõ, eis-  
que deraõ em dizer, que eu havia hir  
com elles para Grecia, que estavaõ de  
partida; e tanto deraõ em ateimar, que  
deraõ em me começarem a dar; e de  
fôrte me davaõ, que dariaõ resto de  
mim, se naõ viesse a tempo de me va-  
leres; e como naõ quero com elles da-  
res, nem tomares, deixa-os hir para  
onde nunca mais dem comigo.

*Arg.* Melhorou-se o nosso fado. Mais sub-  
til he Arquia do que eu cuidava. *à part.*

*Arch.* Ah que de. . . .

*Circ.* Outta cousa imaginava eu que seria;  
porém como os dezejo ausentes, estimo  
as noticias que me dás. E vós outros po-  
deis hirvos, que assim evitareis a mim  
desgostos, e a vós algum castigo. *Vaõ-se.*

## S C E N A VII.

*Sala. Sabe Iris.*

*Iris.* **Q**ue tenha este Grego Archia to-  
mado à sua conta quererme bem,  
quando naõ lhe bastando ser taõ  
pobre, he de taõ máo fucinho! E quer  
que

que lhe mostre boa cara, disso póde estar livre.

A R I A.

Negra cara hey de mostrar,  
Se amarella a não tiver,  
E boa cara farey  
Se muitas caras trouxer.

Quando me trouxer mais cara,  
Me ha de achar mais baratinha,  
Se Archia tiver carinha,  
O meu carinho achará.

*Sabe Archia.*

*Arch.* Em ditosa hora venho, minha querida Iris, pois mereço estar na tua lembrança.

*Iris.* Será para mayor esquecimento, em quanto só tiveres essa cara.

*Arch.* Isso te mercede, cruel, o meu amor?

*Iris.* Quem não dá para os gastos, não pede contas.

*Arch.* Ora deixa de me atormentar.

*Iris.* Tanto te deixarey, que já me vou.  
*Faz que se vay.*

## SONETO.

*Arch.* Espera mais hum pouco. *Iris.* Vou-me andando.

*Arch.* Não te ausentes tyranna. *Iris.* Vou fugindo.

*Arch.* Taõ feyo te pareço? *Iris.* Es muito lindo.

*Arch.* Attende a meu amor. *Iris.* Estou ninando.

*Arch.* Suspende a tyrannia. *Iris.* Estou zingando.

*Arch.* Vê que triste padeço. *Iris.* Estou-me rindo.

*Arch.* Não sejas taõ cruel. *Iris.* Estou fringindo.

*Arch.* Olha que por ti morro. *Iris.* Estou fornando.

*Arch.* Amor louco me tem. *Iris.* Ay que doudice!

*Arch.* Elle cego me faz. *Iris.* Ay que cegueira!

*Arch.* O juizo me tira. *Iris.* Ay que tolice!

*Arch.* Movaõ-te minhas ancias. *Iris.* Forte afneira!

*Arch.* Meus suspiros escuta. *Iris.* He parvoice.

*Arch.* Attende a meu chorar. *Iris.* Vay  
rir à feira.

ARIA.

## A R I A.

*Arch.* Ay de mim que se esgueirou!  
 Cego, e louco me deixou:  
 Estou cego, estou tolo,  
 Já me deu volta o miolo.  
 Subio-me amor à cabeça,  
 E ma tomou com tal pressa  
 Que me deu com a bóla à sola  
 E tola me fez a tóla. *Vaise.*

## S C E N A VIII.

*Gabinete.* Aparecerão Circe, e Ulysses assentados, e as Ninfas.

*Ulys.* **P**Arece, ò bella Circe, que poz o amor toda a sua efficacia, e exhaurio todo o seu poder em me fazer ditoso; pois não pôde chegar a mais a minha gloria, nem passar a mayor auge a minha ventura.

*Circ.* Agora creyo, querido Ulysses, que ha gloria que possa satisfazer o dezejo humano; pois não he possivel dezejar mais bem que o que possuo, nem appetecer mais dita que a que logro.

*Musíc.* Amor não póde dar mais,  
 Nem eu mais appetecer,  
 Que o ser duravel tal gloria,  
 Que o ser eterno tal bem.

*Ulys.*

*Ulyf.* Oh que bem o explica o doce de  
vossa melodia!

*Circ.* Oh que bem o expressa o sonoro de  
vosso accento!

*Ulyf. e Music.* Amor não póde dar mais,

*Circ. e Music.* Nem eu mais appetecer,

*Ulyf. e Music.* Que o ser duravel tal gloria,

*Circ. e Music.* Que o ser eterno tal bem.

*Music.* Que o ser duravel tal gloria,  
Que o ser eterno tal bem.

*Adormece Ulyffes, e levanta-se Circe.*

*Circ.* Suspendey a vossa suave harmonia,  
que está Ulyffes pagando o devido tri-  
buto ao descanço; e em quanto o ocu-  
pa o brando sono, vinde comigo prepara-  
r-lhe novos recreyos a seu gofio. *Vai-se.*

*Sabem Arqueláo, Archia, e os mais que tra-  
zem o arnez de Achilles.*

*Arch.* Eilo ahi está sem tugir, nem mugir.

*Arq.* Opportuna occasião nós offerecê a  
forte para apurarmos o resto da nossa es-  
perança. Aqui ponho, Ulyffes, a teus  
pés o forte arnez do valeroso Achilles:  
permittaõ os Deoses seja despertador de  
teu esquecido brio.

*Poem Arqueláo o arnez aos pés de Ulyffes.*  
*Arq.*

*Arq.* Vamos , amigos , esperar o effeito desta ultima experiencia. *Vaõ-se.*

*Ulys.* ( em sonhos ) Que me queres , Achilles ? Deixa-me , palida sombra , que affigirme vens desses Ely sios campos : eu não desprezo as tuas armas ; não me ameaces , que em nada te offendo. *desperta.* Ay de mim ! que triste illusaõ do sono , pois me parecia ver a Achilles queixoso contra mim da ignavia , e frouxidaõ com que desprezava as suas armas. Mas que vejo ! O seu arnez prostrado a meus pés ? Isto he mais que affombro , isto não he só illusaõ ! Valha-me Jupiter. Ay Achilles , que bastante razaõ tens de queixarte , vendo a meus pés o gravado arnez de ouro , a quem são pequeno throno as azas da Fama ! Oh que rhetorico me reprehende , e que efficaz me persuade ! Comtigo pretende a minha resoluçaõ defenderme ( ay de mim ! ) dos suaves encantos de Circe.

## S O N E T O.

Chega a meus braços , oh arnez luzido ;  
 Não estejas na terra assim prostrado ,  
 Que se mereces ser taõ sublimado ,  
 Como te vejo estar taõ abatido !

Tom. IV.

M

*Levanta-o.*

Perdaõ

Perdaõ te peço, de que entorpecido  
 Por mim te vejas em taõ triste estado;  
 Se do clarim da Fama taõ lembrado,  
 De hum lethargo de amor taõ esquecido.  
 Vamos pois dar assumpto à egregia Fama,  
 Vencendo tu de amor a ardente pira,  
 Pois só o ouro resiste à forte chamma.  
 Ausentemo-nos pois, porque se infira,  
 Que fugindo de amor venci a flamma  
 Porque só vence a amor quem se retira.

*Vaise.*

*Sabe Circe.*

*Circ.* Aqui deixey a Ulysses. Como não está aqui? Porém tal vez que a procurar-me o ausentasse amor. Oh que mal sofre meu peito este breve tempo, que sem elle estou!

R E C I T A D O.

Aonde estás, doce emprego? Dize aonde  
 De meus olhos amor cruel te esconde?  
 Chega Ulysses, pois sabes, que os meus  
 braços  
 Não são duras prizões, sim brandos laços  
 Vem onde alcances por gloriosa palma  
 Ancias do coração, suspiros da alma.

ARIA.

A R I A.

Aonde estás, querido amor,  
Sem huma alma, que te adora,  
Que no pranto iguala a aurora,  
E no ardente imita ao Sol?  
Este pranto aplacar vem,  
Este incendio apagar trata;  
Pois com tua vista grata  
Pára o pranto, e cessa o ardor.

Mas como não ouves, Ulysses, as minhas  
vozes? Sem duvida que no Jardim esta-  
rás, qual Narciso entre as flores. *Vai-se.*

S C E N A IX.

*Bosques com vista de mar. Sabe Ulysses com a  
arnez vestido, e Archia.*

*Ulys.* **G** Raças a Jupiter, que já esta-  
mos à vista do escaler, que nos  
espera.

*Arch.* E graças a Baco, que já estamos  
sem ver a Circe, que nos espanta.

*Sabe Lidoro.*

*Lid.* Até aqui te venho, Ulysses, seguin-  
do, para fazer minha vingança, sem  
Mij que

que possa facilmente servirme Circe de embarço.

*Arch.* De embarço nos vem v. m. servir agora.

*Ulyf.* Lidoro, os vossos zelos são injustos, pois eu nunca amey a Astrea, senão a Circe: tanto que agora me vou embarcar por fugir de seu bello encanto. Ah tyrannas lembranças! *à parte.*

*Lid.* Por satisfeito me dera, vendo que te ausentas. Mas como podes negar, que amavas a Astrea, se por esse Criado lhe mandaste dizer que te fallasse no Jardim?

*Ulyf.* Isso he falso.

*Arch.* Ahi entro eu agora. O que eu lhe disse, Senhor Lidoro, foy mentira? Pelo lago Estygio lhe juro que o fiz por me vingar de Astrea, que me accusou a Circe, e juntamente adquirir aquella cadeya, que devia de ser de outro muito brando, pois já se derreteo toda; e porque vou embarcar, lha não restituo; porém em vindo a frota, eu pagarey a v. m. sem falta.

*Ulyf.* Pretendeis mais alguma cousa?

*Arch.* Ora acabe, que se perde a maré.

*Lid.* Sempre fico satisfeito, ainda que me fica o escrúpulo de não saber o que vos queria Astrea aquella noite, que vos mandou hir ao Jardim. *Ulyf.*

*Ulys.* Nem o sey, porque nunca mo disse; e vede que mais satisfação quereis.

*Arch.* He boa matraca!

*Lid.* Como do mayor cuidado estou livre, não quero de vós mais, que a ausencia que pretendeis; porque nem morto vos quero presente: ide-vos com Jupiter.

*Arch.* Ora acabe com isso.

*Ulys.* Os Deoses vos guardem. *Vaise.*

*Arch.* A's suas ordens, Senhor Lidoro. Em vindo a frota. . . . já te sabe, que a cadeya de v. m. . . .

*Lid.* Vaite louco.

*Arch.* Bolaverunt. *Vaise.*

*Lid.* Mais socegado ficaria de meus zelos, se não me faltasse saber, a que esperava Astrea a Ulysses aquella noite no Jardim, que nunca lhe explicou o que era.

*Sabem Circe, Astrea, e Ninfas.*

*Circ.* Ay Astrea, que não sey o que me prognostica o coração em não achar a Ulysses!

*Iris.* Nem do marabuto do Criado apparece fumo, nem rastro.

*Astr.* Alli está Lidoro: tal vez saiba d'elle.

*Circ.* Dizes bem, Lidoro, viste a Ulysses?

*Lid.* Pouco ha se foi embarcar com seus companheiros.

*Circ.*

*Circ.* Que dizes? Ay de mim! Seguime todos.

*Vão-se para a parte por onde entrou Ulysses, e apparece da mesma parte huma não.*

*Dentro.* Boa viagem, boa viagem.

*Torna a sabir Circe, e todos.*

*Circ.* Espera, enganoso Grego, falso Ulysses, que eu me vingarey: essas salgadas ondas se transformem em vorazes chammas, e abracem a esse ingrato.

*Começa o mar a arder.*

*Arch.* Oh Senhores, demos depressa com a bomba, que nos abrazamos. *Dentro.*

*Ulyf.* As flores de Juno me valerão contra teus encantos. *Dentro.*

*Deita huma flor da não ao mar, e apaga-se o fogo.*

*Arch.* Ah Senhor, muito nos quer Circe, pois vendo que intentámos fazer viagem, nos queria dar crena ao navio.

*Circ.* Ay de mim, que como te amparaõ tantas Deidades, de pouco serve a minha ira! E já que o fado, e os Deoses tanto contra mim se conjuraõ, tomarey vingança com dar-me morte. E tu,

Lidoro,

Lidoro, vive feliz com Afrea, que sempre te foi firme, pois se aquella infaulta noite chamou a esse ingrato ao Jardim, foi porque eu lho ordency. Vivey vós, e morra Circe.

*Lid.* Mil vezes feliz, quem alcança taõ ditoso defengano.

*Astr.* Ditosa eu, pois ficas certo da minha firmeza.

*Music.* Soberano Neptuno, *no mar.*

*Circ.* Iracundo Boreas,

*Music.* Brando te mostra,

*Circ.* Furioso tẽ ostenta,

*Music.* Em favor de Ulyffes,

*Circ.* Contra o falso Ulyffes,

*Music.* Com quietas ondas,

*Circ.* Com cruel tormenta. *Vaise.*

*Music.* Benigno Zefiro,  
Ampara os nauticos,  
Que sem ti miseros  
Se viraõ naufragos.

F I M.

SEMI

# SEMIRAMIS

## EM BABYLONIA,

Opera que se representou na Casa do  
Theatro publico do Bairro alto no  
anno de 1741.

---

### ARGUMENTO.

**S**emiramis Rainha dos Assyrios em huma ba-  
stalha que deu aos Baetros, e Medos, liber-  
tou ao marido prisioneiro El Rey Atalo, e ca-  
tivou a Zomira Princeza dos Baetros, e a  
Idaspe Principe dos Medos, amante de Zomi-  
ra, a qual vendo a Nino Principe dos Assyrios,  
o ama, e o rende à sua belleza. Semiramis  
pede a seu esposo Atalo em premio da fineza de  
o livrar, lhe permitta o reinar ella hum dia:  
elle o concede, e assim o juraõ os Assyrios. Ele-  
vada ao Throno, manda logo prender a El Rey  
seu esposo com intento de reinar ella toda a vi-  
da: dá liberdade a Idaspe, e a Zomira, e por  
elles manda matar o marido para mais assedu-  
rar o Throno; o qual por industria de seu fi-  
lho Nino he livre de todas as traições, e resti-  
tuido ao Throno; o que tudo melhor constará  
do contexto da obra.

IN-

## INTERLOCUTORES.

- Atalo*, Rey de Babilonia.  
*Semiramis*, Rainha dos Assyrios, sua mulher.  
*Nino*, Principe seu filho, amante de Zomira.  
*Idaspe*, Principe dos Medos, amante de Zomira.  
*Arbace*, General dos Assyrios.  
*Zomira*, Princeza dos Bactros.  
*Faneca*, Graciosa sua Criada.  
*Vesugo*, Gracioso Criado de Nino.  
 Soldados, e Povo.

*A Scena se figura em Babilonia.*

## SCENAS DO I. ACTO.

- I. *Campina.*
- II. *Aposentos Reaes.*

## SCENAS DO II. ACTO.

- I. *Praça de Babylonia com frontaria de Palacio Real.*
- II. *Sala Real.*
- III. *Jardim com huma fonte com a estatua de Sol.*

## SCENAS DO III. ACTO.

- I. *Parques de Palacio Real.*
- II. *Carcere.*
- III. *Galaria correspondente ao Templo do Sol.*

# ACTO I.

## SCENA I.

*Campina raze semeada de cadaveres , carros de matto quebrados , tendas de campanha cabidas , Cidade de Babylonia ao longe com o rio Eufrates , e estará em habito guerreiro a Rainha Semiramis com a espada na mão , seguida de Soldados , atraz El Rey Atalo , Zomira , e Idaspe prifoneiros , e Arbace solto.*

*Semir.* **H**Eróes valentes , já he nosso o campo; aobrilhante rayo da minha espada se deve a vitoria. Naó vos dem sustos as inimigas tropas , e as contrarias fileiras. Já dellas meu braço triunfou , já Assyria livre se vê.

*Rey.* Oh minha esposa , oh gloria minha , e minha libertadora , mais te devo que a vida na liberdade , pois aquella sem esta pouco , ou nada se estima.

*Semir.* Atalo , Rey , esposo meu , em ti grilhões ? De teus pés passarão hoje aos desses vencidos.

*Rey.*

*Rey.* Não, Semiramis, não; já que venço o teu braço, vença também o teu peito: menos generoso não faça o teu animo a vingança da minha injuria, que tanto mais te vingas, quanto mais perdoas.

*Idasp.* Não percas o costume da tua crueldade. Sabe que eu não sou sómente o General dos Bactros; em mim também vês d'ElRey dos Medos (que às tuas mãos rendeo a vida) o unico de sete filhos, que ao teu furor reservou dos Deoses a piedade. Este que falta de acabar, agora o podes fazer: só com Zomira não sejas cruel, e baste para seu tormento a lembrança do nobre sangue, que ha pouco em seu Pay derramaste.

*Zomir.* Não, Idaspe, não rogues por mim: piedade não busca quem só a morte deseja: siga a filha o infeliz destino do Pay.

*Rey.* Princeza, ainda nos meus pés sustento o pezo dos grilhões: não imagines finjo em mim a piedade, para que execute em ti o martyrio. Teu Pay sim morreo às minhas mãos, mas da mesma forte que eu podia acabar às suas. Os effeitos da guerra dá-os a fortuna, e não o valor. Não me gloreyo do golpe, antes lamento o estrago. Nestes braços

braços (como amigo) o recebi moribundo. Nelles me disse: já que ficas vencedor, salva-me a filha; seja brazaõ da tua gloria o favor do seu amparo. Em mim (lhe disse eu) terá o amor de Pay, que em ti lhe roubou a fortuna: será, naõ minha escrava, mas de meu filho esposa. Pedem-me juramento da palavra, dou-lho com a promessa, e espira contente.

*Zomir.* Se o amor de Zoroastro assim o quera, o meu o naõ quer. Depois da sua morte naõ póde haver para mim alivio, nem esposo. Tu com te mostrares benigno vencedor, pódes fazer o meu odio menos justo, mas naõ menos grande. Tirou-me com a vitoria o Ceo a vingança: esta só quera. Vê agora, ò Rey, se temo a morte. O meu pensamento te descubro, porque mais te irrite.

*Semir.* Basta; poem já freyo à tua ira. E tu o vem pôr ao furor dos Assyrios guerreiros.

*a Atalo.*

*Rey.* Vamos, e seja mayor o dia no cumprimento do promettido. Quero que se vinculem os applausos da vitoria, aos desposorios de Nino. Hoje esposa te fetteja toda a Assyria; e já que por ti se

se vê livre, por ti seja alegre. *Vais*  
*Semir.* Arbace, a Babylonia manda dar  
 noticia do triunfo, e entre tanto a N  
 no conduz. Esses prisioneiros no Pal  
 cio fiquem, e depois nos busca.

*Arbac.* Irey a obedecer aos vossos prece  
 tos, e dar noticia das vossas glorias. *Vais*

## A R I A.

*Sem.* Se hum espirito elevado  
 Inda em sexo menos forte  
 Nunca teme a dura morte  
 Nem a triunfos aspirar.  
 O meu peito em que se alenta  
 De Mavorte o furibundo,  
 Com valor a todo o mundo  
 Inda espera conquistar. *Vais*

*Zomir.* Quanto variou sobre nossas arma  
 a fortuna! Morreo meu Pay, e tu a  
 matador vences, e prendes; e quand  
 do barbaro Rey, e soberba Rainha  
 entendiamos que tomavamos a justa vin  
 gança, reduzindo com ferro, e fogo  
 lastimoso estrago todo o campo, entã  
 nos tira a fortuna outra vez a victori  
 das mãos, e nos tece os grilhões par  
 os pés.

*Idasp.* As minhas prizões me não lastimaõ  
 f

só as tuas me atormentaõ. Mas para que he temellas, se eu terey o martyrio, e tu terás esposo?

*Zomir.* Não me accrescentes a dor; e lembre-te só que te amey. Mas tu, quem me assegura se depois de distante dos meus olhos serás constante, quanto eu serey fiel? Ah que esta triste duvida me fará a escravidão mais penosa!

*Idasp.* Com essa duvida offendes a minha constancia.

A R I A.

Sabe amor, que nem o fado,  
Nem o infausto da ventura  
De adorar tal formosura  
Nunca me haõ de apartar.  
Firme amante hey de seguir  
Esse affombro de belleza,  
E o exemplo da firmeza  
No meu peito has de achar. *Vaõ-se.*

S C E N A II.

*Aposentos Reaes. Sabem Nino; e Vesugo.*

*Nino.* Certa he já a vitoria.  
*Vesug.* Será; mas eu ainda me não dou por seguro.

*Nino.*

*Nino.* He escusado o temor.

*Vesug.* Eu sim o escusára, mas elle he o que se mete comigo.

*Nino.* Ao primeiro, e repentino affalto, que entre as sombras da noite lhe deu o nosso campo, fugirão os Bactros.

*Vesug.* Isso foy estremunhados com o sono.

*Nino.* Eu o vi ao romper da alva do alto desta torre.

*Vesug.* Tambem eu, ainda que a essas horas estava a roncar.

*Nino.* Já he vaõ o temor.

*Vesug.* Em mim ainda não he vaõ, porque me apanhou muito em cheyo.

*Nino.* Espalhe-se pela Cidade o alegre aviso, e torne a nós a esperança.

*Vesug.* Queira Baco não venha em seu lugar a caridade.

*Nino.* Acabe no povo o susto, e socegue a paz no Reino.

*Vesug.* Sim Senhor; paz, e mais paz, que isto de guerras não gosto.

*Nino.* Sempre has de ser cobarde?

*Vesug.* Olhe V. Alteza, assim será, mas ambos vimos os touros de palanque.

*Nino.* O preceito de minha mãy me enclaustrou.

*Vesug.* E o medo da minha cabeça me prendeo. Mas ahi vem.....

*Nino.*

*Nino.* Vê quem he, *Vefugo.*

*Vefug.* He o Senhor *Arbaça.*

*Nino.* *Arbace?*

*Sabem Arbace, Zomira, Idaspe, e Faneca.*

*Arbac.* Por mim, ò Principe, fallem hoje estes grandes despojos:

*Nino.* Como?

*Arbac.* Venceo, ò *Nino*, aquella heroica Mãy, que o Ceo vos concedeo: voffo Pay se acha livre: esta he *Zomira* filha d'ElRey *Zoroastro* morto na guerra, e este *Idaspe* filho d'ElRey dos Medos; a sua prizaõ será esta galaria, em quanto eu torno ao campo. *Vaise.*

*Vefug.* E quem será aquelloutra Senhora? Puz-lhe os olhos, e não sey que me estaõ dizendo as tripas.

*Nino.* Não permittais, Senhora, que a vossa desgraça faça taõ cruel impressaõ no voffo peito: menos grave he a infelicidade, se vos ficou toda a gentileza: socegay o coração, e observay o meu, que vos entrega a piedade, e reserva os suspiros.

*Zomir.* De ti a piedade? he cousa que não quero. Ainda não comprehendeste aonde chegaõ os limites da minha pena, e os excessos da minha ira. A meu Pay

Tom. IV.                    N                    vejo

vejo morto às mãos do teu: eu lhe de-  
zejo a morte, e ati, por filho seu, tam-  
bem a dezejo: não faça injusto o meu  
dezejo a tua piedade.

*Nino.* Com essa narração de teus males os  
meus não evitas, porque mais os dobras.  
Eu só choro os teus damnos, porque  
vingallos não posso. Attende porém,  
*Zomira*: de meu Pay o fangue já o não  
posso render a teus pés, do meu posso  
fazer sacrificio às tuas plantas.

*Zomir.* Hum, e outro dezejo espalhar.

*Vesug.* A rapariga he bem carnicreira! *à part.*

*Zomir.* Mas o teu não busco da tua mão,  
com o meu proprio braço quero apagar  
este dezejo da minha vingança. Ah co-  
ração meu, desarma-te do furor. *à part.*

*Vesug.* Fóra com a menina! Esta he de  
hum olho! Façamo-nos na volta; tal vez  
por cá corra o vento mais favoravel.

*Chega-se para Faneca.*

*Nino.* Esses são os teus votos, estes os  
meus: que esperas? Tira-me a espada,  
fatisfaze o teu, e meu dezejo nessa vin-  
gança. Que te suspende?

*Vesug.* Está boa offerta! E se lhe dá na  
cabeça esfuracarnos a todos? Apello eu  
por v. m.

*para Faneca.*

*Fanec.* Eu não me affusto com tão pouco.

*Vesug.*

*Vesug.* Estará costumada a mais.

*Idasp.* Oh Zomira, ou lhe tira a vida, ou tira delle os olhos: não he elle merecedor do emprego da tua vista.

*Zomir.* Só irada o vejo.

*Idasp.* Mas sempre o vês.

*Vesug.* Tomara eu a v. m. tambem enfiada comigo.

*Fanec.* Para que?

*Vesug.* Para que esses dous olhos se pespegassem em cima desta cara.

*Fanec.* Teria que ver.

*Vesug.* Se não tinha que ver, teria que luzir.

*Fanec.* Em que?

*Vesug.* Em que se veriaõ saltando entre estas grenhas de Polifemo esses dous calumes de Cupido.

*Nino.* Que mais tardas, Zomira? Não sey que te suspende, quando a vida te entrego.

*Zomir.* Ao meu furor não facia huma victima voluntaria. E tu não es aquella, que primeiro se deve à minha pena. Não me obrigues, em quanto prisioneira me lamento: faze que eu seja livre das cadeyas, que eu desafogarey, .... mas no meu pranto.

*Nino.* Em ti cadeyas, Zomira? Esta he a galaria Real: esta será a tua prizaõ, e tu a minha.

N ii

*Zom.*

*Zomir.* Ah Nino! Oh Deoses! Deixame,  
e vaite, que eu mais sinto o meu dam-  
no na tua vista.

*Nino.* Bellissima Princeza, assim pões a  
quem fino te adora, hum taõ cruel pre-  
ceito? Tal vez o naõ fizesses, se quan-  
to he cruel tu alcançaras. Mas já te en-  
tendo, só para principiaries a vingarte  
me queres despedir.

*Canta Nino a seguinte Aria, e*

R E C I T A D O.

Sim, eu já me ausento, eu me retiro,  
Bem que afflicto suspiro;  
Mas sey que esta alma amante  
He por ti obediente, e ati constante.

A R I A.

Ah tyranna! ah bella ingrata!  
Pois o queres, eu me ausento:  
Mas attende ao meu tormento,  
E ao continuo suspirar.

Nesta ausencia, e em tal retiro  
Obediente por amante  
Sempre a teu amor constante  
O meu peito acharás.

*Vaise.*

*Zomir.* Ay de mim! que grande desasoce-  
go sente a alma!

*à parte.*

*Idasp.*

*Idasp.* Não só o attendes, mas ainda com os olhos o segues?

*Zomir.* Ah que não só com os olhos o figo, mas tambem com o coração o acompa-nho. *à parte.*

*Vesug.* Tambem eu não tiro os olhos: mas...

*Fanec.* Mas que?

*Vesug.* V. m. desvia-me as sobrançelhas.

*Fanec.* Não lhe quero disparar os arcos.

*Vesug.* Não importa, que já cá tenho as fertas; e mais meta-me a mão no feyo, e verá a brecha que me abriu.

*Idasp.* Em que imaginas, *Zomira*? que suspensão he essa?

*Zomir.* No meu destino; que hey de querer para a vingança propria ser algoz do sangue alheyo.

*Idasp.* Mas não do de *Nino*.

*Zomir.* O de *Nino* tambem.

*Idasp.* Que custosa o proferes!

*Zomir.* Crê embora, que o não aborreço, mas não que a morte lhe não quero.

*Idasp.* Não, que o não creyo: disse-te, que te amava: aquellas doces palavras de bella, e amada não sey que indicaõ: eu bem ouvi, que das offensas se lembrou o teu coração, mas em vão espera a morte de hum *Pay* a sua vingança, se na tua mão a deixa.

*Vaise.*

*Zom.*

*Zomir.* Agora que estás livre, falla , co-  
ração meu. Aonde está o amor de Idas-  
pe? O odio de Nino aonde está? Oh  
como rendes os teus enfados àquella  
presença! Muito te agrada, eu o sinto:  
o vello te delvéla, o fugirlhe te mar-  
tyrisa.

## A R I A.

Ay de mim triste cuidado  
Fluctuando em tanta pena  
Quando a forte te condemna  
A hum continuo suspirar.  
Entre o odio , e entre amor  
Vive o peito em dura guerra,  
E na duvida que encerra  
Sempre amor quer triunfar.

*Vão-se.*

*Vesug.* V. m. vay depressa? *detendo a Fan.*

*Fanec.* Sim, que vou acompanhando mi-  
nha Ama.

*Vesug.* Não necessita disso , que já está  
bem criada.

*Fanec.* Eu o sou de v. m.

*Vesug.* Pois entãõ terey a confiança de  
mandar o que queria pedir.

*Fanec.* O que?

*Vesug.* Que me ouça duas palavrinhas ahi  
pelo postigo da orelha.

*Fan.*

*Fanec.* Não posso, que sou furda.

*Vesug.* Pois ajuntarnoshemos ambos, porque eu sou cego.

*Fanec.* Pois busque quem o guie.

*Vesug.* Por isso procuro essa cachorrinha.

*Fanec.* Não está máo o descanço.

*Vesug.* Melhor seria, se os seus braços servissem de encofsto aos meus.

*Fanec.* Os favores assim se costumão por cá pedir?

*Vesug.* Não, minha Senhora, mas assim se costumão fazer.

*Fanec.* Pois advirta.....

*Vesug.* O que?

*Fanec.* Que às mulheres, como eu sou, não se falla dessa forte.

*Vesug.* V. m. perdoe; como ainda lhe não fey o geito à lingua, errey a proza; mas se v. m. quizesse.....

*Fanec.* O que havia de querer?

*Vesug.* Dar-me duas lições para ficar mestre.

*Fanec.* Tomara-lhe o defenfado.

*Vesug.* Pois ha mais que tello. Ora venha hum abraço.

*Fanec.* Ay não seja louco, que vem gente.

*Vaise.*

*Vesug.* Qual gente? Eu a estas horas não conheço.....

*Sabem*

*Sabem Semiramis, e Arbace com bastão.*

*Semir.* Que dizes?

*Vesug.* He cá huma cousa. Se não aballa tão depressa, leva o abraço. *à parte.*

*Semir.* Que buscas aqui?

*Vesug.* Huma cousa que trazia na mão, e me cahio por entre os dedos.

*Arbac.* Retira-te.

*Vesug.* Sim; Senhor bigodes de soffrego. De boa escapou a moça: mas ella cahirá na ratoeira. *à part. e vai se.*

*Semir.* Eu te tenho eleito General; e ainda que outro o pretende, só ati o entrego. O superior governo das armas em ti terá a sua defeza: o meu voto te fez: não basta? Ati o bastão te entrego.

*Arbac.* Por mim o não empunho; já Assyria em mim culpa a escuza: eu só o recebo, para que por vós se reja: respeitavel o farey com o vosso mando.

*Semir.* No teu valor está a minha esperança: eu pedirey ajuda ao teu braço. Bem sey, que injusto te parecerá o meu dezejo, mas. . . .

*Arbac.* Eu não devo imaginar qual seja o intento, só me pertence executar a ordem: o vosso gosto será a minha obediencia. *Vai se.*

*Sem.*

*Semir.* Oh meu amado Menon, que foste o primeiro, e só posso dizer o meu esposo! Eu te vejo, eu te sinto, ainda depois de tantos annos, que Atalo te tirou de meus braços com a vida, para me pôr nos seus como consorte. Ah justa vingança! Não me atormentes mais, sombra adorada; eu o aborreço por ti, e o aborrecerey: mas deixa-me fingir amor, em quanto. ....

*Sabe ElRey.*

*Rey.* Por ti, bella Semiramis, se vê alegre toda a Assyria; vem a gozar dos teus triunfos, bella esposa.

*Semir.* Em esse nome estão fundados todos os meus triunfos.

*Rey.* Estes louvores são devidos à tua gentileza, e à tua valentia: vem a empregar os olhos nos troféos desse invencível braço.

*Semir.* Não; aqui fica, e comigo te senta; porque quero socegar com a tua vista o meu coração. (*assentaõ-se.*) Ainda não sinto segura a alegria em o teu livramento; porque ainda trago impressos em meus pensamentos os teus grilhões. Já estás livre, amado esposo meu. Ainda o não creyo.

*Rey.*

*Rey.* Oh doces palavras! oh agradaveis vistas! Livre eltou; mas ao teu valor o devo: assim o contempla a minha liberdade, para que mais se glorie a tua victoria.

*Semir.* O meu triumpho he só o teu gosto; mas não te nego que se augmenta a minha gloria, em ver que te livrou a minha espada. Perdoa à minha soberba em tanta gloria.

*Rey.* Com chamarlhe soberbo não desdouras o teu affecto. Vem ao teu triumpho, esposa, vem para o meu folio.

*Semir.* Ao teu folio eu?

*Rey.* Sim, comigo has de reinar.

*Semir.* Eu reinar contigo? Oh Deoses!

Já chegou a hora da minha vingança. à

*parte.* O premio he mayor que o merecimento: ao folio só se eleva a minha attenção, e não o meu pensamento: mas só quero, meu Rey, que quando nelle te assentares, eu aos teus pés esteja.

*Rey.* Não, ao meu lado has de estar.

*Semir.* Quanto he grande o teu coração!

Mas.....

*Rey.* Não te opponhas ao meu gosto: generoso te offereço, e te fallo amante: tudo deve o meu amor à tua valentia.

*Semir.* Estou vencida; já não quero recu-

zar huma honra amante, que mais ati me entrega: só em fazella menos grande, farey mais justa a tua merce. Eu diminuo o teu poder, aceitando o teu favor: dividido em nós o mando, será menor em ambos o imperio. Teu seja o superior, e seja sempre; mas porque queres que eu reine igualmente, faça-se o teu gosto, mas o teu poder se salve. Hum dia só quero mandar sobre o teu throno como Senhora absoluta: se assim mo concedes, assim o aceito, e se mais me queres conceder, obrigas-me a não aceitar. *levantando-se.*

*Rey.* Attende. Teu louvor será, não culpa minha, o ser tão pouco: digno he o teu merecimento de mayor premio. Não queres mais reinar que hum só dia? pois seja hoje: vem, esposa, vem ao teu folio, e ao teu mando.

*Semir.* Já me verey vingada. *à parte.*

A R I A.

*Rey.* Vem esposa muito amada  
Rege, manda, e tudo impera,  
Que eu amante já quizera  
Todo o mundo ati prostrar.  
Se em meu peito já dominas,  
Pouco faço em darte hum reino;  
Que essas prendas peregrinas  
Mais merecem alcançar. *Vão-se.*

*Sabem Nino, e Arbace.*

*Nino.* Arbace, ah fero Arbace! tu tiras-te a esta innocente alma o seu descanso e a sua paz.

*Arbac.* Que afrontas, ò Principe, são estas? De que delicto de mim ignorado me vejo reo? Quando mensageiro de hum victoria ati venho, e te entrego os mais excellentes despojos, entao me reprehendes?

*Nino.* Nestes despojos me roubaste o meu socego. Zomira. ....

*Arbac.* Já te entendo; a vista da tua prisioneira, e da tua inimiga te ferio o coração.

*Nino.* Este suspirar to diga: sim, Arbace, aquelle primeiro instante que vi dos seus olhos as luzes [ oh que deliciosa lembrança! ] perdi dos meus o socego.

*Sabe Faneca ao bastidor.*

*Fanec.* Que fará minha Ama? Mas aqui está o Principe.

*Arbac.* E que esperas do favor de Zomira, que tem jurado de te tirar a vida, e a de teu Pay? Deixa, deixa. ....

*Nino.* Arbace, se me queres aconselhar, que não ame a Zomira, he vaõ o conselho:

felho : deixame , deixame só com os meus pensamentos , que ao menos nelles ferey feliz , quando em me não favorecer seja desgraçado.

*Arbac.* Prompto te obedeço , e só te lembro , que o odio em mulher ou dura pouco , ou não se extingue. *Vaise.*

*Sabe Vesugo ao bastidor.*

*Vesug.* Se andará por aqui . . . . Mas não anda , que está parada.

*Nino.* Despreza-me embora , minha amada Zomira , e ajunta aos teus desprezos os desdens. *Vaise.*

*Sabe Faneca.*

*Fanec.* Ay como me cheira a nascerem alegres pazes de duras guerras ! O Principe Nino confessa que morre por Zomira , e minha Ama já lhe não vive desinclinada ; parece-me que teremos , em vez de focos de Marte , sopinhas de Hymenêo.

*Sabe Vesugo.*

*Vesug.* Visto isso tambem poderey ter quintaõ na vaca ?

*Fanec.* Que sempre este maldito me appareça a estas horas !

*Vesug*

*Vesug.* Eu nunca falto a horas de comer.

*Fanec.* Diz bem, que he peyor que farna.

*Vesug.* E tu es peyor que tinha, pois não te posso pegar, nem por hum cabello.

*Fanec.* Vossé por ser diabo, he que me parece hum tinhofo.

*Vesug.* Olha: eu isto de tinha sim a tinha algum dia, mas agora já não tenho o que tinha.

*Fanec.* Pois se não tem já, não o quero.

*Vesug.* Porque razão?

*Fanec.* Porque só quem dá he bom para amante; vossé como já não tem, não póde dar; porque ninguem póde dar o que não serve para amante.

*Vesug.* A rapariga he sofisticada em fórmula! Pois advertte, que ainda que não tenha, sempre te posso dar; porque não dá quem tem, senão quem quer bem.

*Fanec.* Comece já a fazer a experiencia, para que eu dê melhor credito às suas palavras.

*Vesug.* Eu o que tenho aqui mais à mão, são os meus braços: aqui os tens à tua ordem.

*Fanec.* Retire-se, que eu não os quero.

*Vesug.* Pois que mais queres de quem está perdido?

*Fanec.* O que? Nada, cousa nenhuma.

*Vesug.*

*Vesug.* E até para mayor desgraça me roubáraõ hum coração que eu tinha, a quem queria muito.

*Fanec.* Pois busque-o lá em quem lho roubou.

A R I A A D U O.

*Vesug.* Dame, ingrata, o coração  
Pois, tyranna, mo roubaste.

*Fanec.* Eu supponho te enganaste,  
Que eu não sou quem to furtou.

*Vesug.* Esse dengue mo roubou.

*Fanec.* Tal não ha.

*Vesug.* Por vida minha.

*Fanec.* Oh aleivofo!

*Vesug.* Oh cachorrinha!

*Fanec.* Tal não digas } não ha tal.

*Vesug.* Eu não minto }

*Vesug.* Eu to dou de boa mente,  
Mas não sejas tão ingrata.

*Fanec.* Tal comigo não se trata,

*Ambos* Que eu não sou para enganar.

*Vão-se.*

ACTO

## A C T O II.

## S C E N A I.

*Praça de Babylonia com vista de Palacio Real. Arcos triunfaes , erizados em honra de Semiramis com throno magestoso para a coroação da mesma. Povo, e Soldados com bandeiras brancas. ElRey Atalo sobre o throno, Semiramis ao lado direito, Nino ao esquerdo , em degracs mais baixos Arbace , e os Grandes do Reino em pé junto ao throno.*

Rey. **V** Assallos , eis aqui o vosso Rey livre já dos seus contrarios : sujeitos aos grilhões se vião meus pés. Vede : (*mostra a cadea*) esta era a minha desgraça , e peyor seria a vossa, vendo abraçar às violencias do inimigo fogo todo o Reino. O invencivel braço de Semiramis reclamou a vitoria. Esta he a grande triunfadora , (*para Semiram.*) esta a nossa fortuna, e a nossa gloria : livres , a dezempenho do seu valor , vos aclamais. A não ser o seu braço , lamentarias , ò infeliz Cidade , o teu estrago , em mares de pranto , e em diluvios de sangue ;

sangue : applaude, a quem te salva, e  
hoje festiva repete, que Semiramis viva.

*Todos.* Viva, viva.

*Rey.* Só com alegres vozes o beneficio se  
naõ paga. Nette dia, por ser de glo-  
ria para ella, e para nós de liberdade,  
Semiramis reine sobre o meu throno,  
que com o Cetro defendo : no dia do  
seu triunfo tenha absoluto imperio : man-  
de, e governe como Senhora. Este, õ  
Principe, he o meu votõ.

Do nosso cativeiro hoje nos priva,  
Hoje reine absoluta, e sempre viva.

*Todos.* Reine, e viva, viva.

*Rey.* Tu serás a nossa Rainha; todos o ap-  
provaõ, e obedecerte juraõ aos altos  
Deoses. Zomira, e Idaspe venhaõ; e  
para fazer mais alegre hum taõ grande  
dia, se conceda a paz aos Baetrianos.  
Nino se despose com Zomira, e venha  
a taça nupcial.

*Chega hum Criado com huma taça, que dará  
a Semiramis a seu tempo.*

*Semir.* Já que te agrada que eu reine, e  
mande em este dia, deixa, que da mi-  
nha maõ venha nessa taça a paz de Hy-  
menêo. *toma a taça.*

*Sabem Idaspe, e Zomira.*

*Rey.* O teu gosto se cumpra, Principe :  
qual seja o vosso destino ouvireis de Se-  
miramis : hoje empunha o Cetro, e o  
diadema cinge : eu já não sou vosso Rey.

*Desce ElRey do Throno, e coroa a Semiramis,  
a qual se assenta no lugar aonde elle esta-  
va, e canta-se o seguinte*

## C O R O.

Ao Throno, ao Throno  
A nossa triunfante :  
A nossa reinante  
Ao Throno, ao Throno.

*Semir.* Atalo, dizeme quem em Assyria  
hoje reina?

*Rey.* Tu reinas, tu mandas : o nosso des-  
tino está no teu imperio.

*Semir.* Já que eu mando, toda a pompa  
triunfal se deite a terra : ao povo se es-  
palhe ouro, e prata, para que aos hu-  
mildes chegue tambem a liberalidade :  
os despojos inimigos se dividão entre os  
Soldados, e aos mais assignalados esmal-  
tem o peito preciosas joyas de finas pe-  
dras : levantem-se muito mais soberbos,  
e mais elevados os muros de Babylonia,  
para

para que o inimigo aſalto não tire aos Cidadãos o ſeu deſcanço : ſeja minha pompa mais felicidade alheya, que propria.

*Rey.* Oh grande mulher !

*Nino.* Oh grande Mãy !

*Todos.* Oh grande Rainha !

*Semir.* Chega, Zomira : na minha mão eſtá a taça nucial; eſpoſa de Nino te quer Atalo.

*Idaſp.* Zomira, lembre-te, que ſeu Pay ao teu matou.

*Zomir.* A ſombra paterna ſey que ainda verte ſangue das feridas, e ainda não acho vingança das offenſas.

*Rey.* Primeiro ſe conceda a paz, e depois do Hymenêo ſe trate.

*Semir.* Paz, e Hymenêo te agrada? Pois a taça ao chaõ, e as bandeiras a terra. Eſte he o Hymenêo, e eſta he a paz.

*Atira com a taça ao chaõ, abatem os Soldados as bandeiras, e deſce do Throno Semiramis.*

*Rey.* Oh feroz mulher !

*Nino.* Oh cruel Mãy !

*Semir.* Arbace, Atalo ſe prenda.

*Rey.* A mim Semiramis ? Ao teu Rey ? Ao teu Eſpoſo ?

*Semir.* A tua Rainha ſou eu, e prezo te quero.

O ii

*Rey.*

*Rey.* Sonho eu, ou tu deliras?

*Semir.* General, obedece. *a Arbace.*

*Rey.* E tu es taõ atrevido com o teu Rey?

*Arbac.* O meu Rey he aquella: a execu-  
ção, e a fé hoje só devo guardar a quem  
o Cetro vejo reger.

*Rey.* Assyrios, eu sou o vosso Rey.

*Semir.* A vossa Rainha sou eu; vós affirm-  
o jurastes aos Deoses.

*Rey.* Tu õs debes respeitar em mim; vê  
que no semblante mostro ainda fóra do  
folio dos altos Deoses os soberanos rayos:  
vê-me, e treme de mim: ainda que su-  
jeito ao folio, os Deoses me fizeraõ teu  
Rey, e Rainha eu só te fiz. Cruel com  
elles, e comigo hoje te vejo, teme o  
feu, e meu enfado.

*Semir.* A' manhã õ temerey, hoje reino.

*Rey.* He esta a Assyria? He esta a minha  
Rainha? Naõ, vós naõ sois Assyrios;  
entre vós naõ estou, estou entre os Ba-  
ctros à sombra de Zoroastro, que hoje  
matey, este he o que rege o meu folio.

*Vaise com Arbace.*

*Semir.* Tudo ao meu mando se obre. Hum-  
dia naõ he breve para quem sabe man-  
dar. Guardas a Zomira, e Idaspe nos  
feus quartos reservay. Nino, será tua  
esposa outra formosura; os Soldados es-  
tejaõ

tejaõ sobre as armas. Grandes, vós me segui, e seja a vossa obediencia o meu preceito. Eu reino este dia, vós me fazeis vossa Rainha: o juramento está dado, o destino de Assyria hoje está em mim, que hoje governo.

## A R I A.

Hoje tudo a meu preceito  
Se sujeite humildemente,  
Quando em ira o peito ardente  
Tanto exhala o seu furor.  
Se até agora a chamma occulta  
Se enclaustrou dentro no peito,  
Mostre agora o seu effeito  
Respirando o forte ardor. *Vaise.*

*Sabe Vesugo.*

*Vesug.* Que alvoroço he este? huns para aqui, outros para alli? Naõ sabem que as mulheres são vingativas: fez muito bem a Senhora Semiramis. ElRey Atalo matou-lhe o seu marido, e depois emnoivou-se com ella, e ella agora parece que quer emnoivar-se com outro. Se eu fosse mulher, havia fazer peyor, já que elle foi tolo, que lhe vay entregar o governo a huma desgovernada. Mas ahi vem a Senhora Faneça, que já  
lhe

lhe pesquey o vulto, e lhe físguey o no  
me: só o abraço naõ posso ver na rede  
Mas aqui me escondo de traz deste arco  
para ver se acho modo de a meter n  
dança. *esconde-se*

*Sabe Faneca.*

*Fanec.* Eu venho tonta; naõ posso acha  
a minha Ama; o Principe Idaspe na  
apparece; a Rainha está huma polvora  
e entendo que tudo parará em fogo  
Em negra hora vim acompanhar a Prin  
ceza à guerra.

*Vesug.* Eu sayo pé ante pé a ver se posso  
físgar o abraço. *vay sabindo*

*Fanec.* Mas quem está aqui?

*Vesug.* Valha-te hum dardo, que logo pel  
caste este desgraçado Vesugo, que no  
mar de amor se vay alentando com a is  
ca do teu desdem.

*Fanec.* Nunca na rede do meu affecto ha  
de cahir esse Vesugo.

*Vesug.* Calla-te, que ainda te ha de escapar  
pela malha algum favor.

*Fanec.* Naõ se cance que de mim naõ ha de  
ver boya.

*Vesug.* Minha adorada Faneca,  
Suspende a tua aspereza,  
Quando no mar da firmeza  
Por ti corro séca, e méca;  
Valha-te, menina, a bréca,  
Já que assim de mim não gostas:  
Dize, porque me desgostas  
Com tão continuo rigor?  
Pois, ou me faze hum favor,  
Ou me deixa aqui em postas.

*Fanec.* Em postas merecia vossé feito: mas  
deixemo-nos disso, e diga-me: sabe  
aonde está minha Ama?

*Vesug.* De Amas não sey, da Criada bem  
posso fallar, quando estou tão cativo  
desses olhos.

*Fanec.* Deixe-se de cumprimentos, que  
lhos não estimo.

*Vesug.* Ah tyranna, que assim me queres  
pôr à curta!

*Fanec.* Não estou para detenças; se me  
não dá noticias de minha Ama, vou  
buscar quem mas dê.

*Vesug.* Porque, receas ficar desaccomodada?

*Fanec.* Não o receyo, mas sempre me af-  
teguero; e assim por aqui me sirvo.

*Vaise.*

*Vesug.* Escuta, espera, ò Faneca ingrata.  
Ora

Ora com bem lhe amanhêça, logrou-me no melhor tempo da vossa pratica; calla-te que eu te andarey pelos alcançes. Ora vamo-nos tambem por esta parte, que todos os rios vaõ dar ao mar.

*Vaise.*

## S C E N A II.

*Sala Real. Sabem Semiramis, e Idaspé mettendo a espada na cinta.*

*Semir.* JA' concedi aos Bactros as pazes, e a vós a liberdade. Essa he a vossa espada, cingi-a ao lado, Principe.

*Idasp.* Senhora, huma mercê tão grande...

*Semir.* Não tendes que me agradecer; conveniencia minha he essa dadiva. Attendey: eu subi ao Throno, e delle não quero baixar; quererão os Assyrios, que eu delle à manhã desça, mas vós nelle me haveis de sustentar; fazey que eu delle não seja expulsa. Vede agora se he conveniencia minha a vossa espada.

*Idasp.* E minha a gloria, que terey de servirvos: eu farey, que se ajunte o meu campo, e ao vosso mando o terey prompto.

*Semir.* Semiramis vos será agradecida.

*Idasp.*

*Idasp.* A hum Principe fallais, que só obedeceros dezeja.

*Semir.* Tudo alcanço, e agradeço: a Zomira eu sey que amais.

*Idasp.* Tambem sey, que a ama Nino: sua ferá pois lha quer dar Atalo.

*Semir.* Se Atalo torna a reinar, não a esperéis; mas se eu fico reinando, ferá vossa: ella por mim vos falla, e vos diz: *Idaspe*, amado bem, nem sempre fêra Eu contigo ferey, descança, espera.

A R I A.

*Idasp.* Oh meu peito sempre amante,  
Nesta empreza toma alento;  
Diminue o teu tormento,  
Pois te debes alentar.

Se até agora entre receyos  
Sempre andavas suspirando,  
Bem pódes hirte alentando  
Nesta gloria de esperar. *Vaise.*

*Sabe Nino,*

*Nino.* Livre está *Idaspe*?

*Semir.* Sim, *Nino.*

*Nino.* E meu *Pay*?

*Semir.* Ainda está prezo.

*Nino.* Ay de mim!

*Semir.* Que temes?

*Nino.*

*Nino.* Justo he o temor: ingrato vos será Idaspe: contra vós despirá a espada; e quando seja hum traidor, e hum aleivoso, terá a desculpa no vosso exemplo.

*Semir.* A quem fallas?

*Nino.* A huma Mãy.

*Semir.* E a huma Rainha tambem.

*Nino.* Sim; mas fallo por hum Pay, e por vós mesma fallo: resolutio me faz a sua desgraça, e a vossa gloria.

*Semir.* Sim; queres livre a teu Pay? Elle o será: mas ceda-me para sempre o Reino, e depois tenha a liberdade.

*Nino.* Toda a sua esperança deve ser a liberdade; mas com tanto pezo isso he delicto.....

*Semir.* Calla-te: com fazeres que eu o advirta, já o não podes fazer que o não cometta.

*Nino.* Senhora, assim correspondeis ao amor de hum marido, e.....

*Semir.* Eu sey as razões que tenho: em me conceder dominio hum dia, me deu força para dezejallo em todos. Atalo aqui vem logo, eu quero-te ouvir fallar com elle, sem que elle me veja; faze que elle consinta com a minha vontade: o Throno já mo não póde tirar; elle mo deu, e tirarmo não deve: eterna prizaõ

prizaõ o espera, se elle naõ cede: deixa que elle falle claramente, e naõ faças movimento, que eu dalli te escuto, e vejo, e dos teus avisos elle he que ha de pagar a pena, e primeiro que elle suba ao Throno, lhe hey de tirar a vida.

*Poem-se Semiramis ao bastidor, e sabe  
ElRey solto.*

*Rey.* Já, ò filho, me vejo em liberdade.  
Que furor accomette a Rainha? Eu te confesso, que peyor sorte esperava do seu delirio. Mas assim recibes taõ triste a hum Pay, a hum Rey?

*Nino.* Pay, que só este nome vos posso dar, que esse de Rey já o ignoro.

*Rey.* He porque hoje naõ mando? Por ventura eu naõ sou Senhor? E naõ tornarey brevemente a reynar?

*Nino.* Pay. ....

*Rey.* Falla, que me queres dizer?

*Nino.* Assim fallo por vos. .... quer a Rainha. ....

*Rey.* Continúa, naõ confundas humas palavras com outras.

*Nino.* Quer a Rainha, que hoje lhe cedais para sempre o Imperio, ou que para sempre sejais prisioneiro.

*Rey.* Detem-te; aonde achaste essa ley taõ cruel?  
*Nino.*

*Nino.* Ella me ordenou que assim vos fallasse.

*Rey.* E tu o podeste proferir? Ah barbara mulher!

*Nino.* Calai-vos Senhor.

*Rey.* Ainda me dizes que me calle? Alegraõ-te as suas crueldades? Della serás tu filho, porém meu já não. Queres ver a ella Rainha, e a mim vassallo, feito rizo do povo, e fabula do mundo? Não te faria envergonhar hum Pay taõ vil? Ah mulher ingrata!

*Nino.* Ah Pay, e Senhor.

*Rey.* Não profiras hum nome, que augmenta o teu delicto, e o meu enfado; tu não queres que eu seja teu Rey, e eu não quero ser teu Pay.

*Nino.* Oh Deoses!

*Rey.* Mas ferey Rey a teu pezar: eu me verey depressa sobre o mal concedido Throno: ao rigor do ferro, e à violencia do veneno cahirá delle essa ingrata, essa falsa, essa tyranna.....

*Nino.* Escutay, escutay, Senhor.

*Semir.* Já me inteirey do seu desígnio.

*Vaise.*

*Rey.* Que queres que escute? O contrato da minha liberdade? Entregarey primeiro a vida, que o Reino: assim responderás

ponderás a effa de quem es filho, e torna depois com os grilhões a feres tu mesmo quem mos lance aos pés.

*Nino.* Pay, e Senhor, justa he a vossa pena: dezafoque-se, e seja em mim: já vos escuto gostoso, porque já vos escuto só.

*Rey.* Não te entendo.

*Nino.* A Rainha tudo escutava; nem com hum aceno vos podia dar aviso, porque era o vosso perigo o meu final: já se ausentou: fallay, castigai-me, mas primeiro me chamay vosso filho.

*Rey.* Oh amado filho! Oh mulher ingrata! Tens *Nino* de mim compaixão?

*Nino.* Assim tivera caminho de vos entregar o Cetro: grandes, e pequenos tudo a Rainha tem em seu favor: a dinheiro os comprou; eu não sey o modo.

*Rey.* Eu o sey, porque a minha pena me deu industria. Está prompto o veneno, cedo o beberá. Tem por costume hir todos os dias ao jardim a beber daquella fonte chamada do sol; nessa agoa levará o veneno.

*Nino.* Ay de mim, amada Mãy!

*Rey.* Mãy chamas, a quem Reino, e liberdade me quer tirar? Adverte o teu perigo no meu estrago: para reinar me  
ha de

ha de tirar primeiro a vida, e depois a tua: este perigo te faça guardar segredo: se fallas, me perdes, e por ultimo te beijo, e te abraço. *abração-se.*

*Nino.* Oh Deoses!

*Sabe Arbace.*

*Arbac.* Atalo, vinde outra vez à vossa prizão: eu sou o executor do preceito.

*Rey.* Pois cumpre-o.

*Arbac.* Assim o devo fazer: a Rainha vos espera no Jardim, para lá foi com Zomira. *para Nino.*

*Rey.* Nino, se te callas, reino; e se fallas, morro; salva-te entre nós.

*Nino.* E que tyranno lance he este meu entre vós! *Vaise.*

*Rey.* Hoje serves a Rainha?

*Arbac.* Vós samente sois o meu Rey.

*Rey.* Ajuntas a zombaria ao atrevimento?

*Arbac.* Não me faças réo dessa culpa: he força, e não vontade: o cargo que a Rainha me entregou neste bastão, a vossos pés o ponho.

*Rey.* Não, Arbace, obedece a quem reina.

*Arbac.* Vós não me credes? Mostrarey com a minha morte a minha fidelidade. *vay a ferirse.*

*Rey.* Tanto não quero: faze que torne o teu

teu Rey ao Throno, que a culpa já te  
perdoou.

*Vaise.*

S C E N A III.

*Jardim com huma fonte no meyo com a esta-  
tua do Sol. Sabe Vesugo.*

*Vesug.* **A** Traz de pescar Faneca, hu-  
ma onda se me vay, e outra  
se me vem: ella para por aqui entrou,  
mas eu aqui a não vejo: por esta rua  
não, por aquella menos; eila cá pela  
outra: ahi vem por entre roseiras aquel-  
la papoula da India, cercada de malme-  
queres: tomara-me esconder, para ver  
se a posso pilhar, que sem fruto não ha  
pilhar hum abraço: atraz desta mesma  
fonte me occulto.

*Esconde-se atraz da fonte, e sabe Faneca.*

*Fanec.* Divertida no Jardim me apartey da  
Princeza. Que deliciosa estancia! E  
mais que deliciosa aquella fonte, que a  
beber me convida!

*Vesug.* Ay, que com essa bebedura me  
cresce a agoa na boca.

*Fanec.* Se será esta a fonte do Sol?

*Vesug.* Não, he a da lua, porque tem en-  
chentes. *à part.*

*Fanec.*

*Fanec.* Peza-me não trazer porque beba.

*Vesug.* Se o meu copo não estivera sujo, tinha boa occasião do offerecimento.

*Fanec.* Que bonita figura!

*Vesug.* He bonito como hum sol.

*Fanec.* Ora já que não trago copo, beberey na bica.

*Vesug.* Anda que aqui tens a do sapato, porque já lhe meti hum pé dentro.

*Fanec.* A ella me chego. Mas quem está aqui atraz?

*Vesug.* Sou eu, que me estou aqueitando ao sol. A maldita nunca lhe escapo. à p.

*Fanec.* Olhem o cara do demo!

*Vesug.* Pois querias que fosse bonita servindo em hum chafariz?

*Fanec.* Calle-se, que estou danada.

*Vesug.* Isso vi eu logo, quando viste às ondas.

*Fanec.* O maldito, que me fez fugir a vontade de beber.

*Vesug.* Tambem tu me fizeste escapar a occasião de te pilhar hum abraço.

*Fanec.* E ainda não tem vergonha de o dizer?

*Vesug.* Nem de to dar aqui já, e logo.

*Vay Vesugo para darlhe hum nbraço, ella o empurra, e o deita dentro na fonte.*

*Fanec.* Desta sorte se castigão atrevidos.

*Vesug.*

*Vesug.* Oh mulher de huma figa, já que-  
res que eu corra os banhos?

*Fanec.* Peza-me a mim. . . . Mas ahi vem  
gente; não quero que me vejaõ. *Vaise.*

*Vesug.* Quem me dá a maõ, que me afogo.

*Sabe Nino.*

*Nino.* Que fazes, louco?

*Vesug.* Achey boa esta maré, e não a quiz  
perder. *sabe.*

*Nino.* Retira-te, que vem a Princeza.

*Vesug.* Sim Senhor, que nem estou capaz  
de apparecer. *Vaise.*

*Sabe Zomira.*

*Nino.* Princeza?

*Zomir.* Enfado, volta ao meu coração.  
*à parte.*

*Nino.* Hoje vos torno a ver com mais ale-  
gria, pois vos vejo na liberdade.

*Zomir.* Se me vedes livre, a vosso Pay o  
não devo; e se o devesse, me daria pe-  
na, por lhe não ser ingrata não vir a ser  
sua inimiga: agora o sou, e o ferey,  
sem me mostrar injusta.

*Nino.* Não bastará a aplacar essa ira todo  
o meu amor, Zomira? Eu contra vós  
não tomei as armas, não despojei a vos-  
so Pay da vida: eu vos amo com aquel-

la fé, que se deve a esse reflexo do sol  
que em vós brilha; e assim mitigue o  
meu amor o vosso odio.

*Zomir.* Ah como sinto palpitar-me o cora-  
ção!

*à parte.*

*Nino.* Se vós quereis, eu apagarey esse in-  
cendio com hum diluvio de fangue: ve-  
rey morrer meu Pay às vossas mãos, e  
depois eu pelas minhas farey que caya  
morto a vossos pés.

## A R I A.

Se o rigor da tyrannia  
Só com fangue se mitiga,  
Em meu peito o ferro abriga,  
Satisfaze o teu rigor.

E se basta a minha vida,  
A teus pés hoje rendida

Ta dedica o mesmo amor. *Vaise.*

*Sabe Idaspe.*

*Zomir.* Que he isto coração? Com a pre-  
sença daquelle semblante morre o teu  
enfado?

*Idasp.* Já começou, Zomira, a vossa vin-  
gança; eu darey fim à obra: hum gran-  
de esquadrão tenho pronto ao meu mando.

*Zomir.* Já alcancey tudo da Rainha: glo-  
ria nossa he ver pedir o vencedor soccor-  
ro ao vencido.

*Idasp.*

*Idasp.* O soccorro do vencido sempre foi perigo do vencedor. Com as mesmas armas, com que se conserva, se arruina. Não só Atalo morra, morrerá Nino, e...

*Zomir.* Nino está innocente.

*Idasp.* Não digas isso, dize que Nino he amante.

*Zomir.* Mais augmentaria o meu odio o seu amor, se elle fosse reo.

*Idasp.* Já descubro o teu peito; basta.

*Zomir.* E itto he dizer que o amo?

*Idasp.* A tua piedade te descobre. *Zomira*, no teu coração ardem essas chamas de injusto amor: deixa de amar a quem só deves.

*Zomir.* Basta.

A R I A.

Oh que pena me consome,

Qual incendio, o meu peito,

Quasi o coração desfeito

Considero em tanto ardor.

Se o meu fado me não basta

A matarme em tal tormento,

Venha o novo sentimento

Augmentar a minha dor. *Vaise.*

*Sabe Semiramis.*

*Idasp.* Mal aconselhada mulher.

*Semir.* Idaspé?

*Idasp.* Senhora, já estaõ juntos os mais fortes soldados; falta só, que se dê entrada na Cidade.

*Semir.* Eu darey aviso, antes que o sol se sepulte.

*Idasp.* Vós fereis Rainha; mas Zomira já não ha de ser minha esposa.

*Semir.* Ainda temeis o amor de Nino?

*Idasp.* O de Zomira he que temo.

*Semir.* E quem vos disse, que ella o amava?

*Idasp.* Ella propria.

*Semir.* E dais-lhe credito? Dama alguma disse nunca, que era infiel? Só quando he mais firme, entaõ confessa menos fé.

*Idasp.* Se me dissesse, que o amava, tal vez lhe não désse credito; porém confessou-se compassiva.

*Semir.* Nino vem; retira-te, e desterra esse sentimento. Compassiva, e não amante está Zomira.

*Idasp.* O tempo o dirá. *Vaise.*

*Sabe Nino.*

*Semir.* Vem, filho, declara-me de teu Pay os pensamentos, que sóhuns acentos truncados puderaõ chegar aos meus ouvidos.

*Nino.* Elle quer reinar; só isto vos não póde

póde conceder o seu amor.

*Semir.* E ainda me ama? Não me chama cruel?

*Nino.* Cruel vos chama, mas he mais dor, do que ira. Senhora, elle vos ama.

*Semir.* E da prizaõ, que diz?

*Nino.* Espera antes a morte.

*Semir.* Nem falla de vingança?

*Nino.* Seria em vaõ a empreza: já não a póde tomar.

*Semir.* Nem tu me enganas?

*Nino.* Eu enganavos?

*Semir.* Basta: delle quero alcançar tudo.

*Sabe ElRey com guardas.*

*Semir.* Atalo, aqui está Semiramis; aqui está a tua Rainha: attende para esta obra do seu amor; gloria-te de me ver cingida do diadema. Pareço-te mais bella hoje, que reino? Deixa que em ti repare; nessas cadeas que arrojas, comprehendo o grande poder que me deste. Em te fazer desgraçado exalto os teus merecimentos; de gloria tua te serve a tua desgraça; só por te ser agradavel, quero ser hoje cruel.

*Nino.* Mãe, e Senhora; não o irrites, nem o desprezes.

*Semir.* Vê-me, falla Atalo; dize-me ao menos,

menos, que sou traidora. Pouco he o meu poder, se te consente soffrer esse mal. Tu me ensinas nesse silencio, que naõ es taõ infeliz, quanto eu queria.

*Rey.* Oh fera! oh tigre! oh monstro!, à p.

*Semir.* Mas já sinto por entre os beiços andarem as vozes: traga-se-me a costumada agoa desta fonte do Sol, mitigarey mais o incendio da minha tra, nesta derretida neve.

*Affenta-se ao pé da fonte, e sabe hum soldado com huma taça.*

*Niro.* Senhora, aquelle silencio naõ he desprezo: quando os males são grandes, perturbã-se inteiramente os sentidos.

*Semir.* Dame, filho, aquella taça.

*Niro.* Oh Deoses! Em que risco me vejo. (toma a taça.) Oh Pay, e queres que naõ falle, e dê cruelmente a morte a minha Mãy? Ainda naõ basta o silencio? Eu mesmo lhe hey de dar o veneno? Se lho dou, morre Semiramis; se naõ lho dou, morre Atalo. Que hey de fazer? Pay, e Senhor, vede a morte de huma Mãy na mão de hum filho; e se buscais a vingança, executay-a em mim como reo da culpa: baste o meu silencio para me formar o delicto.

*Rey.*

*Rey.* Ah filho de Semiramis, tu andas louco entre nós. Espalha por huma vez o veneno; ou mata o Pay, ou acaba a Mãy.

*Semir.* Filho, nem essa agoa quer Atalo, que me dês? Vem, amado filho, que me sinto abraçar.

*Nino.* Oh Deoses! que farey? Infeliz Mãy! *à parte.*

*Toma Nino a agoa na taça, e com passos vagarosos vay a dalla a Semiramis, voltando-se para ElRey.*

*Semir.* Que vagarosos moves os passos! Porque he esse receyo? Tu para o Pay voltas os olhos, e elle os seus de ti não aparta com ira? Dame essa agoa, filho.

*Poem Nino a taça na fonte.*

*Semir.* Nino, porque recusas dar-me essa agoa? Teu Pay to prohibio? Deixa-me beber, que eu. . . . . *quer beber.*

*Nino.* Mãy, e Senhora. . . . .

*Semir.* Que me queres dizer? Continúa.

*Rey.* Ah louco! *à part.*

*Semir.* Tu te callas, e te perturbas? e até a agoa vejo infecta? que he isto?

*Rey.* Falla, para que emmudeces? Cumpre o teu dezejo, filho ingrato; dize, que

que aquillo he veneno; dize, que antes  
 queres a minha morte, do que a sua.  
 Tremeste ao executar a minha justa vingança? Pois executa a tua crueldade: dame a mim o veneno; e se ainda não basta, acabe a esses pés a vida de hum Pay, à violencia de tuas mãos.

*Semir.* Se assim se executasse, que justa seria a tua morte, querendo a minha? O quererte tirar o throno não era delicto meu, era pena tua; tu dos braços me tiraste, oh barbaro, o meu primeiro esposo; vingallo queria tirando-te ati o Reino; mas tu me abriste para mayor vingança o caminho. A mim o veneno me querias dar? Pois agora has de bebello.

*Dalhe a taça.*

*Rey.* Eu a tomo, mas não doures com esse nome de vingança a tua crueldade. Eu dey a morte ao teu Menon, assim foi; mas, infiel belleza, não foy gloria da tua formosura este delicto? Eu fuy cruel por te querer, tu es cruel para reinar; o meu delicto, por ser de amor, tinha desculpa; o teu na mesma ambição já leva a pena. Reina, tyranna, que eu já quero com este veneno, que o meu cadaver seja o degrão por onde subas a esse folio.

*quer beber.*

*Nino.*

*Nino.* Suspende Pay. Mãy, he injusta aquella morte; acabe antes às violencias do ferro o reo; e se todo o seu fangue ha de pagar o seu delicto, o que tenho nas veyas tambem he seu, tira-mo, ou eu o tiro. *quer ferirse.*

*Semir.* Filho, suspende.....

*Nino.* Não te apresses, porque eu só quero, que a minha morte acompanhe a sua.

*Semir.* Vê, filho cruel, porque tu vivas, elle se salve.

*Deita Semiramis no chaõ a taça, que ElRey tem nas mãos.*

*Semir.* Tu espalhavas o meu sangue, derramando o teu. Olá, huma escura prizão seja de Atalo deposito. Vay, que lá verás o teu destino. *à parte;*

A R I A.

*Rey.* Qual hircana, tigre, fera  
Teu coração duro, e forte,  
Determina dar a morte  
A quem só quiz adorar.  
Oh rigor do meu destino!  
Oh pensão do injusto fado!  
Quando chega a tal estado  
O effeito de hum amar! *Vaise.*

*Sabe*

*Sabe Zomira.*

*Semir.* Chegas a bom tempo. Nino, por livrar a Atalo, se quer matar.

*Zomir.* Que ambos se percaõ he o meu voto.

*Semir.* Taõ cruel te naõ busco, nem quero que o sejas; eu quero vivo a meu filho, Atalo quero que morra, livrallo naõ podes. Mas se tu morres (*a Nino.*) ha de morrer Zomira; aqui vos deixo em conselho. Zomira tu has de morrer, se Nino morre. *Vaise.*

*Nino.* Oh Deoses! Haverá mais que me succeda? Da minha morte perço a gloria, e o fruto: naõ sirvo de reparo a de meu Pay, e hey de ser occasiã da vossa?

*Zomir.* Deixa que eu morra, que assim tomas vingança por parte de teu Pay com a minha morte. Morto o dezejo, e por me vingar na sua vida até na minha o fizera. Mas ouve Nino, ati naõ chega este odio, o amor já me naõ dá alento para tratar da vida, pois sey, que aos infelices naõ serve de bem. Naõ ostento esta piedade, por temer a minha morte; ostento-a sim por salvar a tua vida. Naõ es tu a cauza da minha pena, e do meu incendio; sim; vive Nino, que

que Zomira assim o dezeja.

*Nino.* Zomira, conheces o quanto te amo?  
Se alguma faísca deste incendio, em que  
me abraço, se ateou em teu coração,  
naõ me encubras este troféo de meu  
amor: falla, meu bem, pois com esta  
confissãõ me farás gostosa a vida em tan-  
ta dor: dize Senhora, se nessa pena,  
que tens da minha morte, tem parte o  
teu affecto?

*Zomir.* Deixa-te viver, que tu o faberás.

D U E T O.

*Nino.* Naõ suspendas esse alento,  
Pois delle depende a vida.

*Zomir.* Conservalla naõ duvida

*Nino.* Para amarte.

*Zomir.* Isso estimo.

*Nino.* De adorarte só me animo,

*Ambos* { E só vivo de adorar  
          { Vive embora no adorar.

*Nino.* Naõ me occultes a esperança  
Nesse amante defengano.

*Zomir.* Se meu peito he deshumano,  
Como podes esperar!

*Ambos* { Em teu peito soberano  
          { Sempre amor hey de esperar.

## ACTO III.

## SCENA I.

*Pateo de Palacio Real. Sabem Semiramis,  
e Arbace.*

*Semir.* **A**Rbace, o tempo he breve;  
naõ arrisquemos a empreza.

*Arbac.* AOS Grandes do Reino já  
dey as vossas ordens; em a fala os tereis  
juntos: as armas estaõ promptas. O tu-  
multo popular em esta noite se naõ póde  
temer: o ouro, e a prata, que lhes  
mandastẽ espalhar, os encheo de alegria;  
tudo está focegado: a porra, que cahe  
para o Oriente, está aberta aos Bactros;  
porém de outro socorro naõ ha noticia.  
Por vós estaõ os Assyrios: o dezejo que  
tendes de reinar, hoje o haveis de con-  
seguir.

*Semir.* Adianta-te, Arbace, e os Grandes  
do Reino dispoem em meu favor: em  
esta noite se deve executar o juramento  
do meu imperio: em ti deposito a de-  
fensa, pois te confio a lealdade.

*Arbac.* A minha execuçaõ o dirá: fiel se-  
rey.

rey. Mas sómente a Atalo. *à part. evaise.*  
*Semir.* Atalo ha de morrer: só este inten-  
to encobri a Arbace; porque sempre os  
vassallos amaõ a vida do seu Soberano.  
A maõ de hum Bactro quero, que exe-  
cute o golpe; e assim farey, que se  
crea, que foi industria de Zomira, e  
sobre ella cahirá o odio de Nino, e do  
Reino. Idaspe he só o fabledor deste in-  
tento, elle lhe dará o caminho.

*Sabe Zomira.*

*Zomir.* Nino viverá, Senhora, Atalo mor-  
ra: por minha maõ executára o golpe  
naquelle tyranno, se eu tanto pudéra  
como vós.

*Semir.* Bem pódes, Zomira; vingue-se  
por ti teu Pay, e por mim o Esposo:  
prompto, e calado deve ser o golpe:  
hum Bactro o faça; eu dos Assyrios não  
fio, que a seu Rey matem.

*Sabe Vesugo ao bastidor.*

*Vesug.* Para aqui vi entrar a Princeza, e  
como ando a pescaria de Faneca, que-  
ro ver se a posso agarrar com o anzol  
da diligencia.

*Zomir.* Eu o executarey; fazey vós, Se-  
nhora, que eu possa entrar na prizaõ.

*Vesug.*

*Vesug.* Eu não a bispo; mas já que estaõ divertidas, darey mais hum passo para o meu defengano. *vay sabindo.*

*Semir.* A guarda terá final; mas . . . .

*Zomir.* Eu acompanharey os meus . . . .

*Semir.* Calla-te. (*para Zomir.*) Que andas tu buscando? *para Vesug.*

*Vesug.* He huma galinha, que me costuma vir pôr fora, e queria ver se lhe achava o ovo. Que sempre hey de achar estes espantalhos! Má comichaõ te dê. *à parte.*

*Semir.* Já te entendo traidor. Tu feito espia? Tu ouvindo-me os meus segredos?

*Vesug.* Pois se Vossa Excellencia mos não dissera, nunca eu lhos ouvira.

*Semir.* Ainda confessas que os tens ouvido?

*Vesug.* Antes he cousa que eu nunca pude ter em segredo, porque nunca o soube guardar. Eu era capaz de me meter em cousas secretas? Eu? Eu?

*Semir.* Mas vieste a ouvir?

*Vesug.* Eu não Senhora, vinha a apalpar.

*Semir.* Olá, a este louco metey na prizaõ para que não ouça.

*Sabem Soldados.*

*Vesug.* Uy Senhora, se se prende por ter orelha, não faltará que fazer aos quadrilheiros

drilheiros na terra. Veja que eu não escutey.

*Semir.* Bem te entendo.

*Vesug.* Antes por vossa insolencia me não entender he que diz isso.

*Semir.* Levem-no.

*Vesug.* Não he preciso que me levem; faça com que me soltem, que eu hirey pelo meu pé.

*Semir.* Tenho dito.

*Vesug.* Isto he huma injustiça. Eu já ouvi dizer, que os Ouvidores he que prendiaõ, e não que prendiaõ aos Ouvidores.

*Semir.* Que esperais?

*Vesug.* Que V. A. me mande soltar, que eu prometto não ouvir mais na minha vida senaõ aquillo, que me quizerem dizer.

*Semir.* Já me falta a paciencia.

*Vesug.* Ay Senhora, não se enfade, que eu vou, e torno a hir, mas tambem logo torno a voltar.

*Zomir.* Vay, e não tenhas receyo, que te não ha de succeder mal.

*Vesug.* Visto isso vou: mas já que me faz tanto favor, vá V. A. por mim, que eu ficarey com o seu segredo.

*Semir.* Não me ouves?

*Vesug.* Se V. A. não quer que eu ouça, que quer

quer que eu faça? Mas eu vou, que não tenho outro remedio, pois a vejo enfadar porque ouvi, e agora se enfada porque não ouço. *vaise, e os Soldados.*

*Semir.* Falla Zomira.

*Zomir.* Eu acompanharey aos meus, e com a minha voz alentarey o seu braço.

*Semir.* Bem se vé que nasceste para reinar: o imperio dos Bactros te cedo, já que te não agrada a mão de Nino. Mas elle vem.

*Zomir.* O nosso intento se lhe encubra.

*Semir.* O meu fallar no semblante o has de entender.

*Sake Nino.*

*Semir.* Nino, por ti estava fallando: a Zomira entrego o Reino dos Bactros, e para ti lhe peço a mão de esposa.

*Nino.* A pedir, e a esperar me convidais; pois tambem peço que entregueis o Reino a meu Pay.

*Zomir.* Este he só o dezejo de Nino: em mim não emprega o seu affecto.

*Nino.* Veja eu primeiro livre a meu Pay, e depois vereis se vos tenho amor.

*Semir.* Já está quasi visinho o novo dia. Zomira, faze por te ausentar. Nino, falla de amor. *Vaise.*

*Nino.*

*Nino.* Bella Zomira, desculpe-se a minha dor, e o meu defacerto, se ainda de meu Pay fallo.

*Zomir.* Em vosso Pay quereis fallar, Principe? Pois segui a vossa Mãy. Nino para que comigo vos suspendeis, se em amor não fallais?

*Nino.* Oh que afflicção me combate o peito! Zomira, meu Pay está prisioneiro.

*Zomir.* E o meu está morto, e serve de incentivo ao meu amor o vosso affecto; vós me augmentais a dor com essa lembrança: vede, vede tornar as lagrimas aos meus olhos; mas logo. . . . ah pensamento. . . .

*Nino.* Já vos entendo. Ay de mim! Mais se não tarde, Zomira; mas só vos peço, que não choreis: deixay, que esse pranto em meus olhos se reparta, para que com elle acompanhe a hum Pay infeliz.

A R I A.

Qual chuveiro defatado,  
Quando inunda o mar undoso,  
Que com vento furioso  
Tudo chega a perturbar.

Tal contemplo hoje o meu peito,  
Quando em lagrimas desfeito

Tem de pranto hum grande mar. *vais.*

Tom. IV.

Q

*Saba.*

*Sabe Idaspe.*

*Idasp.* Zomira, o estar fallando a Nino, he dilatar a morte a Atalo; cresce a noite, e vejo que nessa tardança se perde o golpe; mas a presença de Nino vos póde esfriar para o fazer; pois eu o farey.

*Zomir.* Idaspe, eu não quero ceder essa gloria do meu braço.

*Idasp.* Vós amais a Nino, e quereis matar a Atalo? Já mais não espero, que de seu Pay a morte, e de vós a vingança.

*Zomir.* Não me irriteis mais; eu quero dar a morte a Atalo, e tambem não quero fingir mais com vosco; porque tambem vos quero defenganar, que só quero a Nino.

*Idasp.* Visto isso, já me não amais? E ainda o podeis proferir?

*Zomir.* Sim; porque em o dizer vos venho a defenganar.

*Idasp.* Se em mim sempre encontrastes amor, porque me não correspondeis com amor?

*Zomir.* Eu vos quero satisfazer o vosso desejo.

ARIA:

A R I A.

Em mim vive huma firmeza,  
Eu fim amo, e sou constante;  
Mas de Nino sempre amante  
Só me hey de confessar.  
Só a ellè amor dedico,  
E se amante me publico,  
Que mais ha que publicar? *Vaõ-se.*

S C E N A II.

*Carcere. Sabe ElRey com cadeyas.*

*Rey.* **O**H mulher soberba, e fêra, que  
em estas horrendas sombras me  
sepultas, satisfaze já esse cruel dezejo  
com a minha morte. Sey que o usurpa-  
do throno, e a minha liberdade cativa  
naõ basta a fazerte alegre, e segurarte  
o Reino: só eu o finto: nelle te pôde  
segurar o meu sangue.  
Espalha-o de huma vez, esposa ingrata,  
Ati segura o Reino, e a mim me mata.  
Corre a matarme, oh perfida: em meu  
sangue apaga a sede mais cruel; mas já  
finto abrir do Carcere as duras portas.  
Como Rey naõ morro, como infeliz  
acabo, oh quanto o finto!

Qü

*Sabe*

*Sabe Nino.*

*Rey.* Oh tu quem quer que sejas, que da parte de Semiramis, ou mensageiro, ou ministro vens, suspende a sentença, embarga o golpe, que ainda fóra do folio não deixo de ser Senhor do Reino: teu Rey sou. ....

*Nino.* Pay, e Senhor, eu sou o vosso filho.

*Rey.* Tu o meu filho? Agora lamento mais certa a minha morte. Tu por ordem de tua Mãy ma vens dar?

*Nino.* Eu darvos a morte? Eu quiz. .... vós o sabeis. ....

*Rey.* Sey que a quizeste livrar do veneno. Já de hoje em diante não serás meu filho, e não sey se feu. Tu matarme queres; mas ainda me lembro do que por mim obraste. Coração para me ferires sey que o não terás: da-me esse ferro: eu mesmo com elle me matarey. Ah cruel filho! tu es aquelle que me matas, eu sou aquelle que ainda te amo, e te quero dar o ultimo abraço. *quer abraçallo.*

*Nino.* Pay, e Senhor, esse abraço só o reservo para mo dares do folio: eu quero ficar por vós nestas horrorosas trevas. Sahi, Senhor, sahi dellas: o fiel Arbace alli vos espera para vos servir de guarda:

guarda: a luz que sahe do Carcere, he pouca para o conhecimento: imaginarão os guardas, que eu, que entrey com o General, sou o que com elle sayo. Para vos defender já tomáráõ os Grandes do Reino as armas; que no sangue nobre sempre ha lealdade: toda a demora serve de prejuizo. Ide, Senhor, eu fico, que assim vos quer matar o filho, que vos busca.

*Rey.* Tu ficar aqui por mim? Oh filho da minha alma, e só a minha alegria, e a minha ventura entre tantas desgraças! Tornarey a reinar, e de hum impio, e ingrato coração poderey fazer exemplo, se torno ao solio.... Mas vamos, que com o teu amor mitigarey a minha vingança.

*Nino.* Com Arbace só póde fahir hum de nós.

*Rey.* Não estimo a minha liberdade com o teu risco; se tu aqui ficas, temo que...

*Nino.* Eu vos livro, e tornando vós a reinar, não tenho que temer.

*Rey.* Vou buscar a vida, e o Reino; mas primeiro que suba ao throno, aqui tornarey a buscarte. Adeos.

*Nino.* Livrai-vos, e reinay; mas tambem yós peço, que deste filho livreis a Mãe.

*Rey.*

*Rey.* Ah! porque desse coração generoso não repartes com essa ingrata mulher? O ver em ti tanto amor faz nella mais horrendo o odio.

*Vaise.*

*Nino.* Já livrey a meu Pay, oh Deoses! E que alegre estaria, se não temesse ainda a sorte de huma Mãy? Apenas de hum mal fujo, quando em outro topo. Taõ grande he a multidaõ de meus pezares. . . .

*Suspende-se ao estrondo que se faz, e sabe Zomira com hum punhal na mão, e Soldados Bactros com espadas.*

*Zomir.* Despi o ferro: Atalo, eu sou Zomira, estes são os meus Bactros: isto basta para saberes o teu destino. Soldados, traspassay aquelle peito, que o de meu Pay ferio.

*Vão a ferillo.*

*Nino.* Zomira, se eu hey de acabar, sede vós, Senhora, a que me mateis.

*Zomir.* Suspendei-vos, Soldados. Que vozes são estas? Ay de mim! He Nino?

*Nino.* Sim, Nino sou, bella Zomira; mitigay os vossos enfados, extingui esse odio: quereis vingar o sangue de vosso Pay? Aqui tendes o meu peito, traspassay-o: manday effes vossos Soldados contra mim: acabe às suas mãos esta infeliz

liz vida; caya desvanecida a vossos pés; por todas as partes me firaõ; mas só lhe manday, que reservem o meu coração para a vossa espada, que não será offensa da vossa imagem nelle esculpida, sendo vosso o golpe.

*Zomir.* Que vos espalhe o sangue? que vos traspasse o coração me dizeis? Nino, não era este o meu intento. Eu sim buscava nesta prizaõ hum sangue, mas não era o vosso; sómente em imaginar que o puz em risco de se derramar, o meu nas veyas se gela. *deixa cabir o punhal.*

*Nino.* Se quereis derramar o de meu Pay, he vá, Senhora, essa piedade: se havemos morrer ambos, deixay que eu morra só. *Zomira,* Senhora, reparay que vos entrego o ferro. *levanta-o, e dalho.* Eu vos offereço o peito: matai-me, e socegay já de todo essa ira; pois sey, que em espirar a vossos pés, terey a minha gloria: mas só vos peço, que ao traspassarme o peito, me digais: Nino, eu perdoo a teu Pay. *ajoelha.*

*Zomir.* Basta: levantay-vos Nino, estou vencida, a minha vingança cede à minha dor, e ao meu affecto: o lusto de ter sido a cauza de te ver quasi morto, me extingue o dezejo de acabar a teu Pay:

Pay: apague-se do meu pensamento de Zoroastro a sombra: Atalo viva: a seus pés vou lançar este ferro, que lhe havia passar o peito; viva teu Pay, torne ao folio. Nino, escuta a Zomira: eu lhe perdoo.

*Nino.* Que semelhança tem o vosso coração com a vossa presença? Zomira, agora daime a morte, que mais não quero.

*Zomir.* Eu darvos a morte? ah Nino! vós já de mim a não podeis temer, porque já sabeis que vos chego a amar.

*Nino.* E he verdade, Senhora, que me amais?

## A R I A.

*Zomir.* Já não póde o peito amante  
Occultar o amor ardente:  
Amo ati Nino sómente,  
E ati sempre hey de adorar.  
Já vencida me confesso,  
E público que te adoro:  
Não te vendo, sinto, e choro,  
E me alegre em te avistar.

*Vaise.*

*Nino.* Socegada se vê a minha querida esperança: em fim vejo já a sua amada presença depois de tanta tempestade: buscarey a meu Pay para de todo focergar o meu coração. *Vaise.* *Sabe*

*Sabe Faneca.*

*Fanec.* Que desgraçada mulher fuy em vir a tal terra! Com sustos na batalha, com sustos no Palacio, e agora novo susto com minha Ama, que ouço matara El-Rey, e viera para aqui! Eu naõ sey o que faço, nem aonde estou: entrey como louca pela cadea, quando até os guardas via della fahir mais loucos do que eu; mas eu nem sinto, nem vejo coufa alguma: os cabellos se me arrepiaõ, as carnes me tremem. Ah Senhora, que ha de ser de mim? Senhora?

*Sabe Vesugo ao bastidor com hum cobertor às costas.*

*Vesug.* Isto será coufa de encanto? Mandou-me para aqui a Rainha, porque escutava quando nada ouvia, e entendendo que tiraria o susto da prizaõ com o sono, me naõ deixaõ dormir hum bocado? Apenas medeito, quando outro motim se ouve, e o peyor he que se achaõ as portas abertas, e sem guardas: só ouvi para aqui a modo de huns gritos de mulher que chora. Que será isto?

*Fanec.* Ah desgraçada mulher! nisto vieste a parar!

*à parte.*  
*Vesug.*

*Vesug.* Tambem eu vim parar em estou-  
tro.

*Fanec.* Eu só, desamparada, fóra da mi-  
nha terra!

*Vesug.* Tambem eu estou assim fóra de mi-  
nha casa.

*Fanec.* Cativa, e preza sem culpa.

*Vesug.* Isto; eisahi o que eu padeço. Uy  
quem será esta carpideira dos meus acha-  
ques? A rapariga deve saber da minha  
v da.

*Fanec.* Aqui morro sem duvida.

*Vesug.* Isto agora he mais comprido, pois  
naõ quero que morra sem luz: eu vou  
buscalla depressa.

*Fanec.* Mas para esta parte me parece que  
finto estrondo, hirey tenteando, a ver  
se topo alguma pessoa que me guie, e  
me ponha na porta por onde saya daqui,  
que eu já naõ sey por onde vim, nem  
para onde vou. Mas se naõ me engano,  
para esta parte me parece que vem hu-  
ma luz. Sim para esta parte. ....

*Sabe Vesugo embrulhado no mesmo cobertor,  
e com huma candea na maõ.*

*Vesug.* Ora menina, naõ morra sem can-  
dea.

*Fanec.* Ay mofina de mim!

*Vesug.*

*Vesug.* Não se afuste de me ver, que eu sou já coufa do outro mundo.

*Fanec.* Ah Senhora Zomira, acuda-me.

*Vesug.* Esta he Faneca, que já a pelquey ao candeyo. *à parte.*

*Fanec.* Senhor defunto, deixe-me, que eu não lhe tirey a sua vida.

*Vesug.* Não; mas es a cauza da minha morte.

*Fanec.* Pois que quer?

*Vesug.* Que não me faças penar.

*Fanec.* Eu o faço penar? Em que, Senhora alma?

*Vesug.* Em não concederes alguns favores a este pobre Vesugo.

*Fanec.* Ay negro mofo! voffé era?

*Vesug.* Negro me chamas? Tens razaõ, pois sou teu escravo.

*Fanec.* E porque estás aqui?

*Vesug.* Por ouvir.

*Fanec.* Só por isso?

*Vesug.* Sim; mas agora tambem estarey por apalpar: venha esse abraço.

*Fanec.* Como já vejo a porta, assim me autentarey logrando-o.

*Apaga-lhe Faneca a luz, e vai-se.*

*Vesug.* Ah perra, que me deixaste às boas noites, e assim mesmo às escuras me hey de queixar dos teus rigores, **ARIA.**

## A R I A.

Se são teus olhos  
 Quem me dá luzes,  
 Em te ausentando  
 Estou penando  
 Sem nada ver.

Foste-te, ingrata?  
 Oh que impaciencia!  
 Pois nesta ausencia  
 Cego hey de fer.

*Vai se.*

## S C E N A III.

*Galaria correspondente ao templo do Sol com throno destinado para receber dos Grandes do Reino as honras os Reys de Assyria. Sabem Semiramis, Arbace, Grandes do Reino, e Povo.*

*Semir.* **G**eneraes, poucos momentos  
 restaõ ao meu Imperio, e primeiro  
 que da cabeça me desca a Coroa,  
 quero que de vós se adore a Magestade.  
 Depostas as armas, cada hum a mim se  
 incline: eu reino, e devo receber as  
 honras devidas aos Reys. *Nenhum se mo-  
 ve.* Em que se tarda, em que se ima-  
 gina? Arbace, rende a espada, e a mim  
 ajoelha,

ajoelha, que os mais te seguirão, pois com o teu exemplo os advertes.

*Arbac.* Não se deve tanta honra, a quem hum só dia reina; de nós só a deve ter aquelle, que nasceo para reinar: nada se deve a quem por morte, e por engano se quer fazer Rainha; assim de-poem a espada Arbace, e assim se inclina.

*Despe Arbace a espada, e juntamente os mais.*

*Semir.* E contra quem, traidores, se despe o ferro? Contra mim? Contra a vossa Rainha?

*Sabe Idaspe.*

*Idasp.* Assyrios, he morto o vosso Rey; Zomira executou o golpe: eu a vi armada com os seus Soldados, entrar na prizaõ a darlhe morte; o Palacio está já cercado dos meus: a Rainha de Assyria fois vós, e assim.....

*Sabe ElRey.*

*Arbac.* Este he o vosso Rey, a seus pés ponho a espada. *ajoelha.*

*Semir.* Tu me enganaste Idaspe.

*Rey.* Semiramis, ( que este he só o nome que te resta da tua desgraça ) só tu tiveste a culpa: já minha esposa não serás:

rás: o que devia ser a tua gloria, f  
converteo em infelicidade.

*Semir.* Atalo, eu ainda sou a tua Rainha  
por tal me reconhece: do folio só que  
ro descer morta, e não desprezada.

*Rey.* Eu te farey descer; mas primeiro se  
traga Nino da prizaõ donde me tirou.

*Semir.* Ah filho amado! oh triste Mãy,  
se o golpe se executou!

*Sabe Zomira.*

*Zomir.* Sim, executado está o golpe: a  
vós quiz dar a morte com os meus Ba-  
ctros na prizaõ: entre aquellas trevas  
imaginey vos tirava a vida.

*Semir.* Morreo meu filho? Oh infeliz! que  
mais me falta? *Desce do throno.* Atalo,  
apressa a minha morte, agora he que de  
todo sou cúmplice no delicto; não baf-  
ta que o Ceo castigue o meu pensamen-  
to com o erro do golpe. Para ti era a  
morte, e a meu filho se deu? O confe-  
lho da execuçaõ dey a Zomira, porque  
o fruto queria da tua morte, e não a  
culpa: agora te peço que espalhes o  
meu sangue junto ao do meu filho, e  
desta que a vida lhe roubou, eu ferey...

*vay a ferir Zomira.*

*Sabe*

*Sabe Nino.*

*Nino.* Mãy, e Senhora, que fazeis? A morte quereis dar a quem a vida devo?

*Semir.* Ainda vivo te vejo? Oh filho amado!

*Rey.* Que he o que vejo?

*Zomir.* Desterre-se a vossa suspensão: quando entendi que desafogava a minha pena dando a morte a Atalo, vingando a que deu a meu Pay, em seu lugar encontrey a Nino: à sua presença suspendi o golpe: a ira, e o enfado se converteo em amor, por elle, e por ti.

*aos dous.*

*Rey.* No ser generosa te manifestas justa.

*Semir.* Bella Zomira, agora sey que foi contigo injusto o meu odio; porèm emende-se com huma dádiva o erro: se te he agradavel a mão de Nino, da minha a toma.

*Idasp.* Que fazeis Senhora? A mão de Zomira não he minha? Cumpri a promessa, tereis o Reino. Em meu poder está o Palacio, pois o tenho cercado; Atalo ha de morrer, e yós reinar.

*Semir.* Não Idaspe; sobre aquelle throno, que tanto dezejey, vi todos os meus infortunios, e chorey todos os meus erros:

ros: obrou bastantemente o meu furor  
 não quero o Reino, que he só de ou-  
 tro.

*Idasp.* Se o não quereis reger, eu sempre  
 me quero vingar. Atalo, às minhas mãos  
 reservou o Ceo o teu castigo. Olá Ba-  
 ctros, segui o meu mando, e ao que se  
 oppozer haveis de castigar.

*Rey.* A tanto se arroja hum prisioneiro?

*Nino.* Eu vos defendo, Senhor.

*Zomir.* A gloria de vos livrar quero só pa-  
 ra mim. Bactros, quem vos governa he  
 Zomira. Idaspe, deponde as armas, e  
 fóra do cerco de Palacio guarday as mi-  
 nhas ordens. Eu sou a vossa Rainha, eu  
 sou a que vos mando.

*Idasp.* Ah Zomira, e não bastava despre-  
 zar a fé de quem te adora, senão ainda  
 buscas esta vingança! *Quer ir-se.*

*Rey.* Não o deixeis ausentar.

*Semir.* Já es Rey Atalo, já estás livre,  
 não demores mais o meu castigo.

*Nino.* Pay, e Senhor, se hum filho. . . .  
*ajoelha.*

*Rey.* Levanta-te; não quero escutar os  
 teus rogos. Tu com falsa caricia, com  
 enganosa arte, Semiramis, o thronome  
 pediste, e depois não só a liberdade,  
 mas a vida tirarme quizeste?

*Semir.*

*Semir.* Já sey que sou ré da morte; isso basta, vinga-te na minha vida, que eu vou já esperar firme o golpe. *quer irse.*

*Rey.* Suspêdey-a. Não imagines que se-rey taõ cruel comtigo, como tu comigo foste tyranna: lembrame, que te amo, e te amey muito: esta memoria apaga aquella ira: esqueço-me da offensa, e te perdoo o delicto.

*Semir.* Oh meu Rey, oh meu esposo, agora mais que nunca soubeste triunfar.

*Rey.* A vós, Idaspe, já que tanto vos agrada o meu sangue, eu vos entrego o Reino: esta he a minha vingança.

*Idasp.* Agora só a mim soubeste vencer.

*Nino.* Já que fois taõ generoso, oh Pay, com o vosso inimigo, deixay que eu tambem o seja com o meu competidor. A maõ de Rosana vossa filha, por esta de Zomira te dê a Idaspe.

*Rey.* Não lha quero negar, se elle a chega a querer.

*Idasp.* Mais que o meu throno estimo esposa taõ nobre.

*Sabe de huma parte Faneca, e da outra Vesugo.*

*Vesug.* Estimo que hoje seja dia de desposorios, que tenho de pedir huma mercê.

*Rey.* Qual he?

Tom. IV.

R

*Vesug.*

*Vesug.* Queria que estes dous peixes se  
ajuntassem na selha da desposaçãõ.

*Rey.* Naõ te entendo.

*Vesug.* Queria ajuntar a maõ deste Vesugo  
com a barbatana daquella Faneca a mo-  
do de quem casava.

*Rey.* Eu por mim to dispenso.

*Vesug.* Vossa Magestade muitos annos por  
este mal que me faz.

*Fanec.* Pois se naõ quer, faudades.

*Vesug.* Calla-te ahi tolla, que isto he zom-  
baria.

*Rey.* Ultimamente a vós, bella Zomira,  
por cumprir o juramento, que dey a  
vosso Pay, se quereis por esposo a Ni-  
no, aqui o tendes: já fois Rainha dos  
Bactros, este he o vosso folio.

*Zomir.* Sigo o destino dos astros. Aceito  
a maõ de Nino, com toda a alma.

C O R O.

Vivaõ felices

No regio Throno;

Affista Hymenêo

A taes desposorios.

F I M.

## OS ENCANTOS

D E

## MERLIM,

Opera que se representou na Casa do  
Theatro publico da Mouraria no  
anno de 1741.

---

## INTERLOCUTORES.

Polidoro , *Principe de Polonia , amante de  
Rosimunda.*

Floriandro , *Sobrinho d'elRey , amante de  
Policena.*

ElRey de Ungria.

Rosimunda , *Princesa de Ungria.*

Policena , *Sobrinha d'elRey de Moscovia.*

Merlim *Magico Criado de Polidoro.*

Bigorrilhas , *Sevandiça de Palacio.*

Celestina , *Criada de Rosimunda.*

Musicos, Criados, e Soldados.

## SCENAS DO I. ACTO.

- I. *Montes , e mar.*
- II. *Sala.*
- III. *Jardim.*
- IV. *Bosque.*

## SCENAS DO II. ACTO.

- I. *Sala.*
- II. *Ante-Sala.*
- III. *Quarto de Celestina.*
- IV. *Sala.*
- V. *Pomar com huma arvore.*
- VI. *Montes.*
- VII. *Campo de batalha.*
- VIII. *Cidade , e janellas com luminarias.*
- IX. *Pomar.*
- X. *Sala.*
- XI. *Bosques.*
- XII. *Montes , e no fim hum poço.*
- XIII. *Bosque.*
- XIV. *Jardim com caniços , e dous Satyros.*
- XV. *Sala de estatuas.*

## A C T O I.

## S C E N A I.

*Esta primeira mutação he ametade Bosque, e ametade mar. Acabada a abertura dos instrumentos, correm a cortina, e no interior do Theatro se fingirá noite escura, e soará algum estrondo de tempestade, com trovões, e relampagos, e a huma parte se cantará o seguinte*

## C O R O.

Horriavel tormenta  
De injustos rigores  
Padece entre ardores  
Hum peito que amante  
Se vê naufragante  
Nos golfos de amor.

*Ao outro lado soardão confusas vozes de navegantes.*

*Dentr.* **T**errivel tempestade; parece que contra nós outros, conjurados todos os quatro elementos, nos conduzem à ultima ruina.

*Outr.*

*Outr.* Piedade Ceos Soberanos.

*Cresce a tempestade com mayor estrondo, e horror, e tornaõ a cantar o seguinte*

C O R O.

Mas taõ animoso  
 No empenho amoroso,  
 Que naõ defalenta,  
 Nem sente desmayos,  
 Na furia dos rayos,  
 No centro de horror.

*Dentr.* Perdidos somos: já a não sem governo, levada das furiás das ondas, se encaminha àquella visinha rocha, para acabar despedaçada.

1. Ay de mim infeliz!

2. Ay que me afogo!

*Polid.* Favor piedófos Ceos.

*Vay serenando a tempestade algum tanto, e apparecendo alguma luz ainda de longe. Sahe Floriano, e Criados.*

*Flor.* Mal logrey o meu intento, pois com o horror da tempestade chegariaõ muito confusos os eccos da minha queixa aos ouvidos da ingrata Policena.

1. Má noite para descante.

2. Antes boa; porque o Ceo nos fez os baixos com trovões.

3. A funcão foy de estrondo.

*Flor.* Retiremo-nos para a Cidade, antes que a luz do dia nos ponha em publico o que só ficy das sombras da noite.

*Vaise.*

1. Vamos, que em tres dias de bom sol não enxugo o meu vestido: tenho medo que alguém me coma, porque vou feito huma soupa.

*Vaise.*

2. Levas com tigo; Fileno, algum dinheiro?

2. Algum levo.

2. Pois eu amigo vou pingando. *Vão-se.*

*Hirá sabindo o sol, e se executará hum amanhecer o melhor que for possível, e sabe Merlim de caminho com alforjes ao hombro.*

*Merl.* Ora salve Deos a vossas merces: aqui venho eu, tamanho, e tão gordo. Por certo que estou huma galante figura! Mas com quem fallo eu? nem que aqui estivera muita gente! Mal peccado, que isso assim fôra! Não, está isto muito dezerto! Grande trabalho he caminhar só, eapé! A noite parece que vinha à posta comigo, porque correo tanto, que me apanhou neste sitio, e tambem me apanhára a chuva, e a tempestade, se não achára aqui à mão, ou ao pé esta concavidade, em que me hospedou

pedou a senhora nossa Máy: alli achey huma cama que foy hum pasmo! não teria ella pulgas, nem porfovejós; mas quanto a ser mole, isso como hum calhão. Tanto que me vi recolhido quiz pegar no sono; mas não o pude agarrar, nem com quanta força tinha; e o que mais me escandalisou, foy entrar a enxurrada pela porta dentro a fazerme huma visita, sem me dizer agoa vay. Eu quanto que vi a cova cheya, confesso que me deu a agoa pela barba, e como me vi tão frio, e tão molhado, eu não socegaria nada; mas dormi como pedra em poço. Eylo vay, eu dou tudo por bem empregado, só por não fazer pela manhã contas com a hospeda. Ora Senhor Merlim, isto he sol fóra, quem se ha de hir já não chove, vamos caminho de Buda, que he a Corte deste Reino de Ungria, a ver se achamos lá melhor fortuna que em Alva Real, que para mim foy Alva de Caõ, pois me queriaõ lá dar paõ de perros. Verdade seja que não era premio indigno do meu merecimento; pois graças ao Senhor Pedro Bayalarde, que me fez a mim Pedro de Malas artes, ensinandome em paga de servillo em Pariz, a magica

gica branca, que para mim foy negra magica, pois não tem faltado quem pelas minhas travessuras me quizeffe colher às mãos, se agora me não escapasse por pés. Com que tal, fim Senhor, para cá, para lá, foy, e tornou, torna que deixa. (*ri-se.*) Ah Senhores! ver como eu estou conversando comigo, nem que eu fora alguém! Sempre tive este costume de fallar só: mas ay, ay, ay, esperem vossés, cá está hum Palacio muy grandioso, não tinha reparado! Ora eu estou na Aldeya, e não vejo as casas.

*Polid.* Não ha quem me soccorra neste aperto?

*Dentro.*

*repara Merlim.*

*Merl.* Mas peyor he esta; cá está hum miseravel homem por instantes navegando para o outro mundo, e deve de estar se despedindo daquelle páo, porque lhe está dando hum abraço muito apertado. Coitadinho, elle está de forte que huma onda se lhe vay, e outra se lhe vem: ora quero hir a foccorrello, que em fazer bem nada se perde.

*Vaise, e pela outra parte sabe ElRey olhando para a parte por onde foy Merlim.*

*Rey.* Naufragante infeliz, a quem o rigor do

do fado já prepara sepulchro de cristal, não te defanimes nesse extremo conflicto, o adverso influxo da tua estrella, que apezar de suas inclemencias o Ceo te prepara remedio a tanto damno, por meyo da generosa promptidaõ, com que já te soccorre o peregrino valor desse estrangeiro caminhante. Oh galhardo espirito! quanta inveja causas a meu Real peito! Parece que as ondas lhe obedecem, suspendendo os impulsos da sua furia, para dar lugar aos arrojados do seu valor; já corta o argentado campo, já chega ao misero fluctuante, já o toma em seus hombros, e já o conduz à seca praya. Conseguio hum troféo da mesma morte, usurpando hum triunfo à Parca dura. Não ficará sem premio o seu valor. Já o infeliz navegante beija a amada terra, já rende ao Ceo as graças, já abraça estreitamente a seu animoso bemfeitor, e já com vagarosos passos se encaminhaõ ambos à minha presença.

*Sabem Merlim, e Polidoro.*

*Merl.* Venho feito hum frango enfopado.

*Polid.* Quem te deve a vida, em toda ella te faberá ser agradecido: não deixarey sem

sem premio tanto beneficio.

*Merl.* Oh mal posso eu desconfiar da paga, se já cá tenho a molhadura. Mas olá, temos gente no campo? Quem será este cavalheiro tão circunspecto?

*Polid.* Rara presença de Ancião!

*Rey.* Não vos suspendais de verme, que em mim de admirarvos são mais dignas as suspensões.

*Amb.* Qual he a razão que a isso vos move?

*Polid.* Hum naufrago infeliz.

*Merl.* Hum humilde caminhante.

*Rey.* Em ti me admiraõ as adversidades de huma infausta sorte, cujo porfiado rigor não pára até offender os alentos da mesma vida. Em ti me suspenderaõ as ousadias de hum espirito bizarro, cujo elevado valor não descança até triunfar dos impulsos da mesma mortẽ.

*Polid.* Antes Senhor, aonde se apura mais o rigor de huma adversa fortuna, he em dilatar os passos da vida para repetir muitas vezes os trances da morte; pois quando o viver tudo he infortunio, porlhe ao fim embaraços, he tirarlhe os limites ao tormento.

*Merl.* Pois eu cá no que toca a mim nunca me tive por tão valente, como agora

ra vos pareci. Eu arrenego do demonio. não me creou para isso minha Mãe, valente! salvo tal lugar, nunca ninguem tal me disse.

*Rey.* Chamarvos valeroso, he fazervos injuria?

*Merl.* E muito atroz.

*Rey.* Novo estylo de modestia.

*Merl.* Pois ha cousa peyor que ter huma pessoa o fadario de valente? (que he peyor que o de labisome?) Ter valor, he andar continuamente com hum inimigo, que conduz aos perigos, e mete nos apertos: só por não andar em bocas do mundo se não póde ser valente, pois huns lhe chamaõ o bufaõ, outros o arrojado, outros o filho da velha, outros o filho da folha, e huns dizem que he tezo como hum alho, outros que não se rende a paõ molle; e de mais que eu sempre ouvi chamar por desprezo, valente salvagem, valente asneiraõ, e quem he valente diz que parte com o dente huma cousa, a que me não chega a lingua. Não senhor, eu não quero ser valente, nem eu fiz acção de valor em livrar hum homem do poder de huma abobara.

*Rey.* Abobara chamas ao mar?

*Merl.*

*Merl.* Sim Senhor, que abobara he agoa!

*Rey.* Bom humor gasta.

*Merl.* Enganais-vos Senhor.

*Rey.* Porque?

*Merl.* Porque se eu o gastára, não o tivera.

*Rey.* Parece-me que encobres mais, do que em ti mostras. E vós quem sois, que a vossa galharda presença está dizendo em vós mais, do que de vós espero ouvir?

*Polid.* Assim se me faz preciso. *à part.* Eu Senhor, sou Polidoro, hum particular Cavalheiro de Polonia.

*Rey.* Que? De Polonia sois? Até o nome dessas Provincias se escuta com horror nestas partes de Ungria, pelas ardentes, e continuas guerras, que ha tantos annos existem; de que tem nascido a grande averção que se conserva entre os Principes de hum, e outro Reino.

*Polid.* Sorte inimiga! a Ungria me arrojastes! que bem fiz em encobrir meu Real nascimento. *à parte.*

*Rey.* Continuay a narração dos vossos successos.

*Polid.* Supposto já tendes noticia da minha qualidade, e da minha patria, agora sabereis o motivo com que della sahi. Em dous lustros de idade perdi o abrigo materno, em cujo alento com intempes-

pestivo golpe, cortou a Parca em poucos annos muitas primaveras. Com justissimos motivos se achou meu Pay obrigado a reduzir segunda vez a liberdade aos estreitos laços de Hymenêo. Feita a cleyçaõ, e renovadas as luzes nupcias, em companhia de quem havia substituido o lugar da primeira esposa, veyo huma galharda Dama, sobrinha sua, a qual inclinada por influxos de estrella, ou movida por impulsos de amor, deu em quererme, crescendo nella a afeição com o trato, ao passo que em mim crescia a dureza com a porfia; que como huma vontade livre se não sujeita a pagar obrigações, quando amor o não inclina a conresponder com affectos; sempre em mim achou tibiezas, quanto mais em incendios se abrafava. Vivendo pois com amor, ainda que sem esperança, passeava huma tarde só, e pensativa, costumado exercicio de seu cuidado, pelas ribeiras do mar, de onde huns Corsarios, que emboscados estavaõ em o receptaculo de humas cavadas penhas, a roubáraõ, levando-a comfigo sem duvida a Regiões remotas. Publicou-se o rapto, e fiando só de mim o cuidado de tão importante diligencia, obrigado eu

do

do preceito paterno, muitos mezes ha que infructiteramente a busco, vagando em huma bem artilhada não, por visinhos, e distantes mares, com incessante diligencia, até que trocada a tranquillidade da ventura em horrivel borrasca de Neptuno, agitado da violencia dos mares o nadante lenho veyo a achar nessas visinhas rochas a ultima certeza do naufragio; do qual eu fora sem duvida miseravel despojo, a não valerme a animosa piedade desse passageiro.

*Merl.* Elle he hum criadinho de v. m.

*Rey.* Compadecido de vossos infortunios, vos offereço no meu Palacio abrigo, e reparo a tantos damnos. E tu quem es, como te chamas, e aonde caminhas?

*Merl.* Muito pergunta o Senhor Velho, elle não deve fer ahi qualquer pessoa. *à parte.* Como me perguntas por junto, he necessario responderte por partes, para que assim fiques mais satisfeito. Em quanto ao como me chamo, respondo: que eu não sou o que me chamo; os outros he que me chamaõ a mim, e por isso ha varias opiniões; porque cada qual diz da festa, como lhe vay nella: huns chamaõ-me bom homem, outros pedaço d'asno, outros filho

filho de hum bebado, outros filho de huma.....

*Rey.* Basta: não são esses nomes os que te pergunto, senão o teu proprio nome?

*Merl.* Sabe Deos qual delles me vem mais proprio; mas se pertendes saber o que meus Pays me pozeraõ, pareceme que he Merlim; porém dahi valha a verdade, que eu era taõ criança que mal me lembra.

*Rey.* O nome está adequado; porque tu me pareces muy fagaz.

*Merl.* Quem? eu? agora (*ri-se.*) Oh lembre-me Deos em bem; a segunda pergunta, he que te diga quem sou: a isso te responderey eu bem depressa.

*Rey.* Dize pois quem es?

*Merl.* Sou eu, não he assim?

*Rey.* Até ahi vejo eu; a qualidade de teus Pays he que quero saber.

*Merl.* Isso agora he mais comprido, eu não me meto com as vidas alheas: ainda assim de minha Mãy poderey dizer, que era Angelica Godinha, mas de meu Pay adevinbay lá.

*Rey.* Bem te acreditas.

*Merl.* Eu bem sey que faço mal em me gabar; mas não está mais na minha mão.

*Rey.* De que esfera eraõ teus Pays?

*Merl.*

*Merl.* Meu Pay da quarta, e minha Mãy da quinta.

*Rey.* Como assim?

*Merl.* He que meu Pay era aguadeiro, e minha Mãy hortoloa.

*Rey.* Falta agora que me fatisfaças à terceira pergunta, que he para onde vás?

*Merl.* A essa os Anjos lhe respondeão.

*Rey.* Tu não podes?

*Merl.* Pois alguem neste mundo sabe para onde vay? Esta noite vinha eu para dormir, e não dormi nada. Mas ah sim: já fey para onde vou.

*Rey.* Dize.

*Merl.* Vou para quarenta annos, que já fiz os trinta e nove. Mas agora a fallar a verdade, o meu intento era hir viver para a Corte.

*Rey.* Pois ficarás em Palacio, porque gosto da tua galantaria; e para mudares de vestido, ahi tens essa bolça.

*Merl.* Vivais, Senhor, mil annos, que sem desembolçar dinheiro, me soubestes encher as medidas. Quem será este cavalleiro, que dá bolças, e offerece Palacios?

*à parte.*

*Polid.* De Principe dá mostras a generosa gravidade deste bizarro sujeito. *à part.*

*Sabem dous Soldados.*

*Sold. 1.* Já, Senhor, está prevenida, e junta a gente para a caçada, como V. Magestade ordenou.

*Polid.* Que he isto adversa sorte! Nas mãos vim dar de meu inimigo. *à parte.*

*Merl.* Pois que vay! Não he menos que ElRey todo inteiro. *à parte.*

*Polid.* Senhor. *ajoelha.*

*Merl.* Senhor. *ajoelha.*

*Polid.* Perdoay-me o desconhecer em vós a Magestade, supposto que ignorarvos a soberanã não foy ultrajarvos o respeito.

*Merl.* Eu sim conheci, que V. Magestade era pessoa Real; mas não lho disse logo na cara, porque eu cá nunca fuy amigo de deitar nada em rosto.

*Rey.* Em que o conheceste?

*Merl.* Assim que me sahio o trunfo de ouros, logo conheci a ElRey pela moeda.

*Rey.* Em Palacio vos espero achar a ambos, quando voltar da caçada. *Vaise.*

*Amb.* Ambos levamos interesse na obediencia. *Vão-se.*

SCE-

## S C E N A II.

*Sala. Sabe Policena.*

*Polic.* **S**Audosas memorias, instrumentos  
 crueis de meus martyrios,  
 que em successivo mal, de instante a instante  
 me augmentais os pezares, negando-me até a  
 esperança dos alivios. Oh como sois tenazes!  
 occasionando de noite os meus desvelos,  
 motivando de dia os meus cuidados!  
 Padeço noite, e dia. Só não acha o meu  
 peito, nem na sombra o descanso, nem na luz  
 a alegria. Ay Polonia, doce patria dos meus  
 descansos! quanto sem ti padeço! Ay Polidoro,  
 galhardo assumpto dos meus cuidados,  
 quanto sem mim te alegrarás! No proprio  
 domicilio deixey a quem adoro mal  
 correspondida, na alheya terra achey a quem  
 me adora desprezado. Ay Polidoro, ay  
 Floriandro! se se trocasse em vossos  
 peitos a dureza de hum, com a brandura de  
 outro, nem sentiria as importunações que  
 me affligem, nem choraria os desvios que  
 me atormentaõ: mas já que a solidaõ me  
 convida, e tenho assumpto em meus males,

Sii

dar

dar ao vento os eccos de minhas vozes,  
unico alivio com que suavizo os meus  
pezares.

*Canta Policena a seguinte*

A R I A.

Ay doces lembranças,  
Se a forte em mudanças  
Vos fez impiedades;  
Matarme a faudades  
He duro rigor.

Do mal he o matarme  
Pois a recordarme  
A perda das glorias,  
He dar às memorias,  
As forças da dór.

*Sabem Rosimunda, e Celestina.*

*Rosim.* Que bem tentidas tristezas! Que  
fará as alegrias a quem se recrea com os  
pezares?

*Polic.* Os meus Senhora, são tão grandes,  
que só por excessivos produzem contrar-  
rios effeitos.

*Celest.* Eu sou bastantemente maviosa;  
mas confesso que me não peza com os  
teus males, só por te ouvir queixar can-  
tando.

*Polic.*

*Polic.* He, Celestina, tal a tua lisonja, que me não escandalizo da tua impiedade.

*Rosim.* Não darás, Policena, alguma breve pausa às tuas penas, se quer por mostrarte agradecida aos carinhos com que te sabe tratar o meu amor?

*Polic.* Attenta a essa circumstancia, muitas vezes quero reprimir as minhas affeições; mas vendo-se embaraçadas as ancias, he tal a força com que me affligem, que às vezes temo morrer, mais que da magoa, da violencia.

*Celest.* Ay Senhora, não faças tal, padece à tua vontade, chora a teu gosto, que a Princeza minha Senhora não he de ceremonias.

*Rosim.* Bem sey que as saudades da Patria [ da qual, nem da tua qualidade nunca me quizeste informar ] são bastante motivo para os teus pezares; mas a estimação grande com que te sabe tratar o meu cuidado, pudera causarte algum alivio.

*Polic.* Pois conservo a vida, bem mostro o que devo ao teu favor; pois nisso se reconhece mais poderoso o teu amparo, que o meu tormento.

*Rosim.* De hum amante de quem vivias mal correspondida, sentes excessivamente a separação; nessa parte te não posso achar

achar razão; pois tendo aqui outro de quem te vês adorada com tal excesso, que sendo Primo meu, e ignorando a esfera do teu nascimento, te pretende esposa, attrahido das raras circumstancias com que te dotou a natureza; choras por quem te despreza, e offendes a quem te idolatra?

*Polic.* Bem reconheço a verdade com que me argues: mas não fora o amor cego, a ter olhos para ver as circumstancias que me ponderas.

*Celest.* Ay Senhora, não sejas daquellas, que se querem levadas por mal.

*Rosim.* Ama a quem te busca, que he pagar huma divida, e deixa a quem te fofe, que he castigar huma offensa.

*Celest.* Senhora, olha que se nos trocáraõ os papeis.

*Rosim.* Não te entendo.

*Celest.* Pois tu não estás persuadindo a Policena, que queira a teu Primo Floriandro?

*Rosim.* Sim.

*Celest.* Pois isso na minha terra, he ser terceira, [ por não dizer outra cousa que acaba tambem em eira ] e esse officio he mais proprio das lacayas, que das Princesas!

*Polic.*

*Polic.* Dá-me licença, Senhora, que me retire ao meu quarto, que assim o pede a minha indisposição. *Vaise.*

*Rosim.* Vay, Policena, que o meu gosto he o teu descanço.

*Celest.* Que te parece? E não deferio à tua proposta.

*Rosim.* Quem he tão discreta diz mais com o silencio, que com as vozes. Notavel amor conserva!

*Celest.* Por isso elle se lhe não tem perdido, porque o deitou de conserva. A menina he firme como huma rocha.

*Rosim.* O tempo, e a distancia, a farão mudar de parecer.

*Celest.* Para isso não he necessario tantas cousas, ainda que muitas cousas são necessarias.

*Rosim.* Explicate.

*Celest.* Eu conheço mulheres, que por virtude de certos ingredientes tem huma cara pela manhã, e outra à tarde: vê tu se há mayor facilidade em mudar de parecer. Mas fallando a outro proposito, vistes, Senhora, este novo hospede, que o mar nos deitou a estas prayas?

*Rosim.* Não o vi: mas já me gabarão a sua presença.

*Celest.* He bom enxergar; pois cuidey que era

era só eu quem o tinha visto, e foy da janela da minha casa; pois seguro-te que he bizarro, a pezar dos infortunios, e outro que com elle entrou em Palacio, que tem modo de grande maroto.

*Rosim.* E por isso te agrada?

*Celest.* Sim Senhora, he cousa que se dá bem com o meu estomago.

*Rosim.* Ay amor, e que novo estylo de render com teu imperio o meu alvedrio he o que comigo usaste? He possível que hum retrato mudo, hum a pintura sem alma (que acaso achey entre os quadros de hum Jardim) fosse Aspid, que se occultou entre as flores para ferirme com o seu venenoso impulso! *à p.*

*Celest.* Não sey que mania dá à menina de certos dias a esta parte, que humas vezes fica pasmadinha, e outras se poem a rosnar por entre os dentes! Eu a não entendendo, e receyo que lhe entrasse alguma cousa no corpo: ella está divertida, quero deixalla só consigo, e ver se posso ver aos meus forasteiros. *Vaise.*

*Rosim.* As letras que circulaõ a breve esfêra do retrato, manifestaõ ser do Principe Polidoro. Este sem duvida he o de Polonia, circunstancias que impossibilitaõ mais o meu empenho amoroso; por causa

causa das inimidades que ha entres estes Reinos. Só me deixou Celestina, parece que me adivinhou os pensamentos. Ora quero dar alimento aos olhos com o formoso objecto das minhas idolatrias.

*tira o retrato.*

S O N E T O.

Galhardo objecto, peregrino em tudo,  
Em não fallar não perdes o animado:  
De verme ati rendida no admirado,  
Antes mais vivo estás quanto mais mudo.  
Quando a admirar tanto primor acudo,  
Acho que com assombro duplicado,  
Se vê no original, e no traslado,  
Da natureza, e da arte hum douto estudo.  
O elegante pincel tanto procura  
Expressar o esplendor, que na viveza  
Brilhaõ luzes às sombras da pintura.  
Nessa afronta feliz da natureza,  
Não só está com espirito a figura,  
Toda a alma está em ti da gentileza.

*Sabe Polidoro.*

*Polid.* Regiamente adornadas se admiraõ as salas deste sumptuoso Palacio. Mas quem aqui!

*ficaõ ambos suspensos.*

*Rosim.* Mas quem aqui, sem reparar . . . . .

*Polid.* Raro assombro da gentileza! *à part.*

*Rosim.*

*Rosim.* Prodigiſo acato da ventura! *à p.*

*Polid.* Esta deve ſer a Princeza Roſimunda!

*à parte.*

*Rosim.* Eſte não he o original deſte retrato?

*à parte.*

*Polid.* Não me atrevo a fallar de ſuſpenſo!

*à parte.*

*Rosim.* Não acerto a diſcorrer de admiranda!

*à parte.*

*Polid.* Senhora, perdoay a hum Eſtrangeiro peregrino a ouſadia de chegar a voſſa real preſença, ſe póde a ignorancia deſculpar o atrevimento.

*Rosim.* Immoſel me deixou eſta impenſada viſta.

*à parte.*

*Polid.* Já o voſſo ſilencio, Senhora, eſtá accusando a minha inadvertencia; por não ſer alvo de voſſas iras, quero retirar-me dos voſſos olhòs.

*Rosim.* Suspendey o paſſo. Ay de mim! que dos meus olhos a culpa... não ſey o que digo.

*à parte.*

*Polid.* Socegay, Senhora, a perturbação que a minha preſença vos cauſa; que ſuppoſto que do Reino de Neptuno me arrojou a fortuna a eſtas Regiões, não ſou nenhum monſtro marinho que vos intimide: alma racional me informa com que vos adore.

*Rosim.*

*Rosim.* Antes estais taõ fóra de intimidarme, que julgo segunda vez se origina amor das espumas do mar. Decóro naõ te percas. *à parte.*

*Polid.* Em vós só devo contemplar a origem do amor; pois em vós só admiro a formosura de Venus. Alma naõ te precipites. *à parte.*

*Rosim.* Naõ vos toca a vós applaudirme nessa parte: ousado me pareceis.

*Polid.* Eu, Senhora, se vós, de amor.... mal me explico. *à parte.*

*Rosim.* Por mais que queira dissimular esta paixãõ, mal o consigo. Estranha força de amor! *à parte.*

*Polid.* Senhora, a humildade do meu sujeito podeis perdoar esta segunda inadvertencia. Move-se a lingua pelos effeitos da alma.

*Rosim.* He novo modo de desculparvos. Agravar de novo a culpa, affectos significa?

*Polid.* Ninguem póde resistirse aos impulsos soberanos. No humano peito produz os seus effeitos huma divina belleza. Quem chega a vervos precisamente ha de adoravos; pois antes fora sacrilega desattençaõ naõ render adorações, quem contempla divindades.

*Rosim.*

*Rosim.* Bem visto estais nas frases amantes; mas buscay objecto mais proporcionado. Que embarace o meu decoro o que appetece o meu cuidado! *à part.*

*Polid.* Bem reconheço Senhora, que he tanta a distancia, que vay da humildade da minha pessoa, ao elevado da vossa soberania; que ainda que se articulem na minha boca as expressões verdadeiras, chegaráõ aos vossos ouvidos diminutas.

*Rosim.* Agora me offendeis mais por enganoso, que por atrevido. Pois quereis negar caviloso a igualdade que comigo tendes?

*Polid.* Que escuto, temores? *à parte.*

*Rosim.* Não sois vós o Principe Polidoro?

*Polid.* Ainda que o queira negar a minha lingua, mal o diffimula o meu semblante. *à part.*

*Rosim.* Já a vossa alteraçãõ me confessou, quanto pudera esperar de vossas palavras.

*Ao bastidor por huma parte Celestina, e por outra Merlim.*

*Merl.* Oh, eylo cá está. Graças a Deos que já achey o menino perdido!

*Celest.* Oh, eylo acolá vem. Depois de andar quebrando as pernas, olhem onde o vim achar!

*Polid.*

*Polid.* Vede Senhora, que me naõ vay menos que a vida, em occultarvos o que de vós fio.

*Celest.* Oh elle he dos que fiaõ, pois cedo se perderá.

*Rosim.* Se vós me fiais a vida, muito ha que vos entreguey a alma.

*Merl.* Uy Senhores, este homem ferá o diabo?

*Vem sabindo Celestina, e Merlim.*

*Rosim.* Gente vem, eu me retiro: adeos Polidoro.

*Polid.* Força he ausentarme: o Ceo guarde a Vossa Alteza.

*Rosim.* Alma, vamos a sentir novos cuidados. *Vaise.*

*Polid.* Amor, vamos a intentar altas em-  
prezas. *Vaise.*

*Merl.* Ora isso he cerimonia: se eu soubera que havia de vir a defaccomodar.....

*Celest.* Ora isso para mim he escusado: se eu soubera que havia vir a despejar a casa.....

*Merl.* Mas já vejo que naõ vim de balde.

*Celest.* Mas quero finjirme assustada. Ay, ay! quem he? apello eu!

*Merl.* Ay menina, naõ se assuste, que naõ he nada; taõ feyo sou eu, que lhe meto medo? *Celest.*

*Celest.* Pois eu havia pôr os meus olhos na sua cara para fazer exame.

*Merl.* Ouve, oh menina, ponha os seus olhos na minha cara, e verá como sou bonito.

*Celest.* Bonito!

*Merl.* É tanto que lhe hey de levar os olhos.

*Celest.* Não levará por certo; antes cegueira que tal veja. Ay, ay como he feyo!

*Merl.* Isto são os olhos de v. m. Que he isto? já me vio? que? escapou-lhe algum olho?

*Celest.* É diz bem; que hum olho he só o que lhe podia pôr.

*Merl.* Eu sou servidor de v. m.

*Celest.* Eu assento nisso.

*Merl.* Que lhe faça muito bom proveito; mas dessa sorte não, sey se a fará limpa.

*Celest.* Não, porque vossê sempre ha de ficar sujo da contenda.

*Merl.* Fóra com a menina, que assim he tramposa! Oh, tire-me de huma duvida; vossê he privada cá em Palacio? Quero dizer se tem valimento com a Princeza nas cousas secretas?

*Celest.* Cuida que o não entendo porcalhaõ?

*Merl.* Ah tal agrado! o modo he feiticeiro.

*Celest.* Deve ser algum basbaque.

*Merl.* Os carinhos renderão pedras.

*Celest.*

*Celest.* Vá-se embora alforreca da praya.

*Merl.* Eu me vou rodilha da chaminé, esfregaõ da cozinha, eu me vou.

*Faz que se vay.*

*Celest.* Ay meus peccados, que se vay embora. *à parte.* Cio, ah Senhor, isso vay de veras?

*Merl.* Por isso estava eu morrendo. *à part.* Pois se vejo que me desprezas, que queres tu que eu mais espere? Se continúas, vou-me como hum passarinho.

*Celest.* Tanto me queres já, que podes morrer por mim?

*Merl.* Uy? pois não, e tu amas-me?

*Celest.* Muito: morro por ti, como gato por castanhas.

*Merl.* Olhem o amor da bisbilhoteira!

*Celest.* Vejaõ a estimaçaõ com que me trata!

*Merl.* He bem tirada das canelas.

*Celest.* As finezas chovem.

*Merl.* Vá-se dahi palmilha suada.

*Celest.* Sim me hirey, fantasma com bigodes, visaõ com calças; sim me hirey.

*Faz que se vay.*

*Merl.* Ay coitado de mim; que ella esgueira-se. *à parte.* Cio, Senhora, ouve? pois adeos?

*Celest.* Por isso estava eu esperando. *à parte.* Pois se vejo que me maltratas, que queres

res tu que eu faça? Se prosegues, adeo dinheiro.

*Merl.* Ora Senhora, já que somos iguaes, e semelhantes nos genios, tratemos de nos querer daqui em diante, e deixemos razões.

*Celest.* Eu venho nisso.

*Sabe Bigorribas ao bastidor.*

*Bigor.* Que estará aqui fazendo ha tanto tempo este passageiro intruso? Ay, ay, que cá está tambem Celestina! Ay, ay, ay, eu quero ver se a colho em algum gualdiperio.

*Celest.* Pois Merlim, lo dicho, dicho.

*Merl.* Pois Celestina, manos a la obra.

*Bigor.* Póde haver mayor pouca vergonha!

Ajustando-se estaõ; ella prega-me certamente. Oh zelos, que como cães danados me estais atrassalhando o coração: eu estou feito hum arenque de fumo; eu sayo a embaraçar este damno, usando da minha jurisdicaõ. Quem esta aqui?

*sabe.*

*Merl.* He boa pergunta essa, nem que fizera muito escuro: pois v. m. não enxerga?

*Celest.* Ay coitada de mim!

*Bigor.* E vós Celestina, que fazeis aqui com este homem?

*Celest.*

*Celest.* Eu não faço nada com elle, isso he fallar.

*Bigor.* Pois em que estavas fallando?

*Merl.* Ah Senhora, o Senhor he seu Pay?

*Celest.* Estavamos fallando nas guerras do Turco.

*Bigor.* Que vos importaõ a vós as mortes alheas? E vós com que licença entrastes aqui nestas salas? *para Merlin.*

*Merl.* Com huma que aqui trago na aljibeira.

*Bigor.* Boa graça! mostray-ma cá.

*Merl.* Sim Senhor, com muito boa vontade: espere, quela ver?

*Bigor.* Quero.

*Merl.* Pois não a tenho aqui.

*Celest.* He descambado.

*Bigor.* Oh voslé atreve-se ao meu respeito? Não sabe que sou Porteiro de Palacio?

*Merl.* Coitadinho! sinto muito vello por portas.

*Bigor.* Vá-se logo embora.

*Merl.* Eu não me posso hir.

*Bigor.* Porque não.

*Merl.* Porque tenho hum pé dormente. Celebre figura he o tal Porteiro! Ora eu quero usar com elle a primeira travessura. *à part.*

*Bigor.* Eu vou chamar guardas, e entã veremos o que vay.

*Celest.* Bigorrilhas, ora não.

*Merl.* Celestina, não estranhes o que vires. Ora Senhor venha v. m. cá, não se enfade, que eu quero já fazer tudo o que v. m. quizer.

*para Bigor.*

*Bigor.* Não ha que tratar.

*Celest.* Ora peço-lhe eu isso.

*Bigor.* Não ha que fazer.

*Celest. e Merl.* Suspende o rigor.

*Bigor.* Estou arremarado.

*Merl.* Pois se está arrematado, he necessario prendello.

*Bigor.* Prenderme a mim? boa graça!

*Vay subindo Bigorrilhas em huma columna; que se levanta do chaõ, e em estando no alto, virá de cima huma gayola, e ficará metido nella.*

*Bigor.* Mas ay, ay, ay, que me levaõ os diabos por effes ares, e ventos! Não ha quem me acuda?

*Celest.* Eu estou tolla de tal ver.

*Merl.* Ora veja; vossé estava contra mim, e no cabo por minha causa se vê em tantas alturas.

*Bigor.* Tomára-me eu ver por terra antes, do que verme nestes augmentos.

*Celest.* Agora não te desvanegas de teres subido tanto.

*Bigor.*

*Bigor.* O que a mim se me desvanece he a cabeça: eu deito-me daqui abaixo, mais que quebre huma perna.

*Celest.* Então ficas sem pés, nem cabeça.

*Merl.* Sou tanto teu amigo, que te hey de embarçar essa delgraca. *vem a gaiola.*

*Bigor.* Peior he esta! Eu prezo, Senhores? Tirem-me daqui, que eu não gosto de gayolas.

*Celest.* Pois do que está dentro nellas? huma figa.

*Cantaõ Celestina, e Merlim a seguinte*

A R I A A D U O.

*Celest.* Senhor Bigorrilhas.

*Merl.* Senhor Farrovilhas.

*Celest.* Se ao ar as amola.

*Merl.* Se está de gayola.

*Amb.* Queremos saber  
Que casta de passaro he vossê.

*Celest.* Está de poleiro?

*Merl.* He gallo cazeiro?

*Celest.* Mas olha ao sumayo.

*Merl.* Pois he Papagayo.

*Celest.* Meu lourinho.

*Merl.* Coitadinho.

*Celest.* Dá cá o pé.

*Merl.* O outro perro.

*Celest.*Toma, ah  
Quer morder?*Amb.*Vejaõ esta ave,  
Que graças que tem  
Morde, e dá couces  
Pedindo-lhe o pé.*Vaõ-se, e em descendo a columna, voa a gayola.**Bigor.* Ah que d'ElRey quem me acode,  
que estou já cançado de andar abaixo,  
e acima; isto he feitiçaria: este Palacio  
está endemoninhado.*Sabem dous Soldados.**Sold. 1.* Quem está aqui dando tamanhos  
gritos?*Bigor.* Quem ha de ser? sou eu: não me  
viraõ na gayola? pois eu bem alto estive.*Sold. 2.* Que gayola?*Bigor.* Aquella em que eu estive à dependura.*Sold. 1.* Elle está louco.*Sold. 2.* Ora ande, tontarraõ, não esteja  
aqui amotinando o Palacio.*Bigor.* Vamos, que elles haõ de mo pagar  
a poderes que eu possa.

S C E N A III.

*Jardim. Sabem por huma parte Policena, e por outra Floriandro, sem verem hum ao outro.*

*Flor.* Florida Estancia, onde vive de Abril eterna a pompa!

*Polic.* Verde retiro, onde só permanece a Primavera.

*Flor.* A buscar venho entre vossas plantas huma flor animada, de quem eu sou amante gyrafol.

*Polic.* A buscar venho entre vossos agradaveis labyrinthos alivio ao meu mal, já que nelles perdi a copia do meu bem.

*Ambos.* Colhey pois.

*Flor.* Oh Policena!

*Polic.* Oh Floriandro!

*Flor.* Quanto devo à ventura o bem de verte!

*Polic.* Quanto me offende a sorte no mal de encontrarte!

*Flor.* Tanto te desfagrada a minha vista?

*Polic.* Sim, que como te devo tantas finezas, sempre a vista do crédor se faz odiosa a quem se impossibilita de pagar as dividas. Tanto te alegra a minha presença?

*Flor.*

*Flor.* Sim, que como te contemplo tão divina, sempre que te vejo, se renova em mim o gosto de adorarte.

*Polic.* Notavel he a sua tyrannia. *à parte.*  
Oh quem pudera achar meynos para abrandar tantas durezas.

*Flor.* Em fim, meu bem, nem esperança me podes dar de que algum dia ferey ditoso com teu favor?

*Polic.* Não sey; deixa-me Floriandro.

*Flor.* Tanto te offendo em quererte?

*Polic.* Sim, que as tuas persuasões augmentaõ os meus martyrios.

*Canta Floriandro a seguinte*

A R I A.

Banha o mar as rochas duras,  
E se abrandaçõ tarde, ou cedo  
As durezas do rochedo  
Aos combates do cristal.  
Só nos mares de meu pranto,  
Com que enternecer procuro,  
Cada vez acho mais duro,  
O teu peito, e o meu mal.

*Polic.* Bem reconheço, Floriandro, o quanto te devo em querer, e o quanto deves ser querido pelas raras circumstancias com que te enriqueceo a natureza;  
mas

mas he tanta a minha desgraça, que reconhecendo a divida, não posso pagar a obrigação.

*Sabe Rosimunda.*

*Flor.* Oh dura sorte! oh rigorosa estrella!  
Que esteja desattendido o merito, porque póde mais a força da minha desgraça, que o excesso do meu amor.

*Rosim.* Primo Floriandro, como vay de cuidados? Ainda ha razão para a queixa?

*Flor.* Ay Senhora, que viesse esta peregrina belleza, sem se saber de donde, nem como, a ser inquietação do meu socego, a ser tyranna da minha vida! Sem duvida que o Deos de amor offendido, de que a izençaõ de meu peito negasse culto a seus altares, quiz mandar este appetecido castigo à minha liberdade, esta doce prizaõ ao meu alvedrio.

*Rosim.* Como he appetecido o castigo, sempre será gloriosa a pena; e como he doce a prizaõ, sempre será suave o cativoiro.

*Flor.* São taes os affectos de amor, que alimenta com o que mata, e attrahe com o que tyranniza.

*Rosim.* Pois para que se queixa quem ama,  
se

se acha gosto no que padece?

*Polidoro ao bastidor.*

*Polid.* Aqui está Rosimunda, e Florian-  
dro, escutarey o que trataõ.

*Flor.* Eu me explico melhor neste

S O N E T O.

Ardo amante, e na chamma appetecida,  
Morrõ do alivio, vivo do tormento;  
Se do mal, que me mata, me alimento,  
Naõ me vay no morrer menos que a vida.

A buscar este incendio me convida  
No desmayo mortal mais vivo alento:  
Quando a morte he da vida hum novo  
augmento,

Solicitaõ-se os golpes do homicida.  
He tudo extremo quanto a amar se ordena:  
Sigo hum mal donde a vida está notoria,  
Hum bẽm deixo que à morte me condena.

No rendimento alcanço huma vitoria:  
Que importa pois viver de amor na pena,  
Se assim consigo de morrer a gloria?

*Rosim.* Em quem ha tanta discriçaõ dei-  
xará de renderse? Que dureza naõ abran-  
dará tanta eloquencia?

*Polic.* Isto naõ he outra cousa, que per-  
suadir Florianдро, e renderse Rosimun-  
da.

*Flor.*

*Flor.* Ay amada Prima, se eu fosse taõ feliz, que assim me succedesse.

*Rosim.* Naõ desmayes na empreza, que naõ deixarás de alcançar o vencimento.

*Polid.* Declarados estaõ os meus ciumes. Injustos fados apenas me entreguey aos mares de amor, logo periguey nas syrtes dos zelos. Mais terrivel naufragio he este segundo, que aquelle primeiro; pois em hum periga a vida, e em outro fluctua a alma.

*Rosim.* He notavel o excessso, com que adoras.

*Flor.* Tambem he notavel o objecto que idolatro.

*Polid.* Quero sahir à sua presença para mostrar que sey a sua culpa.

*Sabe Bigorrilbas.*

*Bigor.* Sua Magestade, Senhor Florian-dro, perguntou por vós.

*Flor.* Com licença de V. A. hirey saber o que me ordena. *Vaise.*

*Sabe Polidoro.*

*Rosim.* Polidoro.

*Polid.* Já Polidoro naõ vive.

*Rosim.* Os meus olhos testemunhaõ o contrario.

*Polid.*

*Polid.* Engana-se a vossa vista ; porque  
naõ póde enganarse o meu ouvido.

*Rosim.* Esse seria mais facil de enganarse ;  
mas naõ te entendo.

*Polid.* Naõ he muito, que eu a mim mes-  
mo me ignoro.

*Rosim.* Declara-te mais.

*Polid.* Naõ sey, mas baste que se declare  
a minha offensa.

*Rosim.* Que dizes ? que offensa ? Notavel  
inquietação te altera !

*Polid.* Poderey Senhora , pois de outro  
amor embaraçada se sentia a alma, naõ  
dar lugar a que . . . . .

*Rosim.* Enigmas são quanto me propões :  
de quem te queixas ?

*Polid.* Da minha injusta estrella.

*Canta Polidoro o seguinte*

R E C I T A D O .

Naufragante infeliz, que derrotado  
Das iras de Neptuno combatido  
Me vi quasi entre as ondas submergido,  
Porém favoreceo-me adverso o fado ;  
Que da vida infeliz no beneficio  
Se mostrou mais adverso, que propicio.

ARIA.

## A R I A.

Que importa que o mar irado  
 Que importa que o féro vento  
 Nesse liquido elemento  
 Me intentasse sepultar  
 Oh mal haja o duro fado  
 Que a mais ancias me destina  
 Se em livrar-me da ruina  
 Me conduz a naufragar.

*Sabem por huma parte Merlim, e por outra  
 Celestina apressados.*

*Merl.* Senhor.

*Celest.* Senhora.

*Merl.* Avifarte venho de muitas novidades.

*Celest.* A buscarte venho da parte d'ElRey.

*Merl.* O' Senhor, tem occasião de brilhar.

*Polid.* Em que?

*Merl.* Não vê que leuão preza a Rosimunda? pois usa do teu valor, e tira-a das mãos à justiça.

*Polid.* Adeos Senhora, e juntamente me concede licença para retirarme para a minha Patria, pois que ElRey meu Senhor me não impede a partida.

*Rosim.* Se meu Pay não quer impedilla, eu saberey embaraçalla.

*Vaise.*

*Celest.* Ora pegue-lhe lá com hum trapo quente.

*Merl.*

*Merl.* Máo! Estás embargado na estalagem? Pois de veras vas-te? Para que he isso? Se tu estás prezo, como has de ausentarte? Eu apostarey que te não vás, ainda que te deitem a páo.

*Polid.* Sempre Merlím, estás para graças? Oh se souberas quanto padece quem ama!

*Merl.* Boa graça! Pois tu cuidas que eu sou tão papa pão, que não tenha o meu fatacaz de amor muito formoso?

*Polid.* Como o amor he sentimento, tu que te alegras, não debes ter amor.

*Merl.* Ay Senhor, ambos o temos; mas tu tens hum amor choramigas, e eu hum amor de ir, e folgar. Mas fallando ao serio, sabe que ElRey chama sua filha, e a Floriandro, para fazer huma consulta sobre o seu casamento; porque varios Principes a pedem para esposa; e como já entre nós não ha segredos, pois tu já sabes as minhas manhas, e eu as tuas qualidades, eu me offereço a ajudarte neste empenho.

*Polid.* Eu a darte o premio empenhado estou.

*Merl.* Eu terey industria para examinar tudo o que se passa, porque com huma prenda de meu mestre Pedro de Bayalarde, que he hum anel magico, que faz

faz invisível a quem o traz no dedo;  
posso entrar em qualquer parte seguro  
de ter visto.

*Polid.* Pois, Merlim, não gastes tempo;  
e pois essa luminosa causa dos despenhos  
Icareos, corre a buscar nas ondas re-  
frigerio a seus ardores, na alameda es-  
pero a tua noticia.

*Vaise.*

*Merl.* Alli vem Celestina, supponho que  
me bispou, e vem a mim direita como  
huma setta; mas eu não lhe posso por  
ora ser bom. Mas ay, ay, ay, cá vem  
por outra parte tambem o celebre Bi-  
gorrilhas, e vem-se a mim como hum  
rayo: deixem-me tirar o anel, e fazer-  
lhe huma pessa, porque agora he pre-  
ciso acudir a maior empenho.

*Sabem por huma parte Celestina, e por outra  
Bigorrilhas apressados, e ao chegar elle, se  
faz Merlim invisível, e elles ficaõ admira-  
dos.*

*Bigor.* Senhor Merlim.

*Celest.* Senhor Merlim.

*Amb.* Aqui se pagaõ ellas.

*Merl.* Anel me fecit.

*Amb.* Mas que he isto!

*Bigor.* Ha caso semelhante!

*Celest.* Ha caso mais notavel!

*Merl.*

*Merl.* Como ficáraõ tolinhos feitos figura de matachins! Eu venho já. *Vaise*

*Bigor.* Eu estou stupefacto.

*Celest.* Eu estou espavorida.

*Bigor.* Eu havia jurar que era Merlim.

*Celest.* Que era Merlim havia de afirmar.

*Bigor.* Aquelle homem he o diabo em carne humana.

*Celest.* Se elle naõ he feiticeiro, naõ ha verdade nas cartas.

*Bigor.* Ora Senhora Celestina, eu entendo que o fazella a v. m. Madre toca ao Senhor Merlim.

*Celest.* Veja como falla no meu credito.

*Bigor.* Que? arde-lhe? Vossé quer mostrar que quem se queima alhos come?

*Celest.* Alhos comerá elle para villaõ ruim.

*Bigor.* Cuida que lhe naõ entendo as suas alhadas?

*Celest.* Isto he coufa que se crea? Bom anda o meu credito.

*Bigor.* Bom? nunca eu o vi mais achacado, e peor ha de ser em eu fazendo queixa a ElRey.

*Canta Celestina a seguinte Aria, e*

R E C I T A D O.

Mofino, porco, fujo, fedorento,  
Cara de mono, orelha de jumento,  
Oh permitta a fortuna em teus pezares,  
Que quando chocalhares,  
Ao mover essa lingua mal dizente,  
Cada palavra te esmigalhe hum dente,  
E que acabes a historia de contado,  
Porque fiques de todo desdentado.

A R I A.

Ay de mim que fuy fazer!  
Eu irada contra ti?  
Mas se nisto te offendi,  
Já te quero enternecer:  
Promette de não fallar,  
Se não vê que hey de chorar.  
Ay, ay, ay, que não tem dó,  
Se te chego a persuadir,  
Não me dês mais que sentir,  
Olha que to peço eu:  
E tu serás sempre o meu  
Macaquinho, quinho có.

*Sabe Merlim ao bastidor.*

*Merl.* Ora cá estamos todos.

*Bigor.*

*Bigor.* Por certo que me tem lastimado as tuas lagrimas, ainda que me tem offendido as tuas iras.

*Celest.* Has de fazer queixa de mim?

*Bigor.* Ay amor, que me tens feito o coração n'um crivo.

*Celest.* Muito me importa que elle não descubra de mim nada. *à parte.* Não fallas? não respondes?

*Merl.* Com muito carinho lhe falla, e muito se chega à rapariga.

*Bigor.* Só o não farey se vossé fizer huma cousa.

*Celest.* Eu, conforme ella for.

*Bigor.* Pois he.

*Merl.* Ora anda.

*Bigor.* Que tu.

*Merl.* Ora toma.

*Bigor.* Queres.

*Merl.* Aduba.

*Bigor.* Dar-me.

*Merl.* Dá-lhe, que dá-lhe.

*Celest.* Ay, acaba de declararte.

*Bigor.* Eu tenho muita vergonha.

*Merl.* Boa nova para o pay da criança.

*Celest.* Com isso te sahes agora?

*Bigor.* Pois quero que vossé me dê hum abraço muito apertado.

*Merl.* Isso he muito apertar com os amigos.

*Bigor.*

*Bigor.* Pois que dizes?

*Merlim.* Quem calla parece que consente.

*Celest.* Eu que hey de dizer? Se tu queres, toma-o; mas não to hey de dar, que não tenho confiança para isso.

*Bigor.* Sou contente: ora eu vou lá.

*Merl.* Ah pobre Merlim.

*Celest.* Que? tenha mão para lá, ha de primeiro prometter.

*Bigor.* Uy, quanto tu quizeres.

*Celest.* De não dizer nada de mim, nem de Merlim.

*Merl.* Isto he defenderme, ou agravarme?

*Bigor.* Eu prometto.

*Celest.* Ora levante o dedo para o ar.

*Bigor.* Aqui está levantado.

*Merl.* O homem tem dedo para a cousa; mas logo verá o que lhe succede.

*Celest.* Ora vem já, antes que venha alguem.

*Bigor.* Eu vou meu bem; está-me bailando o coração no peito.

*Ao querer chegar, no meyo dos dous se levantaráo muitas chammas, e Celestina se vay por huma parte, e Bigorribas quer hir para a outra.*

*Bigor.* Mas ay, ay, ay! que me abraço! que me queimo! Os favores de Celestina,

na, faõ fogo viste lingoica, e eu vou-me com o fogo no rabo.

*Sabe hum diabrete.*

*Diab.* Ora venha cá esse abraço.

*Bigor.* Peior he esta, Senhor diabo deixe-me, assim nollo Senhor lhe dê faude.

Ay que me faz deitar o bofe pela boca fóra; olhe que se me matar, que não havemos fer mais amigos.

*Vaise o diabrete, e continúa Bigorrilhas.*

*Bigor.* Vai-te com dous mil demonios, que eu me vou por esta parte.

*Sabe hum touro.*

*Bigor.* Ay que encontro taõ terrivel! Quem me acode, que morro nas pontas de hum touro. Lá vaõ quatro costellas dentro; confissaõ.

*Sabe Merlim.*

*Merl.* Que he isto Bigorrilhas?

*Bigor.* Que ha de ser? hum touro, que me tratou desta sorte.

*Merl.* Essa sorte foy azar.

*Bigor.* Ay, ay, ay.

*Merl.* Coitadinho!

*Bigor.* No diabo não fallo eu.

*Merl.*

*Merl.* Nem isso he cousa em que se falle.

Se quererá elle mais abraços? *à parte.*

*Bigor.* Ajuda-me Merlim, que em tarandando, eu deixarey o Palacio, que aqui andaõ os diabos soltos. Ay!

*Merl.* Não chores, que isso não he nada!

## S C E N A IV.

*Bosque. Sabem Policena, e Celestina.*

*Celest.* **N**Este sitio, Senhora, onde o Zefiro brandamente respira, causando hum suave rumor nas folhas que move, podes hum pouco divertirte, em quanto para o mesmo effeito vou conduzir a Rosimunda.

*Polic.* Agradavel retiro para o meu cuidado: aqui o silencio apenas interrompido do brandõ movimento destes verdes ramos, está convidando a contemplações amantes: aqui parece tem a sua propria habitação a saude.

*Celest.* Folgo muito que te agrade. E no entanto vou avisar a Floriandro, que já me pagou de antemaõ o encontro que aqui dezeja ter só com ella. *à parte.* Fica pois dando alivio ao teu cuidado, e não te ausentes até que eu não torne com a Princeza. *Vai-se.* *Polic.*

*Polic.* Aqui espero. Notavel inquietação  
me tem causado a perda do retrato de  
Polidoro; pois sendo achado, precisa-  
mente ferey conhecida: desgraças mi-  
nhas são, e novas ingratidões suas: ou-  
vi bosques as minhas queixas.

## SONETO.

Já passa a ser verdade o fingimento  
De hum cruel, de hum ingrato na figura;  
Pois dar não quiz nos longes da pintura,  
Nem por sombras alivio ao meu torméto.  
Deixou-me, e não só da arte no portento,  
O inanimado desmentir procura:  
As semelhanças que o pincel apura  
Lhe acreditaõ vital o movimento  
Não sómente no engano colorido,  
Com vida o contempley, mas do seu trato  
Hum traslado fiel foy o fingido:  
Pois na copia que imita o termo ingrato,  
Se ostenta o exemplar mais parecido  
Quanto mais de mim foge o seu retrato.

Mas que digo, que novidade he fugir-  
me hum ingrato a quem amo, hum ty-  
ranno a quem busco, se nelle sempre  
reconheceo tibiezas o meu cuidado? Oh  
duro rigor! Quem sempre ha de despre-  
zar hum amoroso effeito!

*Merl. Polidoro.*

*Dentro.*

*Polic.* Mas que escuto! O nome não ouvi de Polidoro? Ou esta voz foy oraculo do defengano, ou fantazia do dezejo. Admirada me tem neste novo acafo. Amor sem duvida toma por sua conta o affligirme com mayor especialidade, tal vez castigando com as certezas da ingraticidã que sinto, as que injustamente mostro, quando reconheço, que sómente sabe adorarme.

*Rey. Floriandro.*

*Dentro.*

*Polic.* Já não póde enganarme o meu ouvido; pois segunda vez me responde o verdadeiro oraculo destas selvas. Em rara suspensão me vejo!

*Sabe Polidoro.*

*Polid.* A voz de Merlim ouvi, que sem duvida anda buscando-me; mas como não tornou a chamarme, perdi o tino, sem saber aonde. Porém que estão vendo meus olhos? He sonho, ou verdade o que experimento?

*Polic.* Que prodigioso acafo! Darey credito à vista, ou será illusão da fantazia?

*Polid.* Policena, he possível que a ventura me depare, quando menos o esperava, o que ha tanto tempo busco?

*Polic.*

*Polic.* He possível que venha a encontrar depois de tantos desvelos, o que tanto tenho dezejado?

*Sabe Rosimunda ao bastidor.*

*Rosim.* Aqui encoberta destes verdes ramos verey o que passa Floriandro com Policena. Mas que vejo penas! Polidoro he o que em lugar de Floriandro te acha!

*Polic.* Não sey como agradeça à sorte o gosto de verte: ainda não creyo a minha ventura.

*Polid.* Feliz foy a minha desgraça, se o naufragio que padeci nessas rochas foy caminho para chegar a esta fortuna. Ay Rosimunda adorada! *à parte.*

*Rosim.* Ah traydor! Ah falso! E para isto affectaste ciumes, accumulando agravos, a quem só debes finezas.

*Polid.* Oh quanto ha que te busco para alivio de tantos cuidados que te esperaõ.

*Polic.* Bem me tira a duvida, de que são os cuidados seus.

*Sabe ao outro lado Floriandro.*

*Flor.* ElRey me anda buscando, pois a sua voz ouvi; porém quero primeiro ver se posso neste sitio ver a causa de meus tormentos.

tormentos. Porém que he isto pezares!  
o meu lugar se acha substituido de hum  
estrangeiro peregrino?

*Polid.* Socega pois o peito, que já a ven-  
tura se nos mostra favoravel.

*Polic.* Já com a tua vista se aliviaõ as me-  
morias, e saudades que me affligem o  
coraçãõ. Ay Polidoro se me amáras!

*à parte.*

*Flor.* Ah cruel! ah tyranna! Para isto me  
mostravas rigores, desprezando o meu  
nobre amor, se taõ depressa te rendes a  
hum pobre, e derrotado peregrino?

*Polid.* Socega pois Policena, e dissimula  
até que eu execute o que tu verás.

*Sabe Rosimunda irada.*

*Rosim.* Naõ verá infiel, que primeiro ve-  
rás tu os estragos do meu furor.

*Polid.* Ha mais infortunios amor!

*Polic.* Naõ tenhas, Senhora, por infide-  
lidade ao meu proceder até que eu o  
contrario te mostre.

*Sabe Floriandro.*

*Flor.* Naõ me mostrarás tyranna, antes  
mostrarey reduzida a cinzas a causa de  
tanto ardor.

*Polic.* Naõ julgues, Senhor, que... fem  
vida alento. *à parte.*

*Polid.*

*Polid.* Não imagines, Senhora, que. . . .  
sem alma respiro. *à parte.*

*Cantaõ Rosimunda, Floriandro, Polidoro, e  
Policena o seguinte*

## R E C I T A D O A 4.

*Rosim.* Oh mal haja quem fia na lealde  
De quem na fé de amor vive suspeito

*Flor.* Oh mal haja o que rende hum firme  
peito,

A quem tem por firmeza a variedade

*Polid.* Oh não tenhas de falso em vil con-  
ceito

A quem só se alimenta da verdade.

*Polic.* Oh não supponhas da inconstancia  
effeito

O bem que o peito alcança

Que amar a vida nunca foy mudança.

## A R I A.

*Flor. e Rosim.* Oh tyrrano Deos Cupido,  
Que apurando o teu rigor,

A quem mais se vê rendido

Es injusto, infiel traydor.

*Polic.* Que feitiços me tens feito

O' Cupido superior

Que sinto abrazarme o peito,

E appeteco mais o ardor.

*Polid.*

*Polid.*

Leve a vida o sentimento  
Que em tal pena, oh Deos  
de amor,

Será eterno o meu tormento  
Se não morro a tanta dor.

*Flor.*

Oh tyranno Deos Cupido  
Que feitiços me tens feito!

*Polic.*

Es injusto, infiel traydor.

*Rosim.*

O' Cupido superior.

*Polic.*

Leve a vida o sentimento

*Polid.*

Es injusto

*Flor.*

Oh Deos de amor.

*Polid.*

Que feitiços me tens feito

*Polic.*

Es injusto, infiel traydor:

*Rosim.*

*Sabe Merlim ao bastidor.*

*Merl.* Grande rumor aqui se escuta, que  
será?

*Sabe ElRey ao outro lado.*

*Rey.* Não sey que vozes confuzas aqui ou-  
ço, o motivo saber quero.

*Já o Theatro estará com pouca luz.*

*Rosim.* Não sey como tenho soffrimento  
para não virgarme desta aleivosa.

*Flor.* Não sey como não satisfaço a minha  
colera neste tyranno.

*Sabe ElRey.*

*Rey.* Suspendey os furores, e dizei-me a  
causa de tanto excessõ.

*Merl.*

*Merl.* Aqui he precito valerme das minhas habilidades, e tomar differente fórma para livrar a Polidoro. *Vaise.*

*Rey.* Floriandro, quem póde ser motivo desta confusão?

*Flor.* Esse aleivoso que . . . . Mas diga-o Rosimunda, que a colera me não deixa expressões para relatallo, quando mais me embaraça o teu respeito. *Vaise.*

*Rey.* De ti, Rosimunda, espero a noticia do que cada vez mais ignoro.

*Rosim.* Esse monstro de traições . . . . Mas a tua soberana presença me perturba. Diga-o Policena, que ella melhor que todos o sabe. *Vaise.*

*Rey.* Declara tu, Policena, este enigma.

*Polic.* Pois de ambos he huma a causa, diga-o o Principe Polidoro. *Vaise.*

*Sabe Merlim junto a Polidoro vestido de galego, e diz para Polidoro.*

*Merl.* Com este anel te podes encobrir, vaite. *Vaise.*

*Rey.* Que he o que escuto! O Principe Polidoro! Alguma traição receyo. Olá guardas, tragaõ aqui luzes.

*Sabem dous Soldados.*

*Sold. 1.* Que nos manda V. Magestade?

*Rey.*

Rey. Seguraime esse traidor.

*Sabe do chaõ huma véla aceza.*

Merl. Naõ he necessario mandar buscar luzes mais longe.

*Sabem por huma parte Bigorvilbas, e Celestina por outra.*

Celest. Que bulha será esta?

Bigor. Que motim será este?

Rey. Chegaime essa luz, que aqui tudo faõ prodigios.

*Vay Bigorvilbas a pegar na véla, e da-lhe hum tremor.*

Bigor. Ay! quehe isto! Eu estou tremendo por mim.

Rey. Cheguem-me essa luz.

Bigor. Eu naõ posso: ay, ay, que estou azougado.

Merl. Está galante bule bule.

Rey. Já a minha impaciencia me suffoca.

Celest. Mostra cá essa luz, e vaite abafar, que estás com a sezaõ.

Bigor. Ahi a tens.

Celest. Ay coitada de mim que me pegou o mal, e eu estou com convulsões.

Merl. Eila ahi em tremuras.

Celest. Quem me tira isto da maõ, que já naõ

naõ posso estar mais tempo dalhe que darás.

*Rey.* Daimo essa luz barbaros. *pegana véla.*

*Celest.* Ora vejaõ, e ficou-me a maõ toda pingada.

*Bigor.* Olá, só ElRey naõ ficou tremulo.

*Vay ElRey chegar a Merlim, e voalbe a véla.*

*Rey.* Raro affombro! Aqui ha grande traiçaõ.

*Merl.* Adeos luzes.

*Bigor.* *Bolaverunt.*

*Celest.* Deixou voar a véla; mas naõ está mais na sua maõ.

*Sabem dous guardas com luzes.*

*Rey.* Mas mayor affombro he o que admiro, e vejo. Que differente objecto he este do que até aqui imaginava!

*Merl.* Ora olhem de que se admira.

*Bigor.* Uy Senhores; donde veyo este pinto caludo?

*Celest.* Galante badameco.

*Rey.* Homem, ou aberto vil destes bosques, dize quem es?

*Merl.* Eu num estou aborco nestes bosques capor porque num me bem eslar em pé? Ay Senhores num me façam mal, ay, ay.

*Rey.*

*Rey.* Sem mim estou ! Como estás nesta Região ?

*Merl.* Avijam ? nome de soventa hora ! Eu num som avijam nem coiza do oitro mundo.

*Rey.* Digo quem aqui te conduzio ?

*Merl.* Aqui ninguem me consumio , sómente vossas merces agora he que o faram se quigerem ser serbidos.

*Rey.* Já perco a paciencia : homem falla verdade , e responde ao que te pergunto.

*Merl.* Se eu soiber , eu fallarey a berdade ; mas canto ao mais , eu num som taõ mal ensinado , que responda a bossa remeñencia.

*Rey.* Quem te mandou a este sitio ?

*Merl.* Nós biemos eu a mais oitros oito camaradas da nossa terrinha peleginando se bossa remerencia nos dèsse huma esmólinha muito bem à maõ , se num paciencia.

*Rey.* E com que intento vieraõ.

*Merl.* Nós num trouvemos jumento nenhum.

*Bigor.* Eu estou estalando pelas ilhargas.

*Celest.* Se ElRey não estivera taõ enfadado , eu já tinha soltado a gargalhada.

*Sold. i.* Homem vê o que fazes , não te finjas , e se es o que pareces , dize quem aqui te mandou,

*Sold.*

*Sold.* 2. Se não vê que ElRey te mandará tirar a vida.

*Merl.* O Senhor he ElRey? Ora loibado seja Deos, eu cuidaba que ElRey era outra coisa: elle tem o mesmo que eu tenho, e tambem anda com as pernas.

*Sold.* 1. Responde ao que te perguntaõ, e tem respeito a Sua Magestade. *dalbe.*

*Merl.* Ay, ay, ay. A' delRey num ha justiça, num ha quem me acuda, lá bay o mei braço.

*Rey.* Não chores; vem cá, dize que terra he a tua?

*Merl.* Eu som nascido de Monson, e lá me bem huma Abó das partes de Lugo, num ay num falo eu, que num he para falare: em canto cabidal num hey bergonha de nenhum; porque mei Pay me deixou humas coirelas de binhas, e mais catro bicos muito bons com que passaba muito bem remediado: mas famicas doi ao demo huns amoricos, que tive com huma cachopa, que se chamaba Madanela, porque por amor della me sahi, e para mor della me derreáraõ o palayo, e antances.

*Rey.* Basta, basta, que já não ha soffrimento para ouvirte. Ay de mim! grande mal receyo! Soldados, levay esse homem,

mem, e prendey-o na torre de Palacio, que à manhã confessará no tormento, o que hoje nega cauteloso. *Vaise.*

*Bigor.* Ora criado Senhor Galego, vossé não quer responder a proposito; pois à manhã lho perguntaráõ. *Vaise.*

*Merl.* Num, num haõ de fazer mal, má oxa.

*Celest.* Lá verás quando te chegarem a roupa ao couro. *Vaise.*

*Merl.* Boce num save com quem falla.

*Sold. 1.* Ora ande não dê ralhos.

*Merl.* Digo que num quero.

*Sold. 2.* O' magano he atrevido?

*Merl.* Bá lá dar no diabo; cuida que num ha justiça, tome, tome. *dalbe.*

*Sold. 1.* O' insolente, resiste, venha amarrado, que ha de ficar prezo a huma corrente.

*Merl.* Num me corro com isso (à manhã o vereis.) *à parte.*

*Sold. 2.* Ande prezo.

*Merl.* Ora eicuitem, que se me recordou agora huma coisa na minha memoria: querem boces ouvir como se canta na minha terra, ora lá bay.

*Canta Merlim a seguinte*

A R I A.

Mey diamante d'azabiche,  
 Minha pelora encarnada,  
 Minha pedra de abada  
 Minha rica Madanela  
 Mais vella ca num sey que  
 Num me leixes da linbransa,  
 Porque eu leixarte num hey.  
 He, he, he, fasta moreno,  
 He, he, he, fasta bragado:  
 Se nunca havedes probado  
 D'amor o dulce beneno,  
 Por frexá nesse costado  
 O aguilhon bos chantarey.

*Sold. 1.* Isso está muito bom, mas vossé  
 chorará à manhã pelo que hoje cantou.

*Sold. 2.* Venha prezo.

*Merl.* Se eu hey de hir prezo, lebem-me  
 boces, que eu pelo mey pé num bou.

*Sold. 1.* Venha seja como for.

*Sold. 2.* Vamos.

*Merl.* Eu som o que bou agora, mas à  
 manhã boces beraõ o que bay.

ACTO

## ACTO II.

## SCENA I.

*Sala. Sabem Rosimunda, e Policena.*

*Rosim.* **A** Qui pódes, Policena, proseguir a narraçãõ dos teus successos, por não perder a occasiãõ de fallar a ElRey meu Pay, que por este sitio ha de passar à torre de Palacio. Ay Polidoro, que hoje me lastimas prezo, se hontem me offendeste livre! *à parte.*

*Polic.* Rêubada pois que fuy, bella Rosimunda, dos Estrangeiros Piratas, fazendo azas das inchadas vélas a inimiga não, mais ligeira voava que o mesmo vento que a conduzia. Quem duvida que os effeitos da minha pena faziaõ apressar mais a minha desgraça? pois com os meus olhos dava ao mar novas correntes, e com meus suspiros novo impulso aos arcs. Depois de tantos seculos de tormento, quantos elles contavaõ dias de viagem, no espaço de hum mez, entre varios accidentes, que não relato,

Tom. IV,

X

chez

chegámos a avistar huma dezerta Ilha, aonde para fazer agoa, tomámos terra. Desembarcáraõ alguns, e com elles para divertirme, quiz o Capitaõ (o qual para mayor martyrio meu se mostrava inclinado à causa da minha desgraça) que eu tambem o fizesse, o que foy motivo da minha ventura; pois divertido elle no exercicio da caça, deixando a mesma solidaõ por segura guarda da minha pessoa, se apartou de meus olhos: e como eu dos seus só dezejava ausentarme eternamente, deparando-me a sorte huma profunda concavidade, cuja horrivel boca cobrio a natureza de emmaranhadas ramas, antepoendo os horrores da morte aos trabalhos de huma penosa vida, entrey nella penetrando os mais intimos seyos daquella lobrega estancia. Perdida pois com o meu retiro nos Piratas a esperanza de acharme, porque a providencia do Ceo lhe encobrio a elles, o que a mim só quiz manifestarme, se foraõ; entendendo sem duvida, que a minha desesperaçãõ me tinha precipitado no mar. Sahi daquella escura habitaçãõ de noite, e no ultimo de tres dias, em que a vida se conservou alimentada de frutos silvestres, dey vozes a huma

a huma pequena embarcaçãõ, que não longe da terra passava : acolherão-me piedosos os navegantes, e como eraõ vassallos teus, me trasladaraõ desde os braços da minha instavel fortuna, ao seguro asylo de teus pés, aonde até aqui tinha vivido mais animada dos teus favores, que dos meus alentos, e aonde o Principe Polidoro, mais a impulsos de obediente, que a impulsos de amante me achou impensadamente, sendo o seu naufragio indicio da minha vida; pois quem vive entre desgraças só se acha pelo caminho dos infortunios.

*Rosm.* Supposta, Senhora, a verdade dos teus successos ( a qual não duvido ) acompanhando o credito que se te deve, circumstancias particulares que pondero; duas vezes te peço perdaõ, huma de não ser até aqui o teu trato medido pelo teu merecimento, e outra pela indignaçãõ que contra ti mostrey no passado successo; pois ignorante das causas que me relatas, vendo-te com Polidoro naquele sitio julguey excessõ indecoroso, o que foy natural affecto.

*Polic.* Ay Polidoro, que quando por ti suspiro, só sinto o que por mim padeces!

*Rosim.* Não te afflijas pois, Senhora, que ambas pediremos a ElRey meu Pay, a liberdade de Polidoro, o qual será preciso digas que he irmaõ teu, emendando de algum modo o que dizes chegaste a declarar. Ay Polidoro, que ao mesmo tempo me tens zelosa, e lastimada!

*à parte.*

*Sabe ElRey, e dous guardas, e passa sem reparar.*

*Rey.* Hide adiante a franquearme a entrada da torre, que eu mesmo quero ser o que faça este exame.

*Rosim.* Divertido passa ElRey, he preciso atalharlhe os passos. *Vaõ-se os Soldados.*

*Rosimunda, e Policena se poem de joelhos aos pés d'ElRey, huma de huma parte, e outra da outra.*

*Polic.* Rey Soberano.

*Rosim.* Pay, e Senhor.

*Polic.* Se he proprio em hum animo generoso.

*Rosim.* Se he natural em hum Real peito.

*Polic.* A clemencia.

*Rosim.* A piedade.

*Polic.* Tem, Senhor, compaixão.

*Rosim.* Tem lastima, Senhor.

*Ambas.*

*Ambas.* De huma innocencia opprimida ...

*Rey.* Levantaivos , e dizeime qual he o motivo que a tanto empenho vos move? E tu Rosimunda , como com tal efficacia me rogas ? He possivel que haja coufa que a tanto te obrigue ? Confuso estou.

*à part.*

*Rosim.* Ay se souberas o que minha alma sente!

*à parte.*

*Polic.* Ay se tu viras quanto meu coração padece!

*à parte.*

*Rey.* Falla , Rosimunda , acaba.

*Rosim.* A rogar com tanto empenho me obriga , Senhor , o grande affecto que Policena tem grangeado em meu peito ; e como a amizade nos tem igualado tanto , sendo sua a causa , tambem he minha. Minto que ella he mais minha do que sua.

*à parte.*

*Rey.* Com taõ poderosa intercessãõ , bem póde Policena pretender animosa.

*Polic.* Pois que tanto me anima o teu favor , mais alentada prosigo. Esse infeliz Estrangeiro , que opprimido dos lacos da tua ira , está para ser objecto dos teus olhos , he irmão meu , que a estas Regiões chegou por hum acaso da ventura ; acha-se prezo sem culpa , pois nem huma acção obrou , que lhe tirasse a innocencia.

*Rey.*

*Rey.* Espera, não profigas. Notavel engano! *à parte.* Pois affirmas ser irmão teu esse infeliz?

*Polic.* Huma, e mil vezes o affirmarey.

*Rosim.* Já de toda a verdade de seus successos estou informada; e como tudo condiz com o que desse Estrangeiro já se me contou, não acho nenhuma razão em que funde a minha incredulidade.

*Rey.* Grave damno receyo; pois já escrupuloso até da verdade de Rosimunda. *à parte.* Sujeito tão indigno he impossivel ser irmão de Policena.

*Rosim.* ElRey na sua suspenção se mostra vacilante. *à part.*

*Rey.* Quero deixarme enganar para assim descobrir novos enganos. *à parte.* Pois qual foy, Rosimunda, a causa que te obrigou a tanto enfado ati, e a Floriandro, contra elle?

*Rosim.* Como ignorava, Senhor, o que já Policena tem declarado, estranhava que ella, e esse que agora reconhecemos irmão seu, estiverão em tal sitio sóis, e a tal hora; pois nelle julguey algum atrevimento indecoroso às paredes de teu Real Palacio. Levados pois deste motivo, rompemos eu, e Floriandro no excessõ que ouviste.

*Rey.*

*Rey.* E tu como nomeaste em tal occasião ao Príncipe de Polonia, meu inimigo?

*Polic.* A natureza, Senhor, formou em meu irmão hum tão vivo retrato do Príncipe Polidoro, que era na Corte pasmosa admiração de quantos a ambos os admiravaõ; pois não só eraõ na fysionomia semelhantes, mas até parece que hum mesmo espirito os anima. Vendo eu em fim que todos contra eile irados se mostravaõ, quiz defendello com o que mais o arrisquey, dizendo que elle era o Príncipe Polidoro; mas já vejo que sahio errado o meu discurso, e castigado o meu engano.

*Rey.* Cada vez vou reconhecendo mayor o que me querem fazer. *à parte.* Sempre do Príncipe de Polonia ouvi exagerar a bizzarria, e agora me querem persuadir o que tem semelhanças com hum pobre mendigo.

*Rosim.* Modéra pois a ira, que contra elle mostras, e seja a sua innocencia motivo da tua piedade.

*Polic.* Espera, que o teu peito mais se enternece, e rende às minhas vozes.

*Canta Policena a seguinte*

A R I A.

Vive izenta a planta humilde,  
 Pois dos rayos a violencia  
 Só onde acha resistencia,  
 Executa o seu furor.

Affim pois no heroico peito  
 Naõ consentirá a piedade,  
 Que a innocencia, que a humildade  
 Seja objecto do rigor.

*Rey.* Quero já expor aos seus olhos na  
 causa de minhas duvidas, o motivo do  
 meu receyo. Olá, trazey à minha pre-  
 sença livre das prizões que o opprimem,  
 a esse infeliz Estrangeiro.

*Sabem dous Guardas.*

*Guard. 1.* Naõ será possivel, invicto Mo-  
 narca, cumprir o que nos ordenas; por-  
 que com a sombra notavel de quantos  
 a admiraõ, abrindo-se as portas da se-  
 gura prizaõ que o guardava, naõ se  
 acha, nem rasto por onde escapar pu-  
 desse.

*Guard. 2.* E o que mais digno se faz de  
 admiração, he, que se soltasse de huma  
 grossa corrente em que foy posto, dei-  
 xando-a

xando-a dividida em miudos pedaços.

*Rey.* Raro affombro! *fica suspenso.*

*Polic.* Dura pena! *à parte.*

*Rosim.* Mortal ancia! *à parte.*

*Rey.* Sobrenatural parece quanto succede neste Palacio: em notável confuzaõ me sinto. Vós outros parti logo acompanhados de mayor numero dos da minha guarda, a ver por diversos caminhos se achais esse traidor fugitivo.

*Vão-se os guardas.*

*Polic.* Sem duvida que com a ancia de livrar-se da morte, rompeo difficuldades por ir-se aonde meus olhos o chorassem sem remedio aulente. *à parte.*

*Rosim.* Sem duvida que com o temor de perder a vida, rompeo impossiveis por escapar-se de donde nunca mais seja objecto dos meus olhos. *à parte.*

*Sabe Celestina por junto de Rosimunda, e fica aobastidor.*

*Celest.* A dar parte à Princeza venho, de que não he Polidoro o prezo.

*Sabe Merlim por junto de Policena, e fica aobastidor.*

*Merl.* A dar aviso venho a Policena, que não descubra ao Principe, emendando de

de algum modo o passado erro.

*Sabe Bigorrilhas pela parte de fóra, e faz o mesmo.*

*Bigor.* Seja como for, eu hey de dizer a ElRey, que Merlim he hum fino feiticeiro.

*Rey.* Taõ confuso, e receoso me vejo, que naõ sey em que hey de determinar-me. *à part.*

*Rosm.* Sem alma estou, quando confidero a Polidoro ausente. *à parte.*

*Polic.* Sem vida estou, quando ausente de Polidoro me confidero. *à part.*

*Celestina chega junto de Rosmunda, e logo se retira.*

*Celest.* Senhora.

*Rosm.* Póde haver mayor infelicidade, que ser eu com a minha indignação causa do meu tormento! *à parte.*

*Celest.* Senhora. . . . . *a Polic.*

*Polic.* Póde haver mayor desventura, que pronunciar a minha voz a sentença da minha morte! *à parte.*

*Merl.* Ella está despachando.

*Bigorrilhas chega junto a ElRey, e se retira.*

*Bigor.* Saberá V. Magestade, que lhe quero fallar em segredo. *Rey.*

Rey. Aquellas cousas me dicta o receyo de  
futuros damnos. *à parte.*

Bigor. ElRey faz ouvidos de mercador.

*Chega Celestina a Rosimunda, a qual na acção  
de queixarse lhe dá no rosto.*

*Celest.* Bella Rosimunda.

*Rosim.* Deixa-me molesta fantasia.

*Celest.* Ay apello eu! Oh boca que tal dis-  
feste Senhora, e não sey que diabo de  
nome me chamou.

*A Merlin succede o mesmo.*

*Merl.* Policena.

*Polic.* Vaite pensamento importuno.

*Merl.* Pensamento importuno se-lo ha el-  
la: fóra com o talho! Ora he a primei-  
ra vez que em Palacio me chegáráo aos  
narizes.

*Rosim.* Vamos a batalhar, cuidados. *Vaise.*

*Celest.* Pois não irá só, que seraõ muitos  
os contrarios. *Vaise.*

*Polic.* Vamos a morrer, desvelos. *Vaise.*

*Merl.* Pois eu te vou meter a véla na mão.  
*Vaise.*

*Chega Bigorribas a ElRey, o qual falla  
entre si.*

*Bigor.* Senhor, eu quero fallar ao serenif-  
fimo

fimo ouvido de Vossa Realissima Magestade.

*Rey.* Que me dizes coração?

*Bigor.* Notavel agrado tem este Rey de Ungria: olhem o carinho com que me trata! parece que me namora.

*Rey.* Falla, falla, vaticina-me os meus males.

*Olha Bigorvilbas para todas as partes a ver se he com outrem.*

*Bigor.* Comigo he: eu chego animado, pois elle mesmo a fallar me convida. Ora eu cuidey que isto de fallar a ElRey era alguma bicha de sete cabeças.

*Chega ao ouvido d'ElRey, e elle torna em si, e se enfada.*

*Bigor.* Senhor, eu.

*Rey.* Que intentas atrevido? que ousadia he esta?

*Bigor.* Digo, que quando, como, já, logo, ao depois, mas eu não sey o que digo: quero dizer, que se acaço... mas isto não quer dizer nada.

*Rey.* Falla, ou te mandarey tirar a vida.

*Bigor.* Oh quem nunca nascera! Em negra hora me pario minha Mãy! Soltaraõ-se-me as prezas, e os calções já não podem

dem com a carga. Digo que se vossa como se chama queria saber as aquellas do aquelle: como he a sua graça?

*Rey.* Que dizes?

*Bigor.* Digo, que Merlim, e Celestina, mais eu, mais Celestina, mais Merlim, mais ella, mais elle, mais eu: esta he a pura verdade.

*Rey.* Não te confundas.

*Bigor.* Sim Senhor, he feiticeiro.

*Rey.* Quem?

*Bigor.* Não Senhor, foy hontem.

*Rey.* O que?

*Bigor.* Sim Senhor, eu o vi.

*Rey.* O medo o confunde.

*Bigor.* Eu já não estou capaz de estar aqui, porque de necessidade hey de estar dando máo cheiro ao Real nariz de Vossa Magestade.

*Vaise.*

*Rey.* Até isto que taõ mal percebi, me conduz a mayores suspeitas. Ay de mim! grande mal receyo!

*Sabe Floriandro.*

*Flor.* Senhor.

*Rey.* Floriandro, que tens de alegria?

*Flor.* O que ati te póde dar o mayor gosto. Agora junto do Bosque encontrey a esse Estrangeiro a quem dezejas achar.

*Sabe*

*Sabe Polidoro, e ajoelha.*

*Polid.* Senhor, não sey porque culpas me condenaõ!

*Rey.* Dize, Floriandro, em que delinquo Polidoro?

*Flor.* Pois este não he, Senhor, o que se achou no jardim com Policena?

*Merl.* Pois sua irmã era alguma pessoa estranha? Não, disso não tinha ella nada, que muy bem se chegava para elle. *à p.*

*Rey.* Ha mayores confuzões! Com que tu es irmão de Policena?

*Polid.* Ella, Senhor, confirmará essa verdade, que hontem a vi, quando mais fóra estava de a considerar em Ungria.

*Flor.* Já o meu mal he menor dó que cuidava. *à part.*

*Merl.* Aquelle Galego, que alli hontem appareceo, devia de ser algum grandissimo feiticeiro, pois fez taes enredos. Polidoro, Senhor, diz que quando vio o negocio mal assombrado, se fez desentendido, ou se meteo no escuro, que he o mesmo, e valendo-se das sombras, poz arvores em meyo para escapar de tanto rigor.

*Rey.* Agora com mais razaõ pódes viver em Palacio, pois nelle se acha tua irmã, e nelle

e nelle de novo te offereço amparo.

Vem Floriandro.

*Vaise.*

*Flor.* Já te figo: tu em mim terás o maior amigo.

*Vaise.*

*Polid.* Favor he que estimo quanto devo.

*Merl.* Ora fique-se nas horas de Deos, que desta já está livre; ahi vem Rosimunda, e eu vou a casa de Celestina.

*Vaise.*

*Sabe Rosimunda.*

*Rosim.* Polidoro, Senhor, he certo que estou logrando o bem de tua vista?

*Polid.* Rosimunda, Senhora, he verdade que estás sendo objecto dos meus olhos?

*Rosim.* Que já sem sobressaltos te vejo?

*Polid.* Que já sem embaraços te admiro?

*Rosim.* Já satisfeita estou do que contra ti julgava, pois sey da boca de Policena, que nenhuma inclinação te deve.

*Polid.* E eu fóra estou do meu ciume, pois sey que Floriandro a Policena dedica os seus obsequios.

*Rosim.* Oh que feliz he quem merece os teus affectos!

*Polid.* Oh que ditoso he quem sabe idolatrarte!

ARIA

## A R I A A D U O.

*Rosim.* Caro bem, gloria de huma alma,  
Que por ti vive entre ardores.

*Polid.* Meu feitiço, meus amores,  
Por quem sinto huma ausencia ar-  
dente.

*Rosim.* Serás firme?

*Polid.* Eternamente  $\int$  te hey de adorar.

*Rosim.* E eu tambem  $\int$  até elpirar. *Amb.*  
Pois em fé de tal promeffa.

*Polid.* Pois em fé dessa lealdade.

*Rosim.* Deste mal na saudade.

*Polid.* Deste bem no sentimento.

*Ambos.* O viver será violento,  
Será doce o acabar. *Vão-se.*

## S C E N A II.

*Ante-Sala.* Sabe Merlim, e pouco depois Bi-  
gorrilhas ao bastidor.

*Merl.* **S**Enhores, onde poderey escapar  
deste duendo, deste demonio de  
Bigorrilhas, que com presumpções de fer  
minha sombra, a todas as horas me se-  
gue, e me persegue a todos os instan-  
tes. Se elle fora dinheiro, que mais que-  
ria eu, se o trazia sempre comigo? Te-  
nho

nho ajustado com Celestina hir vella ao seu quarto, e não sey se o poderey conseguir, porque por não hir à vinha de amor, me poz este trambolho a minha desgraça, se não foy pregarme o mo- no andar sempre amarrado a este cepo.

*Sabe Bigorrilhas.*

*Bigor.* Hey de vigiar este feiticeiro não me faça algum maleficio a Celestina, se he que ella, e elle me não fez já algum be- neficio.

*Sabe Celestina.*

*Celest.* Merlin, já não posso passar com saudades; assim venho a buscarte cor- rendo. Que fazes? por onde andas?

*Merl.* Pergunta-o a Bigorrilhas, que elle o sabe tambem como eu.

*Celest.* A esse monstro queres que o per- gunte? Esse he o amor que me tens? Taõ mal me queres, que me mandas fal- lar com elle?

*Bigor.* Tomay lá.

*Merl.* Porque? elle está escomungado? Ora não o achava vossé taõ máo, quan- do lhe queria dar hum abraço.

*Celest.* Abra .... que? antes eu fora a baração pregaõ pelas ruas publicas.

*Bigor.* Olhem a patifona.

*Merl.* Não he o diabo tão feo como o pin-tão : porque Bigorrilhas he alguma cou-sa do outro mundo ?

*Celest.* Sim, porque he coufa má.

*Merl.* Pois olha não te vá arrastar alguma noite.

*Bigor.* Arrastarlhe hey eu a aza, que he o que posso fazer.

*Celest.* Ay, não me metas medo. Apello eu!

*Merl.* Tu não podes negarme que elle he airoso.

*Celest.* Elle fim tem ar no corpo, mas he depois que lhe deu hum estupor.

*Bigor.* E não te dá ati huma paralyfia na lingoa?

*Merl.* Ora elle não he feo de cara.

*Celest.* O rosto he huma panella velha com dous olhos de gordura.

*Bigor.* Ah quem te chegára com hum chicote!

*Celest.* Agora do nariz cá para traz, que haja algum que lhe chegue à ponta do pé; pois as ventas de proposito as inventou a natureza para elle; porque são taes como os seus narizes.

*Bigor.* Ah quem te chegára aos teus!

*Merl.* Tu vas-me puxando pela lingoa; pois sabe que he a boca da noite, e em se

se pondo nella o sol da india, faz hum escuro nos dentes, que he meter o dedo pelo olho; e disso deve de nascer o máo cheiro que della sahe, que he taó valente, que a todos chega aos narizes.

*Bigor.* Eu estou desvanecido de ouvir estes louvores.

*Merl.* Que tal estará a sua alma a estas horas! *à parte.* E as mãos?

*Celest.* São duas mãos de papel pardo, que pelo grande, bem podiaõ ser duas resmas.

*Bigor.* Oh más balas te passem; já não ha quem tanto soffra. Basta Celestina, que desta sorte pondes a boca em mim por detraz, assim na minha ausencia tomais na boca a minha pessoa? *sabe.*

*Celest.* Uy, Deos me livre! Eu havia fazer tal porquidade? antes comer murrões de candeas.

*Merl.* Meu amigo, quem escuta de si ouve.

*Bigor.* Desta vez eu farey queixa à Princeza minha Senhora, e ella saberá quem vós sois.

*Celest.* Basta, Bigorilhas, que entendias que aquillo era de veras? Não foy senaõ huma peça, que te quiz fazer, por te ver escondido.

*Bigor.* Pois eu cá . . . . he boa historia!

*Merl.* Anday que não sois capaz de gracejar com vosco. *Y ii Bigor,*

*Bigor.* Ora espere: pois eu cá. . . .

*Merl.* Por teu respeito me não faz ella mais favor.

*Bigor.* Ora minha Celestina, aqui para nós, ainda tem valimento para com ti-go o teu amor?

*Celest.* Porque nenhum de vossés se queixe, hey de dar o premio do seu amor a quem para isso me mostrar o mayor merito.

*Bigor.* Pois tenha maõ, que eu digo primeiro as minhas boas prendas. Eu sou muito bem nascido.

*Merl.* Tambem eu nasci muito bem, sem me ficar nenhum pedaço na barriga de minha Máy: e de mais eu sou muito bem criado.

*Bigor.* Tambem eu, graças a Deos, estou muito bem nutrido: e sobre tudo tenho tantas forças, que me atrevo a levantar hum falso testemunho por mais pezado que seja.

*Merl.* Eu não fallando nas forças, sou taõ galante, que tenho dado cutiladas sem numero, e em gente de bigode. Isto he quando fuy barbeiro. *à part.*

*Bigor.* Eu ainda fiz mais; porque tenho feito mais mortes que cabellos tenho na cabeça. Isto he quando me cato. *à part.*

*Merl.* Vá bugiar mentiroso.

*Bigor.*

*Bigor.* Vá elle.

*Merl.* Não seja atrevido, que me diga a mim isso.

*Bigor.* Não seja insolente, que me diga a mim effoutro.

*Merl.* Olhe que lhe hey de dar hum couce nas canellas.

*Bigor.* Olhe que lhe hey de dar huma cabeçada nos dentes.

*Celest.* Bom! hum tem marradas de boy, e outro manhas de bestas: boas circumstancias são as que nelles descobri.

*Ambos.* Pois qual te parece melhor?

*Celest.* Antes besta, que do mal o menos; mas deixemos isso, que parará em pendencia, vamos a prendas tocantes.

*Merl.* Eu sou hum Orfeo de obra grossa.

*Celest.* E tu?

*Bigor.* Eu alguma cousa faço por mim, sem que ninguem me ensinasse.

*Celest.* Ora vá Merlim.

*Merl.* Lá vay.

M I N U E T E.

Por te dar gosto

Já vou cantando,

E entoando

Fa, re, sol, do,

Vay para lá

Vem

*Os Encantos*

Vem tu cá sol  
Fa, re, sol, do.

Quem tanto afina  
Sabe ser fino,  
Mas do mofoino  
Naõ tenhas dó.

Oh quem me dera  
Ser de teu gofio,  
Porque bem pofo  
Só eu o fou.

*Celest.* Agora tu.

*Bigor.* Lá vou eu.

## M I N U E T E.

Eu tambem quero  
Darte hum defcante,  
Ainda que cante  
Sem tom, nem fom.  
Que eu em cantando  
Já defafino,  
E só dou fino  
Pontos de amor,  
Pois nelle eftou  
Sempre de ut,  
Re, mi, fa, fol.

*Celest.* Merlim, quando canta, efpana os  
males, tu efpanas a gente.

*Bigor.*

*Bigor.* A mofina em tudo lhe acha geito.

*Celest.* Vá de versos: lá vay

M O T E.

Eu vou de cá para lá.

G L O S A.

*Merl.* A dama a quem quero bem,  
Me foge, e andamos ahi,  
Ella dalli para aqui,  
E eu cá daqui para além:  
Perfigo-a, e ella tambem  
Me faz andar doudo já:  
A mim sempre à posta está  
Passa para lá conforme,  
Se eu estou de cá, mas se a porme  
Eu vou de cá para lá.

*Celest.* Que? viva, viva. Agora tu.

M O T E.

Amores se tu quizeres.

G L O S A.

*Bigor.* Aqui perco a opinião, que eu não  
sou para repentes; mas lá vay.

Filis se queres, verás  
Hum, e dous, e argolinha,  
Fica pé de papoulinha,

E o

E o rapaz que jogo faz,  
 Passarás, fim passarás  
 Bello páo para colheres  
 Mal me queres, bem me queres  
 Tu que vais, e tu que vens  
 Dáme cá os meus vintens  
 Amores se tu quizeres.

*Ambos.* Qual he melhor obra?

*Celest.* Direy. Merlim faz melhor os ver-  
 fos; mas tu pareces mais Poeta. Ora lá  
 vay a sentença posta por solfa.

## A R I A.

Vaite, vaite rameloso,  
 Naõ te mostres taõ teimoso,  
 Que he tollice:  
 Eu contigo defespero,  
 Vaite embora, naõ te quero,  
 Já to disse.

Vem tu cá minha doudice,  
 Que nascestes para mim  
 Tu namoras? bom arrocho.  
 Ay que gosto! ay que nojo!  
 Eu vomito,  
 Este fim que he mais bonito  
 Gosto muito delle fim.

Lá te espero.

*para Merlim.*

*Bigor.* Muy bem despachado fiquey dos  
 meus serviços.

*Merl.*

*Merl.* Os seus serviços não cheirão bem, ninguém dará real e meyo por elles.

*Bigor.* Por amor de ti me vejo desvalido.

*Merl.* A'gora homem, ella em casa te ha de cahir, que mulheres sempre escolhem o peor.

*Vaise.*

*Bigor.* Sim vaite esgueirando, que eu não vou já nas tuas ancas, e assim ha de ser até te apanhar em alguma diabrura.

*Vaise.*

*Mutação de aposento de Celestina, e junto ao escotilhaõ huma arca, e sabe Celestina.*

*Celest.* Muito tårda Merlim! Elle não devia de poder escapar de Bigorrilhas: mas eylo que chega.

*Sabe Merlim, e depois vem Bigorrilhas.*

*Merl.* Se escaparey aqui daquelle maldito? Ora basta Celestina, que te são bem accitos os meus rendimentos?

*Celest.* Primeiro quero saber a quanto chegaõ cada anno os teus rendimentos.

*Merl.* Ah não foras tu lacaya, logo não ferias interesseira.

*Celest.* Ora porque tu não entendas que eu sou das que querem, porque querem muito; eu te vou buscar hum mimo de doces, que tenho guardado.

*Faz que se vay, e diz Policena.*

*Merl.*

*Merl.* Para mim?

*Bigor.* Aquillo.

*Polic.* Celestina.

*Dentro.*

*Celest.* Ay meus peccados! Ahi vem Policena: que dirá se aqui te vê? Coitada de mim! Esconde-te nesta arca.

*Merl.* Eu não hey de esconderme.

*Celest.* E a minha honra?

*Merl.* E o meu valor?

*Celest.* Faze isso por mim.

*Merl.* Isso, e tudo o mais farey eu.

*Celest.* Pois não; isto foy arremedar hum bocadinho de passo de Comedia.

*Mete-se Merlim na arca, e sabe Bigorrilhas depressa, e assenta-se na arca.*

*Bigor.* Ah velhacos, isto queria eu ver; agora não me levantarey daqui, ainda que venha ElRey, sem vir alguém que veja as vossas tratadas.

*Celest.* Ay pobre de mim!

*Sabe Policena.*

*Polic.* Celestina.

*Celest.* Senhora. Tantas merces!

*Polic.* Que faz aqui o Porteiro?

*Bigor.* Eu bem sey o que faço; agora está elle debaixo.

*Celest.* Senhora, he hum louco.

*Bigor.*

*Bigor.* Cahio o rato na ratoeira.

*Polic.* Que dizes?

*Bigor.* Eu bem sey o que digo. Agora hey de pôr em publico a sua tratada.

*Polic.* Levanta-te, e vaite. Eu farey, insolente, com que te castiguem.

*Bigor.* Eu me vou; mas eu tornarey logo. Ora o diabo não tem sono. *Vayrosnando.*

*Celest.* Ora graças a Deos.

*Polic.* Celestina, eu quero valerme de ti para neste teu quarto fallar a meu irmão em cousa particular, por ser parte mais retirada.

*Celest.* Já elle, Senhora, o sabe?

*Polic.* Tambem queria que tu o avifasses, e eu ficarey aqui esperando.

*Celest.* Vou, Senhora, a obedecerte.

*Faz Celestina que se vay, e sabe Bigorrilhas, e Floriandro.*

*Bigor.* Senhor, aqui está nesta arca escondido: eu cá não quero arcas encoiradas: abra-se, e ver-se-ha a minha verdade. Eu mesmo vi esconder a Merlim.

*Celest.* Ay desgraçada de mim, que agora se sabe tudo! *à parte.* Póde haver mayor falsidade! Aqui está alguém? *choro.*

*Flor.* Não te afflijas Celestina, que já conheço devia de ser engano o que elle tanto

tanto affirma; pois de ti se não deve escrupulisar; e mais estando nesta casa o fol de Policena, cuja luz he efficaz para desterrar a menor sombra de duvida.

*Bigor.* Senhor, aqui está. Protetto que se abra a caixa.

*Celest.* Primeiro ati te haõ de abrir a cabeça.

*Polic.* Não haverá ninguem, que ponha a menor duvida na tua verdade; porém para teu castigo faça-se o exame, que em se achando o contrario do que elle affirma, por minha conta fica a remuneração do testemunho.

*Bigor.* Sim Senhora, eu tomo sobre mim toda a carga.

*Celest.* Senhora.

*Flor.* Diz bem Policena, em teu abono, e seu prejuizo he toda a diligencia: abre tu Bigorrilhas.

*Celest.* Desgraçada mulher!

*Bigor.* Sim Senhor. Vou como hum Gamo: ora saya cá para fóra, se he homem.

*Abre a caixa, e sabe de dentro huma mulher com manto, e toalha.*

*Merl.* Ay se estou mais hum moimento abafo na arca; já me hiaõ dando os meus fratros menencorios.

*Bigor.*

*Bigor.* Senhores, eu estou fóra de minha Mãy.

*Celest.* Senhores, eu estou admirada de tal ver.

*Flor.* Que mulher he esta?

*Polic.* Este era o homem que viste?

*Bigor.* Eu não sey o que digo. Este Merlin, não he Merlin, he o diabo.

*Celest.* Senhora, eu se agora. . . .

*Merl.* Senhores, eu nunca fuy amiga de fantastegas, nem de esquimeras, porque ao ser prove tira o creto; proveza não he vileza, eramos de pescaria. Eu sou Avó desta moça ha muitos annos; e como quiz a preminencia Divina, que ella vieffe servir ao Paço de inRey meu Senhor, enche-se toda de vergonha cada vez que me vê tão despresivili, e agora vendo que vinhaõ Suas Senhorias me escondeo nesta arca, porque me não vissem.

*Celest.* Aquelle escomungado quiz que eu tivesse agora esta afionta.

*Polic.* Antes debes agradecerlhe o pezar, pelo gosto de se conhecer a tua innocencia, e a sua maldade.

*Flor.* Eu me alegre, Celestina, de que fique mentiroso, quem vos fez a vós mais verdadeira.

*Bigor.*

*Bigor.* Eu havia de jurar em cem pares do que quizerem, que he ve verdade o que disse. Ainda agora me está parecendo esta mulher ser Merlim.

*Polic.* Que simplicidade!

*Merl.* Que diz o Senhor? que eu lhe peço jorzelim? Ay filho não faça escarne das velhas, olhe não o castigue Deos, que ainda póde vir a ser mais velho do que eu sou.

*Bigor.* Sim, essa praga me caya.

*Merl.* Ay Deos dê o Ceo a Marta Frago-fa, minha Máy; na grolia esteja a sua alma, que foy mulher muito grossa, tinha hum patrocínio de dinheiro, era tão amiga de todos, que nunca negou o seu a ninguem, e por isso se vio tantas vezes arrastrada; mas o que mais a destruiu, foy mey Pay, que pagou grande tributo à mocidade, gastando todo o cabidal com tanta giribitancia, que todos ficáraõ atolicos de tal ver; mas depois que vio huma noite huma avantesma ficou intimidado; mas desde que isso lha soncedeo, compeçou a ser hum espirital de miserias, teve huma manica de achaques; porque elle teve gota armenica, teve dores esferas, teve refeição de oirinas; e quando disto melhorava

lhorava, tinha na cabeça humas dores de enchaquetas, que andava a tombos, e sendo elle bem carnudo, e bem reposto, veyo a pôrse tão acabado, que parecia hum escarleteo vivo, huma escapula de morto: por esta causa não precipitey eu dos seus cabedeis, que vim a tanta proveza, que bem diz lá o ditado, que onde has de hir, não has de mentir.

*Polic.* Divertida me tem a esquisita fraze desta velha.

*Flor.* Boa occasião perdi de fallar a Policena com algum descанço.

*Bigor.* E v. m. foy casada?

*Merl.* Eu fuy casada com hum homem marinho, e muito altorifado, porque era Gardião de huma náó; antes de me areceber andava feito hum cambalião, bebendo os ares por mim, e era de tanto respeito na pessoa, que cada vez que me passeava arodiado de todos os seus marujos, parecia o Rey de divina marca com toda a sua comestiva.

*Bigor.* A mulher he divertida.

*Merl.* Ay filho, isto está acabado, no meu tempo ninguem me punha o pé adiante; mas depois que tive os meus flatos vitorinos, que he a mayor pinção do sexo femilino, nunca mais pude bailar, nem cantar.

*Bigor.*

*Bigor.* Oh, pela sua vida, vá alguma cou-  
finha.

*Celest.* Olhe agora o que diz! minha Avó  
já não está para isso.

*Merl.* Ora por dar gosto a estes Senhores,  
quero cantar hum bocadinho.

*Bigor.* Abençoada sejas.

*Canta Merlim a seguinte*

A R I A.

Ay! já estou muito acabada,  
Naõ ha mal que me naõ figa,  
Cando eu era rapariga  
Era muito folgazona:  
Antances bailava, aytona  
Dous saõ dous, e tres saõ tres:  
Ay os frautos, ay, hum ay; *arrota.*  
Ahi tem vossas merces.

Eis aqui todo o meu mal.  
Pois que vay? eu naõ o dixi  
Este frauto escomungado  
Em tudo se quer meter,  
Como he taõ entremetido,  
Naõ me deixa bem fallar.

*Flor.* Notavel he o genio da velha, eu  
prometto favorecerte por causa de Ce-  
lestina: e agora vay tu mesmo Bigorri-  
lhas a conduzilla.

*Merl.*

*Merl.* Nosso Senhor lhe pague essa caridade. Ora entrementes meus Senhores: adeos minha Senhora, nosso Senhor lhe dê huma fortuna muito formosa. Celestina, adeos menina, observaivos com estes Senhores, não desacrediteis a vossa recendencia.

*Bigor.* Vamos Senhora Velha. *Vão-se.*

*Celest.* De boa me livrou Merlim com suas prodigiosas artes. *à part. e vai se.*

*Flor.* Meu bem, Senhora, he possível que seja competidora a minha fineza da tua tyrannia? he possível que seja tal a tua dureza, que ostente igualdades com a minha constancia? o que a tudo leva excessso, só achee xemplares o meu damno?

*Polic.* Não ignoro, Floriandro, as circunstancias que concorrem para fazer attendiveis os teus obsequios: este conhecimento seja alivio aos teus pezares. Da minha parte faço o que devo em reconhecer tanto as minhas obrigações, como as tuas prerrogativas; se não pago os teus extremos, não me culpes a mim, que te não sou adversa; culpa as estrellas, que te não são propicias.

*Flor.* Para mim não ha mais estrellas que as dos teus divinos olhos: e já que essas influem sempre em meu damno, sem

que bastem excessos amantes a mercellos propicios a meus decentes obsequios, trocado o soffrimento decoroso em furiosa desesperação, conseguirá a força o que não póde abrandura, acabará a violencia o que não conseguiu a suavidade.

*Canta Floriandro a seguinte,*

A R I A.

Oh bellissima tyranna,  
 Quem he esse que te engana?  
 Oh cruel, que me mataste  
 Desprezando a minha fé!  
 Se conheces o meu trato,  
 E esse amante he sempre ingrato,  
 Ultrajarte para que?

S C E N A III.

*Sala. Sabem ElRey, e Rosimunda.*

*Rey.* **H**E preciso, Rosimunda, que para sustentar o pezo da Coroa, se applicuem mais hombros; pois como o reinar he tão pezado, que quanto mais dura, mais fatiga, já os meus se sentem enfraquecidos, e se lhe não duplico

duplico as forças para a segurança, os que hoje se vem opprimidos, cedo se verão prostrados. Já huma vez te dey noticia de que varios Principes te pretendem para esposa; ficaste de resolverte na eleyção, que o carinho antepoz às leys do teu gosto as razões do meu estado; e como até aqui me não tenhas respondido, agora te mando tomes a resolução ultima, para o que te concedo sómente o termo de dous dias. Nisto interesse não só o alivio de tanto pezo que me opprime, mas o descanso de tantos cuidados que me desvelão, depois que ouvi nomear o Principe Polidoro, a quem tenho natural aversão.

*Rosim.* Pay, e Senhor, bem reconheço a especial mercê, que me fazes; em permitir que se execute pela minha escolha o que só depende de tua resolução; porém quizera, que me concedesses mais dilatado tempo, para a eleyção do que ha de durar toda huma vida. Não sey como embarace a sua resolução, pois a brevidade he tanto contra os meus intentos.

*à parte.*

*Rey.* O que tenho dito se execute sem mais demora. Não sey que receya a alma desta repugnancia.

*à parte.*

*Rosim.* A' tua disposiçãõ responderá a minha obediencia. Toda a alma se enche de sentimento. *à part. e vai se.*

*Rey.* A semelhança que me dizem tem este estrangeiro com o Principe Polidoro, me trás inquieto, pois só a sua imagem me offende; e tanto que agora do natural amor que me devia, se trocou em natural aversaõ que já lhe tenho.

*Sabe Merlim pela mesma parte por onde entrou Rosimunda.*

*Merl.* Aonde acharey Polidoro, para lhe dar o recado que agora me deu Rosimunda? Mas cá está Sua Magestade. Senhor.

*Rey.* Merlim, como te vay em Palacio?

*Merl.* Entre mal, e bem: ha muito comer, mas ha muito que trabalhar.

*Rey.* Pois tu tens trabalho? Que occupaçaõ he a tua?

*Merl.* A minha occupaçaõ he estar ocioso.

*Rey.* Isso he descançaõ.

*Merl.* Naõ he tal, que o meu officio he o mais trabalhoso, que ha na casa Real.

*Rey.* Que officio he o teu?

*Merl.* Eu Senhor, sou Sevandija de Palacio: o meu exercicio he fazer rir a todos: vê tu se ha mayor trabalho, que viver

viver de graça, onde o melhor que me succede he rirem-se todos de mim.

*Rey.* Ha mayor fortuna, que ter o dom de fazer rir a todos? Para ti o riso he applauso, não he ludibrio.

*Merl.* Eu bem sey, que bom he ter esse dom, mas eu antes quizera ter huma Senhora, que mais me haviaõ de estimar.

*Rey.* A estimação melhor he a que adquirem as prendas. *Vai-se.*

*Merl.* Não pegou a labia. Grandes applausos, Senhor Merlim! ElRey favorece-me muito; mas eu não me animo muito diante delle, alguma cousa devo de deverlhe.

*Sabe Polidoro.*

*Merl.* Polidoro, se tu tardavas, a Princeza Rosimunda me disse tinha cousas muito importantes que communicarte, e que para esse effeito te conduzisse ao pomar, por ser parte mais retirada.

*Polid.* Pois Merlim, que esperamos? não dilatemos a occasião de fallarlhe: vamos.

*Merl.* Segue-me. *Vão-se.*

*Mutação*

*Mutação de pomar, e huma arvore estard  
junto aos bastidores de sorte que não embar-  
ce a vista do fundo, e sabem ambos por ou-  
tra parte.*

*Merl.* Aqui esperar pôde, em quanto eu vou  
fazer certa diligencia de gosto.

*Vaise pela banda da arvore.*

*Polid.* Ainda cá não está Rosimunda: cou-  
sas devem ser de grande cuidado as que  
quer communicarme, pois a obrigação a  
tal excesso.

*Sabe Merlim com huma cadeira, que poem  
atraz da arvore.*

*Merl.* Deixa-te estar ahi, que a seu tem-  
po servirás.

*Polid.* A que effeito conduzes Merlim pa-  
ra este sitio esta cadeira?

*Merl.* Has de saber, que segundo a força  
do meu genio fiz esta cadeira, com tal  
arte, que quem lhe pozer a mão ficará  
immovel, e quem nella se assentar ador-  
meçerá com hum sono tão profundo,  
que não acordará, sem que eu lhe toque  
com a pedra deste anel: e tudo isto se  
encaminha a fazer huma notavel peça a  
Bigorrilhas.

*Polid.* Notavel he a tua travessura.

*Sabe*

*Sabe Rosimunda apressada.*

*Rosim.* Ay Polidoro, morta venho!

*Merl.* Pois retira-te, que nós não gostamos de coufas do outro mundo.

*Polid.* Que he, Senhora, o que tanto te afflige?

*Merl.* Alguma restituição, que deixou de fazer.

*Rosim.* Tormentos que hey de sentir eternamente.

*Merl.* Se a pena he eterna, condemnada está a tua alma.

*Polid.* Declara-te já, não me dêes o veneno com pausas; que quando aos seus impulsos se ha de perder a vida, na brevidade da morte se transforma o rigor em beneficio. Dize, que a tudo o que for alivio teu, acharás disposto o meu animo.

*Merl.* Es grande devoto das almas do inferno? não vês que já lhe não aproveitão os suffragios?

*Rosim.* Has de saber, que ElRey meu Pay com rigor inhumano me de deu sómente dous dias de prazo, para dentro delles me resolver na eleyção de esposo: bem sabes que sendo isto contra o nosso amor, he para mim occasião de mayor sentimento.

*Merl.*

*Merl.* Ah! esta padece por cazar: muitas companheiras tem.

*Polid.* Pois, Senhora, agora não he tempo de ponderar o mal, senão de remediar o damno.

*Sabe ElRey por junto da arvore, e detraz della se poem junto à cadeira.*

*Rey.* Para aqui vi entrar a Rosimunda apressadamente, e como de tudo tira cuidado o meu receyo, quero examinar a causa. Mas aqui Polidoro! Não foy em vão o meu receyo. *à parte.*

*Rosim.* Não he necessario, amado Polidoro, certificar este excesso da fineza com que te amo; pois as pessoas como eu, em materias de amor, basta confessallo para encarecello.

*Rey.* Que he o que escuto, pezares!

*Polid.* Pois supposta essa verdade, he preciso dar a grande mal, grande remedio. Farás pelo meu amor huma fineza?

*Rosim.* A' tua disposiçãõ. estão os meus excessos.

*Merl.* Ella está por tudo. Não he tão má alma como eu cuidava.

*Rey.* He certo o que vejo, penas!

*Polid.* Pois serás minha, a pezar de todo o mundo que te embarçe?

*Rosim.*

*Rosim.* Palavra te dou de não admittir para consorte meu outro, que não seja o Principe Polidoro, mais que nisto aventure a propria vida.

*Rey.* Darey credito aos olhos? darey fé aos ouvidos?

*Polid.* Pois meu bem, já que logro tanta ventura na tua promessa, seja a tua nevada mão, não só fiança da tua palavra, mas principio ditoso de minbas felicidades.

*Rey.* A colera me suffoca; pagará com a vida a sua aleyvosia, e a minha offensa.

*Quer moverse, e não póde.*

Mas que he isto! immovel estou! O susto me embarça o movimento.

*Merl.* Ora que lhe ha de fazer, se lha offereceste de esposa, que importa que agora lha dê de antemão? Isto são mãos perdidas, sendo ventura que elle ganha por mão.

*Rosim.* Seria tão impossivel, que em mim houvesse acção menos modesta, como tornarse em dezertos montes o ameno districto destes pomares.

*Merl.* Pois não seja essa a duvida, que já estás na solidão dos montes.

Mutação

*Mutação de montes, e correndo-se a arvore  
fica ElRey patente.*

*Rosim.* Notavel prodigio!

*Rey.* Raro affombro!

*Polid.* Já não podes negar o favor que so-  
licito.

*Rosim.* Admirada estou!

*Merl.* Ay meus peccados! Não te admires  
dillo só; se queres admirarte mais, olha  
para teu Pay ElRey.

*Rey.* Não tenho mais final; que de vivo  
sentimento que me irrita.

*Rosim.* Ay de mim! Sem alma estou!

*Cabe desmayada.*

*Polid.* Desmayada está Rosimunda! Mer-  
lim, que hey de fazer?

*Merl.* Não te afflijas, que ElRey está im-  
movel, e eu vou buscar agoa para o  
desmayo.

*Vai-se.*

*Rey.* Já desta continua luta me sinto tão  
prostrado, que faltaõ forças para susten-  
tarme em pé. Aqui tomarey algum des-  
canço. *assenta-se.* Mas que nova offusca-  
ção de sentidos me opprime! Já vay se-  
pultando-se a luz do dia em negras som-  
bras, se não he que a horrível parca me  
cerra os olhos em sempiterna noite.

*adormece.*

*Canta*

*Canta Polidoro a seguinte*

A R I A.

Ay de mim!

O rigor de meu destino

A tal ancia me condemna:

Se he verdade o que examino,

Basta o susto, basta a pena

Para ser da morte ensayo.

Ay meu bem, nõ teu desmayo

Meu alento ha de acabar!

Torna em ti

Doce prenda, nõ me escuta

Bello encanto a triste sorte:

Já o rigor da dura morte

No meu peito se executa;

E acha a parca enfutrecida,

Quando em ti me tira a vida,

Novo modo de matar.

*Sabe Merlin com huma quarta de agua, e  
torna em si Rosimunda.*

*Rosim.* Ay de mim!

*Polid.* Torna meu bem a dar vida a quem  
de sentimento espira.

*Merl.* Ora com o favor de Deos nõ ha de  
ser nada: aqui lhe trago huma bilha;  
mas ella nõ tem agoa, nem me parece  
que a teve nunca, porque está seca co-  
mo

mo hum pão; mas já não será necessa-  
rio. Ainda bem.

*Rosm.* He possível, que ElRey meu Pay,  
foy testemunha dos meus occultos se-  
gredos!

*Polid.* Ao sono parece que o vejo rendido.

*Merl.* Assentou-se na cadeira? pois bem  
pódem deitar-se a dormir, descansem  
que elle não acordará, ainda que lhe  
toquem tambores aos ouvidos.

*Polid.* Que havemos de fazer?

*Merl.* Eu darey remedio a tudo. Agora  
quero divertillos hum pouco, mostран-  
do-lhe o que vay pelo mundo. Queres  
bella Rosimunda, ver a batalha que se  
está dando entre o exercito Hungaro,  
e o de Polidoro teu esposo? pois incli-  
na a vista.

*Mutaçãõ de campo de batalha, e dentro se  
ouve estrondo de armas.*

*Rosm.* Admiraçãõ, e horror me causa ao  
mesmo tempo esta prodigiosa vista.

*Polid.* Eu estimarey, Senhora, ser o ven-  
cido, porque sejaõ vossos todos os tri-  
unfos.

*Merl.* Pois esta vez não será assim, porque  
já os teus Soldados aclamaõ vitoria.

*Dentro.* Viva Polonia.

*Outros.*

*Outros.* Rendidos fomos.

*Rosim.* Venceste Polidoro ; mas não he novo achares em Ungria rendimentos.

*Merl.* Ora vejaõ agora anticipadamente o luzido applauso, com que na Corte se ha de celebrar a vitoria as primeiras noites das noticias.

*Mutaçãõ de Cidade, e as janellas cheas de luminarias.*

*Rosim.* Oh quam plausiveis me saõ os teus triunfos!

*Polid.* He porque todos saõ troféos de tuas plantas.

*Merl.* Digaõ o que quizerem, elle sempre está huma galante perspectiva. Quem vir tantas luzes, não ha de dizer senão que saõ janellas com luminarias. Vem todos esse aparato luzido, pois proveito dos ratos.

*Polid.* Porque?

*Merl.* Porque das propinas destas luminarias, elles he que haõ de lamber a torcida. Oh Senhores, tem vossas mercês visto? pois adeos luzes.

*Corre-se a mutaçãõ, e fica de pomar.*

*Polid.* Pois Rosimunda, já que me prometteste obrar por mim quanto eu dispozesse,

pozeffe, tenho determinado levarte para Polonia roubada, já que eu contigo não posso ficar em Ungria; para o que tenho disposto, que huma pequena fragata ao cahir das sombras nos venha a este sitio esperar, para conduzirnos a huma forte não, que no mar nos espera. Que respondes meu bem?

*Rosim.* A tudo se offerece quem a amar se sujeita. Goze eu da tua companhia, ainda que seja à custa dos mayores perigos.

*Polid.* Pois, Senhora, com o seguro de tanta felicidade começa a alentar o meu coração. Vamos, que de tarde eu te avifarey por Merlim.

*Rosim.* Ay amor, a quanto obrigas!

*Vão-se.*

*Merl.* Já lá haviaõ de estar, que tenho aqui que fazer. Ora vamos acordar El-Rey, fazendo pedra de toque deste anel.

Agora por aqui me firvo. *Vai-se.*

*Rey.* Que pezado he este sono! Que sono taõ terrivel!

*Canta ElRey a seguinte*

A R I A.

Triste suspiro ,  
Louco deliro ,  
Sem ter socego  
Neste pezar.  
Ay filha ingrata  
Aonde estás ?  
Sinto , padeço ,  
Louco endoudeço  
Desesperado  
Com tanto mal.

*Rey.* Olá, Floriandro, Rosimunda, Criados.

*Sabem Floriandro, Rosimunda, Celestina, e Bigorvilbas.*

*Flor.* Senhor, de que dás vozes?

*Rosim.* Que hê, Senhor, o que te affige?

*Celest.* Que he isto?

*Bigor.* ElRey devia ver alguma cousa má.

*Rey.* Floriandro, não viste mudar-se o agreste dos montes para este sitio, trocando a agradavel verdura destas ramas em toscas asperezas dos seus penhascos?

*Flor.* Não te entendo; mitiga, Senhor, o sentimento.

*Rey.*

*Rey.* Não viste que em offensa da minha Real pessoa, em parte mais sensível que a mesma vida, executou os golpes sua aleyvosia, o meu mayor inimigo.

*Rosim.* Que dizes, Senhor? Mitiga hum pouco a paixãõ.

*Celest.* Elle está louco.

*Bigor* Queira Deos não andasse por aqui Merlim.

*Rey.* Ay de mim! hide-vos todos, hide-vos da minha presença.

*Flor.* Já, Senhor, te deixamos. *Vão-se.*

*Rey.* Espera tu Floriandro.

*Flor.* Que he, Senhor, o que me mandãõ?

*Rey.* Floriandro amigo, eu estou mortal. Metido estive até agora em hum profundo lethargo: eu vi que estas arvores se transformãraõ em montes: eu vi, ay infeliz! que o Principe de Poionia estava com minha filha Rosimunda, e que em minha offensa lhe dava ella a maõ de esposa, e em meyo de tantos pezares me vi sem forças para castigar a injuria, e sem alento para sustentar a vida.

*Flor.* Notavel força de melancolia! Senhor, eu me persuado a que foy sonho, e não realidade quanto me referes; porque taõ difficil he mudar-se os montes, como faltar na Princeza os pundonores de

de filha tua. Socega, Senhor, a vaga imaginação, e discorre com melhor acordo.

*Rey.* Já concedo, que seria sonhada a causa do meu sentimento; mas porque este sonho não seja pronóstico da minha desgraça, eu quero pôr todo o cuidado em evitar a causa de tantos sobressaltos: e assim, Floriandro, esta tarde quero que disponhas huma caçada, aonde vá toda a familia de Palacio, e nella determino tirar a vida a Polidoro, attribuindo a erro de algum monteiro a sua infelicidade. Isto hade ser, de ti me fio, e logo quero que executes as minhas ordens.

*Flor.* Senhor, a tua vontade he ley da minha obediencia.

*Rey.* Vamos pois. Ay Rosimunda, quantos desvelos me causas!

*Flor.* Ay Policena, quanto a tua pena me afflige!  
*Vaõ-se.*

## S C E N A IV.

*Sala. Sabem Policena, e Merlim.*

*Merl.* **Q**Ueres, Policena, que te torne a dizer o recado para que te não esqueça? Ora lá vay.

*Polic.* Não, Merlim, não te canfes, que

já estou muito bem advertida.

*Merl.* Saiba que na descida dos Aciprestes, junto à fonte que tem cara de Leão de pedra, has de esperar alli à boca da noite; mas não lhe metas o dedo, que te pôde morder, ahi te hiremos buscar, não para pôr pés em polvorosa, que em te metendo no mar, não has de ver palmo de terra, mas para meter pé em barco com Polidoro.

*Polic.* Em fim tornaste a dizer tudo; es teimoso.

*Merl.* Tenho dado o meu recado: adeos até à tarde.

*Vaise.*

*Polic.* Ainda não creyo a minha ventura. He possível que me hey de tornar a ver em Polonia, e que hey de hir na doce companhia de Polidoro! Oh se quizesse amor, que eu tivesse abrigo em feu peito, para ser completa a minha felicidade!

*Sabe Bigorribas.*

*Bigor.* ElRey me chama; grande mercê! Eu estou que não caibo na pelle, e isto deve ser porque trago a ElRey na barriga.

*Polic.* Muy divertido vás.

*Bigor.* Eu já não fallo a todos.

*Polic.* Porque? estás com alguns augmentos?

*Bigor.*

*Bigor.* Sim Senhora, não vês como estou gordo.

*Polic.* Da mesma forte te vejo.

*Bigor.* He que me não vês com bons olhos: fenaõ estou gordo, estou inchado.

*Polic.* Inchado, com que?

*Bigor.* Com o favor de ElRey.

*Polic.* Es agora valido?

*Bigor.* Antes elle he que se quer valer de mim, pois me chama: eu supponho que isto resultou destes novos namorados.

*Polic.* De quem?

*Bigor.* He cá hum certo rum rum, que anda em Palacio.

*Polic.* Dize-me o que he isso.

*Bigor.* Ora essa he boa, pois eu havia fer tal, que dissesse huma cousa de tanto segredo? eu havia declararte que Polidoro namora a Rosimunda? Boa graça! appello eu por mim!

*Polic.* Que escuro adversos fados! Ainda me faltava este tormento que sentir. E dize como se sabe isso?

*Bigor.* Ay Senhora, a muito má porta vens bater: da minha boca havia saber-se cousa que defamasse ninguem? isso não; outro fora eu que dissera que El-Rey se esbravejou muito, e que disse que vira a Polidoro com a Princeza fal-

lando de amores ; que havia fazer , e acontecer ; maseu , Deos me livre. Senhora , fica-te embora , e de mim não esperes saber nada. *Vaise.*

*Polic.* Ay de mim ! Se haverá mais penas a que me condemne a minha infausta forte ? Polidoro desprezando os meus affectos , me obrigou a sentir ingratidões : o fado desterrando-me de Polonia me condemnou a chorar ausencias , e agora amor apurando os seus rigores me mata com ciumes. Se haverá quem nascesse com menos ventura ? Porém se Polidoro me determina levar de Ungria , e elle se ausenta para Polonia , como póde ser certo o que sinto ? Piedosos Ceos , day algum alivio a meus pezares.

*Sabe Floriandro.*

*Flor.* Galharda Policena , ainda que o teu rigor faz em mim inutil o merito , haõ de competir com as tuas tyrannias as minhas finezas , e recebe por huma das mayores o aviso de que ha quem determina dar morte a teu irmão Polidoro : supposto que esta declaração ponha em grande risco a minha pessoa , quero antes perder por ti a vida , que ver derramado o teu sangue ; avilã-o pois que logo se ausente. *Polic.*

*Polic.* Deitou a fortuna o resto, este he o mayor de todos os pezares. *à parte.* Sem duvida he certo o que se me disse. Ah ingrato, tyranno, que te expões a morrer, só por tirarme com a pena a vida.

*Flor.* Faze o que te digo com todo o segredo, e fica-te embora, que mais me não posso dilatar. Esta tarde serás roubada na montanha, que já para isso não consegue o loggo. *à part. e vaíse.*

*Polic.* Vou avisar a Polidoro, e será o conservar-lhe a vida fazer mayor a tua ingratidão. Oh quanto te devo Florian-dro! Se forem certos os meus aggravos, protesto corresponder às tuas finezas.

*Mutação de bosque. Sabem ElRey, e Bigorribas.*

*Rey.* Vê o que te encarrego, tem cuidado, e tem segredo.

*Bigor.* Sim Senhor.

*Rey.* Não percas de vista os Soldados.

*Bigor.* Não Senhor.

*Rey.* Se se executar a morte da pessoa que eu disser, vay tu publicando, que por erro matáraõ os monteiros a Polidoro, hindo a atirar a huma féra.

*Bigor.* Sim Senhor.

*Rey.* E vê que em isto se executando, se-  
naõ

naõ deixe passar ninguem para fóra da montanha.

*Bigor.* Naõ Senhor.

*Rey.* Disto darás logo aviso aos Soldados.

*Bigor.* Sim Senhor.

*Rey.* Nada te etqueça.

*Bigor.* Naõ Senhor.

*Rey.* Vay agora ver se sahio já a familia de Palacio para a caçada.

*Bigor.* Sim Senhor. *Faz que se vay.*

*Rey.* Mas espera.

*Bigor.* Naõ Senhor.

*Rey.* Que dizes?

*Bigor.* Sim Senhor.

*Rey.* Homem estás fóra de ti?

*Bigor.* Naõ Senhor

*Rey.* Faze o que primeiro te ordeney.

*Vaise.*

*Bigor.* Sim Senhor. Ora Senhores, tenha hum homem juizo, ainda que seja hum asno. ElRey havia dizer que eu sou homem de poucas palavras; pois só duas lhe disse em todo o tempo que lhe fallley.

*Sabem dous Soldados.*

*Sold. 1.* Saõ horas de hirmos ao sitio que se nos ordena.

*Sold. 2.* A' lua ordem vimos.

*Bigor.* Naõ he nada, estou feito official de ordens,

ordens, ainda que melhor fora de matrimônios : já me luzio o valimento. Vamos Senhores Soldados.

*Sold.* Vamos.

*Vão-se.*

*Sabem Polidoro, e Merlim.*

*Polid.* Se me favorece a fortuna, como o pede o meu atrevimento, hoje terá principio a minha felicidade.

*Merl.* Grande mal nos espera.

*Polid.* Que dizes?

*Merl.* Não he quasi nada, não te affustes, que não he mais que estarmos ambos condemnados à morte : esta montaria não he mais que para nos caçarem.

*Polid.* Ha mais adversa fortuna!

*Merl.* Vindo agora em busca de ti encontrei toda a comitiva de Palacio, que acompanhava a Princeza, e passando por junto a mim Policena, me disse com grande dissimulação, que esta tarde estava determinado o tirarte a vida, que logo te retirasses para a não, e que eu a conduziria a seu tempo. Pois que te parece?

*Polid.* He a mayor infelicidade que a forte me tinha guardado. Ay de mim!

*Merl.* Ora eilo vay, não comeces a fazer choradeiras, tu bem podes hir para a tua terra.

*Polid.*

*Polid.* Antes quero perder a vida, que perder a Rosimunda, que he a alma que me anima.

*Merl.* Pois eu antes queria hir para Polonia desfalmado, que ficar estripado em Ungria.

*Polid.* Ay amada Rosimunda!

*Merl.* Coitadinho! Ora não chores, que a tudo te hey de dar remedio.

*Polid.* Oh Merlim, quanto me tens obrigado! já he pouca a vida para pagarte, pois tantas vezes ta devo.

*Merl.* Ora deixa-te de comprimentos, que não estamos agora para isso, toma sentido: para tu passares pelas guardas tens o meu anel que te fará invisivel, e eu porque será lá precisa a minha assistencia, hirey dissimulado com a fórma de rapaz pequeno, que ninguem me impedirá a passagem.

*Polid.* Dá-me os braços Merlim, por tão bem disposta traça.

*Merl.* Irra! guarde para lá: com que eu sou o que lhe faço os beneficios, e eu sou o que lhe hey de dar de mais a mais os braços; dou-te hum pé para escapares dos perigos, e tu queres ser como o villaõ, que lhe daõ o pé, e toma a maõ. Mas espera que alli vem ElRey escondido

dido atraz daquellas matas; espera que  
naõ quero que me veja comtigo. *Vaise.*

*Sabe ElRey, e hum Soldado.*

*Rey.* Aqui vay Polidoro, adiantarme-hey  
a dar aviso aos Soldados; e tu torna pa-  
ra traz, e em vendo que este Eltrangei-  
ro terá passado pelos guardas, que estaõ  
junto ao poço, vay dar-me aviso do que  
succeder.

*Vay ElRey para a outra parte, e o Soldado  
.vay para onde veyo.*

*Polid.* Agora que ElRey passou, hirey  
buscar a Merlim, que escondido me es-  
pera. *Vaise.*

*Apparece o fundo de montes, e junto ao escoti-  
lhaõ hum bocal de poço, e sabe Bigorribas,  
e os Soldados com espingardas, e poem-se  
Bigorribas da parte esquerda, e os Soldados  
da direita.*

*Bigor.* Ora Senhores Soldados, ponhaõ-se  
à lerta, que se caçaõ o tal coelho, es-  
ta vez pelos nossos serviços ficaremos  
com o habito; mas será de algum vicio.

*Sold. 1.* Em mim naõ haverá descuido.

*Sold. 2.* Eu de tudo estou advertido.

*Sabe*

*Sabe ElRey por junto de Bigorilhas.*

*Rey.* Em se executando o que ordeney ,  
vay logo publicar o que te disse.

*Bigor.* Sim Senhor.

*Rey.* Ao primeiro homem , que depois de  
mim passar, atirareis , e depois o preci-  
pitareis na profundidade deste poço.  
*para os Soldados, e vaixe.*

*Sold.* Tudo se executará como ordenas.

*Sabem Polidoro, e Merlim de rapaz.*

*Merl.* Vás aqui, Senhor.

*Polid.* Aqui vou.

*Merl.* Pois vay afouto , que fendo hum  
taõ grande Principe, me parece hum  
ninguem.

*Passa Polidoro por Bigorilhas, e pelos Solda-  
dos, e se vay.*

*Merl.* Ora vamos debicar hum pouco com  
Bigorilhas.

*Bigor.* Oh pequeno aonde vás?

*Merl.* Eu?

*Bigor.* Pois quem? tu.

*Merl.* Vou, vou... eu bem fey para onde  
vou.

*Bigor.* Guarda-te para lá.

*Merl.* Apostemos nós, que naõ sabe v.m.  
para onde eu vou?

*Bigor.*

*Bigor.* Pois dize para onde.

*Merl.* Eu vou aquillo... vou a... como se chama? Oh, já sey; vou ver caçar.

*Sold.* 1. Olhem a curiosidade do rapaz.

*Sold.* 2. Este não póde ser o que ElRey nos disse.

*Sold.* 1. Porque? elle he Herodes, que mande matar innocentes.

*Bigor.* Rapaz, vaite embora para tua casa, não queiras levar alguma dentada de algum porco montez.

*Merl.* Ora v. m. ha de-me deixar hir; que ha de fazer?

*Bigor.* Guarde lá; que diabo he isto?

*Merl.* V. m. tem a fralda fóra, surriada, surriada, á, á, á, á. *ri-se.*

*Bigor.* Vem vossés o rapaz dando-me vayas.

*Sold.* 1. O maroto he descambado.

*Merl.* Ora deixe-me passar, que eu lhe cantarey huma cantiga bem bonita.

*Bigor.* Canta lá.

*Merl.* Ay fam farram fam fam. *ri-se.*

*Sold.* O rapaz parece que nos logra.

*Bigor.* Tu andas na escóla?

*Merl.* Sim Senhor.

*Bigor.* E que dás?

*Merl.* Eu dou beliscões nos rapazes.

*Bigor.* Solettra lá alguma coufa.

*Merl.* S. P. qto. cartaxo, f. x. me le o maõ de gral. *Bigor.*

*Bigor.* Ora o rapaz he solemne! *ri-se.*

*Merl.* Quer v. m. que eu lhe cuspa na cara?

*Bigor.* Não, não, está quieto: que mais sabes fazer?

*Merl.* Eu sey fazer, e mais sey muitos jogos, e pois? Eu sey fazer o som da caixa, sey a roda dos altos couces, sey a corneta, lá vay Luzia, sey o páo manda, o páo fica, e.....

*Bigor.* Basta, basta, rapaz, de não sey que diga.

*Merl.* Sey dizer festa baresta; sey dizer ferrolho, ferrolho, o diabo te quebre hum olho; taramella, taramella, o diabo te quebre huma perna.

*Bigor.* Basta homem, basta.

*Merl.* Sey fazer pocinhas de mijo na praya, sey fazer caca por mim, e mais por v. m. e sey fazer assim.

*Sold. 1.* Oh fim, he bonito!

*Merl.* Ora deixe-me passar, que eu lhe contarey huma historia.

*Bigor.* Ora dize lá.

*Merl.* Era huma vez hum corujo de penedo, que tinha seis cornos tamanhos, e hum rabo taõ comprido; com que Senhor, foy elle, hia passando por huma rua, ouvio chorar hum menino, vay elle que faz? subio pela escada acima pa-  
ra

ra pegar no menino, vay o menino,  
vay elle, e antance o corujo, vay, e  
toma o corujo, e o menino: e não sey  
mais. Ora deixeme passar.

*Bigor.* Ora vaite já com não sey que diga.

*Merl.* E v. m. deixa-me passar?

*Sold.* Passa, avia.

*Merl.* Surriada, que os logrey. *Vaise!*

*Bigor.* Ver o defaforo do rapaz!

*Sabe hum Soldado.*

*Sold.* Supponho que já terá passado o fu-  
jeito, que ElRey disse. Senhores Sol-  
dados. *Vay aos Soldados.*

*Sold. 1.* Este he sem duvida o que espera-  
mos.

*Sold. 2.* Pois morra.

*Atiraõ-lhe, e cabe no chaõ.*

*Sold.* Morto sou. Ay de mim triste!

*Sold. 1.* No poço o precipitemos.

*Bigor.* Ay que medo! os cabellos se me ar-  
repião! Que tivessem valor dous bone-  
cros para matar hum homem! eu me  
vou depressa deste sitio. *Vay gritando.*  
Matáraõ ao Estrangeiro Polidoro huns  
monteiros, que hindo matar hum por-  
co, matáraõ ao moço mais asseado que  
havia. *Vaõ-se.*

*Corre-se*

*Corre-se a corrediça do poço, e sabe' Celestina.*

*Celest.* Que diacho he isto, que anda neste bosque! Não ouço mais que vozes desconcertadas, tiros horrorosos, e todos em ranchos cochichando huns com outros, Policena assustada, Rosimunda pensativa, ElRey jogando os segredos, eu arrenegada entre tanta confuzão!

*Sabe Rosimunda.*

*Rosim.* Ouvi dizer que he morto Polidoro: se isto he certo, que espera a dura parca, que não executa o mesmo rigor!

*Celest.* Peior he esta!

*Canta Rosimunda a seguinte Aria, e*

### R E C I T A D O.

Oh parca mais cruel, em não matarme,  
Que na gloria que chegas a usurparme  
Acaba já comigo  
Que de huma eterna ausencia na dor forte  
A vida he mayor mal que a mesma morte.

### A R I A.

Mas pois na mortal pena  
Sinto as ancias com que aspiro,  
Parte esta alma em hum suspiro  
A buscar o amado bem.

*Sabe*

*Sabe Polidoro, e canta a meya Aria.*

*Rosim.* Eu falleço.

*Polid.* Ay doce gloria  
Naõ me mates.

*Rosim.* Que he o que vejo !  
He illuzaõ do meu dezejo ?

*Polid.* Naõ meu bem, he realidade

*Ambos.* Ha mayor felicidade !  
A lograr esta ventura  
Naõ está a vida mais segura,  
Pois mata o gosto tambem.

*Polid.* Segue-me amada Rosimunda. *Vaise.*

*Rosim.* Vem Celestina. *Vaise.*

*Celest.* Já te figo. Queira Deos que pare  
em bem este enredo. *Vaise.*

*Sabe Policena.*

*Polic.* Aqui me mandou esperar Polidoro,  
verey se Merlin me vem conduzir aon-  
de disse, e se estará já em seguro a vida  
deste ingrato, que ainda que offende a  
minha, e dezeja defender a sua . . . .

*Sabem dous Soldados, e a tomaõ no meyo, e  
detraz hirá Floriandro.*

*Sold.* A buscarvos vimos com ordem de  
quem póde mandarvos : vinde volunta-  
riamente,

riamente, não seja preciso que com a violencia se profane o decoro.

*Polic.* Para que he levar por força, a quem vos segue por vontade? Esta he sem duvida a traça de Merlim, e a ordem de Polidoro. *à parte.*

*Levaõ-na no meyo, e detraz vay Floriandro.*

*Flor.* Admirado me tem a pouca repugnancia, com que se houve Policena: bem me fucedo nos meus amorosos empenhos. *Vai se.*

*Sabem Polidoro, Rosmunda, Celestina, e Merlim.*

*Polid.* Merlim, como havemos vencer esta grande difficuldade? Tomadas estaõ todas as sahidas do bosque. Como nos havemos de escapar deste perigo? Não fallas? não reparas? não respondes?

*Rosim.* Merlim, já que nos meteste no empenho, não nos deixes padecer sem remedio. Estás mudo?

*Celest.* Merlim, meu menino, tira-nos desta ratoeira, mais que seja com a mão do gato. Estás furdo? não me ouves?

*Merl.* Eu sey cá disso? Deixem-me aqui: eu cá pari-os? agora me estaõ debaixo da mão, todos me rogaõ, tudo saõ con-

confumições, daqui à manhã haõ de-me dar dous couces na boca do estomago.

*Polid.* Que resolves?

*Rosim.* Que determinas?

*Celest.* Que intentas?

*Todos 3.* Merlin.

*Merl.* Outra vez, Merlitt, o diabo da gente haõ de-me furrar o nome, e eu hey de ficar sem elle. Ora naõ se desconsolem, que tudo tem remedio.

*Celest.* Boas novas te dê Deos.

*Merl.* Já o bosque se vay cobrindo de huma taõ cerrada nevoa, que todos haõ de andar às apalpadelas; e para que aqui naõ estejaõ dous Principes desacomodados, já minhas artes fabricaõ hum delicioso jardim, aonde nos recebaõ dous Satyros amigos, que habitaõ nestas selvas.

*Mutação de Jardim de caniços, e dous Satyros.*

*Rosim.* Que formosa estancia!

*Polid.* Bello emprego do meu cuidado, à medida do meu dezejo se dispoem tudo o que he agradavel.

*Celest.* A habitação he boa; mas os hospedes saõ horrendos.

*Merl.* Ora Senhores Pés de Cabra da Fonseca, cantem vossas mercês alguma couza triste, que nos alegre.



*Merl.* Agora Polidoro se esconda, que eu quero tornar a ser criança.

*Celest.* Outra vez?

*Merl.* Não vês que duas vezes somos meninos.

*Retira-se Polidoro, e Merlim para sabir de menino, e sabe por huma parte ElRey, e Bigorrilhas, e por outra Policena, e Floriandro.*

*Rey.* He sonho, ou verdade o que admiro?

*Bigor.* Eu estou tolo!

*Flor.* He engano da vista o que contemplo?

*Polic.* Que nova admiração he esta? Mas que vejo! Floriandro he o meu conductor? Engano foy da sombra. Ay de mim!

*Rey.* Filha Rosimunda, que prodigio he este?

*Rosim.* Eu, Senhor, na mesma duvida estou.

*Rey.* Aqui anda impulso sobrenatural. Policena, muito sinto darvos a noticia de que vosso irmão he morto, e que hum monteiro o matára por engano, indo a atirar a huma féra; e visto este engano, e ficar impossivel o remedio, quando queirais assistir neste Reino, fereis tratada com grande estimação no meu Palacio,

Palacio; e quando naõ, me obrigo a mandarvos conduzir com mayor dccencia à vossa Patria.

*Polio.* Ay infeliz, que nasci para representar na minha vida huma continuada tragedia! Pois, Soberano Monarca, já que a fortuna com o mayor infortunio, quiz apurar a minha desgraça, agora com a mayor dita, quero dar principio à minha ventura: e assim com tua licença darey a maõ de esposa a Floriandro, de tantas finezas como lhe devo.

*Flor.* Toda a ventura será minha, se amor...

*Rey.* Floriandro, repara que o meu sangue enche de espirito o teu peito, e se deslustra na desigualdade.

*Rosim.* Grande amor!

*Polio.* Naõ julgues, Senhor, que com este conforcio fica deslustrada a tua Soberania; e assim sabe, que o meu nascimento he Real: sobrinha sou de Isar de Moscovia, que com huma irmã sua vim ao Reino de Polonia, aonde vivendo no Palacio d'ElRey seu esposo, amey ao Principe Polidoro, ao qual hoje em Ungria deraõ morte os teus vassallos, fazendo mais sensível o meu pezar, ser eu a causa da sua desgraça; pois vindo em busca minha, achou a morte neste Reino.

*Rey.*

*Rey.* Notavel desgraça!

*Flor.* Infeliz tragedia!

*Merl.* Deixallos lamentar, que elle logo ha de resuscitar.

*Rey.* Grande lastima me causa a morte do Principe.

*Bigor.* Eu estou arrebrandando por dizer, que não era elle o que matáraõ.

*Rey.* Se imprudente fuy na minha resolução; mas pois ao effeito não há remedio, daqui não hey de hir, Rosimunda, sem que tu elejas esposo, para logo responder aos Embaixadores dos Principes, que te procuraõ; e supposto que o de Polonia já he falecido, os demais deixo à tua resolução.

*Rosim.* Boa occasiã. Pois Pay, e Senhor, supposto que o Principe de Polonia he morto.....

*Merl.* Toda a supposiçãõ he falsa.

*Rosim.* Posso eleger o que quizer?

*Rey.* Já está empenhada a minha Real palavra.

*Rosim.* Pois fiada nesse seguro elejo este.

*Vay buscar a Polidoro.*

*Merl.* A rapariga tem juizo.

*Rey.* Logo elle não he morto: que pena!

*Flor.* Que alegria me causa este successo!

*Polic.* Que novo extremo de gosto, e pezares!  
*Sabe*

*Sabem Polidoro, e Rosmunda.*

*Polid.* Esta he, Senhora, a minha mão, e esta, Senhor, a minha garganta: se te offende a minha ousadia, tira-me a vida que alento; pois já me não podes tirar a gloria que configo. *ajoelha.*

*Rosm.* Senhoi.

*Rey.* Levantaivos a meus braços, que já trocado o rancor em agrado, elles mesmos duplicaráõ os laços com que vos unio o amor.

*Flor.* Mereça eu, Policena a tua divina mão por premio de minhas finezas.

*Polic.* Com ella recebe huma alma, que já se empenha a adorarte.

*Celest.* Todos cazaõ, só eu não sey qual he o meu?

*Bigor.* Eu estou para hir pedir a ElRey a Celestina, mas tenho tamanha vergonha, como hoje, e à manhã.

*Celest.* Eu não tenho com quem cazar. Oh menino quereis vós cazar comigo?

*Merl.* Ay v. m. está feita a carouxinha, dizendo quem quer cazar com a carouxinha, que he bonita, e formosinha.

*Celest.* Pois queres?

*Merl.* Eu não sey cazar; mas se v. m. me ensinar, aqui estou.

*Bigor.*

*Bigor.* Ha mayor desamparo! Isso he humana criança: se queres cazar, aqui estou eu, dá cá essa mão.

*Esconde-se o rapaz, e sabe Merlim.*

*Merl.* Tenha mão para lá, que cá estou eu primeiro.

*Bigor.* Eu te arrenego, já eu estava admirado de tu aqui não fazeres das tuas.

*Merl.* Rey invicto, Soberano Monarca, com razão vos admirão as cousas sobrenaturaes, que no vosso Palacio, e nestes bosques tem succedido, e agora se está vendo; e assim declaro, que eu tenho sido o author de todas, usando da magica branca, que Pedro de Bayalarde me ensinou em Pariz; porém se disso te dás por offendido, supposto nunca foy esse o meu intento, todos por mim já intercedem.

*Todos.* Senhor. . . .

*Rey.* Basta, perdoado estás.

*Merl.* Pois na fé deste seguro, repitaõ-se alegres vozes, e todos conformes digamos.

*Cantaõ, e representaõ.*

Nobre auditorio, se o affecto assentar  
Nestes obsequios, que sabe fazer,  
O vosso agrado chegue a merecer,  
Pois nunca erra quem quer agradar.

F I M.



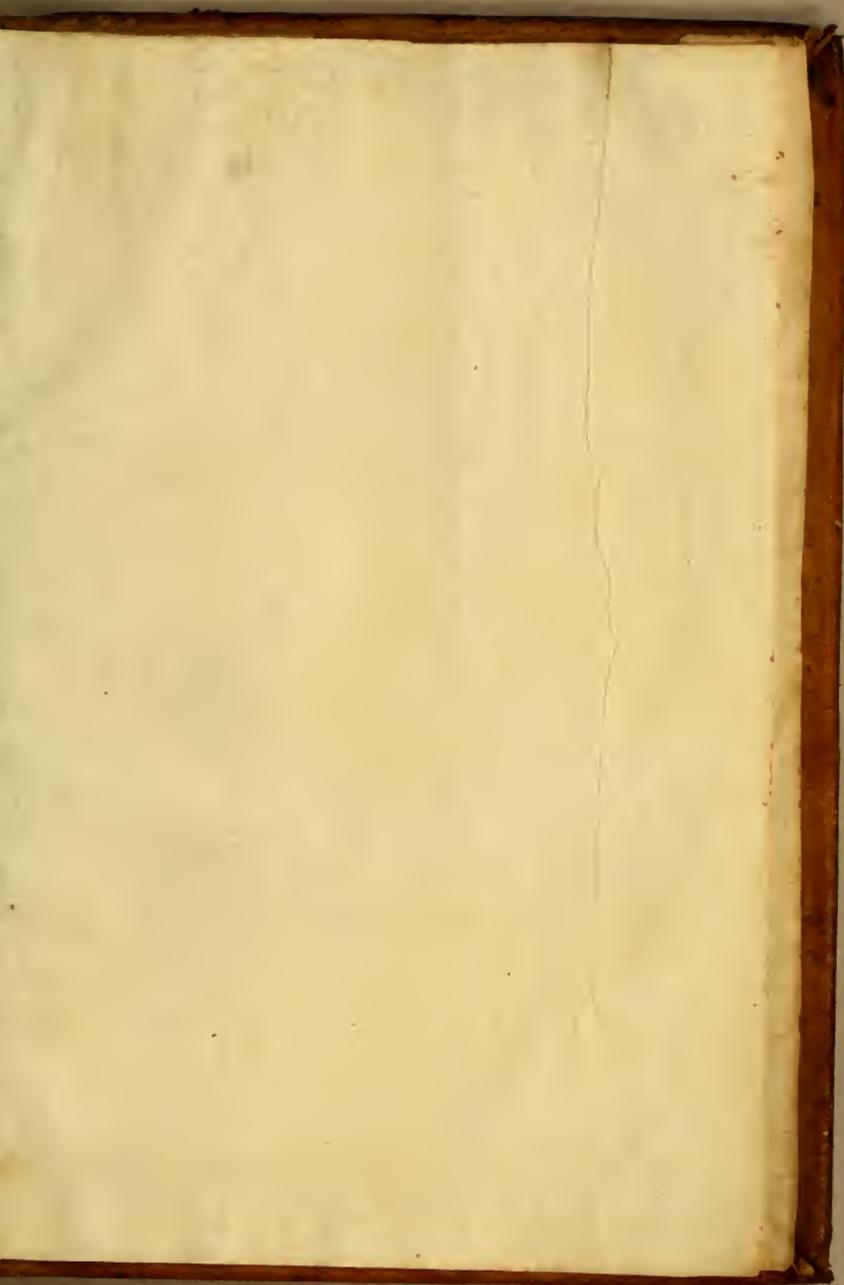


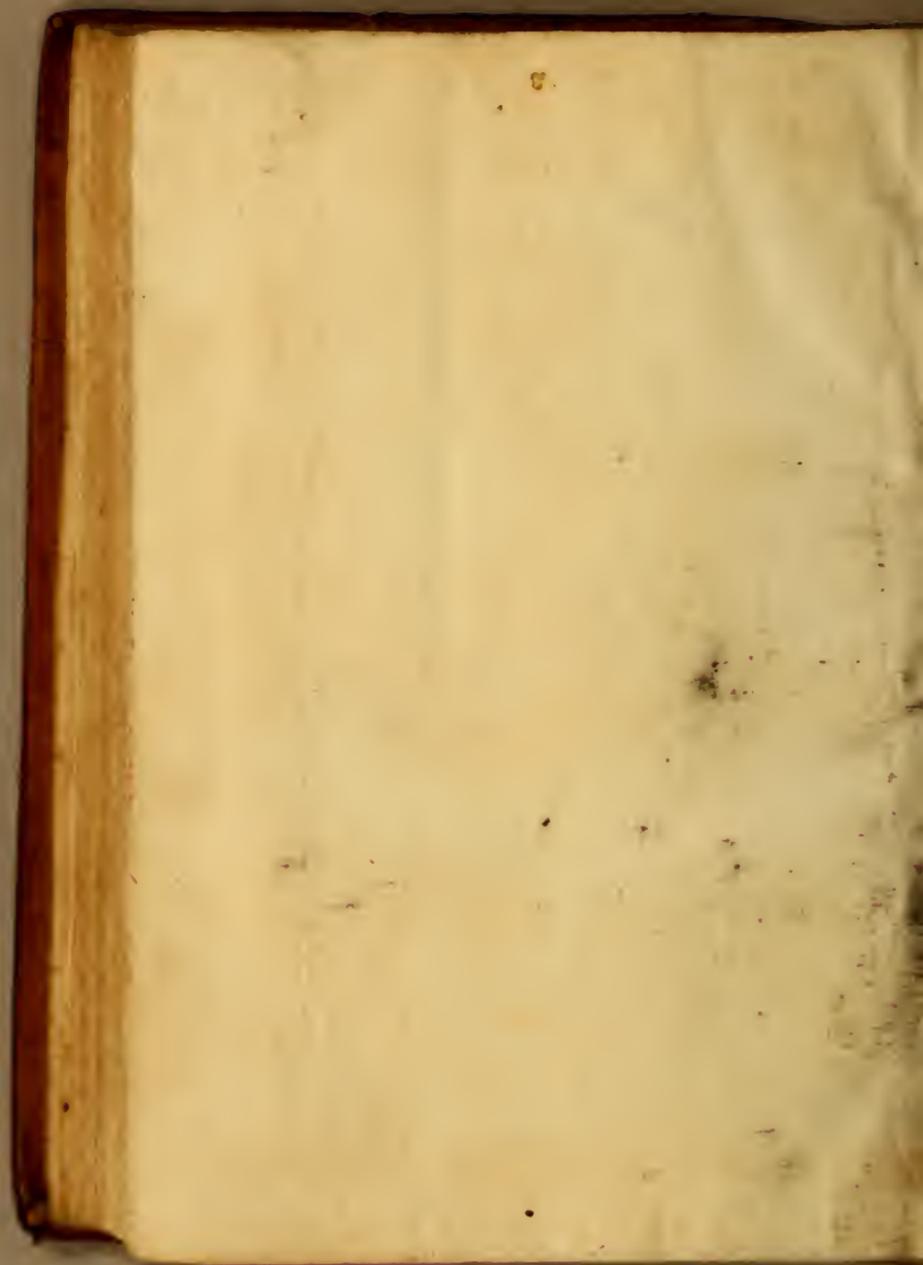
80-05

vol. 4

7 June 1979

Telles da Sylva





C759

T37tc

v. 4

3960

